

VÍNCULO
SOMBRIO

SOMBRA E LUZ
LIVRO 2

KIM RICHARDSON
AUTORA BESTSELLER DO *USA TODAY*

VÍNCULO SOMBRIO

SOMBRA E LUZ

LIVRO 2

KIM RICHARDSON



KR PUBLISHING

Este livro é uma obra de ficção. Quaisquer referências a eventos históricos, pessoas reais ou locais reais são usadas de forma fictícia. Os demais nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com eventos reais, locais ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Vínculo Sombrio, Sombra e Luz, Livro Dois
Copyright © 2022 por Kim Richardson
Traduzido por Luciana Aflitos

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução, seja em todo ou em qualquer forma.

CONTENTS

[Title page](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Mais Livros De Kim Richardson](#)

[Sobre A Autora](#)

VÍNCULO SOMBRIO

SOMBRA E LUZ

LIVRO 2

KIM RICHARDSON



KR PUBLISHING

CAPÍTULO I

AVISO DE PENHORA DE BENS

Droga. Segurei a carta com dedos trêmulos. Não importava quantas vezes eu lesse aquele aviso, ele sempre dizia a mesma coisa: o banco estava ameaçando tomar a casa da minha avó.

Meu estômago revirou e uma sensação de mal-estar tomou conta de mim. Sentei-me no meu lugar habitual da mesa de madeira antiga da minha avó. Senti um frio repentino e olhei pela janela da cozinha para a chuva que caía, forçando-me a respirar. O vento frio do outono entrava pela janela aberta. Apertei o papel para não hiperventilar.

Isso não pode estar acontecendo.

– Rowyn, deixe a carta de lado antes que você tenha um ataque cardíaco – comentou o Padre Thomas, sentado à minha frente, com sua bela voz ressonante e rica em tons. – As palavras não vão mudar, não importa quantas vezes você as leia.

Deixei a carta cair sobre a mesa e olhei para o padre. Ele visitava minha avó regularmente. Quando apareci esta manhã para ver como ela estava, eu o encontrei.

O Padre Thomas era um dos padres de Thornville, mas era também um Cavaleiro Templário moderno. Eles se autodenominavam Cavaleiros Celestiais, uma equipe especialmente designada pela igreja para investigar todos os “crimes incomuns” que aconteciam na cidade e seus arredores,

especialmente na cidade de Nova York. Eles travavam uma guerra secreta contra os inimigos da igreja: os demônios, híbridos, fantasmas e outros vilões sobrenaturais que representavam uma ameaça para a igreja.

Ele vestia seu costumeiro traje escuro de calças pretas e camisa preta. Seu colarinho clerical branco contrastava com os tons profundos. Ele tinha uns trinta e poucos anos e era alguns centímetros mais alto do que eu, com um físico atlético de tirar o fôlego, adquirido por horas na academia. Suas feições bonitas e bem definidas complementavam seus olhos escuros e inteligentes. Os cabelos negros que emolduravam sua pele morena entregavam sua óbvia descendência espanhola.

Isso mesmo, alto, moreno e bonito. El padre tinha o pacote completo. Eu não sabia se podia dizer ou mesmo *pensar* que um padre era gostoso. Será que Deus acabaria comigo e me mandaria para o Submundo por pensar que o Padre Thomas era um pouquinho bonito?

O Padre Thomas é gostoso.

O Padre Thomas é gostoso.

O Padre Thomas é gostoso. Tá bom, eu ainda estou aqui. *Acho que é permitido.*

– O Padre Thomas está certo – disse Tyrius, sentando-se na mesa. Desviei os olhos do clérigo. – Nós memorizamos o que está escrito. Agora, precisamos descobrir o que vamos *fazer* sobre isso.

O elegante gato siamês parecia fazer parte da realeza com suas feições cuidadosamente refinadas, sua sofisticada máscara preta e patas com luvas pretas. A preocupação em sua voz refletia a minha. Tyrius amava profundamente minha avó e o aviso tinha nos deixado preocupados.

Olhei para minha avó, ela estava de pé de costas para o forno. A placa acima dos armários da cozinha dizia A VIDA É CURTA DEMAIS. LAMBE A TIGELA.

Ela usava um vestido de suéter na altura da panturrilha com o cabelo branco amarrado frouxamente em uma longa trança. Seu rosto estava mais pálido do que o normal e seus olhos estavam um pouco fundos, sem o brilho travesso de sempre. As linhas de expressão em seu rosto, que uma vez achei tão reconfortantes, estavam mais profundas, fazendo-a parecer cansada e mais velha. A tristeza em seus olhos me deu um nó na garganta.

– O banco pode realmente fazer isso? – perguntou Tyrius, seus profundos olhos azuis brilhavam. – Eles podem realmente pegar a casa dela?

– Sim – o Padre Thomas se remexeu na cadeira. – O contrato de empréstimo foi assinado com o consentimento do cliente. O banco pode tomar todas as medidas necessárias caso o cliente deixe de pagar. – Percebi a frustração em sua voz. – E isso significa que eles têm todo o direito de pegar a casa se os pagamentos não forem feitos.

– Quando o banco vai fazer isso? – perguntou Tyrius, sua voz carregava uma nova preocupação.

– Se não dermos vinte mil – eu disse, com meus dedos tamborilando na mesa –, em sete dias a partir de hoje.

Um silêncio sombrio caiu sobre nós. Eu me inclinei com os cotovelos sobre a mesa, deixando minha cabeça cair sobre minhas mãos. Estava tão envolvida com meus próprios problemas com a morte do arcanjo, as mortes dos Não Marcados e com meus sentimentos confusos sobre Jax, que eu não notei a tensão na casa da minha avó. Fui uma tola. Uma tola egoísta.

Agora, meus pensamentos estavam confusos. O pânico dificultava a minha respiração. Eu precisava me concentrar. Precisava resolver isso.

Eu precisava de vinte mil dólares.

Como eu não tinha *derrotado* o demônio Superior Degamon, não tive direito de receber os dez mil que o conselho havia oferecido no início. Contudo, como resolvemos os assassinatos, o conselho me permitira ficar com os cinco mil que eles haviam me dado antecipadamente. Jax explicara ao conselho o envolvimento de Degamon nas mortes, usando uma mentira na qual concordamos. Ele dissera a eles que o demônio Superior estava caçando os Não Marcados porque suas almas eram mais poderosas e detinham mais força vital do que as dos mortais normais ou as dos nascidos-anjo.

Não sei se eles tinham acreditado na nossa história, mas os assassinatos haviam parado, assim como a atenção que o conselho estava me dando. Muito bem, era isso que eu queria: ser deixada em paz.

A maior parte desses cinco mil tinha sido usada para pagar três meses de aluguel, contas atrasadas e roupas novas, algo que eu precisava desesperadamente. Coloquei os quinhentos dólares restantes em uma conta poupança, na esperança de economizar para comprar um carro. Odiava ter que pegar ônibus e metrô para me locomover. Eu era uma Caçadora. Andar de ônibus sujava minha imagem.

Dane-se minha imagem. Eu tinha quinhentos dólares para pagar a dívida da minha avó. Agora, tinha que descobrir uma maneira de conseguir

dezenove mil e quinhentos em menos de sete dias. Droga. Como diabos eu iria fazer isso?

– Sugiro roubarmos um banco – disse Tyrius. Para minha surpresa, o Padre Thomas riu. – O que foi? – perguntou o gato. – Você acha que estou brincando? Sabe como é fácil para mim invadir um banco e transferir o dinheiro para a conta de Cecile?

– Ninguém vai roubar um banco – resmunguei, embora tivesse ficado tentada por meio segundo.

Porém, com a firmeza de caráter da minha avó, eu sabia que ela nunca concordaria com isso.

Minha cabeça latejava, a dor era gigantesca. Cerrei os dentes e olhei para a mais velha. Meu coração se partiu com a dor que vi.

– Por que você não me contou?

A dívida de vinte mil indicava que ela não pagava sua hipoteca e os juros a mais de um ano.

Minha avó enxugou as lágrimas e eu me esforcei para segurar as minhas.

– Você já tinha tanta coisa para resolver, teve o seu retorno e depois aquele demônio Superior Degamon fazendo uma matança e aquele conselho insuportável se intrometendo em nossos assuntos novamente. Eu não queria que você se preocupasse.

– Tarde demais, estou preocupada agora.

Embora eu tenha sido aberta e honesta sobre o meu confronto com Degamon e o porquê de ele estar atrás de mim, a lembrança ainda fazia meu coração bater mais forte.

Deslizei para a beirada da cadeira, perguntando-me como eu poderia ter deixado isso passar.

– Vovó, eu pensei que você e o vovô tinham dinheiro guardado – eu disse. – Talvez uma pensão e algumas economias?

– Economias? – A mais velha me deu um sorriso forçado. – Eu precisava de um telhado novo. Houve um vazamento. A água passava pelas rachaduras da fundação, então, tive que consertar isso. Não vou nem falar do encanamento. – Ela suspirou profundamente. – É uma casa velha. Casas velhas sempre precisam de reparos, assim como este velho corpo. Se não é uma substituição de quadril, é uma substituição de janela. Segurei a pequena pensão até onde pude, mas ela simplesmente não foi suficiente.

Senti um aperto no peito de preocupação. Eu não podia deixar minha avó perder a casa. Eu tinha que fazer alguma coisa.

– Sinto muito, Cecile – disse o Padre Thomas enquanto se recostava na cadeira. – Vou me informar sobre um possível empréstimo na igreja. Tem que haver algo que possamos fazer para ajudar.

– Não – disse ela, endireitando as costas. Sua expressão era dura. Reconheci aquele orgulho teimoso, o mesmo que acho que herdei dela. – Parem de se preocupar comigo – A mais velha colocou sua xícara de café no balcão. – É apenas uma casa com teto e paredes, só isso. Se aquele maldito banco a quer tanto, podem ficar com ela. Eu não me importo mais.

O clérigo ficou assustado com o xingamento vindo de uma senhora que parecia tão inocente. Sorri, imaginando que ela devia ter sido uma nascida-anjo muito fodona quando era mais jovem.

Claro que ela se importava. Eu me importava.

– Não é *apenas* uma casa, vovó. Você derramou seu suor neste lugar. É a casa que você comprou com o vovô. É a casa onde mamãe cresceu. É o lugar onde posso me transportar para as lembranças dela, do papai e do vovô. As lembranças são tudo o que me resta dela... de todos eles. – Cerrei meus dentes até minha mandíbula doer. – O banco não vai ficar com essas memórias – acrescentei, piscando para afastar as lágrimas.

– Então, qual é o grande plano? – questionou Tyrius enquanto andava em cima da mesa.

– Vou arrumar um emprego – anunciei, surpreendendo a mim mesma. – Um trabalho comum, como os humanos.

Meu Deus, isso soou ridículo em voz alta. A ideia de um trabalho comum era estranha, perturbadora e até um pouco assustadora. Eu poderia mesmo conseguir um?

A gargalhada de Tyrius me pegou desprevenida. Fiz uma careta quando ele pigarreou e disse:

– Você? Em um trabalho comum? Isso é tão hilário quanto um arco-íris saindo da minha bunda.

Meu corpo enrijeceu na cadeira.

– O quê? Você acha que eu não consigo?

Um calor subiu em meu rosto. Uma parte de mim queria derrubá-lo da mesa.

– Nunca disse que você não conseguiria – O sorriso do gato foi breve, mas sincero. – É só que... bem... que habilidades você tem? Além de matar

demônios e aquele arcanjo idiota... o que mais pode fazer?

Meus olhos se voltaram para minha avó enquanto ela olhava para a mesa sem piscar, sua expressão estava distante. Eu quase perdi o controle.

– Eu posso muito bem conseguir um emprego normal – protestei, quase gritando. – Minhas habilidades pessoais estão um pouco enferrujadas, mas o quão difícil pode ser? Eu sou leal, confiável e gentil.

– Isso é ótimo – comentou Tyrius. – Agora, tudo o que você precisa fazer é aprender a pegar um frisbee com a boca e estará pronta para trabalhar como um golden retriever.

O Padre Thomas riu e eu fiz uma careta para o gato.

– Você tem uma ideia melhor?

O sorriso de Tyrius me fez querer arrancar seus bigodes.

– Poderíamos pegar dinheiro *emprestado* do banco. Eles nem perceberiam. Mole-mole.

– Não.

– Seria tão, tão fácil.

– Tyrius, não vamos roubar um banco – eu disse, vendo o Padre Thomas sorrir para o gato porque achava que ele estava brincando. Só que ele não estava. Eu sabia que se dissesse sim, Tyrius provavelmente transferiria pequenos valores de várias contas diferentes para não chamar a atenção e, depois, colocaria na conta da minha avó. O problema era que ela não iria aceitar isso e nem eu.

O gato fez uma careta.

– Tá bom. Faça do seu jeito, então. Porém, para mim, a ideia de ver você atrás de uma mesa é tão surreal quanto um gato nadando. É errado. Você não duraria um dia.

Pressionei minhas têmporas.

– Duraria sim. – *Eu nem sabia por onde começar.* – Vou conseguir um emprego normal se é isso que preciso fazer para salvar esta casa. Eu vou conseguir.

– Você tem um currículo? – O Padre Thomas franziu a boca e tocou o queixo bem barbeado com as costas da mão.

Se ele não fosse tão bonito, eu teria dado um soco nele.

– Não.

Meu rosto corou. Os Caçadores não tinham currículos. Conseguimos nossos trabalhos pela reputação. Não que isso importasse agora.

– Rowyn, seja sensata – Minha avó inclinou a cabeça e sua feição exibiu brevemente um olhar de dor. – Tyrius está certo. Você é uma nascida-anjo, uma Caçadora. Um local de trabalho normal não é lugar para minha neta. Você não vai se encaixar.

Não me encaixo em lugar nenhum, pensei amargamente. Isso não é nenhuma surpresa.

Minha avó exalou, exibindo um olhar de preocupação.

– Sinto muito por estarmos prestes a perder este lugar, Rowyn, mas não há mais nada que possamos fazer.

Agora, eu me sentia culpada.

– Tem sim. – Empurrei minha cadeira para trás e me levantei. – Não vou desistir, *não mesmo*. – Olhei para minha avó e jurei ver uma ponta de esperança em seus olhos. – Eu vou encontrar uma solução – disse com um nó na garganta. – Só não faça nada precipitado até eu falar com você, tá bom?

– Aonde você vai? – perguntou a mais velha enquanto eu deixava a cozinha e corria pelo corredor.

– Arrumar o dinheiro – sussurrei para mim mesma.

Minha cabeça latejava quando abri a porta da frente e saí na chuva da manhã em direção a Maple Drive. Sim, minha vida era um desastre, mas a da minha avó não precisava ser. Ela era a única família que eu tinha, sem contar Tyrius. E eu com certeza não ia ficar sentada sem fazer nada.

Eu *arrumaria* o dinheiro. Mesmo que tivesse que machucar algumas pessoas para fazer isso.

CAPÍTULO 2

Segui pela movimentada West 42nd Street em Nova York, xingando as cotoveladas que os humanos me davam enquanto seguia o demônio metamorfo. Mesmo sendo uma noite de segunda-feira, a rua estava animada e barulhenta com turistas posando para fotos e nova-iorquinos correndo de lá pra cá, indo de seus trabalhos para os restaurantes. As telas gigantes e os outdoors brilhavam como a luz das estrelas. Carros e táxis buzinavam, a fumaça de seus escapamentos me deixava tonta, mas meus sentidos aguçados de anjo podiam sentir o fedor do demônio em qualquer lugar, mesmo em meio à multidão de humanos.

Sorri, lembrando da minha primeira experiência como Caçadora. Matei meu primeiro demônio em uma noite fria como essa. Na época, eu tinha quinze anos e não fazia ideia de que o demônio havia me seguido até em casa depois de sair do cinema. Nunca esquecerei a surpresa em seu rosto quando cortei seu pescoço com um golpe da minha lâmina e o matei. Aquela noite foi a primeira vez que me senti viva, normal, com um senso de propósito. E eu era boa pra caramba nisso.

Porém, no final das contas, descobri que minha habilidade de caçar e rastrear demônios tão facilmente vinha da minha herança demoníaca. Meus sentidos eram turbinados porque eu tinha essência demoníaca fluindo em minhas veias.

Eu sempre soube que era diferente dos outros nascidos-anjo. Afinal, destacava-me como uma zebra no meio de cavalos sem o selo dos arcanjos, com o qual todos os Sensitivos nasciam. Minha raça era diferente.

Tá, então eu tinha essência de anjo e de demônio fluindo em minhas veias. E daí? Isso não me tornava uma pessoa ruim... ou será que tornava?

Parando para pensar, tudo fazia sentido. Era por isso que eu podia me curar de uma mordida de vampiro, bem como o motivo pelo qual a lâmina da morte não fazia nada comigo ao passo que apenas o toque do metal preto poderia matar um anjo e um nascido-anjo. Tudo se dava porque *eu* era metade demônio. Era a escuridão sobre a qual Tyrius estava curioso quando nos cruzamos pela primeira vez e a razão pela qual ele me seguira até minha casa quando eu era criança. O gato também a sentira.

Desde que o arcanjo Vedriel contara sobre a minha verdadeira herança, Tyrius tinha ficado igual um gato sobre efeito de catnip, saltando nas paredes e rolando sobre os papéis no chão. Parecia uma bola de pelos vigorosa e frenética. Ele estava em êxtase. Vai entender. Talvez fosse porque, agora, ele sentia que éramos ainda mais parecidos do que antes. Embora eu não pudesse me transformar em uma pantera negra gigante quando o perigo surgia, ainda tinha habilidades demoníacas.

Não conseguia deixar de pensar se meus pais haviam descoberto. Vedriel os matara porque eles estavam chegando muito perto de descobrir a verdade. Contudo, e se eles já tivessem descoberto? E se eles soubessem que sua única filha era uma aberração?

Eu era um anjo e um demônio, um presente ou uma maldição da Legião dos Anjos. De acordo com o arcanjo Vedriel e seus aliados, eu e os outros Não Marcados éramos um experimento, uma nova raça de soldados da Horizon. E, por algum motivo, eles queriam nos exterminar.

Eles quase tinham conseguido, mas eu *ainda* estava viva.

Ainda assim, minha sobrevivência teve um preço alto – a morte do arcanjo Vedriel.

Sim, nós matamos um arcanjo. Eu estremecia sempre que pensava nisso. A sensação de desamparo, de estar encurralada e ser forçada a matar ou morrer, tomara conta de mim. Eu odiava o fato dele ter me transformado em uma assassina de anjos.

Os arcanjos abençoados, sagrados e perfeitos deveriam ser justos e proteger a nós, meros mortais, do mal. Porém, era como Tyrius havia dito: nem todos os arcanjos e anjos eram bons. E Vedriel era muito, muito ruim. Ele acabou morrendo por sua maldade.

Ninguém mais sabia que tínhamos matado o arcanjo. Apenas eu, Tyrius, Jax, Danto e o demônio Superior Degamon. Naquela manhã, fizemos um pacto e concordamos em não contar a ninguém sobre o que tínhamos feito.

Precisávamos manter isso em sigilo. O conselho dos nascidos-anjo nunca entenderia e só complicaria as coisas.

Eu duvidava que Degamon contasse ao conselho, mas ainda não sabíamos todos os detalhes dos planos de Vedriel para eliminar os Não Marcados. Quem mais estava envolvido? Ele havia dito que outros arcanjos faziam parte do arranjo. Talvez Vedriel fosse apenas o mensageiro e o verdadeiro mandante ainda estivesse por aí.

Mais cedo ou mais tarde, a Legião descobriria o que acontecera com o arcanjo e, então, viriam atrás de nós... atrás de mim.

Nos meses que se seguiram após o ocorrido, dormi muito mal. Estava no limite, pensando que uma legião de anjos estava prestes a acabar comigo. E, ainda assim eu estava aqui, de volta ao meu antigo trabalho, caçando a escória demoníaca.

O Padre Thomas me dera o novo alvo após uma série de mortes inexplicáveis acontecerem em um escritório de advocacia de Nova York. Os relatos de testemunhas oculares sobre estranhas partículas de substâncias parecidas com restos de pele nas cenas do crime chamaram a atenção do clérigo. Elas eram gosma de demônio. Um metamorfo sempre troca sua pele depois de matar sua vítima e tomar sua forma.

Para um Caçador, esse era um sinal de alerta e uma idiotice, mas a maioria dos demônios era idiota, né?

Suspirei e desviei de um casal asiático sorridente. Não podia recusar nenhum trabalho. Eu tinha mais cinco dias para pagar a dívida da minha avó ou o banco ficaria com a casa dela. Estava trabalhando sem parar, dia e noite, por dois dias desde que eu descobrira sobre a ameaça do banco. Desde então, tinha pegado todos os trabalhos que o padre arrumara para mim e alguns do meu site pessoal – dois casos de monstros do armário (sim, os monstros do armário eram reais) e um gremlin que estava aterrorizando um casal de idosos esmagando os encanamentos e fazendo seu porão inundar.

Eu até havia elaborado um currículo com a ajuda de Tyrius e me candidatara a cinquenta empregos de humanos diferentes online, desde vagas como recepcionista a faxineira. Contudo, não tinha recebido nenhum retorno ainda. Os humanos não estavam interessados, sem falar que eu não tinha experiência nem formação para me ajudar. Droga, eu não os culpava. Nem *eu* me contrataria.

A caça era minha única opção. Eu aceitaria todos os malditos trabalhos que surgissem no meu caminho e mais alguns. Faria o que fosse preciso.

Infelizmente, ainda assim, não era o suficiente.

Eu mal tinha ganhado setecentos dólares. Juntando-os com meus quinhentos no banco, eu ainda precisava de mais de dezoito mil dólares.

Droga. No ritmo que o padre estava me pagando, eu precisaria caçar mais cinquenta demônios metamorfos. Maldição.

O demônio metamorfo virou à esquerda na 8th Avenue. Depois de deslizar minha mão sobre o cabo da minha lâmina da alma, atravessei a rua atrás dele. Hora do show.

A entidade assumiu a forma de uma bela jovem negra, de Claire Beaumont para ser mais exata. O corpo da advogada havia sido encontrado na manhã de ontem em seu apartamento, próximo aos pedaços de pele. O demônio metamorfo manteria a forma da jovem advogada até que se cansasse e precisasse reabastecer sua energia demoníaca com sua próxima vítima.

O demônio-Claire seguiu em direção a uma pizzaria. Os homens se viraram ao vê-la passar, seus olhos estavam vidrados na bela mulher. Minha pele se arrepiou quando a entidade passou seus olhos negros pela multidão que a encarava. Droga.

O demônio sorriu sedutoramente enquanto se aproximava de um homem moreno alto e bonito, vestindo um terno que exibia seus músculos. Ele sorriu de volta e se levantou, distanciando-se dos outros e ficando muito perto do beco escuro atrás do restaurante.

Meu coração batia forte. Andei mais rápido.

O demônio acariciou o braço do homem moreno e se inclinou para sussurrar algo em seu ouvido. Eu não precisava ouvir o que ele dizia. Vi o desejo brilhar no rosto do homem e soube exatamente o que a entidade havia dito. O metamorfo sorriu enquanto empurrava o homem mortal cada vez mais para o beco, para a escuridão.

– Claire! Aí está você! – Agarrei seu braço esquerdo enquanto pressionava minha lâmina da alma contra seu quadril. – Estive procurando você por toda parte – eu disse, empurrando minha lâmina um pouco mais forte. Vendo a ira no rosto do homem, acrescentei – Desculpe, minha amiga bebeu um pouco mais do que devia. Tchau.

Arrastei o demônio para o beco. Eu mal tinha dado cinco passos antes dele fingir um tropeço, pegando-me de surpresa.

– Anjo cadela! – O demônio me deu uma cotovelada nas costelas e saltou para longe, correndo como um atleta olímpico.

– Ah, não – Minhas botas batiam no asfalto enquanto eu corria atrás dele no beco escuro. – Volte aqui! – gritei, surpresa que o metamorfo pudesse correr tão rápido com um salto alto de dez centímetros. Isso exigia uma habilidade impressionante.

Ele virou à direita e desapareceu atrás de uma lata de lixo de metal. A adrenalina tomou conta de mim enquanto eu corria mais rápido. De jeito nenhum eu ia deixar meu alvo escapar, especialmente agora que ele tinha visto meu rosto. A entidade poderia assumir minha forma só para me irritar. Eu não arriscaria.

O fedor de carne estragada e frutas podres me acertou como um tapa na cara enquanto eu passava correndo pela lixeira.

Uma perna surgiu debaixo do contêiner. Ele me acertou na canela e eu caí para frente no pavimento duro, raspando meus joelhos e a lateral do meu rosto. *Ai.*

O demônio-Claire veio para cima de mim antes que eu caísse no chão. Senti um golpe repentino em minhas costas assim que dentes humanos afundaram em meu pescoço. Antes que eu pudesse recuperar o fôlego, o maldito agarrou um punhado do meu cabelo e bateu minha cabeça contra o chão. Pontos pretos apareceram em minha visão enquanto eu gritava de dor. Isso não estava indo nada bem.

Com um movimento fluido e poderoso, eu o driblei rapidamente e senti ele soltar meu cabelo. Sem parar, rolei e o chutei com força. Minha bota acertou o peito do demônio e ele cambaleou para trás.

Levantei-me, colocando a mão na testa.

– Ótimo. Agora vai ficar um hematoma. Você sabe como é difícil esconder um hematoma com maquiagem sem fazer ela craquelar? MUITO DIFÍCIL.

O demônio metamorfo cuspiu, seus olhos negros selvagens estavam consumidos pelo ódio.

– Eu não vou voltar. Prefiro morrer a voltar para o Submundo.

– Essa é a questão – Empurrei minha jaqueta para trás, exibindo minhas lâminas adicionais. – Sabe a parte de você morrer? Então, é por isso que estou aqui, demônio. – Sorri quando vi os olhos do metamorfo vidrados na lâmina da morte no meu cinto de espadas.

O que posso dizer? Eu me *empolgava* sempre que um demônio via a lâmina no meu quadril. Ver a confusão estampada em suas feições monstruosas fazia meu corpo ferver e vibrar. Era quase tão emocionante quanto a sensação de uma caça. Quase.

Dei meu melhor sorriso ao demônio.

– Sim. Isso é uma lâmina da morte. E antes que você pergunte, não, eu não sou um demônio, sou outra coisa. Como estou me sentindo supergenerosa esta noite, vou lhe dar uma escolha. – Inclinei meu quadril. – Lâmina da alma ou lâmina da morte? Qual delas você quer que eu use? Hummm? O que vai ser, demônio?

O metamorfo rosnou e temporariamente mudou seu disfarce, parecendo mais animal do que humano. Ele estava parado com os punhos nos quadris, olhando para mim.

– Eu não vou voltar. Nunca mais!

– Então, deveria ter pensado nisso *antes* de começar a matar inocentes. Você fez isso consigo mesmo, metamorfo. Eu *vou* mandá-lo de volta.

A entidade rosnou e, com seus olhos negros selvagens, avançou.

O demônio veio em minha direção como um rodamoinho de pernas, braços, cabelos e saliva, mas eu estava pronta, com meu corpo a postos.

O ar da noite soprou quando dei um poderoso golpe com minha lâmina. Sem parar, o metamorfo girou, evitando o golpe mortal da minha lâmina. Porém, quando ele deu a volta, aproximando-se para desferir seu próprio ataque, puxei minha lâmina para trás, cortando seu pescoço.

Com um uivo, o demônio cambaleou para trás. Sangue preto escorreu do seu pescoço e do seu peito.

Eu sorri ao ver o medo estampado em seus olhos.

– Viu? Eu disse que ia matá-lo. Agora, pare de reclamar e deixe-me terminar isso. Vai ser rápido, prometo.

– Socorro! – gritou o demônio, imitando perfeitamente a voz de uma mulher assustada. Ele olhou para mim e sorriu antes de gritar novamente. – Ajude-me! Por favor! Alguém me ajude!

– Cala a boca. – Olhei para a rua por cima do meu ombro e meu estômago se revirou.

A silhueta de um homem parou ao som dos gritos do metamorfo e ele voltou sua atenção para nós. Merda. Era o mesmo cara com quem a entidade estava conversando antes? Ele o estava procurando? Não havia como eu matar o demônio agora, não com o humano olhando. Havia regras

para esse tipo de coisa. Não que eu me importasse com elas, é claro. Ainda assim, eu sabia que não poderia matar o metamorfo com um humano assistindo. Se ele chamasse a polícia, eu seria pega. Teria que ir embora, sem meu alvo ou meu dinheiro.

– Socorro! Ela está tentando me matar! – choramingou o demônio. As lágrimas agora escorriam em seu rosto, aumentando o efeito dramático.

– Maldito demônio. – Olhei para trás por cima do ombro e uma mistura de surpresa e de alívio tomou conta de mim quando percebi que o homem tinha ido embora. – A-há! Não funcionou. Fica pra próxima.

O sorriso do metamorfo desapareceu. Ele avançou em minha direção em um rompante de raiva. A entidade se movia mais rápido do que eu pensava ser possível e, antes que eu pudesse levantar minha lâmina, chocou-se contra mim. Nós dois caímos no chão. Eu ainda segurava a arma enquanto rolávamos pelo chão, cada um tentando ganhar vantagem.

– Eu não vou voltar! Nunca mais!

O metamorfo começou a me morder com seus dentes humanos. Senti minha bile no fundo da garganta e fiquei surpresa com a onda de dor que me atingiu. Com sua força sobre-humana, ele tentou pressionar meu estômago. Eu estremei com o hálito fétido no meu rosto. Lutei para conseguir levantar minha lâmina, mas o demônio acabou arranhando meu rosto e meus olhos. Era como lutar com um gato enlouquecido, o metamorfo rosnava e cuspiava enquanto me mordida e me arranhava em um ataque desvairado.

A entidade demoníaca estava realmente começando a me irritar. A fúria me invadiu e, com uma onda de adrenalina, eu empurrei o demônio para trás e cambaleei para ficar de pé.

– Isso acaba agora. – Erguendo a lâmina da alma na altura do peito da criatura, eu avancei, inclinando-a para dar o golpe mortal...

De repente, uma flecha atravessou o peito do demônio, seus ossos estalaram e seus músculos se romperam. Um olhar de surpresa distorceu suas feições. Eu parei, encarando o estrago que não tinha feito.

– Não vou voltar – disse o demônio enquanto segurava a ponta da flecha com as mãos. – Não vou...

O resto de suas palavras morreu com o impacto de outra flechada atravessando sua boca até a parte de trás do seu crânio. O metamorfo cambaleou. Com seus olhos negros fixos em mim, ele explodiu.

Aquelas cinzas não eram fáceis de limpar com uma simples escova, assim como os outros demônios. Era uma chuva de pedaços úmidos e pútridos de pele e de líquido amarelo.

Engasguei quando a gosma atingiu meu rosto, meu pescoço e meu peito. Estremeci ao sentir o gosto de carniça em minha boca. Estava coberta com a chuva de gosma demoníaca. Cuspi e continuei cuspiendo até achar que tinha tirado tudo – eu realmente esperava ter me livrado de tudo. Isso foi muito nojento. Quase vomitei quando vi a meleca na minha jaqueta fumegando com o ar frio.

Assim que ouvi um barulho de passos, alguém saiu das sombras, com um arco na mão. Não, não era alguém. Era uma fada.

CAPÍTULO 3

Sibilei baixinho. Droga, não senti ele se aproximando. Eu estava perdendo o jeito ou as entranhas do metamorfo estavam afetando meus sentidos demoníacos. Quem sabe, eu estivesse apenas tendo uma noite muito ruim.

Toda vez que eu via uma fada, imagens de Tyrius em um espeto, assando na churrasqueira, surgiam em minha mente, e eu os odiava ainda mais. Não podia evitar. Qualquer criatura que comesse um gato ou um cachorro era meu inimigo. Ponto final.

Sentia sempre algo mais perverso e sinistro – uma maldade que não conseguia explicar – quando estava na presença de uma fada. Elas tinham uma energia selvagem e demoníaca, diferente de qualquer outro híbrido, e sempre faziam meu pulso acelerar e meu medidor de esquisitice subir nas alturas.

Este homem-fada era alto, muito alto. Minha estatura de um metro e setenta parecia baixa ao lado daquele bastardo desengonçado. As fadas e os vampiros eram primos distantes no mundo híbrido, tendo uma herança demoníaca semelhante. Porém, ao passo que os vampiros eram dotados de uma boa aparência, um charme e uma sexualidade elegante, as fadas eram frias e possuíam uma aparência esquelética, como viciados em heroína mortos de fome.

O recém-chegado prendeu seu arco à aljava amarrada em suas costas. Ele se movia como um homem de negócios enquanto se aproximava de mim deliberadamente, seus passos eram tão silenciosos quanto o de um gato. Que irônico. Eu sempre odiei o jeito que as fadas podiam se aproximar das pessoas sem serem ouvidas.

O cheiro de pirulitos e ovos podres inundou meu nariz. Seu cabelo loiro estava preso, revelando suas orelhas pontudas, e as maçãs do seu rosto se destacavam em contraste com sua pele pálida. Talvez ele tivesse uns trinta anos. Ele usava um casaco longo e preto com camisa e calça combinando e carregava duas adagas curvas embainhadas em seu cinturão. Elas eram longas e mortais como a garra de uma fera. Uma série de tatuagens era visível saindo da gola de sua camisa e ao redor de seu pescoço – os símbolos das fadas. Seus olhos eram castanhos escuros e perigosos, surpreendentemente escuros para uma fada com pele tão pálida e cabelos louros. Havia uma espécie de dignidade pomposa em sua postura.

Eu o odiei no momento em que o vi.

Ele dirigiu seu olhar para a lâmina da morte em meu quadril. Eu teria sorriso para sua expressão de indagação, mas, no momento, estava muito irritada. Quando seus olhos encontraram os meus, eles traziam um brilho que insinuava que eu deveria agradecê-lo. De jeito nenhum.

Endireitei meus ombros, agarrei minha lâmina da alma e me coloquei na ponta dos pés, tentando parecer mais alta.

– Você acabou de roubar meu alvo e arruinou minhas roupas novas. Quem vai pagar por isso? Você?

– Eu lhe fiz um favor, Caçadora – entoou a fada, sua voz era áspera e irritantemente aguda para um homem. – Parece que o metamorfo teria acabado com você se eu não tivesse intervindo. Eu a salvei.

Irritada, eu quase rosnei.

– Você não tinha nada que intervir, fada. – Seus olhos se estreitaram com o meu tom. – Pelo que me lembro, fadas não fazem favores para não-fadas. E elas também não se intrometem nos negócios dos Caçadores.

Expandi meus sentidos, procurando qualquer energia familiar, fria e demoníaca. Minha pele se arrepiou com a mudança no ar. Parecia pequenas correntes elétricas. Mais fadas. Aposto que havia mais quatro ou cinco escondidas no beco, sem dúvida apontando suas flechas para mim. Elas sempre andavam em bandos, como os lobisomens. Já mencionei o quanto eu as odiava?

A chuva fria caía sobre mim, leve, mas constante. Meu pulso acelerou.

– Pare de olhar para mim como se estivesse prestes a pedir meu telefone, porque isso *nunca* vai acontecer. – Cerrei os dentes. – O que você quer?

Os olhos escuros da fada estavam começando a me assustar. Eu só queria que ele fosse embora para que eu pudesse ir para casa tomar um banho antes que a gosma do demônio penetrasse na minha pele como um creme. Caso contrário, eu nunca conseguiria me livrar do cheiro.

A expressão pomposa da fada não mudou.

– Estou aqui em nome da Rainha Isobel. Ela quer ter uma audiência com você, Rowyn Sinclair.

– Ha ha. – Eu ri, embora estremecesse por dentro. Não estava gostando do fato de que ele sabia meu nome. Mudei minha perna de posição e olhei fixamente para o sujeito. Isso estava ficando interessante. – O que a rainha da Corte das Trevas quer comigo?

Nunca tinha conhecido ou visto a rainha das fadas, mas já ouvira rumores, assim como todo mundo. Ela havia subido ao trono após remover o rei das fadas das trevas e tomar seu lugar. Segundo os boatos, Isobel o *comera*. Eca.

A história da rainha da Corte das Trevas era uma lenda e um conto de terror para nossa espécie. Ela era a fada mais perigosa deste lado do continente norte. Além de ser poderosa, a criatura tinha mais magia do que a maioria das fadas e a usava para massacrar humanos e qualquer híbrido que ousasse desafiá-la.

Eu sabia que Isobel tinha montado seu covil no Bairro Místico, uma legião de fadas cruéis. O loiro aqui devia ser uma delas. Também tinha ouvido falar que ela gostava de manter homens humanos como escravos sexuais, já que suas mentes eram muito fracas e corruptas para saber a diferença entre o glamour e o mundo real.

Contudo, quinhentos anos atrás, o Conselho das Sombras tinha posto um fim ao seu massacre de humanos. Após séculos de conflito, uma trégua fora estabelecida entre os híbridos e os nascidos-anjo e o Conselho das Sombras foi criado. Ele consistia em um membro de cada uma das cortes híbridas – vampiros, fadas, lobisomens e bruxas – e também incluía os líderes dos nascidos-anjo.

Todos os híbridos tinham permissão para viver no mundo mortal e governar a si mesmos se seguissem uma regra estrita: nunca machucar um humano. Eles haviam estabelecido seus próprios conselhos e seus próprios tribunais. Ainda assim, a trégua era uma coisa delicada, pois alguns ansiavam pelo retorno dos velhos hábitos, dos dias sombrios antes dos anjos

interferirem e criarem os nascidos-anjo para manter a paz e vigiar o mundo mortal.

E quando qualquer um desses híbridos saía da linha, era meu trabalho caçá-los.

– A rainha requer seus serviços, Caçadora – disse a fada. Seu rosto se contorceu em algo que parecia um sorriso e uma careta.

Levantei minhas sobrancelhas.

– Sério? Um trabalho? Bobagem.

A fada riu.

– Eu não estaria aqui perdendo meu tempo conversando com uma Caçadora se não fosse verdade – disse ele firmemente. – Acredite em mim, eu preferia estar em qualquer outro lugar, menos aqui. – Sua voz estava cheia de indignação por ter que lidar comigo.

Meu pulso acelerou. Eu não gostava de ser encurralada e surpreendida por híbridos, muito menos por fadas. E o pior: eu fedia a lata de lixo de uma semana deixada ao sol quente.

Se o cara quisesse me matar, ele e seus capangas já teriam tentado atirar algumas flechas no meu peito. Talvez ele realmente estivesse aqui a serviço da rainha. Curiosa, dei-lhe outra olhada. O sujeito parecia me desprezar tanto quanto eu o desprezava, mas eu queria saber por que a rainha das fadas estava me procurando.

– Que tipo de trabalho? – perguntei, afastando minha jaqueta para trás para exibir minhas lâminas, apenas no caso dele querer admirá-las novamente.

O homem-fada permaneceu calado. Pela sua expressão severa, pude dizer que ele não me contaria. O cara ficou parado lá, encarando-me como se eu fosse saborosa o bastante para ser engolida. Que ótimo.

– Escuta aqui – eu disse, afastando uma mecha de cabelo dos meus olhos. – Não estou interessada se não for um trabalho remunerado. Como você pode ver – levantei meus braços para mostrar os restos do demônio –, estou bastante ocupada no momento. Eu não trabalho de graça. Você pode dizer à sua senhorita fada para esquecer...

– Isobel é a *rainha* desta terra. – O homem-fada não fez nada para esconder a ira em sua voz. Senti meu estômago revirar. – Ela é a Rainha das Trevas de Nova York. – Ele suspirou com os olhos arregalados de admiração e, possivelmente, um pouco de medo.

– Certo, bem, ela não é *minha* rainha – eu disse alto o suficiente para as outras fadas ouvirem. –O que ela quer?

Estava começando a me arrepender de não aceitar a ajuda de Tyrius. Tirando aquela vez com Jax, nunca trabalhei com um parceiro, mas estava me perguntando se deveria começar a repensar isso seriamente. O alter ego de pantera negra dele poderia ter sido útil agora.

A fada me observou por um momento.

– Talvez um dia ela seja sua rainha e, então, você mostrará algum respeito.

Eu fiz uma careta. Não estava gostando do rumo dessa conversa.

– Escuta aqui, sua fada magrela, não tenho tempo para isso. Ou você me diz o que ela quer... ou dá o fora do meu caminho.

O sujeito ergueu as sobrancelhas em um lampejo de raiva.

– Eu a mataria agora mesmo se minha rainha não tivesse me ordenado para não a machucar. É uma pena. Poderia ter adicionado “Caçadora” à minha lista de mortes.

Abri minha boca, dividida entre a raiva e o choque. Meu rosto ficou frio.

– Sabe – eu disse, sentindo um pedaço dos restos do metamorfo deslizar pela minha testa antes de eu retirá-lo com a mão. – Estou muito ocupada no momento, minha agenda deste mês está lotada. Desculpe, mas você terá que dizer não à Sua Alteza.

De jeito nenhum eu trabalharia para uma fada. Não queria saber se ela era uma rainha ou uma princesa. Isso não significava bulhufas para mim.

– A rainha está preparada para lhe oferecer vinte mil dólares. – A fada franziu o rosto como se estivesse prestando muita atenção nas minhas próximas palavras.

Vinte mil? Meu coração saltou enquanto eu lutava para manter uma expressão calma.

– Parece que o assunto é sério. Você não vai me dizer o que é?

Isso era mais do que um ano inteiro de salário, mesmo como freelancer.

Um calafrio subiu pelo meu corpo. Na caça, normalmente, quanto maior o preço do alvo, mais perigoso ele era. Podia ser qualquer coisa, desde um demônio Superior até um monte de demônios menores. Porém, com esse dinheiro, minha avó poderia manter a casa.

Meu coração disparou.

– Por que eu? – perguntei, balançando minha lâmina. – Por que sua própria espécie não lida com os assuntos da rainha? Por que me procurar?

– Isobel precisa de alguém com suas... habilidades *únicas* – respondeu o homem-fada, soando entediado e irritado ao mesmo tempo.

Havia um ar de descrença e de divertimento em seus olhos quando ele analisou meu jeans casual e a jaqueta de couro. Era óbvio que ele não estava confortável com a ideia da sua rainha pedir para *eu* fazer o serviço. Talvez o sujeito estivesse com ciúmes. Ou, quem sabe, essa fosse apenas sua cara normal. Isso me deixou inquieta.

Ainda assim, eu nunca tinha ouvido falar de nenhuma fada – quer fosse rainha ou fada comum – pedir ajuda. Talvez isso fosse uma armadilha e eles quisessem me atrair com a promessa de muito dinheiro... para me matar... e, então, me comer.

O homem-fada devia ter lido minha mente, pois seu rosto se abriu em um sorriso e meu sangue esfriou. Seus dentes amarelos tinham pontas afiadas, como os dentes de um peixe.

Droga, talvez *ele* quisesse me comer.

A fada se mexeu e enfiou a mão dentro da sua jaqueta. Fiquei tensa e me agachei, mas o híbrido apenas me jogou uma moeda. Uma moeda de ouro.

Eu a peguei facilmente e a virei. Sim, era de ouro. Esfreguei meu polegar sobre o retrato do rosto de um homem com um grande nariz de falcão. A moeda era da Espanha. Não consegui ler a inscrição nas bordas, mas consegui distinguir o ano de 1822 gravado na parte inferior. Quem paga alguma coisa com ouro hoje em dia? Os fedorentos, podres de rico, isso sim.

– Por favor, aceite este presente como um símbolo de boa-fé da minha rainha. – Os olhos escuros do sujeito analisaram meu rosto.

Com meus dedos, circulei a moeda na minha mão. Droga, o ouro tinha uma boa textura.

– Eu nem sei qual é o trabalho. Como posso dizer sim para algo que não sei?

A fada ergueu uma sobrancelha, aparentemente sabendo que eu diria isso.

– Não cabe a mim dizer. Os detalhes serão explicados na reunião. Você aceita uma audiência com a rainha ou não? Um simples sim ou não serve. – O homem-fada suspirou, visivelmente reprimindo seu aborrecimento.

Senti-me um pouco melhor sabendo que o estava irritando. Apertando a moeda de ouro na minha mão, respondi:

– Tudo bem.

Fiquei surpresa comigo mesma por embolsar a moeda de ouro antes que o híbrido a pedisse de volta. Tyrius ia ficar muito surpreso quando lhe contasse sobre esse encontro e, possivelmente, vomitar uma bola de pelos ao saber o que eu havia concordado em fazer. Meus lábios tremiam só de pensar em sua birra.

– Vou me encontrar com sua rainha – eu disse à fada –, mas não prometo nada. Quero ouvir o que ela tem a oferecer primeiro, *antes* de tomar minha decisão final. Vou me encontrar com a mulher... mas isso não significa que vou aceitar o trabalho. Entendeu?

As feições rígidas do cara exibiram um breve lampejo de surpresa.

– Sim. Tudo bem.

– Tá, então – falei, sentindo a tensão em meus ombros. – Quando e onde?

A fada encontrou meu olhar, não havia expressão em seu rosto.

– A rainha deseja vê-la amanhã à meia-noite, na Torre Sylph – ele me encarou e, de repente, seus olhos brilharam de diversão. – Você precisa de instruções para chegar lá?

– Acho que consigo me virar – retruquei, sentindo um arrepio pelo corpo.

A Torre Sylph ficava no Bairro Místico.

Uma pontada de medo se instalou pesadamente sobre mim quando um sorriso malicioso e maquiavélico foi estampado no rosto esculpido da fada.

– Não se atrase – disse ele. – Minha rainha não tolera atrasos.

Com isso, o sujeito se virou e saltou para a rua.

Eu abri minha boca para dizer a ele para enfiar aquela atitude na bunda dele, mas perdi a respiração com a mudança repentina no ar.

Minha pele se arrepiou enquanto meu coração batia contra o peito. Das sombras do beco, pude ouvir um som baixo e sibilante e senti uma onda mais forte de energia demoníaca perversa e fria. Quatro homens-fadas da Corte das Trevas surgiram no beco parecendo sombras. Todos eles se juntaram para formar uma linha atrás do homem-fada loiro. A escuridão cobria seus rostos, mas todos eram altos e desengonçados, além de usarem roupas pretas semelhantes com aljavas cheias de flechas combinando, as mesmas flechas que estavam apontadas para mim o tempo todo.

Fiquei em silêncio, observando as fadas desaparecerem na noite até seu cheiro fétido se dissipar. Tudo o que restou foi o fedor das entranhas do demônio metamorfo em mim.

Enfiei a mão no bolso e tirei a moeda de ouro. Que trabalho era esse? E por que a rainha das fadas da Corte das Trevas queria me contratar?

Senti um desconforto apertando meu peito enquanto esfregava meu polegar no rosto do espanhol. Nada de bom viria de aceitar um trabalho vindo de uma fada. E as coisas sempre podem piorar.

No que fui me meter?

CAPÍTULO 4

— **V**ocê não pode simplesmente devolver a moeda de ouro à maldita fada e cancelar toda essa estupidez? – argumentou Tyrius enquanto caminhávamos pela calçada. Seu rabo se contorcia nervosamente atrás dele. A luz da lua lançava um brilho prateado sobre seu corpo marrom-amarelado, fazendo-o brilhar. – Quero dizer... você ainda não fez nenhum acordo com a rainha, então, não há mal nenhum em não ir. Pare com isso, Rowyn. Você não pode confiar na fada. Eu não confio no que sai da boca delas. A maioria delas é malandra. Nada de bom pode vir desta reunião. Confie em mim. As fadas são todas podres. Está no DNA delas. Eu não gosto disso.

– Eu não gosto da ideia de trabalhar para uma fada – falei –, mas não posso recusar vinte mil. Não quando estou desesperada para salvar a casa da minha avó. Não até eu saber o que ela quer.

– Comer você?

Revirei os olhos.

– Isobel não quer me comer.

Espero.

– Como você sabe? – perguntou Tyrius, incrédulo. – Nunca a vi.

– Nem você.

– Sim, mas sou o responsável por saber das coisas. E sei que a rainha é um monstro no corpo de um humano.

– Ela é uma fada, não uma mortal.

– Ela *come* GATOS!

Suspirei profundamente e meu corpo se contraiu de ansiedade. Não queria discutir com Tyrius quando estava a caminho de conhecer Isobel.

Seu profundo ódio pelas fadas era totalmente compreensível, visto que ele era um dos pratos preferidos delas. As fadas eram inimigas dos baals, o que as tornava minhas inimigas. Além disso, eu tinha a sensação de que ele estava certo. A rainha era um monstro.

A tensão contraiu meus ombros. A ideia de encontrar Isobel em seu covil, cercada por Deus sabe quantas fadas de orelhas pontudas comedoras de gatos, me deixou tensa. O medo acelerou meu coração. Por precaução, estava levando o dobro das minhas armas, adicionando todas as adagas e lâminas que cabiam no meu cinto. Só para garantir.

Fiquei feliz quando Tyrius se ofereceu para vir comigo, mas o fato dele ser um demônio baal – um gato siamês – era um problema. A fada o veria como uma refeição ao invés de apoio. Talvez isso fosse uma coisa boa, talvez não. Cerrei os dentes enquanto o suor escorria pela minha pele, deixando-me com frio. Mataria todas elas antes que colocassem um dedo em seu bigode. As malditas não tocariam no meu Tyrius.

As fadas da Corte das Trevas eram notoriamente perversas, más e sem um pingão de remorso. Como eu nunca havia conhecido uma fada da Corte da Luz, não tinha ideia se elas eram mais perversas do que as primeiras. Ainda assim, apenas uma tola se associaria voluntariamente a elas. E, aparentemente, essa tola era eu.

– Você não precisa ir, sabe disso – eu disse, minhas botas faziam um barulho alto quando batiam na calçada irregular. Era um som abafado no ar pesado da noite chuvosa. – Não vou ficar brava nem nada se quiser ir embora. Eu posso fazer isso sozinha.

– Não enquanto você viver. – A cauda de Tyrius se eriçou. – Eu vou com você. Além disso, quero ver essa rainha feiticeira com meus próprios olhos. Quero ver se ela é tão má quanto os rumores dizem que é.

– Se Isobel gosta de comer fadas-reis – comentei –, diria que é, no mínimo, muito louca.

Tyrius me deu um breve sorriso, quer dizer, o melhor tipo de sorriso que um gato poderia dar.

– Certo. Você está mais para nascida-anjo ou nascida-demônio agora? – Suas orelhas viraram para trás. – Eu nunca lhe perguntei isso, mas... você se sente mais um anjo ou um demônio?

Mordi meu lábio inferior. Eu vinha me fazendo essa pergunta há meses. Será que me identificava como nascida-anjo ou nascida-demônio?

– Neste exato momento... nenhum dos dois – respondi. – Sinto-me como eu. Então, ambos, acho? Eu não sei o que é se sentir mais anjo ou demônio. Só sei como é me sentir como eu mesma.

– Hum. Talvez você seja o equilíbrio perfeito dos dois – comentou o gato, com o rabo levantado enquanto caminhava ao meu lado. – O yin e yang de anjo e de demônio. As duas metades que se completam.

O comentário colocou um sorriso no meu rosto, mas ele desapareceu quando peguei meu celular e olhei para a tela. 23h45. Tinha tempo suficiente para chegar no horário ao meu encontro com Sua Alteza à meia-noite. Coloquei meu celular para vibrar e o deixei cair no meu bolso.

O Bairro Místico parecia tão extravagante e estranho quanto da última vez que eu estivera aqui, há alguns meses; só que, agora, eu não tinha o Selo de Adão para me puxar para baixo. Nesse distrito secreto, os paranormais viviam e se misturavam livremente – era o único lugar onde os goblins vendiam joias na feira da madrugada, lojas de bruxas lotavam as ruas, lobisomens tentavam brigar com matilhas adversárias e vampiros passeavam exibindo sua beleza hipnótica e fria.

O fedor de enxofre inundou minhas narinas, ele era forte e podre como o espesso odor de magia demoníaca. Era possível senti-lo em toda parte. Senti também o gosto de podridão na boca.

Ao passarmos por mais um quarteirão, vislumbrei uma linda garota-fada passando a mão pelo peito musculoso e tatuado de um homem-fada. Desviei meu olhar quando ele dirigiu seus olhos escuros para mim.

Nós nos movíamos rapidamente pelas ruas. Eu estava ciente dos olhares das fadas. Pude ver grupos de vampiros reunidos nas muitas varandas e janelas dos elegantes prédios de pedra marrom e ouvi o tilintar de seus copos e as conversas baixas quando passamos por eles. Pelos olhares calculistas em seus rostos, parecia que eles estavam esperando nos ver.

Um vento frio fez eu levantar minha cabeça. A noite estava agitada e úmida e o barulho dos humanos estava longe e distante, alheio ao bairro animado e cheio de paranormais. A lua tentava romper a leve névoa, lançando um brilho prateado sobre tudo.

E eu estava indo me encontrar com a rainha das fadas da Corte das Trevas.

Tyrius olhou para mim. Seus olhos azuis contrastavam com sua máscara negra.

– Você parece horrível.

Olhei para ele com os lábios franzidos.

– Sempre tão galante, não é?

O gato siamês trotava graciosamente ao meu lado com o rabo erguido.

– Estou apenas afirmando o óbvio. Você está dormindo bem? Tá com a cabeça cheia? Tem *alguém* em particular em sua mente?

Meu sangue borbulhou.

– Cala a boca.

Eu odiava o fato do pequeno demônio baal ser tão perceptivo e o quão facilmente eu corava ao pensar em Jax. Não conseguia tirar seu beijo da minha mente desde o acontecido. Meu coração disparava apenas com a memória de seus lábios tocando os meus. Senti meu corpo estremecer quando me lembrei de como eles eram macios e da avidez sem vergonha que vira em seus olhos.

– Hum. – Ouvi a voz do gato, tirando-me do meu devaneio. – Ainda sem notícias dele, né?

Sacudi minha cabeça.

– Tudo bem. Não há razão para ele ligar. Não é como se tivéssemos *algo*, porque não temos. Jax tem sua própria vida. – Dei de ombros. – Somos apenas amigos.

– Apenas amigos? – resmungou Tyrius. – Eu duvido seriamente disso. Jax e eu somos *apenas* amigos. O carteiro e eu somos *apenas* amigos. Mas vocês dois não são *apenas* amigos e você sabe disso.

Senti um aperto no peito e engoli em seco. Ultimamente, a ausência de Jax começara a mexer com meu humor. Não podia negar que doía um pouco sua falta de comunicação. Só um pouco. A última vez que o vira fora na manhã da morte de Vedriel, há mais de seis meses.

Talvez ele estivesse muito ocupado com Amber, a voluptuosa nascida-anjo ruiva, para lembrar de mim. Jax era bonito demais para ser solteiro, além disso, ele não me devia nada. Tínhamos nos conhecido através de um trabalho para o conselho e depois nos separamos. Talvez fosse melhor assim. Amor, sentimentos e relacionamentos complicavam as coisas. Minha vida já era complicada o bastante, muito obrigada.

– E aquele beijo? – disse Tyrius.

– Aquilo não foi nada – respondi com uma voz seca. – Foi só um beijo.

– Eu vi o jeito que vocês dois se olhavam – disse o gato. Ouvi a reprovação em sua voz. – Se não estivéssemos prestes a chutar a bunda de

uns demônios, vocês teriam arrancado as roupas um do outro e consumado o fato ali mesmo.

– Tyrius! – sibilei e meus olhos se arregalaram em choque.

O gato levantou uma sobrancelha.

– Você sabe muito bem que isso é verdade, assim como eu.

– Eu não sei de nada.

– Admita – disse o gato lentamente. – Aquilo *não* foi apenas um beijo.

Meu rosto ardeu como se estivesse pegando fogo. Saber que Tyrius havia testemunhado o beijo tornava tudo pior.

– Eu não tenho tempo para romance – argumentei, consciente que uma dezena de fadas nos observava na esquina da rua. Um homem com cabelo vermelho brilhante lambeu os lábios enquanto sorria para Tyrius, revelando seus dentes pontudos. – Eu também não sou uma pessoa romântica – falei, andando mais rápido. – E definitivamente não tenho vocação para ser a namorada de alguém. Preciso colocar minha vida em ordem primeiro. Então... quem sabe.

Tyrius ficou em silêncio por um momento. Seu trote gracioso se transformou em um andar cauteloso, como se ele sentisse que algo estava prestes a pular nele.

– Sou só eu, ou todas as fadas do Bairro Místico decidiram nos agradecer com sua presença esta noite?

Feliz pela mudança de assunto, minha pele se arrepiou quando mais e mais fadas saíram das sombras e foram banhadas pela luz da lua. Seus olhos famintos estavam vidrados em nós.

– Elas devem saber que vamos nos encontrar com sua rainha. Talvez estejam apenas curiosas – eu disse, pressionando a palma da mão no cabo da minha lâmina da alma.

– Sim. Ou, talvez, elas estejam apenas com fome. – Os pelos de Tyrius estavam para cima, dando a impressão de que ele era maior. – Por que é mesmo que vamos nos encontrar com a princesa das fadas?

– Tenho vinte mil razões. – Olhei para o gato siamês enquanto caminhávamos. – Você passou o dia todo de mau humor. Por que toda essa irritação?

– Eu quebrei uma unha.

Tyrius sibilou para uma fada com tranças quando ela se afastou de seu grupo e tentou se aproximar. A jovem fez uma careta diante da reação do gato, o que fez com que suas belas feições se deformassem e se

transformassem em algo grotesco e animalesco. Era estranho como sua beleza tinha desaparecido tão rápido. Isso me fez pensar se era apenas um glamour.

– É isso o que essas fadas fazem – disse o demônio baal. Seus olhos se estreitaram. – Eu odeio esses malditos híbridos de orelhas pontudas.

Ele olhou para a garota-fada, seus olhos eram como pequenas luas na semiescuridão.

Abri a boca para comentar que ele também tinha orelhas pontudas, mas pensei que isso só o deixaria mais irritado. Estava feliz por Tyrius estar aqui. Não queria que ele ficasse chateado comigo também.

Então, em vez disso, eu disse:

– Prepare-se para ver mais malditos híbridos de orelhas pontudas. – Fiz um gesto com a cabeça em direção a um edifício preto alto e brilhante. – Ali está a Torre Sylph.

À nossa frente, havia um prédio de três andares, um lugar hipnótico que dava arrepios. Era um edifício peculiar. Segundo os rumores, ele havia sido construído pelas próprias fadas conforme os gostos dos seus antepassados demoníacos.

A construção consistia em um prédio pintado e estriado em uma estrutura cilíndrica de cimento com um aspecto enferrujado nas paredes externas, de modo que gotas laranjas escorriam pelas paredes como listras similares a sangue. Tiras de gesso se projetavam, moldadas em pontas como grandes tufo de pelo molhado. Parecia uma torre vestindo um casaco de pele preto.

Fiz uma careta. Era o prédio mais feio que eu já tinha visto. E olha que eu já vira minha cota de prédios feios.

– Graças a Deus não é muito óbvio nem nada – eu murmurei.

Com meu pulso acelerado, atravessei a rua, apertando os olhos para a estrutura enquanto me dirigia até lá.

Eu já tinha visto a Torre Sylph, mas nunca estivera lá dentro.

Agora, eu não tinha certeza se queria entrar.

CAPÍTULO 5

— Quanto mais feio e espalhafatoso for, mais as fadas vão gostar – disse Tyrius, caminhando ao meu lado. – Aposto vinte dólares que é ainda mais brega por dentro.

Uma figura negra emergiu das sombras de um poste de luz. Senti uma pontada de medo quando ela se dirigiu para nós. Com o coração batendo forte, eu puxei minha lâmina da alma do meu cinto de espadas.

– Ah, ótimo – disse Tyrius, parecendo um pouco entediado. – É o vampiro melancólico.

De fato, Danto emergiu das sombras. Ele era o chefe da Corte dos Vampiros de Nova York. Sim, o sujeito era um vampiro melancólico, mas ainda era lindo.

Embainhei minha lâmina enquanto o observava. Ele estava descalço, como sempre, e vestindo calças pretas. Conforme o vampiro andava, sua camisa preta desabotoada balançava atrás dele como uma capa, revelando seu peito nu musculoso e sua pele de porcelana. Ele se movia com uma graça predatória, mas também tinha os traços de elegância suave da linhagem nobre. Ele era ambicioso, inteligente, bonito, ousado – e letal.

O híbrido inclinou a cabeça. Seu longo cabelo preto, que brilhava como óleo, balançou com o movimento. Os fios contrastavam com sua pele pálida. Aqueles olhos cinzas brilharam ao luar enquanto me encaravam, fazendo meu pulso acelerar. Eu não pude evitar. O vampiro era muito bonito.

Danto me deu um sorriso forçado, nada parecido com o jeito brincalhão que ele havia sorrido para mim antes, com sua boca carnuda e muito sensual. A dor de perder Cindy ainda era visível nas linhas ao redor de seus

olhos e nos seus lábios cerrados. Seu rosto esculpido parecia mais velho. A morte dela claramente ainda o assombrava.

Senti um aperto no peito quando pensei em Cindy e em como ela tinha morrido. Culpa e arrependimento ainda apertavam meu peito por não termos conseguido salvá-la. Contudo, isso não era nada comparado à dor e ao sofrimento visíveis no rosto do vampiro.

Ainda assim, senti uma pontada de decepção. Ele não era Jax. Havia enviado uma mensagem de texto para ele na noite passada, contando sobre meu encontro com a rainha das fadas da Corte das Trevas, mas não obtive resposta. Na verdade, Jax não havia retornado a única ligação que eu fizera, uma semana após a morte de Vedriel. Eu não ia ser o tipo de garota que ficava no pé de um cara. Já tinha ligado e deixado uma mensagem. Bem, se ele não ligava de volta, eu podia adivinhar o motivo: Jax conseguira o que queria de mim, ou seja, resolver os assassinatos dos nascidos-anjo. Tratava-se de um evento isolado. Agora, ele desaparecera da minha vida. Talvez, para sempre. Eu tinha que começar a me acostumar com a ideia.

Quanto mais pensava a respeito, mais eu me sentia estúpida por ter *mandado* uma mensagem para ele. Excelente.

Observei o vampiro se aproximar, pensando em como ele sabia que estaríamos aqui.

Os olhos cinzas de Danto encontraram os meus.

– Ouvi dizer que você estava vindo ao Bairro Místico para se encontrar com a rainha das fadas da Corte das Trevas – o sujeito disse como se lesse minha mente. Sinistro.

Pensei no grupo de vampiros que tinha acabado de nos ver.

– Nada passa por você, hein?

Será que seus vampiros estavam me seguindo?

Danto balançou a cabeça e um breve sorriso apareceu em seus lábios perfeitos.

– Não no Bairro Místico. Tenho olhos e ouvidos em todos os lugares. – Seu olhar ficou intenso. – Eu vou com você.

– Obrigada, mas não há necessidade – respondi, sentindo o calor da gratidão se espalhar pelo meu peito. – Eu tenho Tyrius como reforço.

– É isso mesmo – disse o gato, parecendo presunçoso.

Danto manteve os olhos em mim, deixando-me um pouco desconfortável.

– Não. – Sua voz era firme. – Eu vou com você. – Ele levantou a mão e meu protesto ficou preso na minha garganta. – Você será a primeira nascida-anjo a pisar naquele... naquele lugar. Qualquer trabalho que ela lhe ofereça não será apenas um trabalho. Nunca é. Você não pode confiar nela. Não pode acreditar em nada do que a mulher diz.

Olhei para o vampiro, perguntando-me como ele sabia sobre a oferta de trabalho.

– Eu pensei que as fadas não pudessem mentir.

– Isso é uma grande bobagem. – Riu Tyrius. – Na real, elas não conseguem dizer a verdade.

– Eu a conheço – continuou o vampiro. – Ela tem um jeito de distorcer as palavras que é capaz de fazer você realizar coisas que nunca imaginou, que nunca pensou que pudesse fazer. Isobel é má, muito má.

Franzi o cenho, achando estranho que esse velho vampiro chamasse outro híbrido de mau. Quer dizer, ele bebe sangue, pelo amor de Deus! Além disso, tinha ouvido e visto algumas das coisas perversas que Danto havia feito no passado. Se ele achava que ela era má...

– Isobel gosta de jogar seus próprios jogos – disse Danto. – Ela fica bastante entediada em sua torre. A mulher gosta de ser entretida.

Fiz uma careta.

– Bem, eu não estou aqui para entretê-la.

Meus pensamentos sobre a rainha se transformaram em uma raiva mortal.

– Ela tem algo a ganhar. Sempre tem. – Os olhos cinzas de Danto escureceram como se estivessem escondendo uma lembrança distante e horrível. Perguntei-me se ela o havia irritado de alguma forma. – Não pense, nem por um minuto, que isso é apenas mais um alvo, outra caçada, pois não é. – Os punhos do vampiro estavam fechados. – Saiba que tem mais coisa aí.

Era estranho sentir tanta simpatia e carinho por um vampiro, sabendo que meu sangue podia ser sua refeição. E, sem dúvida, era estranho eu sentir qualquer afeição, lealdade e amizade, porque isso me assustava.

Após termos matado o arcanjo Vedriel, tínhamos nos unido – nós quatro. Era inevitável após compartilhar uma experiência como essa. Não podíamos simplesmente matar um tenente do exército da Horizon e, depois, voltar para casa para tomar um chá da tarde. Algo havia despertado em nós.

Eu sabia que, naquele momento, tínhamos mudado para sempre – estávamos marcados pelo sangue de um arcanjo em nossas mãos.

Mechas do cabelo do vampiro se moveram com uma brisa repentina e seu rosto ficou coberto pela sombra, mas uma preocupação real brilhava em seus olhos.

Droga. Eu estava começando a gostar desse vampiro bonito – de uma forma platônica, é claro.

Dei de ombros.

– Mas por quê? Você não me deve nada. Não precisa vir.

O vampiro desviou o olhar.

– Você é a coisa mais próxima que eu tenho de Cindy.

Bizarro.

Ele ficou em silêncio por um momento, então, voltou sua atenção para mim.

– Nós somos amigos. Por mais estranho que pareça, nós somos. A Torre Sylph não é segura. Vocês dois precisam de mim. – Ele olhou para Tyrius.

O gato se virou para mim com os olhos azuis brilhando.

– Eu concordo com o vampiro. Três indo conhecer a bunda gorda da Fada Real é muito melhor do que apenas dois. Danto disse que a conhece e isso pode ser útil... se ela tentar nos enganar.

– Tá, então – concordei. – Vamos lá.

A tensão percorreu minha espinha enquanto nós três caminhávamos em direção à torre negra. De repente, a expressão de Danto pareceu satisfeita. Fiquei um pouco irritada com o fato de ele pensar que eu não conseguiria lidar com Sua Alteza sozinha. Isso é o que íamos ver.

Tyrius fez um som estranho com sua garganta, chamando nossa atenção enquanto caminhava entre nós

– Vampiro, o que há com você e o fato de não usar sapatos? Acho que nunca o vi com algo nos pés.

Abafei uma risada com a expressão de choque que cruzou o rosto de Danto. Ele olhou para os pés enquanto caminhava.

– Não gosto de ter meus pés confinados. Prefiro sentir a terra sob eles. – Ele ergueu uma sobrancelha. – Vejo que você também não usa sapatos.

A boca de Tyrius se abriu.

– Eu sou um gato.

– Você é um demônio.

O gato deu de ombros.

– É a mesma coisa.

Afastei meu nervosismo e meu desconforto e os substituí por uma aparência calma quando chegamos diante da pesada porta de madeira. Símbolos de prata e de ouro estavam gravados na porta, emoldurando-a como uma obra de arte na linguagem das fadas.

Olhei para Danto.

– Como entramos? Não há maçaneta.

– Os não-fadas não podem entrar sem permissão – disse o vampiro. Um músculo de sua mandíbula se contraiu como se ele estivesse lutando com algum sentimento. – A porta está enfeitiçada. Só quem foi convidado pode entrar. Você bate e, então, espera.

– Fadas – resmungou Tyrius enquanto se recostava e enrolava o rabo em volta das patas. – Sempre sentem a necessidade de tornar as coisas excessivamente complicadas.

Suspirei baixo e lentamente.

– Estou começando a me arrepender de ter vindo aqui.

Ao levantar meu punho, notei estar tremendo levemente. Bati na porta, mais forte do que pretendia.

Não tivemos que esperar muito. Menos de vinte segundos depois, a porta se abriu, revelando um homem-fada tão alto quanto Danto com braços e pernas desengonçados, orelhas pontudas e longos cabelos negros. A pele verde estava encoberta pelas suas tatuagens de fada. Eu podia sentir o cheiro podre e doce exalando dele, fazendo meu estômago revirar. Seus olhos cruéis, negros como breu e sem vida encontraram os meus. Ele me encarou.

Um arco e flecha curvado estava apontado para o meu rosto e isso realmente me irritou. Se ele pensou que estava me intimidando com aquela coisa, estava errado.

Dei-lhe um sorriso que deixaria Amber orgulhosa.

– Tire esse arco e flecha da minha cara antes que eu faça você engoli-lo – O rosto do homem-fada estava inexpressivo enquanto ele permanecia imóvel, olhando para mim como uma pedra, então, continuei – Abaixei essa maldita coisa. Estou aqui para ver Isobel, sua rainha. Sou Rowyn Sinclair. Ela está me esperando. – Olhei por cima do ombro dele, mas tudo o que vi foi um corredor que terminava em sombras.

O homem-fada verde passou seus olhos em Tyrius e em Danto.

– Só você – o cara falou com uma voz profunda e seca enquanto abaixava seu arco e flecha.

Tyrius se levantou em um salto e rosnou.

– Ei, espere um minutinho aí! Rowyn não vai entrar neste covil de fadas sem nós. Você pode simplesmente esquecer.

– Isso mesmo. – Fiz um gesto em direção ao gato siamês enquanto cruzava os braços e inclinava a cabeça. – Você que escolhe. Ou meus amigos vêm comigo... ou pode dizer à sua rainhazinha que você não me deixou entrar. Não acho que Isobel iria gostar disso já que foi *ela* quem me convidou.

O homem-fada sorriu para mim, revelando dentes levemente pontiagudos.

– Nascida-anjo – ele murmurou, correndo os olhos sobre mim. – Nunca vimos ninguém da sua espécie na Torre Sylph antes.

Eu sorri.

– Sorte a minha. – Tyrius riu quando eu descruzei meus braços e coloquei as mãos nos quadris. – Eu não tenho a noite toda. Vamos entrar ou não?

Sem dizer nada, a fada acenou com a cabeça e fez sinal para que o seguíssemos.

Bati nos cabos das minhas lâminas com os dedos. Eu poderia estar caminhando rumo à minha morte, mas não chegaria desarmada.

Assim que cruzei a soleira, senti a energia fria e demoníaca das fadas percorrendo a sala e toda a torre. Eu podia sentir a intensidade de sua presença muito mais forte do que quando caminhava pelas ruas do Bairro Místico. Era como se a energia estivesse concentrada ali de alguma forma, enchendo o ar, o chão e até as paredes que nos cercavam.

Senti como se estivesse andando por uma caverna apertada com o teto baixo. Até o ar frio tinha um leve cheiro de mofo. Castiçais acesos com fogo verde demoníaco cobriam as paredes, lançando tons de verde por todo o corredor. A passagem estava mortalmente silenciosa, exceto pelos passos suaves de nossas botas, pés e patas, e as batidas implacáveis do meu coração em meus ouvidos. Andamos silenciosamente por um corredor de paredes lisas gravado com mais palavras ornamentadas na linguagem das fadas e gravuras que retratavam fadas e demônios em várias cenas de batalha. A mesma mulher-fada era retratada repetidamente, lutando contra um demônio alado gigante, cortando a cabeça do que parecia ser um goblin

de pernas curtas e de rosto achatado e se deitando na cama com muitos homens humanos. Era Rainha Isobel, sem dúvida, mas não consegui dar uma boa olhada no rosto dela com aquela luz.

Tive a sensação de que estávamos andando em um círculo, um círculo muito grande. O chão era de terra batida. Achei estranho que não fosse mármore ou alguma outra pedra sofisticada polida que brilhasse como joias. Fadas adoravam se exhibir.

O homem-fada não olhou para trás enquanto nos conduzia pelo labirinto em forma de caverna. Ele tinha a mesma postura superior que o outro homem-fada que roubara meu alvo, o demônio metamorfo.

Será que ele ficaria bravo se eu tropeçasse nele?

– Cheira a vômito aqui – disse Tyrius. – Ou talvez seja carne enlatada?

– Não, acho que é apenas o cheiro de vômito das fadas. – Sorri ao ver os ombros do homem-fada ficarem tensos, mas ele não olhou para trás.

Depois de um minuto, uma fenda de luz verde mais brilhante inundou a semiescuridão. Duas portas enormes de pedra se erguiam diante de nós. Elas eram antigas e gravadas com a mesma linguagem de fadas prateada e dourada que estava pintada na porta da frente. Um barulho de vozes veio do outro lado das portas.

Meu pulso acelerou. Eu estava começando a me arrepender da decisão de me encontrar com a fada rainha. Atravessamos as portas e entramos em uma vasta câmara circular de pedra calcária esculpida e sustentada por quatro pilares cujos topos desapareciam na escuridão acima.

Trepadeiras verde-escuras com rosas brancas, vermelhas e rosadas se enroscavam nos pilares. O homem-fada nos levou por um caminho ladeado por macieiras em plena floração. Margaridas, equinácea purpúrea, lavanda e inúmeras rosas se intercalavam com as árvores. A sala estava coberta pela luz verde. Senti como se tivesse acabado de entrar em um jardim exuberante, não em uma torre cilíndrica e feia.

Através das árvores, avistei uma multidão de fadas. Algumas delas dançavam ao som de uma batida baixa de tambores, outras conversavam e algumas estavam esparramadas pelo chão – todavia, todas tinham seus olhos em mim, em nós. Devia ter pelo menos uma centena de fadas ali. Senti minha pressão subir enquanto me forçava a manter meu ritmo uniforme. De jeito nenhum eu mostraria a o efeito que elas tinham em mim.

Era tudo um borrão de olhos negros, dentes pontudos e roupas finas. Seus rostos eram adoráveis, porém, selvagens e magros, sempre muito

magros.

Uma plataforma elevada estava diante de nós. Descansando em um sofá vermelho cercado por homens e mulheres-fadas magricelas, estava uma mulher. Não, uma mulher não. A rainha das fadas.

– Minha rainha – disse nossa escolta, curvando-se. – Eu trouxe a Caçadora e seus... companheiros.

Nossa escolta pareceu recuar como se ele não fosse digno de estar na presença de sua rainha. Contudo, a mulher nem sequer olhou para ele. Seus olhos estavam em mim.

Lentamente, Isobel se levantou. Ambos os lados de sua cabeça não tinham cabelo, porém, do meio, caíam mechas de cabelos negros até a cintura, como um moicano. Ela não era nada como eu tinha imaginado. Era muito, muito pior.

Embora partes de seu rosto pudessem ser consideradas adoráveis, sua pele branca como a neve era puxada e muito esticada sobre suas feições definidas, tornando-a mais petrificante do que bonita. Talvez fosse esse o estilo que ela estava buscando – a rainha dos mortos-vivos.

Seu pescoço era um pouco longo demais – assim como seus braços, pernas e dedos – para ela se passar por um humano. A mulher parecia quase como um inseto. Isobel usava um vestido preto que balançava e esvoaçava com seus movimentos, mas não pude ver nenhuma joia. Uma coroa esbranquiçada estava entrelaçada em seu cabelo, acima da cabeça. Quanto mais eu olhava, mais a coroa se parecia com dentes. Dentes *humanos* de verdade. Caramba, ela era louca.

Seus olhos de ébano brilhavam com uma frieza calculada e ainda estavam fixos em mim.

O medo percorreu meu corpo, mas eu o afastei devido a rigidez de sua expressão. Se ela visse, cheirasse, ou apenas sentisse meu medo, eu era um caso perdido.

Senti uma brisa atrás de mim quando senti o ombro de Danto encostar no meu. Exalei lentamente. Nunca estive tão feliz por ter um vampiro sugador de sangue tão perto da minha jugular antes.

Os olhos da rainha caíram sobre Danto e, por um momento, seus lábios vermelhos e salientes esboçaram um sorriso de escárnio que era realmente aterrorizante. Seus olhos escuros brilharam com um ódio de alguma história do passado antes que sua atenção voltasse para mim. Então, com a mesma

rapidez, ela suavizou suas feições e voltou para sua atitude impetuosa e aristocrática.

– Rowyn Sinclair – sussurrou a rainha das fadas. Sua voz era sedosa e venenosa como a de uma cobra. – Que bom que você veio.

CAPÍTULO 6

Fiquei ali, em silêncio por um momento, sustentando o olhar da rainha. Eu não ia desviar o olhar primeiro de jeito nenhum. Afinal, sabia jogar esse jogo.

Os cantos de sua boca se torceram diante da minha rebeldia. Então, seus olhos se deslocaram para as fadas reunidas que faziam barulho de botas batendo no chão de terra. Dirigi minha atenção para a minha esquerda quando seis homens-fadas saíram da multidão e pararam diante da plataforma elevada, com arcos em suas mãos.

Reconheci o homem-fada alto e pálido que matara meu demônio metamorfo. Desgraçado. Ele estava com o arco nas mãos, sem dúvida esperando por um sinal de sua amada rainha para atirar uma flecha no meu peito. Tentei chamar sua atenção, mas ele não olhou na minha direção.

A rainha me pegou encarando e seus lábios de rubi se esticaram em um sorriso aterrorizante.

Isso me irritou. Senti um aperto no peito e um sinal de alerta se acendeu em minha mente quando ouvi o grunhido profundo de Tyrius.

Levantei uma sobancelha para a rainha.

– Pensei que era uma convidada aqui – eu disse, feliz por minha voz ter saído firme e forte, mesmo que meu estômago estivesse embrulhado. – É assim – gesticulei para os homens-fadas armados – que você trata seus convidados? Se é, pode dizer adeus à minha ajuda.

Peguei minha moeda de ouro e, depois de inspecionar meu espanhol uma última vez, joguei-a no ar. Ela fez um barulho alto quando caiu aos pés de Isobel. Eu tinha boa pontaria, uma das muitas vantagens de ter essência sobrenatural.

– Boa jogada – sussurrou Tyrius enquanto os homens-fadas que cercavam a mulher sibilavam de indignação com o que eu tinha acabado de fazer.

Mordi minha língua para não rir, porque *isso* me levaria a uma séria e grande confusão.

A cara de indignação no rosto pálido de Isobel quase me fez sorrir. Inferno. Era bom irritar uma rainha. Eu deveria ter feito isso antes.

Ela se virou para os homens armados e disse algo em um idioma que soava um tanto gutural quanto musical. Cinco dos seis homens se separaram e desapareceram entre a multidão de fadas. Apenas meu amigo loiro ficou.

– Daegal é o comandante dos Flechas Negras, meu guarda pessoal e conselheiro de confiança. Ele vai ficar – disse a rainha. Seus lábios se curvaram, exibindo dentes brancos e pontudos. – Melhor?

Melhor? Estávamos em desvantagem, eram cinquenta contra um e ela sabia que não podíamos fazer nada. Ainda assim, não ter todos aqueles arcos me encarando diminuiu um pouco da minha tensão.

Eu dei à rainha um sorriso seco.

– Melhor.

Que diabos estou fazendo aqui?

Os olhos da mulher se voltaram para o meu quadril e se arregalaram.

– Uma lâmina da morte. Então, os rumores são verdadeiros – ela disse com uma mistura de irritação. – *Você é metade demônio. Que interessante.*

Interessante?

– É o que parece. – Correspondi ao seu sorriso, não gostando de como ela estava olhando para mim, como se estivesse imaginando qual seria o gosto da minha carne em sua boca.

Tyrius pressionou seu corpo contra minha perna e sussurrou:

– Você viu aquela coroa na cabeça de Sua Majestade?

– Sim. – Ocultei um calafrio quando tirei meus olhos da assustadora coroa de dentes humanos e olhei diretamente para a rainha. – Por que estou aqui? Seu guarda, Daegal, disse que você tinha um trabalho para mim. O que é?

Isobel pareceu um pouco surpresa por eu falar com ela tão diretamente em vez de usar formalmente seu título de rainha. A mulher podia ser a rainha das fadas, mas não era minha rainha. Eu não estava disposta a me

submeter à corte dela ou me curvar a qualquer um que usasse uma coroa de dentes humanos.

– Sim – disse a mulher-fada. – Tenho uma oferta de emprego. Aparentemente, uma que paga bem o suficiente, ou você não teria se incomodado em vir. – Ela sorriu deliberadamente para mim, como se soubesse que eu estava dura.

Eu estava desesperada, mas não era idiota. Como alguém poderia confiar em uma palavra que saía daqueles lábios de salsicha?

Quando a rainha inclinou a cabeça graciosamente, a luz do fogo demoníaco atravessou as árvores e acendeu a coroa de dentes humanos em sua cabeça.

– Eu preciso que você encontre uma fada para mim – disse ela.

Minha boca se abriu em choque. Eu não estava esperando por isso.

Tyrius praguejou.

– Uma fada? Ela está de brincadeira? – Uma fileira de pelo em suas costas se eriçou. – Nós viemos a este festival fedorento de fadas pra procurar uma maldita fada?

Com seus olhos em Tyrius, Isobel se inclinou para frente em seu sofá.

– E quem é você mesmo? O jantar? – Seus olhos brilharam. – Ah, você parece delicioso. A carne de um demônio de raça pura é sempre mais macia.

Dito isso, todos os cortesãos da rainha riram, seus olhos estavam em Tyrius e suas bocas abertas, salivando como se já imaginassem ele como um prato de filés de baal.

O gato deu um meio sorriso e disse com uma voz clara:

– Sou sua fada madrinha. Espere um segundo enquanto eu tiro minha varinha mágica da minha bunda.

– Tyrius! – retruquei baixinho, vendo Daegal puxar seu arco. Essa maldita fada era rápida.

– O quê? – Os olhos azuis do gato brilharam ao olhar para mim. – A Fada do Dente acabou de me ameaçar, Rowyn. Eu não vou simplesmente me curvar e engolir.

Um calor subiu para o meu rosto quando senti um pico de adrenalina. Eu odiava fadas. Contudo, *odiava* ainda mais essa rainha.

Isobel apertou os lábios vermelho-rubi em uma linha fina. Seu rosto brilhou com uma beleza repentina e terrível. Ela se endireitou com seus

olhos escuros mortais em nós. A energia na sala ficou gelada. A tensão continuou a aumentar, assim como os suspiros fervilhantes das fadas.

Merda. Meu coração batia forte e minha respiração ficou mais rápida.

– Tyrius, pare de falar. Nem mais uma única palavra. Você vai acabar nos matando.

Meus dedos envolveram o cabo da minha lâmina. Se Daegal colocasse uma flecha no arco, minha lâmina da alma encontraria seu pescoço primeiro.

– Rowyn está certa – disse Danto. Ele estava perto o suficiente para eu sentir o cheiro de sangue velho exalando dele como uma colônia, o aroma fez meu estômago revirar. A tensão o fez cerrar os dentes. – Esta não é uma luta que podemos vencer.

– Que nada. – Tyrius não parou de zombar da rainha. – Ela não vai nos matar, pois precisa de nós. Se está desesperada o suficiente para recorrer aos serviços de uma Caçadora, não fará tal coisa.

Suspirando, olhei para cima e encontrei o olhar da rainha, esperando que Tyrius estivesse certo.

– Vou precisar de mais detalhes antes de tomar minha decisão – falei.

Isobel deu um olhar irritado para Tyrius antes de voltar os olhos para mim.

– O nome da fada é Ugul. – Ela pronunciou o nome dele como se tivesse um gosto amargo na boca. – E ele matou meu filho.

Agora eu estava realmente curiosa.

A rainha enrijeceu em seu trono. Ela olhou para mim por um segundo. Havia raiva e dor em seu rosto. Então, elas desapareceram e a mulher sorriu.

– Eu quero que você o encontre e o traga para mim. Vivo.

Estudei o rosto da rainha. Ela realmente devia estar querendo encontrar esta fada se tinha buscado a minha ajuda. Contudo, havia algo de errado na maneira que Isobel falava comigo, pronunciando cada palavra cuidadosamente como se fosse ensaiada. Mesmo quando seus lábios se moviam, seus olhos falavam outra coisa.

– Você tem alguma ideia de onde ele está?

O rosto da rainha estava inexpressivo quando disse:

– Elysium.

Meus olhos se arregalaram. Na mitologia grega, Elysium é o conceito de vida após a morte, mas, para nós, paranormais, ele também é um mundo

subterrâneo que fica na cidade de Nova York, sob Manhattan.

A verdade era que os lendários habitantes dos túneis e mendigos da cidade de Nova York eram híbridos vivendo sob os túneis, cavernas e antigos sistemas de metrô abandonados de Manhattan. A maioria deles fora rejeitada por seus clãs ou estava doente e enferma, mas alguns simplesmente preferiam viver como mendigos. Elysium era gigantesco, com milhares de lugares para se esconder. Não é à toa que as fadas não tinham conseguido encontrar esse tal de Ugul.

O rosto da rainha estava esperançoso, contudo, seus olhos estavam duros, deixando-me com a sensação de que havia algo mais que ela não estava me dizendo.

– É isso? – perguntei. – Você não tem mais nada para me contar?

A mulher me encarou.

– Isso é tudo que você precisa saber.

Olhei para Tyrius e ergui as sobrancelhas.

– Não consigo sentir mentira em suas palavras – disse o gato, lendo a pergunta em minha mente.

Danto inclinou a cabeça. Eu tentei não estremecer quando senti seu cabelo roçar no meu pescoço.

– Mas isso não significa que ela está nos *contando tudo*.

O vampiro se inclinou para trás e se endireitou. Seus olhos estavam fixos na rainha.

– Por que você convocou Rowyn? Por que não pedir a um de seus Flechas Negras para procurar essa fada? – Sua voz agora estava clara, mas cheia de ódio profundo, como se fosse um grande esforço apenas falar com ela. – As fadas nunca procuram a ajuda de estranhos porque ninguém jamais confiaria em você.

A rainha Isobel zombou. Suas feições puxadas para trás a faziam parecer um felino.

– Por que você está aqui, vampiro?

Os dentes levemente cerrados de Danto eram o único sinal de seu ressentimento.

– Estou aqui para garantir que não sacaneie Rowyn com esse *pedido*. Eu conheço você. Eu sei o que você fez... do que é capaz. Eu não deixarei que a machuque.

Um calor subiu no meu rosto e rezei para que ninguém tivesse notado. Meus nervos estavam à flor da pele.

O rosto da rainha se contorceu em um sorriso perverso.

– E eu conheço você, Danto de Luca. – Danto ficou imóvel. – Você não é um líder. Não merece o título de líder dos vampiros, ele nunca lhe pertenceu.

Respirei fundo e olhei para Tyrius, que encolheu os ombros como se dissesse “eu não sei de nada”. Que diabos foi isso? Quando olhei para Danto, seu rosto estava rígido de frustração, mas ele não olhava para mim.

O sorriso de Isobel se alargou com o desconforto dele.

– O título só foi concedido a você porque você era o vampiro mais velho, o favorito de Oros. Todos sabemos o que aquele velho tolo fez. Sabemos que Oros mudou os votos a seu favor. – Isobel estalou a língua. – Os vampiros não o apoiam. Eles sentem que seus votos não foram levados em consideração. – Ela mostrou os dentes. – Stefan é o verdadeiro vampiro Chefe da Corte de Nova York, não você. Ele tinha o apoio. Você roubou os votos dele e, por isso, nunca terá o apoio das outras Cortes de Vampiros.

Droga. Senti como se tivesse acabado de entrar em uma novela vampiresca. Achei que conhecia Danto por trabalhar como Caçadora. Nos cruzamos muitas vezes ao longo dos anos. Acontece que eu realmente não o conhecia.

– Queria ter trazido pipoca – disse Tyrius, contorcendo a boca. – Isso é um assunto bem pesado.

Eu não estava a fim de ser arrastada para o drama fadas-vampiros, mas não podia simplesmente me virar e ir embora. Eu não tinha decidido se queria aceitar o trabalho. Querendo ou não, a conversa poderia fornecer algumas informações valiosas sobre o caráter do vampiro e da rainha.

– Stefan é um dos seus, não é? Um dos seus peões? – acusou Danto, inclinando-se ligeiramente para a frente com os dedos dos pés espalmados no chão de terra. – Quantas Cortes de Vampiros você tem subornado ao longo dos anos? Corrompendo e manipulando suas mentes com suas mentiras? Dez? Cem? Seus esforços para matar e contaminar vidas sempre foram para adquirir mais poder para si mesma. – A mandíbula de Danto se contraiu com força. Seus punhos estavam fechados. – Você queria afundar suas garras nas Cortes dos Vampiros. Queria controlá-las. Oros sabia disso. Ele sabia o que estava tentando fazer. É por isso que ele mudou os votos e me tornou o líder dos vampiros.

– Você não é o líder de nada – sibilou a rainha. – Nem você e nem aquela vadia nascida-anjo que você exibia por aí. Você é uma vergonha para

sua raça. Traz vergonha ao Tribunal de Nova York.

As feições de Danto enrijeceram e, sem aviso, seus olhos escureceram. Merda. Ele estava colocando o lado vampiresco dele para fora. Meu sangue pulsava em minhas veias. Se o cara fizesse alguma coisa, se atacasse, estávamos todos mortos.

– Danto – pressionei, e acrescentei calmamente, – não faça nada estúpido. Não é por isso que estamos aqui, não é para isso que você veio. Lembra? Você veio por mim. Danto?

Isobel riu.

– Dê-me um bom motivo para não o destruir agora mesmo, vampiro. Ninguém vai se importar se eu acabar com sua vida. Estarei fazendo um favor às Cortes de Vampiros.

Seus dentes pontiagudos brilharam quando ela deu a ele seu sorriso de cobra.

– Ah, Rowyn. – O pânico na voz de Tyrius chamou minha atenção. – O vampiro está prestes a explodir.

Com certeza. As presas e as garras de Danto estavam para fora. Eu não podia confiar que ele conseguiria manter a calma nessa situação. Se eu não fizesse nada, nós acabaríamos sendo um bolo de carne para as fadas.

Respirei fundo e olhei para cima para me dirigir à rainha.

– Isso tudo é muito informativo, mas eu não vim aqui para ouvir sobre o seu drama. – Minha voz ecoou de forma tão clara por toda a câmara que parecia que eu estava gritando. – Eu tenho que concordar com meu amigo, o vampiro – falei, olhando para Danto.

Seus olhos ainda estavam negros, mas, felizmente, eu vi unhas, não garras, nas pontas de suas mãos. Agora, seu corpo parecia mais relaxado.

– Você é uma fada – eu disse enquanto voltava meus olhos para a rainha. – Por que suas fadas não cuidam disso? Por que eu?

A mulher se recostou no sofá e cruzou as pernas lentamente, esquecendo seu confronto com o vampiro enquanto sua atenção total estava voltada para mim.

– Porque elas falharam. – A rainha lançou um olhar sombrio na direção de Daegal. – É por isso que você está aqui, Rowyn Sinclair. Porque preciso de você. Você é minha última esperança de encontrar o assassino do meu filho. E então, Caçadora – seu lábio se curvou para trás, revelando caninos muito afiados, o que me deu arrepios enquanto eu olhava em seus olhos

negros –, nós temos um acordo? Vai me ajudar a encontrar o assassino do meu filho?

Senti como se algo apertasse meu peito enquanto analisava suas palavras, procurando por armadilhas e brechas em sua fala. Porém, tudo parecia certo.

– O que você quer fazer, Rowyn? – perguntou Tyrius. Sua expressão preocupada apertou meu peito. – Quer fazer isso ou não? Você não precisa dizer sim. Encontraremos outra maneira de conseguir esses vinte mil. Todos nós podemos sair agora e esquecer que já conhecemos a Fada dos Dentes – ele acrescentou alto o suficiente para Sua Majestade ouvir. Eu amava aquele gato idiota.

Não, eu não precisava dizer sim, mas com a data do pagamento se aproximando, sabia que este trabalho era minha melhor chance de salvar a casa da minha avó. Procurar uma única fada não parecia tão ruim. Inferno, parecia até fácil demais.

– E o pagamento?

Eu não ia caçar uma fada para Sua Majestade sem algum tipo de pagamento. Eu não era idiota.

A rainha levantou a mão e gesticulou para seu comandante dos Flechas Negras.

– Dê a Daegal os detalhes da sua conta bancária. Nós lhe enviaremos dez mil esta noite. Manterei a outra parte como garantia. Você a receberá quando me trouxer Ugul.

– E se eu não conseguir encontrar sua fada... você enviará os Flechas Negras atrás de mim? – perguntei, lembrando das histórias que minha avó me contara sobre os nascidos-anjo que iam para Elysium e nunca mais eram vistos. Também ouvi dizer que o lugar era cheio de Rifts, portais demoníacos que se abriam e sugavam você para o Submundo.

A rainha suspirou, visivelmente reprimindo seu aborrecimento.

– Eu nunca faria isso, sua boba – ela ronronou, o que fez eu me arrepiar.

– E antes que você pergunte, poderá ficar com os dez mil pelo seu trabalho.

– Nunca é tão fácil assim – retruquei.

Já tinha sofrido minha cota de clientes insatisfeitos quando as coisas não saíam do jeito que queriam. Geralmente, eles pediam seu dinheiro de volta.

– É sim – disse a rainha. – Você tem minha palavra.

Certo. Como se isso significasse alguma coisa para mim. Como eu poderia confiar em uma fada com uma coroa de dentes humanos na cabeça?

Não podia. Contudo, eu confiava minha vida a Tyrius. Quando ele deu um leve aceno de cabeça, eu soube que a mulher estava sendo sincera – ou, pelo menos, ela achava que estava.

– Você receberá seu dinheiro – disse a rainha. – Eu vou confiar em você para cumprir sua parte do acordo, Caçadora. Você é altamente recomendada na comunidade.

Desviei meus olhos para Daegal e me encolhi quando percebi que ele estava me encarando o tempo todo. Seu pequeno sorriso fez meu rosto queimar. O bastardo estava me desafiando a dizer sim, como se ele pensasse que eu estava com medo de aceitar o trabalho. De jeito nenhum. Eu não tinha medo de fada alguma.

– Então? – a rainha Isobel questionou enquanto cutucava as unhas. Diante da visão, um sinal de alerta ressoou em minha mente. – Você aceita? Vai me trazer Ugul?

Meu pulso acelerou com a ideia do que eu estava prestes a fazer. Eu? Caçando uma fada? Eu odiava fadas.

Olhei para Tyrius uma última vez antes de dizer:

– Temos um acordo. Vou encontrar sua maldita fada.

CAPÍTULO 7

Tyrius estava deitado de costas na minha cama, com as patas abertas para cima, expondo sua barriga. Tínhamos passado a maior parte da noite e o início da manhã examinando o metrô de Manhattan e os mapas da ferrovia Amtrak, procurando alguns pontos de entrada que nós sabíamos que existiam, especialmente um no viaduto da Riverside Drive. Elysium era uma enorme rede de corredores, motivo pelo qual nós dois estávamos cansados e mal-humorados quando o sol nasceu e lançou seus raios amarelos pela janela da minha cozinha, banhando a caixa de pizza vazia.

De repente, Tyrius começou a resmungar.

– O que é agora? – perguntei, tirando meus olhos dos mapas na tela do meu laptop e piscando para aliviar a queimação nos olhos que sempre sentia quando olhava por muito tempo e muito perto de uma tela. – Bola de pelo?

A cabeça do gato siamês pendeu para o lado.

– Eu me sinto gordo.

Soltei um suspiro exasperado e sacudi a cabeça.

– Você deveria ter pensado nisso antes de comer quatro fatias de pizza. Afinal... para onde tudo isso vai... nesse corpo minúsculo?

O gato se levantou com um salto e o rabo esticado.

– Realmente quer que eu diga?

– Um pé no saco, é isso o que você é – resmunguei, enxugando os olhos e sentindo uma dor na nuca. – Por onde quer começar a procurar? Esse Ugul pode estar em qualquer lugar.

Depois de deixar a Torre Sylph e Sua Fada Real, Tyrius me fizera prometer levá-lo comigo em minha caçada. Porém, quando me virara com expectativa para Danto, ele parecera apenas querer distância de nós. O

vampiro foi embora sem se despedir. Sem dúvida, ele estava envergonhado por termos ouvido as palavras da rainha, que pintaram um quadro muito diferente do meu amigo vampiro, um mais misterioso.

Um desconforto brotou em meu peito enquanto eu observava o sujeito desaparecer na noite. Era estranho como as coisas haviam mudado. Eu realmente me preocupava com o vampiro sugador de sangue. Quem diria que eu era tão sensível? Talvez eu estivesse perdendo a cabeça. Ou talvez minha percepção tivesse mudado agora que sabia que Danto e eu tínhamos algo em comum: nós dois tínhamos essência demoníaca correndo em nossas veias. Além disso, algo na forma como seus olhos haviam brilhado de dor e de traição me deixou preocupada.

Eu sabia sobre as Cortes de Vampiros e como elas eram governadas, mas nunca ouvira falar do vampiro Oros. Acho que foi antes do meu tempo. Se alguém podia ficar mais entediado que tudo com a política dos nascidos-anjo ou híbridos, esse alguém era eu. Porém, se o que a rainha dissera era verdade, Danto era excluído de sua própria espécie, assim como eu.

Os vampiros não aceitariam isso por muito tempo, especialmente se acreditassem que ele os enganara. Mais cedo ou mais tarde, Danto seria caçado e morto.

– O que você sabe sobre esse vampiro Stefan? – perguntei enquanto me recostava na cadeira.

Tyrius parou de se limpar e me encarou com os olhos se estreitando.

– Que ele é um sem vergonha de primeira. O cara se diverte bebendo o sangue de virgens antes de quebrar seus pescoços.

– Legal – eu disse, afastando um arrepio.

– E se ele está indo pra a cama com a doce rainha das fadas da Corte das Trevas, é ainda pior. Somente o verdadeiro mal tomaria o partido daquela cadela híbrida louca. – O rabo do gato se levantou. – Se eu fosse chutar, diria que ela tentou e falhou em conseguir os votos para Stefan. Isobel provavelmente está planejando substituir Danto por Stefan neste exato momento. É uma pena, mas os dias do vampiro melancólico estão contados.

– Por quê? – perguntei, acordando subitamente. – O que ela ganha com isso?

Tyrius deu de ombros.

– Coisa boa não é. As fadas e os vampiros sempre foram inimigos jurados. Eu nunca ouvi falar de nenhum grupo ou clã das diferentes raças trabalhando juntos. Acho que estamos deixando algo passar.

– Concordo, mas não temos tempo para entrar em detalhes agora. – Afundei na cadeira, pensando no café e em como seria gostoso senti-lo descer goela abaixo. – Não há mapas de Elysium? – perguntei, bocejando. – Talvez Bemus e Mani possam ter um? – Empurrei a cadeira para trás e fui em busca de café na minha cozinha.

– Não existem mapas de Elysium – miou Tyrius. Sua língua rosa se movia enquanto ele limpava sua pata dianteira direita.

– Por que não? – Virei-me com uma colher de pó de café na mão. – Isso parece um pouco estranho... até mesmo para nós.

– Particularmente, acho que é porque ninguém nunca se preocupou em fazer um – disse o gato. – Contudo, pode ter algo a ver com o fato de o lugar estar sempre mudando. Novos túneis continuam surgindo. Passagens aparecem e desaparecem, é um lugar amaldiçoado. É como um labirinto com vida própria.

– Que ótimo. Por que tenho a sensação que me ferrei?

Seus olhos se arregalaram.

– Você está fazendo café? – Com um único salto, Tyrius pulou no balcão da cozinha e caminhou até mim. Ele levantou uma sobrelha enquanto se sentava ao lado da máquina de café. – É orgânico? Você sabe o que os pesticidas fazem com meu pelo.

Assenti.

– Sim, quero dizer, não, Tyrius. Você sabe o que acontece quando toma café. Você se transforma. Já vi gatos sob o efeito de catnip, mas você depois de tomar café... é como uma *centena* de gatos sob o efeito de catnip. Lembra o que aconteceu da última vez? O Padre Thomas teve que jogar água da mangueira em você para evitar que arruinasse o jardim dele.

– Como posso esquecer? – murmurou Tyrius. – O padre me pregou na parede com a força da água de sua mangueira. Espera, isso soou meio obscuro. Ah, qual é. Apenas um gole. Pela minha honra de baal, prometo que não vou enlouquecer. – Ele colocou a pata direita na testa. – Além disso, eu preciso de um pequeno estímulo. Nós passamos a noite toda nisso. Eu mereço um pouco de café.

– Você é um falastrão, mas um bonitinho – eu ri enquanto despejava a água na máquina e adicionava o café. Em seguida, apertei o botão de ligar. O cheiro era inebriante, ele me despertou apenas com seu aroma.

– Dizem que Elysium é a porta mais próxima do Submundo – continuou o gato enquanto olhava o café pingar na caneca de vidro. Juro que pude ver

baba se formando nos cantos de sua boca. – E quando digo mais próxima, quero dizer ao lado dele, onde os planos dos dois mundos se encontram. É por isso que se você abrir uma porta, ela pode muito bem ser sua última, já que os demônios do Submundo podem estar esperando do outro lado para puxá-la para dentro.

Credo. E eu estava indo lá.

Eu não era claustrofóbica, mas a ideia de estar no subsolo em um espaço apertado, sem saber para onde estávamos indo no labirinto amaldiçoado, com demônios e híbridos espreitando nas sombras, fez minha pressão subir.

Depois de servir uma pequena quantidade de café em uma pequena xícara, coloquei-a na frente de Tyrius. Meus pensamentos se voltaram para Jax quando olhei para o meu celular no balcão e senti uma pontada em meu coração. Um fio de calor subiu do pescoço para o meu rosto quando me lembrei de seu beijo, de sua mandíbula quadrada, de seu peito musculoso quase sem pelos, daqueles malditos lábios novamente...

Estava sendo uma idiota, fiquei com raiva de mim mesma por me *permitir* pensar nele.

– Para de ficar emburrada. Isso não combina com você.

Tirei os olhos do meu celular para encontrar Tyrius olhando para mim. Seus bigodes brancos estavam manchados de marrom.

– Eu não estou.

Mentirosa. Mentirosa. Mentirosa.

Tyrius fez um som com sua garganta. Seus olhos exibiam uma descrença divertida enquanto ele lambia os lábios.

– Certo. Você só está brava porque gosta dele e ele não ligou de volta.

– Eu não gosto dele.

Eu queria me socar. Não ter notícias dele deixou um vazio doloroso em minha alma que nunca esteve lá antes. Eu nunca me apegava aos caras, nunca baixava a guarda, nunca me deixava apegar, porque, quando me apegava, as coisas ficavam complicadas. E eu odiava coisas complicadas. Eu não tinha tempo para complicação. Minha vida já era difícil o suficiente. Não há necessidade de adicionar mais drama. Então, o que estava acontecendo comigo?

– Você gosta dele – repetiu Tyrius. – E eu nem preciso ser um demônio baal para saber que está mentindo. Eu sei só de olhar para o seu rosto, está todo vermelho.

Mordi o lábio enquanto mais ondas de calor se espalhavam por todo o meu rosto, sabendo que eu provavelmente parecia um maldito tomate.

– Esquece isso, Tyrius. Estou muito cansada.

– E ele beijou você. Isso deve estar mexendo com essa sua cabeça. – Os olhos de Tyrius brilharam. – Estou começando a sentir os efeitos do café.

Eu sacudi a cabeça.

– Pensei apenas que ele fosse meu amigo. Só isso, agora, eu não tenho tanta certeza.

Ouvi uma batida na porta da frente.

Estremeci. Com o coração batendo forte, girei para olhar a porta enquanto me afastava lentamente do balcão.

– Você está esperando companhia? O Padre Thomas, talvez? – sussurrou Tyrius.

Quando olhei para o gato, ele estava começando a tremer com os efeitos do café, parecia que estava prestes a se transformar no Hulk. *Ótimo. Isso é tudo que eu preciso agora, um baal gigante dopado com cafeína.*

– Não – murmurei, puxando minha lâmina da alma. Fui até a porta na ponta dos pés.

As dobradiças da porta balançavam enquanto alguém batia várias vezes. Eu duvidava que fosse um demônio ou um híbrido. Eles *nunca* batiam. Ficou claro, pelas batidas estrondosas, que quem quer que fosse, estava impaciente.

Envolvendo minha mão ao redor da maçaneta, abri a porta e apontei minha lâmina da alma para um par de óculos cor de rosa cravejados de uma mulher gorda de vinte e poucos anos. Seus olhos azuis e redondos estavam cheios de medo.

Baixei minha lâmina.

– Pam? O que você está fazendo aqui?

Dei um passo para o lado para deixá-la entrar e fechei a porta atrás de mim. Eu não tinha ideia de que os nascidos-anjo sabiam onde eu morava. Pam tinha uma marca de nascença em forma de R em seu antebraço, ela era da Casa Raphael, a casa de nascidos-anjo que formavam curandeiros e médicos. A mulher era tão inteligente quanto eles.

– Eu sei. Eu sei. Lamento aparecer tão cedo na sua porta assim – disse Pam, um pouco sem fôlego ao entrar na minha sala. – Eu só... não sabia mais o que fazer.

Franzi a testa ao ver seu rosto corado e a preocupação em seu tom. Seu cabelo ruivo estava puxado para trás em um coque bagunçado, exibindo suas bochechas rosadas. Ela vestia um jaleco branco em torno de sua cintura grossa, o que me fez pensar se ela tinha saído com pressa ou se jalecos eram sua roupa habitual.

– Pam! – Tyrius saltou do balcão e correu até ela, seu rabo estava levantado enquanto ele esfregava o rosto nas pernas dela repetidamente. – Ah... o cheiro de formol.

A mulher exibiu uma expressão de preocupação.

– Qual é o problema dele? – Ela se ajoelhou e começou a examinar a cabeça e os olhos do gato, até mesmo abrindo sua boca e verificando seus dentes.

Embainhei minha lâmina.

– Café.

Pam apenas olhou para mim, mas não disse nada quando Tyrius tombou e expôs a barriga. Ele começou a ronronar alto assim que os dedos dela roçaram no seu pelo. O rosto da nascida-anjo abriu um sorriso. Eu não tinha certeza de quem estava se divertindo mais: Pam ou o baal.

Soltei um suspiro exasperado.

– Pam? O que está acontecendo?

– É Jax – disse ela, seus dedos acariciando gentilmente o pelo de Tyrius como se ele fosse o último gato na terra. – Não tenho notícias dele há mais de três semanas. Sempre mantemos contato. Nós fizemos uma promessa quando éramos pequenos que cuidaríamos sempre um do outro, não importa o que aconteça.

– O que lhe dá a impressão de que algo está errado? – perguntei, ouvindo um tom de medo na minha voz que esperava que ela não percebesse.

Com um esforço, Pam se endireitou, deixando Tyrius de patas abertas aos seus pés, parecendo um gato morto. Ela empurrou os óculos no nariz oleoso com um dedo trêmulo.

– Porque – a mulher disse, com seu rosto confuso – ele não retornou nenhuma das minhas ligações ou mensagens de texto. Isso nunca aconteceu antes.

Uma tensão recaiu sobre mim ao saber que Jax não estava apenas me ignorando. Contudo, ela foi imediatamente substituída por um aperto no peito gerado pelo medo e pela preocupação inconstantes no rosto de Pam.

Quando passei meus olhos sobre suas roupas e seu cabelo, tive a impressão de que ela tinha dormido com elas nos últimos dias ou não tinha dormido nada.

O olhar de Pam ficou intenso.

– Algo está errado. Posso sentir isso em meus ossos.

– Então, o que você quer que eu faça? – perguntei, sem entender completamente o que ela esperava de mim. – Eu também não tenho notícias dele. Sem falar que você é uma das amigas mais próximas de Jax.

Um lampejo de esperança brilhou em seus grandes olhos redondos e, naquele momento, eu soube o que ela queria de mim. Fui para a cozinha e encostei no balcão.

– Você quer que eu o procure, não é?

Um suspiro alto de alívio relaxou os ombros de Pam.

– Você faria isso, Rowyn? – Seus olhos estavam brilhantes e cintilantes. Ela piscou rapidamente. – Isso significaria muito para mim.

Como eu poderia dizer não depois disso?

– Claro. – Olhei para Tyrius, que me ignorava completamente. Toda sua atenção estava voltada para Pam.

Ia ficar corrido. Eu não poderia sacrificar mais do que algumas horas para encontrar Jax. O prazo do banco terminava em cinco dias, então, postergar as coisas, mesmo que por apenas um dia, seria problemático. Ainda assim, eu também queria descobrir o que estava acontecendo com Jax e, agora, eu tinha uma desculpa. Não estava fazendo isso por mim, estava fazendo pela Pam. *Tá bom.*

– Bem, já que você o conhece melhor do que todos nós – eu comecei –, onde acha que eu devo começar a procurar?

Eu era uma Caçadora, um demônio e uma Caçadora híbrida, mas não uma investigadora particular. Meu trabalho era matar entidades demoníacas. Todavia, havia realmente uma diferença entre rastrear uma fada e rastrear um nascido-anjo?

– Tente a casa dos pais dele. – Os ombros de Pam ficaram tensos e seu alívio repentino foi substituído por uma expressão mal-humorada. – Eu mesmo iria, mas...

Isso chamou minha atenção.

– Mas o quê?

O rosto dela ficou pálido quando desviou o olhar e olhou para o chão.

– A mãe dele me odeia. Na última vez que fui ver Jax, ela fechou a porta na minha cara.

Observei a dor e o constrangimento no rosto de Pam e senti minha raiva aumentar. Eu não conseguia imaginar alguém sendo tão desagradável com a nascida-anjo. Ela tinha uma alma doce, boa e gentil. Como alguém poderia tratá-la dessa maneira? Agora eu realmente queria conhecer essa mulher.

– Parece que ela é uma vadia – miou Tyrius, que parecia ter se recuperado de seu coma induzido por cafeína enquanto se sentava.

– Jax mora com seus pais?

Achei estranho que um homem de sua idade, embora jovem, ainda morasse na casa dos pais, mas os nascidos-anjo não eram como os humanos normais. Tinha ouvido falar de famílias que compartilhavam suas casas com seus filhos e seus netos – já que eram grandes o suficiente para caber todos.

Sacudindo a cabeça, Pam mordeu os lábios e disse:

– Não. Ele tem sua própria casa em Parks Hollow, mas eu já verifiquei lá. O porteiro disse que não o vê há semanas.

– Talvez ele esteja de férias na Europa – sugeri. – Jax não tem família em algum lugar da França?

Os óculos da nascida-anjo escorregaram do nariz enquanto ela sacudia a cabeça.

– Ele sempre atende minhas ligações, mesmo quando está no exterior ou fora da cidade. Isso é diferente. – Ela tirou os óculos e esfregou os olhos. – Às vezes, quando ele pensa na irmã – ela acrescentou, colocando os óculos de volta –, quando ele não está bem, vai para a casa dos pais.

De repente, o rosto da mulher ficou dois tons mais escuros.

– Eu sinto muito. Você deve pensar que eu sou uma idiota. Eu sei. Eu sei. Estou pensando demais nisso. Jax é um guerreiro habilidoso. Tenho certeza de que ele está bem, mas... é que... estou preocupada com ele. Isso é tudo. – Ela encontrou meus olhos. – Algo está errado, Rowyn. Sei disso.

Estendi o braço, agarrei a mão dela e a apertei, surpreendendo a mim mesma com o gesto.

– Não se preocupe – falei, sentindo os olhos de Tyrius em mim enquanto soltava sua mão. – Vou achá-lo. E tenho certeza de que não aconteceu nada. Talvez ele só precisasse de algum tempo para esfriar a cabeça depois de tudo o que aconteceu.

– A morte de Cindy provavelmente trouxe algumas memórias sombrias e dolorosas de sua irmã – disse Tyrius. – Isso afetaria qualquer um.

Pam assentiu. Seus olhos ficaram sem vida e seu rosto empalideceu.

– É isso que me preocupa. – Ela engoliu em seco como se estivesse se preparando para o que estava prestes a dizer. – A última vez em que conversamos, Jax disse que sabia... quem matou Gillian. – Seus olhos estavam fixos nos meus e seus lábios tremiam. – Isso é verdade?

Droga. Eu podia ver que a nascida-anjo desejava que não fosse. Eu tinha visto o quão desesperado Jax estava para encontrar o assassino de sua irmã e, agora com o nome do demônio, eu sabia que ele poderia fazer algo estúpido. Algo muito, muito estúpido. Como ir atrás dele. *Sozinho*.

Tyrius se mexeu nervosamente. Sua cauda se contorcia atrás dele e eu sabia que ele estava pensando a mesma coisa.

Jax foi atrás do demônio rakshasa. Droga.

– Sim, é verdade – eu disse suavemente, esforçando-me para continuar olhando para ela quando vi o pânico em seus olhos. – O demônio Degamon nos deu seu nome. Strax. Ele é um demônio rakshasa, exatamente como eu pensava.

O rosto de Pam empalideceu. Ela assentiu solenemente.

– Eu me lembro. Eles são os demônios que se transformam, alimentam-se das almas dos jovens e oferecem o coração de suas vítimas como sacrifício ao seu mestre.

– Esses mesmos – disse Tyrius.

A nascida-anjo ficou quieta, muito quieta. A dor e o medo brilhavam em seus olhos azuis. Suas pernas tremeram e, por um momento horrível, pensei que ela estava prestes a desmaiar.

Pam jogou as mãos para o alto, fazendo Tyrius pular.

– Ele foi atrás do demônio! O idiota foi atrás dele! – Ela saltou para frente e agarrou meus ombros mais rápido do que eu pensava ser possível para alguém do tamanho dela. – Rowyn! – A mulher me sacudiu. – Você tem que encontrá-lo.

Seus olhos estavam marejados e eu via que ela estava tentando controlar suas emoções. Contudo, seu medo era visível.

– Ele não está pensando com clareza. Temo por ele. Eu sei do que Jax é capaz quando está assim. Tenho medo do que ele possa fazer.

O medo embrulhou meu estômago quando me lembrei de como Jax estava enlouquecido no V-Lounge, o clube de vampiros. Eu sabia com que

facilidade ele podia perder o controle quando se tratava de demônios e de híbridos; como o cara poderia se perder naquela fome de vingança pela morte de sua irmã.

Os demônios rakshasa eram cretinos traiçoeiros muito mortais. Eu nunca tinha matado um, mas sabia que eles eram raros e extremamente difíceis de rastrear e de matar.

Um calafrio percorreu minha espinha. Fazia meses desde que eu tinha visto Jax pela última vez. Porém, não foi apenas o demônio rakshasa que apertou meu peito, fazendo até mesmo eu esquecer de respirar.

Havia também o domínio do demônio Superior Degamon sobre o nome de Jax. Meu sangue gelou. Com o nome do nascido-anjo, o demônio teria total controle sobre ele. Sem os feitiços, amuletos e pingentes de proteção adequados, Jax era uma marionete. Eu tinha lido como fazer isso no grimório da bruxa das trevas, mas nunca tive a chance de dizer ao homem como se proteger, já que ele não retornara minha ligação.

E se Jax não fosse mais Jax?

Jax... o que diabos você fez?

Respirei, exalando longa e lentamente, e senti os olhos de Tyrius em mim. Ele provavelmente sabia o que eu estava prestes a dizer antes mesmo que eu dissesse. Na minha profissão, ser mole significava a morte. Quando comecei o negócio de caça, fiz uma promessa a mim mesma de nunca misturar assuntos pessoais com o trabalho e nunca me envolver pessoalmente com ninguém no trabalho. As mortes eram comuns na minha profissão e eu não conseguiria lidar com a perda de alguém importante sem me comprometer emocionalmente. Não depois de perder meus pais. Eu não ia passar por isso de novo. Nunca mais.

O problema era que eu podia não estar envolvida, mas estava apegada.

Droga. Eu me importava com o idiota. A rainha das fadas teria que esperar. Eu não ia abandonar Jax para um futuro incerto como animal de estimação de um demônio – ou pior.

O pânico começou a tomar conta da minha mente e eu me forcei a respirar.

– Não se preocupe, Pam – falei, vendo seus ombros relaxarem brevemente. – Vou encontrá-lo. Eu prometo.

Só espero que não seja tarde demais.

CAPÍTULO 8

Eu tinha certeza de que os ricos *nunca* pegavam o ônibus.

Tyrius e eu tivemos que fazer uma longa caminhada pela Maplehurst Road, já que a parada mais próxima da casa dos pais de Jax ficava a três quilômetros de distância. Quer dizer, eu caminhei enquanto Tyrius cavalgava em meus ombros, comentando sobre as plantas, os jardins floridos, as calçadas pavimentadas e os gramados bem cuidados.

– Ah, meu Deus. Olha, uma cerca-viva de rosas trepadeiras! Deve ter custado uma fortuna. Elas não têm um cheiro divino? – exclamou Tyrius, seus bigodes fazendo cócegas na minha bochecha.

– Na verdade, não.

Eu gostava de rosas, realmente gostava. Só não estava no clima de falar de jardinagem com um demônio baal. Eu estava cansada, quebrada. Meu coração não parara de martelar no meu peito desde que Pam saíra do meu apartamento, duas horas atrás. Minha mente era uma batalha constante. Havia tanta dor, desespero, culpa e medo. Mordi meu lábio inferior, pesando os riscos do que estava prestes a fazer por me envolver tanto e esperando sentir qualquer grão de medo ou de emoção.

Tentei dormir um pouco após a partida da nascida-anjo, mas estava tão ligada com os pensamentos em Jax e no demônio Degamon que o sono não veio.

Era culpa minha que Degamon tinha o nome de Jax. *Invoquei* o demônio pensando ser mais esperta do que ele, acreditando ter vantagem com o nome do seu invocador. Acontece que eu estava errada. A bruxa das trevas Evanora Crow não tinha invocado o demônio. O arcanjo Vedriel tinha. Eu não esperava por isso, e por causa da minha tolice, provavelmente

arruinei a vida de Jax. Eu tinha praticamente assinado sua sentença de morte e o matado. Que ótimo.

Cerrando os dentes, subi a rua mais rápido. Minhas coxas pulsavam com uma energia alimentada pelo medo e pela culpa. O medo era a arma mais poderosa de todas... e eu o odiava. Eu tinha que consertar as coisas.

O temor me alimentou com uma onda de adrenalina, facilitando a minha subida, era como se eu estivesse pulando. Meu rosto queimava. Amaldiçoei Jax por ele atravessar meus escudos mentais com o beijo que me dera. Reforcei os escudos enquanto subia a rua.

– Você está bem? – Senti o hálito quente de Tyrius na lateral do meu pescoço. – Está quieta. Quando está chateada com alguma coisa, você desliga. No que está pensando, Rowyn? Olhos verdes... ombros fortes... lábios carnudos?

– Estou bem – menti. – Eu só quero acabar com isso para que eu possa me concentrar em encontrar a fada. Você sabe, o trabalho remunerado. Aquele que vai salvar a casa da vovó?

– Certo. E eu sou um cupido peludo.

Fiz uma careta, tentando apagar aquela imagem da minha mente.

Tyrius transferiu o peso em meus ombros.

– O que faremos se ele não estiver lá?

Minhas botas batiam na calçada de cimento que brilhava como se fosse feita de granito.

– Acho que vamos ter que procurar o demônio rakshasa. É a única pista que temos. A menos, é claro, que os pais dele saibam de alguma coisa.

– E isso se eles estiverem dispostos a compartilhar – disse o gato. – Você ouviu o que aconteceu com Pam.

O sol da tarde estava alto no céu, brilhando enquanto subíamos. O vento frio de setembro soprou meus cabelos e refrescou meu rosto quente. Assim que chegamos ao topo da rua, havia menos casas. Elas ficavam maiores, com longas calçadas que serpenteavam em torno de grandes lotes. Não eram casas normais, eram mansões.

Tyrius praguejou.

– Caramba. Vale a pena ser parte anjo, não é? Quanto a Legião paga para vocês? Apenas os chefes do Submundo têm propriedades como esta e só se eles puderem ficar no topo do negócio das almas.

– Negócio das almas?

– Almas mortais são como dinheiro no Submundo – disse o gato. – Quanto mais você tem, mais poderoso é.

Fiz uma careta, incapaz de colocar as palavras na minha boca. Meus olhos pousaram em uma casa de tijolos vermelhos com altos pilares romanos na entrada. Fiquei imaginando como devia ter sido crescer em um bairro como esse. Provavelmente incrível.

– Qual é a casa de Jax? – perguntou Tyrius depois de um momento.

Olhei a propriedade à nossa frente, rodeada por campos verdes. Era uma mansão Tudor de dois andares estabelecida em torno de um pátio central. O terreno era emoldurado por bosques com vista para um grande lago alimentado por uma nascente, ocupado por gansos canadenses e uma grande garça-azul.

Apontei para a casa Tudor.

– Aquela.

Minha admiração poderia ter substituído meu medo se eu tivesse algum espaço para essa emoção, mas eu não tinha.

– Você tem certeza de que é aqui que os pais de Jax moram? – perguntou Tyrius. Sua voz tinha um tom de espanto e de choque.

Olhei meu celular, verificando a mensagem de Pam.

– Esse é o endereço que Pam me deu. – Sorri. – Fecha a boca antes de engolir uma mosca.

Tyrius bufou e saltou dos meus ombros, aterrissando graciosa e silenciosamente no chão.

– Não há nada de errado em engolir um lanchinho de proteína.

Meu pulso acelerou enquanto atravessávamos a rua e nos dirigíamos para a elegante casa Tudor. Minhas botas estralavam no acesso de cascalho que separava um jardim de roseiras, de lírios e de árvores de bordo altas antes de levar para as portas principais da casa.

Nenhum carro estava estacionado na garagem quando me aproximei das enormes portas duplas. Tyrius estava próximo aos meus calcanhares. Apertei a campainha em formato de uma cabeça de leão. Em outra ocasião, eu teria levado alguns minutos para admirar os jardins e a arquitetura da casa, mas, no momento, a tensão se manifestava em meu corpo na forma de uma dor de cabeça latejante.

– Pare de se mexer, isso faz você parecer nervosa – disse Tyrius, soando como minha avó.

Olhei para ele.

– Não estou nervosa.

– Hum, Rowyn?

– Eu não estou me mexendo! – sibilei.

O gato arqueou uma sobrancelha enquanto olhava para meus quadris.

– Você acha que é sábio trazer uma lâmina da morte, a espada que *mata* anjos, para uma casa de nascidos-anjo?

Empalideci.

– Merda.

Revirei-me sentindo um pânico enquanto tirava minha lâmina da morte do cinto de espadas. Senti um aperto no peito enquanto me virava e desesperadamente lançava um olhar ao redor para encontrar um lugar onde eu pudesse escondê-la. Ali. Pulei na direção do grande vaso de cerâmica verde em que *impatiens* brancas e gerânios vermelhos transbordavam e enfiei minha lâmina da morte no solo até que ela estivesse coberta.

– Pronto, isso deve ajudar – falei, dando um passo para trás e colocando minhas mãos em meus quadris assim que as portas da frente se abriram.

Um homem apareceu na soleira e eu fiquei paralisada. Esperava ver a mãe de Jax. Eu tinha preparado mentalmente uma frase inteligente caso ela tentasse bater a porta na minha cara. Contudo, era um homem. Ao ver seus cabelos e olhos escuros, bem como sua aparência dura, algo me disse que ele não era o pai de Jax.

O sujeito era muito alto. Eu precisava arquear minha cabeça para trás para vê-lo por inteiro. Cabelos brancos eram visíveis em suas têmporas, marcando seu cabelo preto opaco, que era curto, mas sem estilo. Ele exibia confiança. Seu rosto levemente enrugado possuía um longo nariz de falcão e uma cara fechada. O homem usava uma calça cinza com uma camisa preta social, que servia perfeitamente nele. Através da gola de sua camisa, avistei uma marca de nascença em forma de P. O selo do Arcanjo Miguel. Ele era da Casa Miguel, assim como Jax.

– Sim? – indagou o desconhecido com uma voz ligeiramente zombeteira.

Tyrius riu.

– É impressão minha ou acabamos de entrar em um episódio de *Downtown Abbey*? Ele é um pouco carrancudo para um mordomo, mas quem sou eu para julgar?

O cigarro e o isqueiro em sua mão me diziam o contrário. O homem abaixou as sobrancelhas em aborrecimento. Talvez ele fosse um membro da

família ou um amigo? O sujeito passou os olhos sobre mim *muito* lentamente, suas sobrancelhas subindo centímetro por centímetro.

– Quem é você?

– Ela é a Mãe dos Dragões – entoou Tyrius – e eu...

– Meu nome é Rowyn, Rowyn Sinclair – falei rapidamente, antes que o gato o fizesse bater a porta na nossa cara.

Uma leve mexida em suas sobrancelhas me disse que ele ouvira falar de mim.

– Estou procurando Jax. Ele está aqui? – Levantei a cabeça tentando ver além dos ombros largos do homem, mas tudo o que vi foram painéis de madeira.

O olhar do nascido-anjo era frio e intenso. Seus olhos eram castanhos escuros, quase pretos e, quanto mais eu olhava, mais percebia que ele não estava piscando. *Isso* era assustador.

Odiei o sorriso que ele deu com seus lábios finos, dizendo:

– Rowyn Sinclair. A Caçadora. Ouvi *muito* sobre você. E não foram coisas boas. Muitas coisas loucas são ditas ao seu respeito.

– Bem, sou especialista em loucura. – Encontrei o olhar frio do homem enquanto Tyrius bufava. – Jax está aqui? Sim ou não?

Ele se inclinou contra a soleira e gesticulou com a mão.

– Ele está aqui. Você pode esperar na sala enquanto eu o chamo.

Soltei a respiração que não percebi estar prendendo.

– Ele está aqui? *Aqui...* nesta casa?

Meu coração martelava em meu peito. *Jax está vivo!*

– Sim, foi o que eu disse – respondeu o homem, pronunciando cada palavra como se estivesse falando com uma criança pequena.

O alívio fez meus joelhos tremerem. Eu lutei para não exibir minhas emoções. Jax estava aqui. Ele estava vivo e seguro. Porém, por que ele não ligara? Por que não entrara em contato com Pam?

Sorri para Tyrius e segui adiante.

O sujeito esticou o pé, bloqueando a entrada.

– O demônio baal não. A Sra. Spencer é alérgica. Ela não vai querer vê-lo em casa. Só você.

Explodi de raiva e fiquei tentada a chutar seu pé para tirá-lo do nosso caminho.

– Somos uma equipe. Ele vai aonde eu vou.

O homem enrijeceu de repugnância.

– Aqui não. Como eu disse, nada de *animais*.

Tyrius mostrou ao homem alto seus pequenos dentes pontiagudos.

– Prometo que não vou soltar pelos.

O nascido-anjo o ignorou.

– Você pode esperar do lado de fora ou entrar sem o demônio. A escolha é sua.

Resolvi esperar do lado de fora, mas Tyrius roçou na minha perna, interrompendo minha resposta.

– Tudo bem – disse o gato secamente, então, olhou para mim. – Esperarei por você aqui. Acho que vocês precisam conversar em particular de qualquer maneira. – Ele me deu uma piscadela e se sentou no degrau. – Porém, se precisar de mim, é só dar um grito que eu vou ouvir... – Ele encarou o homem. – Este *animal* aqui tem uma audição muito boa.

Mordi o interior da minha bochecha para esconder a risada que ameaçava explodir e segui o estranho.

Fiquei boquiaberta. O exterior era notável, mas o interior era impressionante. Quilômetros de painéis de madeira trabalhados se estendiam em todas as direções, todos polidos e brilhantes. Uma grande escadaria com dois lados dividia a casa ao meio. Sorri, imaginando Jax deslizando pelo corrimão quando criança.

As paredes estavam decoradas com pinturas e lambris. Todo o mobiliário parecia um design do século XIX. Era elegante, com muitos detalhes em madeira.

Seguindo o homem, entrei em uma sala à esquerda da escada. Ela tinha um ar bem masculino, com muitos sofás e cadeiras de couro marrom e madeira escura polida, que se destacava lindamente contra as paredes brancas. Um tapete persa antigo em tons profundos de vinho, de azul e de dourado se destacava contra o piso escuro de madeira.

No fundo da sala, havia uma enorme lareira de calcário, que estava vazia no momento, mas que poderia ser ideal para assar um veado. A luz se derramava pelas janelas altas, banhando o cômodo com um brilho dourado.

Sobre a lareira, havia um enorme retrato de uma beldade de cabelos claros em um vestido azul. *Sra. Spencer?* Não. Seu rosto era redondo e jovem. Era uma menina, por volta dos onze ou dos doze anos. Ela tinha os mesmos olhos de Jax...

– Espere aqui – disse o homem, trazendo minha atenção de volta para ele. – E não toque em nada. – Ele girou nos calcanhares e desapareceu pelo

corredor.

E não toque em nada. Certo, porque todos os Caçadores eram ladrões. Agora, é claro que eu tinha que tocar em tudo.

Sorrindo, atravessei a sala em direção a estante e corri meus dedos pelas bordas. Suspirando, peguei uma pequena escultura que parecia um homem com uma espada. Espera. Não era um homem, era um anjo. Eu a coloquei de volta e corri meus dedos pelas lombadas dos livros, imaginando como devia ser possuir uma biblioteca tão incrível.

Minha mente se voltou para Jax. Eu não tinha certeza se deveria socá-lo ou chutá-lo quando o visse.

Meus olhos se fixaram em um porta-retrato. Lá estava Jax, talvez com dez anos. Ao lado dele, havia uma garota aproximadamente da mesma idade com o rosto igual ao dele. Gillian, sua irmã gêmea. Ela era idêntica ao nascido-anjo, só que com feições femininas. Eles eram tão fofos juntos, rindo livremente como todas as crianças fazem. Senti uma pontada no peito. A jovem morrera pouco tempo depois que a foto fora tirada.

Meus olhos dispararam para as paredes onde mais fotos de Gillian me encaravam. Devia ter uns cinquenta porta-retratos. A maioria era dela. A menina estava em todos os lugares. Havia fotos de quando ela era bebê, dos gêmeos juntos quando criança, de aniversários e de viagens, mas a maioria era dela.

– Isto é um santuário – sussurrei. Os cabelos da minha nuca se arrepiaram.

Senti-me mal apenas por estar na sala, era como se eu tivesse entrado na memória particular de alguém.

– Rowyn Sinclair, que surpresa. – Ouvi uma voz feminina, melancólica e firme.

Virei-me. Uma bela mulher com cabelos sedosos cor de mel amarrados em um coque pesado e baixo estava na porta. Ela usava calças pretas justas com uma blusa combinando. Era austera e fria. Seu corpo era esbelto, do tipo de alguém que malhava por anos na academia. Ela era mais baixa do que eu, mesmo com os saltos que lhe davam cinco centímetros a mais de altura. Linhas finas marcavam sua testa e ao redor de seus grandes olhos verdes. Havia uma taça de vinho em sua mão. Seus dedos eram adornados com todas as pedras preciosas possíveis. Seus olhos estavam fixos em mim. Os olhos de Jax. O rosto parecia mais velho, mas era o mesmo do retrato acima da lareira.

Sim. Eu estava olhando para a mãe de Jax e sua expressão era de puro desgosto.

CAPÍTULO 9

Não tinha certeza se gostava da forma que ela me olhava, como se eu fosse um rato em cima do seu tapete persa caro.

– Sra. Spencer – eu a cumprimentei, minha língua parecendo gorda e inútil na minha boca seca.

A Sra. Spencer tomou um gole de seu vinho. Seus olhos não se desviaram do meu rosto enquanto me encarava como se eu fosse uma sujeira em sua linda casa.

– Então, você é a Caçadora?

Ela atravessou a sala e se sentou na poltrona de couro mais próxima de mim, sem dúvida em uma tentativa de me intimidar. A mulher estava tão perto que eu podia sentir seu perfume e o vinho em seu hálito.

Ela não batera a porta na minha cara, mas poderia muito bem ter feito.

– Sim.

Jax, onde diabos você está?

Percebi seu olhar furioso e senti o cheiro de algo que lembrava cigarro.

– Conheci seus pais uma vez – disse a Sra. Spencer. Eu enrijei quando ela deu uma risadinha. – Receio não haver muito o que dizer. Seu pai era sem graça e sua mãe não tinha muito para se admirar. Eles não tinham muito a oferecer à sua Casa ou à Legião. Não que isso importe agora. – Ela sorriu com seus dentes brilhantemente brancos e perfeitos.

Mas que diabos é isso?

– Ela era alta, assim como você, mas comum e simples – Ainda sorrindo, a mãe de Jax tomou um gole de vinho e manchas vermelhas marcaram seus lábios. – Você se parece com ela.

Eu queria dar um tapa nessa mulher. Enfrentei toda a força de seu olhar e rebati com o meu. A mulher personificava a elegância aterrorizante que parecia fazer parte das famílias pioneiras ricas.

Eu não ia deixá-la me intimidar. Não me importava quanto dinheiro ela tivesse. Isso não significava nada para mim.

A Sra. Spencer me examinou da cabeça aos pés. Sua boca perfeitamente formada se contraiu e pude ver através de seus olhos que ela não gostou do que viu. Comparada com sua elegância e sua personalidade perpetuamente serena, eu provavelmente parecia um macaco com roupas humanas.

Seus olhos se demoraram em meus dedos. Então, um sorriso malicioso se formou em seu rosto.

O vaso de flores. Corei e enfiar as mãos nos bolsos. Tinha esquecido de limpar a terra depois de enfiar minha lâmina da morte no vaso. Droga. Que ótima primeira impressão.

Os lábios perfeitos da mulher se abriram em um sorriso com o constrangimento repentino que ela viu em meu rosto. A mãe de Jax se inclinou para frente e seu sorriso desapareceu quando seus olhos se estreitaram.

– Eu sei o que você é, Caçadora.

Engoli em seco.

– Que legal.

O olhar intenso da mulher era inquietante. Eu podia ver ódio real ali, ódio por mim. Eu também não tinha certeza se gostava da forma que ela dizia “Caçadora”, como se a palavra, em si, fosse uma desonra.

– Há sangue de demônio em você, Caçadora – falou a Sra. Spencer, fazendo-me sentir um aperto no estômago.

– Eu não sei do que está falando – eu disse rapidamente, fervendo por dentro.

Seu sorriso se alargou com meu desconforto repentino. O prazer brilhava em seus olhos.

– Sim, há. Você sabe exatamente o que quero dizer. – Ela se recostou de uma forma graciosa e confiante, como se tivesse acabado de vencer alguma batalha. – Toda a comunidade já sabe. As notícias correm rápido em nosso mundo. Você deveria saber disso, Caçadora. Os segredos são sempre revelados.

Minha bravura desceu por água abaixo. No silêncio repentino, eu podia ouvir meu coração batendo enlouquecidamente em meu peito. Jax tinha

contado aos seus pais?

Ficou claro que a mulher me odiava. Sim, eu era metade demônio ou algo muito próximo disso, mas também era metade anjo. Jax não tinha o direito de contar meu segredo. Senti um ressentimento crescer em mim.

Tinha pensado em maneiras de contar ao conselho, de dizer o que o arcanjo havia feito comigo e com os outros, mas ainda não tinha resolvido isso. Parece que agora não precisava mais.

O segredo fora revelado e, pela expressão hostil estampada no rosto dessa mulher, ele não fora recebido muito bem.

Durante toda a minha vida, fui rejeitada pelo conselho e pelos outros nascidos-anjo. Tudo porque eu era diferente. Porque não era Marcada. Contudo, isso era pior. Muito pior. Eu fazia parte das criaturas que eles haviam jurado matar, seus inimigos jurados. A essência demoníaca pulsava em minhas veias.

Agora que meu segredo tinha sido revelado, o conselho me caçaria?

Olhei para ela e mordi meu lábio. Lágrimas de frustração brotaram, mas eu as afastei. Com raiva, eu me recompus e me endireitei. Não teria vergonha do que eu era.

Eu iria me aceitar do jeito que era.

Olhando diretamente para a Sra. Spencer, sorri desafiadoramente.

– Então, você sabe. – Não fazia sentido negar agora. – Grande merda.

As belas feições da mulher se contorceram.

– Por que você está aqui? – A pergunta parecia uma acusação. – Louis me disse que você está procurando meu filho. Seu contrato com o conselho foi cumprido. Não há razão para você vir na minha casa. Então, o que quer com ele?

Enrijei enquanto a mamãe querida me observava silenciosamente, avaliando-me. Minha cabeça doía. Respirando devagar, olhei para cima. Abri minha boca para dizer para ela enfiar sua atitude em sua bunda rica e de classe alta... mas Jax entrou na sala, seguido pelo homem que presumi ser Louis.

Ele olhou para mim e, por um momento, esqueci onde estava. Droga, o nascido-anjo era *bonito*, muito bonito.

Ele entrou na sala com sua elegância costumeira, mas havia um tom apressado em seus movimentos, como se estivesse desconfortável, nervoso. Jax estava tão bonito e hipnotizante como sempre, embora seu rosto perfeito exibisse preocupação. Ele usava um jeans casual e uma camiseta

justa que exibia seu peito e braços musculosos com perfeição. Com a claridade da sala, eu podia ver olheiras em seus olhos. Elas contrastavam com seus olhos verdes vibrantes. Havia uma escuridão em seu olhar que eu nunca tinha visto antes e isso o fez parecer mais velho. Havia uma dor e exaustão lá.

O nascido-anjo passou a mão sobre seu cabelo castanho escuro despenteado. Ele parecia mais magro do que eu me lembrava. Havia cansaço em seus olhos e em seu rosto, como se Jax não dormisse há dias.

Nossos olhos se encontraram e meu coração saltou em um galope. Todos os meus pensamentos se dissolveram como orvalho sob o sol da manhã. *Droga, ele é lindo.* Não havia vergonha nenhuma em pensar isso.

Jax correu seus olhos sobre mim de uma forma que fez minhas orelhas queimarem.

– Rowyn? – indagou ele enquanto se aproximava. Inalei seu cheiro almiscarado. Era tão bom que devia ser ilegal. – O que está fazendo aqui?

Meu rosto ardeu e eu levantei uma sobrancelha. Não tinha certeza se gostava do seu tom.

– Conversando sobre antiguidades com sua mãe – rebati. – O que você acha?

– Eu gostaria de saber por que uma Caçadora está em minha casa – disse a Sra. Spencer, com seus olhos brilhantes fixos nos meus. – Especialmente *esta*. Ela é rude, suja e repulsiva. Terei que limpar os tapetes quando ela sair.

Essa doeu. Cerrei meus dentes enquanto ódio pela mulher atravessava meu corpo.

Jax desatou a falar no que parecia ser um francês muito rápido. Ele manteve a voz baixa, mas não havia como disfarçar a raiva contida nela.

– Sim, sim – disse a Sra. Spencer, impacientemente acenando com a mão para o filho. – Então, ela salvou sua vida? Todos nós já ouvimos a história, querido – falou enquanto compartilhava um sorriso secreto com Louis. – Porém, não se esqueça que era o trabalho dela mantê-lo vivo. Se você morresse, ela não receberia o pagamento. Os Caçadores só pensam em dinheiro, é sempre assim com eles.

Minha pressão subiu quando Jax lançou um olhar nervoso para sua mãe e, então, virou-se para mim.

– Você não deveria estar aqui.

Soltei um rosnado baixo, não tendo certeza se era dirigido à Sra. Spencer ou a Jax, talvez ambos.

– Vim porque eu... Pam estava preocupada. – Meu temperamento explodiu como gasolina jogada em uma fogueira. – Você tem razão. Não deveria ter vindo aqui. Falha minha.

Odiava ter uma plateia quando me sentia e parecia uma tola.

– Dane-se. – Eu fervilhava. Tirei minhas mãos dos bolsos. – Agora que vejo que você está vivo, vou embora.

A ira brilhou nos olhos de Jax. Quando fiz menção de me mover, ele agarrou meu braço e disse:

– Rowyn, você não entende.

Soltei-me e coloquei minhas mãos sujas nos quadris, não me importando que todos vissem a sujeira nelas.

– Comece a explicar, então. O que está acontecendo?

– Louis – ordenou a Sra. Spencer, acenando com o copo vazio para o homem que abrisse porta como se fosse seu criado. Obedecendo, Louis pegou a taça dela, foi até a pequena área onde ficava o bar e lhe serviu outra taça cheia de vinho tinto.

Olhei para Jax enquanto o nascido-anjo entregava o vinho à sua patroa.

– Por que você não ligou para Pam? – perguntei com a voz baixa para ela não tremer. – Ela está surtando, sabia? Pam veio ao meu apartamento. Esta é a razão pela qual eu vim aqui. – Suspirei esperando que ele respondesse. – Então?

Jax abriu a boca, depois, fechou-a, claramente lutando para encontrar uma maneira de me dizer alguma coisa.

Olhei em seus olhos.

– O que foi?

Ele balançou a cabeça e exalou ruidosamente.

– Não posso falar sobre isso agora.

Passei meus olhos em seu rosto.

– Você parece cansado. O que tem feito, Jax? – Pelo receio em seu rosto, eu sabia que estava certa. – Você não deveria estar fazendo isso sozinho.

– Eu sei o que estou fazendo.

Estreitei meus olhos, irritada.

– Viemos de tão longe para ver se você está bem. O mínimo que poderia fazer é ligar para Pam e dizer a ela que está bem...

– Nós? – Jax inclinou a cabeça.

– Eu e Tyrius.

O nascido-anjo olhou para trás como se esperasse ver o gato.

– Onde está Tyrius?

– Do lado de fora, onde eu o deixei – eu disse, sentindo uma pontada de culpa enquanto lançava um olhar para Louis. – Aparentemente, *animais* são proibidos neste precioso estabelecimento.

Seu rosto assumiu uma expressão severa. Ele se inclinou para frente, perto o suficiente para que eu pudesse ver a barba por fazer em seu queixo.

– Rowyn, eu...

– O que *eu* quero saber é porque você convidou essa... essa coisa para dentro da minha casa! – Cuspe voou da boca da Sra. Spencer e o vinho se derramou no chão enquanto ela segurava a taça com a mão trêmula. A bebida corria em seu pulso como sangue.

Foi a minha vez de deixar meu queixo cair.

– Eu não sou uma *coisa* – protestei, chocada. Bem, talvez eu fosse?

Qualquer respeito que eu nutrira por ela ao passar por aquelas portas desapareceu. Eu tinha sido chamada de muitos nomes desagradáveis ao longo dos anos, mas *coisa*? Isso era completamente *injusto*. Ainda assim, não fiquei tão ofendida quanto a Sra. Spencer achava que eu ficaria. Surpreendendo até a mim mesma, não senti nada. Eu teria dito a ela para ir se ferrar, mas não queria chatear Jax. A mulher cruel ainda era sua mãe. No entanto, não sabia porque me importava com o que ele pensava.

Encontrei o olhar da mais velha, indiferente às suas palavras. Isso só a irritou ainda mais. *Touché*.

– Essa coisa não deveria existir. Ela não deveria ter permissão para viver. – A Sra. Spencer desviou o olhar do filho e o pousou em mim, dizendo – Isso deveria morrer.

Legal. Está ficando cada vez melhor.

– Você está parecendo uma louca – disse Jax, dirigindo-se à sua mãe. Eu podia ver a tensão em seu rosto. – Você está envergonhando a si mesma e me envergonhando.

– Uma coisa dessas matou sua irmã!

Jax suspirou.

– Pare com isso, mãe.

– Há fedor de demônio por toda parte! – A Sra. Spencer se enfureceu. – Está no ar, nas minhas paredes, nas minhas fotos! A própria presença dela é

um insulto à sua irmã. Como você pôde fazer isso com ela? Como pôde fazer isso com Gillian?! O que você estava pensando?!

A mulher estava realmente começando a me irritar.

– Eu acho que sua mãe não tomou os remédios.

A Sra. Spencer se virou para mim. A fúria arqueou suas sobrancelhas perfeitas. Seu corpo tremeu quando ela levantou sua taça de vinho. Por um segundo, eu pensei que ela estava prestes a jogar a bebida no meu rosto.

– Cuide da sua vida, mãe – disse Jax, dando um passo e entrando na frente do copo de sua mãe, claramente pensando a mesma coisa. – Isso não tem nada a ver com Rowyn.

– Tem tudo a ver com ela! – A Sra. Spencer estava praticamente gritando. Seus olhos estavam esbugalhados.

Droga. Adoraria que Tyrius estivesse aqui. Ele adoraria ver isso.

– Isso é drama o suficiente por hoje, mãe – disse Jax, seu rosto ficando vermelho de raiva. – Rowyn não tem nada a ver com a morte de Gillian. Na verdade, ela me *ajudou* a encontrar o nome do demônio. – Ele fez uma pausa, recompondo-se. – Ela é minha... *amiga*. Como ousa tratá-la dessa maneira?

Amiga? Senti um aperto no coração. Nós *éramos* apenas amigos, não é? Pude ver que minha reação de surpresa agradou a mulher. Seus olhos brilhavam, triunfantes.

Louis deu um passo à frente.

– Não fale assim com sua mãe, garoto.

A ira sacudiu os ombros de Jax quando ele se virou para Louis. Um estranho sorriso se formou em sua boca. Ele parecia perigoso e prestes a atacar.

– Garoto? Eu vou lhe mostrar o garoto...

– Pare com isso! Vocês dois – A Sra. Spencer se levantou, pingando mais vinho no tapete.

Não sei por que ela estava reclamando que eu era suja quando estava estragando seu tapete caro sem a ajuda de ninguém. O vinho é mais difícil de sair do que o sangue. Confie em mim, eu sei.

Louis se virou para a Sra. Spencer. O olhar que ele a deu estava cheio de admiração e de algo mais. A cena me fez pensar onde estava o pai de Jax.

– Celeste, venha dar uma volta no jardim comigo – disse ele, enquanto pegava a mão dela. – Isto é culpa minha. Não deveria tê-la deixado entrar.

Se soubesse que você ficaria tão chateada, eu a teria mandado embora. Eu a teria deixado do lado de fora com seu parente demônio.

Parente demônio?

– Você não precisa mais estar na presença dela – continuou Louis. – Jax vai mostrar a saída à garota.

Celeste deu um tapa na mão dele e apontou um dedo com esmalte vermelho para mim.

– Vejo o jeito que essa coisa está olhando para você. – Ela tirou seus olhos de mim, fitando Jax. – Diga-me que não, Jax. Não com isso.

Senti mais uma onda de calor subindo para o meu rosto. Ah, inferno, agora estava ficando constrangedor. Infelizmente, senti-me pior quando vi o rosto de Jax assumir um tom profundo de vermelho.

Celeste olhou para o filho e arqueou uma sobrancelha delicada.

– O que Ellie pensa sobre isso? Ela sabe que você andou brincando com um demônio?

Ellie? Sentindo-me entorpecida, virei-me e olhei para Jax, mas ele não me olhou. Senti um aperto na garganta. Por que ele não estava olhando na minha direção?

Antes que eu pudesse me controlar, soltei:

– Quem é Ellie?

Jax passou a mão pelo cabelo, entregando seu nervosismo.

– Para, mãe. Isso não está ajudando.

Celeste me deu um sorriso vitorioso que me fez lembrar vagamente do sorriso de Amber. Ela afastou uma delicada mecha de cabelo de seus olhos. Seu rosto oval exibiu uma diversão maliciosa.

– A noiva dele.

Senti um aperto no estômago. Senti como se tivesse sido esfaqueada com uma lâmina, uma lâmina ardente, entrando direto no meu coração, cortando-o em pedacinhos.

Acalmei minhas emoções e senti a sala começar a girar. Quando o encarei, seus olhos verdes pareciam tão implacáveis quanto o mar revolto, mas ele não negou.

Jax tinha uma noiva. Eu era a maior idiota do século.

– Saia da minha casa... *demônio*. – Celeste tinha uma expressão de divertimento em seu rosto.

A palavra foi um tapa na minha cara, assim como ela pretendia que fosse. Mal ouvi a indignação de Jax com as batidas altas do meu coração

em meus ouvidos. Encontrei o olhar de sua mãe e a encarei.

Meu coração disparou e meu rosto ficou frio.

– Com prazer.

Com isso, saí da sala e fui direto para a porta da frente.

CAPÍTULO 10

Eu não vou chorar. *Eu não vou chorar.* Ah, inferno. Eu estava chorando.

Sequei minhas lágrimas antes que Tyrius as visse. Os Caçadores não choravam. Os Caçadores nunca choravam. Os Caçadores *faziam* as pessoas chorarem.

Eu nunca tinha sido tão humilhada na minha vida. E sim, eu tinha passado pela minha cota de situações desastrosas. Porém, por um minuto horrível, a mãe de Jax quase, quase me fizera sentir vergonha de quem ou o que eu era.

Dane-se.

Eu não precisava dela. Eu não precisava de Jax. Eu não precisava de ninguém. Bem, exceto, talvez, de Tyrius.

Meu humor piorou e a única maneira de remediar isso era matando alguma coisa. Preferencialmente demônios, embora o rosto de Celeste continuasse piscando diante dos meus olhos. Droga, aquela mulher fazia meu sangue ferver.

Depois de ligar para Pam e dizer que Jax estava vivo e razoavelmente bem na casa de seus pais – porque eu não confiava que o nascido-anjo se lembraria de ligar para ela –, fui para casa e peguei tanto sal quanto podia carregar, junto com outros suprimentos, e os coloquei em minha grande bolsa de couro. Depois de reunir tudo o que precisava para a viagem, comer um pouco e verificar se meu cinto de armas estava carregado, Tyrius e eu fomos procurar meu alvo.

Caminhamos pelo Riverside Park. O cascalho estalava sob minhas botas. Os caminhões estrondosos e os rugidos dos carros ecoavam ao nosso

redor enquanto nos aproximávamos dos arcos de pedra do viaduto da Riverside Drive – uma das entradas de Elysium.

Quando chegamos, o céu estava de um tom de laranja profundo, refletindo no rio Hudson como sangue. Era um presságio sombrio ou um aviso para não entrar? Na boca do túnel largo, que engolia a luz e deixava apenas a escuridão, estava a entrada para Elysium.

Abafei um arrepio. Não era sábio ir atrás de um híbrido à noite em um lugar que eu nunca havia estado antes. Um lugar como Elysium abrigava muitos demônios e Rifts, esperando para levá-los ao Submundo.

Senti meu estômago revirar.

– Devemos nos apressar. Vai escurecer em breve.

Os demônios saíam à noite para se alimentarem da escuridão e das sombras, isso os dava força.

– Não importa – disse Tyrius enquanto cheirava um muro coberto de grafite. – Dentro de Elysium é sempre noite. É por isso que a maioria dos demônios escolhem esse lugar. A falta de luz a torna uma passagem relativamente fácil para este mundo.

De onde estava, podia ver partes de uma ferrovia em ruínas entrando profundamente na boca oca do túnel, em um convite silencioso.

– Você está bem?

Olhei para baixo e vi os olhos azuis de Tyrius brilhando de preocupação. Meu coração se apertou levemente.

– Estou bem. Não se preocupe – eu disse com um sorriso rápido. – Nada que uma pequena matança de demônios não resolva.

O gato deu um pequeno suspiro.

– Que saco. Eu meio que gostava de Jax, sabe? Ele não era mente fechada. Não tinha aquela atitude complexa de deus que a maioria dos nascidos-anjo compartilha. Ele gostava de cerveja e de armas. O cara era legal.

– Eu sei.

Senti um nó na garganta e suspirei. Eu tinha que matar algo rápido ou iria perder a cabeça.

– Agora, ele é apenas um idiota de primeira.

– Acho que ele puxou à mãe. – Eu dei um sorriso para Tyrius e levantei minha bolsa em meu ombro para ela não se mexer enquanto eu puxava minha lâmina da alma do cinto. Todo cuidado é pouco. – Vamos lá.

Não adiantava ficar parada ali. Quanto mais cedo eu encontrasse Ugul, mais cedo poderíamos sair de lá.

Eu nunca tinha rastreado uma fada antes e, no meio de todo aquele fedor repugnante de demônio e dejetos humanos, não seria fácil. Avancei. Minhas botas batiam ruidosamente no cascalho, então, congelei.

A sensação de estar sendo observada se apoderou de mim como dedos gelados em volta do meu pescoço. Com o coração batendo e a lâmina da alma posicionada na minha frente, eu me virei.

Conectando-me com meus sentidos de nascido-anjo e de demônio, procurei a sensação familiar gelada dos demônios, mas tudo o que senti foi a onda quente e familiar dos humanos. Nada de entidades sobrenaturais ou demônios. Nada.

Os humanos passeavam no parque sem sequer olhar para nós enquanto seguiam seu caminho, ao longo da passarela que margeava o rio. Não pude sentir demônios ou híbridos, mas eu *tinha* sentido algo. Tinha certeza disso.

Tyrius estava ao meu lado em um piscar de olhos.

– O que é, Rowyn? Você viu algo? Está tendo aquela sua vibe Jedi?

– Pensei que sim, mas, agora, não tenho tanta certeza.

Não pude deixar de me perguntar se o demônio Superior Degamon ainda queria um pedaço de mim. Eu tinha matado alguns de seus minions, mas eles atacaram primeiro. A sensação tinha sido tão rápida que eu não sabia dizer se era demoníaca ou angelical. Os aliados de Vedriel eventualmente viriam atrás de mim. Era apenas uma questão de tempo até que os anjos bundões me encontrassem.

Olhei ao redor do parque, procurando pela sensação de ser observada novamente, mas ela se fora.

– Não é nada – falei, dando de ombros. – Vamos.

– Se você diz – murmurou o gato enquanto caminhava ao meu lado.

Uma onda de animação misturada com apreensão subiu pelo meu corpo quando entramos na boca do túnel. Era minha costumeira adrenalina da caçada. Cheirava a mofo e a poeira, mas o ar também trazia o aroma de ovos azedos e de podridão. O cheiro se intensificou quando entramos no túnel – o fedor de híbridos e de demônios. Mais além, senti o lampejo de algo frio, escuro e poderoso. Um ponto de escuridão apareceu dentro do túnel e puxou meu peito enquanto um calafrio me percorria. *Rifts*. Era a única explicação para uma energia sobrenatural tão forte – as portas para o Submundo.

Caramba. Eu não queria pensar no que aconteceria se eu acidentalmente passasse por um desses portais. Já enviara muitos demônios de volta ao Submundo. Eu duvidava que eles fariam uma festa de boas-vindas.

Escolhi um caminho ao longo dos trilhos. Meus olhos lentamente se ajustaram à escuridão ao nosso redor. A entrada era grande e escura, mas com meus sentidos de anjo e de demônio aprimorados, minha visão clareou como se eu estivesse vendo o mundo através dos olhos de Tyrius. Ele podia ver no escuro como qualquer gato.

Em pouco tempo, eu parei de ouvir o tráfego barulhento atrás de nós. Havia apenas o som das minhas botas ecoando ao meu redor. As patas macias de Tyrius eram silenciosas como de costume.

Depois de uma caminhada de dois minutos pelos trilhos, notei uma fresta na parede do túnel do lado direito, grande o suficiente para caber um SUV. Os destroços de concreto estavam jogados abaixo da abertura como se uma criatura gigante tivesse atravessado do Submundo para o mundo mortal.

Uma brisa fria e úmida vazou pela fresta, trazendo o cheiro de enxofre, de carne podre e o odor pegajoso e metálico de sangue.

A energia das trevas era mais forte aqui. Eu quase podia vê-la vazando pelo buraco da parede como uma névoa negra. Esta era a verdadeira entrada para Elysium, não o viaduto. Perguntei-me quantos humanos idiotas haviam vagado pela passagem e nunca mais sido vistos.

– É isso – disse Tyrius. – Não há como voltar atrás após cruzarmos esse limite. Tem certeza de que quer fazer isso? Não há vergonha nenhuma em recusar o contrato. – Ele mostrou a língua. – Estamos falando de fadas. Nós as ODIAMOS, lembra? Podemos conseguir mais trabalho com o Padre Thomas. Tem muitos demônios do armário nesta época do ano.

– Não – eu disse. – Vou fazer isto.

Eu preciso fazer isso. Precisava trabalhar. Isso me mantinha focada. Se não o fizesse, estaria rindo de autopiedade, pensando em como fui estúpida e enganada pelo rosto bonito de Jax. Só de pensar nele, eu sentia uma pontada aguda de dor no meu peito. *Eu sou uma idiota. Ele tem uma maldita noiva.* Ela provavelmente era linda de morrer, uma nascida-anjo pura de uma família antiga e estupidamente rica, assim como ele.

Enquanto eu era uma mancha no tapete caro de sua mãe.

Meus olhos ardiam. Eu queria me socar. *Mandou bem, Rowyn.*

Jurei que, quando terminasse essa caçada, encontraria um humano legal e faria sexo por raiva.

Olhei para baixo e minhas bochechas arderam. Tyrius olhava para mim com uma expressão de quem sabia o que eu estava pensando. Sempre me perguntei se os baals podiam ler mentes.

– Quão difícil isso pode ser? É apenas uma fada fedorenta – eu disse, tentando me concentrar no trabalho e não querendo que Tyrius lesse muito as minhas emoções. Além disso, meu instinto me dizia que não seria tão fácil, pois nem os Flechas Negras haviam conseguido localizar sua fada trapaceira.

– Tem certeza de que não está fazendo isso pelos motivos errados? – questionou meu amigo peludo.

– Como o quê? Receber vinte mil por uma fada desprezível? – Ajeitei meu quadril. – Se eu não receber o resto desse dinheiro, minha avó perde a casa. De jeito nenhum vou deixar isso acontecer. Esse dinheiro, esse maldito dinheiro das fadas, vai me ajudar a manter a casa dela. É chato, muito chato, mas é a única maneira de ajudá-la. – Frustrada, cerrei os dentes. – Eu odeio esses bastardos de orelhas pontudas, mas sou uma profissional. Eu sei o que estou fazendo.

– Uh-huh – disse Tyrius com uma expressão cética. – Tudo bem. Então, eu vou primeiro. Me dê cobertura.

Endireitando meus ombros, olhei para frente e afastei todos os pensamentos de Jax da minha mente enquanto seguia o gato siamês pela brecha. Meus ouvidos estalaram e fui imediatamente atingida pela sensação de uma mudança de pressão, que lembrava a aterrissagem de um avião.

Uma vez no limiar, encontrei-me em outro túnel. Ao contrário do metrô de Nova York ou de um túnel da empresa ferroviária Amtrak, que tinham paredes de pedra lisa, essas paredes eram rústicas e desordenadas, como se esculpidas à mão. Elas tinham cheiro de mofo e de terra.

Uma brisa soprou das profundezas da escuridão, espalhando mechas do meu cabelo pelo meu rosto. Um arrepio percorreu minha espinha. Uma mistura de teias de aranha e de raízes de árvores brotavam das paredes do túnel. A umidade era espessa. Senti uma fina camada grudando no meu rosto e pescoço assim que cruzamos a entrada. O túnel estava silencioso, exceto pelo suave gotejar de água vindo de algum lugar.

De repente, o chão tremeu e ouvi um estrondo atrás de mim. Quando me virei, perdi a respiração. A parede do túnel estava completamente lisa, a

superfície rochosa plana e intacta. A entrada para Elysium havia desaparecido.

– Tyrius – eu disse alarmada.

– Não se preocupe. A entrada está enfeitiçada, mas ainda podemos sair – falou o gato enquanto se esgueirava ao meu lado, ficando perto da parede.

Ele mordeu a pata. Sangue preto escorreu de sua ferida, então, Tyrius a pressionou contra a parede. Quando tirou a pata, ficou uma pegada perfeita. Ele saltou através da parede onde a entrada estava e desapareceu, reaparecendo no segundo seguinte.

– Viu? Ela quer que você passe, mas também quer mantê-la aqui dentro. Agora, sabemos qual é a saída.

Gato esperto.

– Estou feliz que você esteja aqui comigo, Tyrius – eu disse, sorrindo.

Tyrius sorriu.

– Fique perto de mim, garota, e sua vida será uma moleza.

Rindo, segui o gato pela passagem. O chão estava coberto de poeira e de sujeira, sem dúvida do monte de demônios e de híbridos que vagavam por ali, além de um ou outro humano idiota.

Depois de meia hora caminhando, o ar ficou quente e rarefeito, sendo substituído pelo fedor de enxofre. O suor escorria pelas minhas costas e minhas têmporas à medida que ficava mais difícil respirar. Era como se o ar fosse tóxico e cada respiração fosse forçada. *É assim que deve ser o ar no Submundo.*

Mergulhamos em um vazio, em uma escuridão brutal, que sufocava todo os sentidos de tempo e de percepção espacial. Tyrius continuou parando e cheirando as paredes com suas orelhas baixas e o rosto contraído como se estivesse sentindo algo ruim. Seu nervosismo me deixou preocupada e meu pulso acelerou, deixando-me tonta.

Eu preciso de ar. Ar fresco.

Em meio ao ar quente e fedorento, senti a escuridão fria e o leve fedor de morte e de podridão.

– Malditos híbridos – eu disse, tentando continuar respirando pela boca.

– Eles sempre escolhem os lugares mais charmosos para ficar. Como podem viver aqui embaixo? Quero dizer, eu entendo porque os demônios vivem aqui, eles são demônios, mas os híbridos são parte humanos. Eles não precisam de um pouco de ar fresco? Eu enlouqueceria se tivesse que ficar aqui.

– Eles provavelmente não têm escolha – disse o gato. – É isso ou a morte.

Pingos de suor brotaram na minha testa.

– Eu não sei você, mas meu radar demoníaco está enlouquecido. É difícil identificar um híbrido em particular. Todos os lugares parecem... parecem um fluxo de energias demoníacas aleatórias.

– Os Rifts estão fazendo isso – disse Tyrius, sem olhar para cima. – É a energia demoníaca pura que pulsa dentro deles ferrando com nosso olfato demoníaco.

Caminhei ao redor de uma pilha de pedras e de escombros.

– Isso vai tornar muito mais difícil encontrar Ugul. Ele pode estar em qualquer lugar aqui embaixo.

Tyrius olhou por cima do ombro e disse:

– Apenas siga o fedor. Há sempre uma fada no final da bosta.

Eu ri, deixando-me relaxar um pouco. O som do riso ricocheteou nas paredes do túnel de forma estranha, como se o som, em si, não fosse permitido.

Tínhamos nos movido mais trinta metros quando Tyrius parou diante de três túneis igualmente escuros e imponentes que se ramificavam do túnel principal.

O demônio baal se virou e olhou para mim com seus olhos arregalados.

– Acho que devemos seguir em frente.

Examinei os outros dois túneis.

– O que há de errado com esses dois?

Tyrius deu de ombros.

– Há um veterinário com uma agulha gigante me esperando. – O siamês estremeceu. – Tá, talvez não, mas há algo maligno lá, especialmente no da direita.

Limpei o suor dos meus olhos.

– Tá – concordei, sentindo-me inútil.

Minhas habilidades de caça não eram tão eficazes aqui como eu imaginei que seriam. Sempre que usava meus sentidos, eu recebia de volta a mesma energia fria e demoníaca, como se ela estivesse vindo da parede. Podia apostar que os Rifts estavam afetando meus sentidos de demônio e de anjo.

Droga. Isso *não* era bom.

Depois de duas horas caminhando, comecei a notar uma crescente sensação de pânico à medida que nos movíamos. Senti-me muito cansada, como se minha energia estivesse sendo drenada por este lugar. Uma sensação nauseante apertou meu peito. Parecia que os túneis estavam nos encurralando.

Meu coração disparou enquanto eu tentava afastar o pânico dos meus pensamentos, mas ele voltou dez vezes mais forte.

– Maldito lugar – xingou Tyrius, parando.

Caminhei em direção a ele.

– O que foi?

– Nossas próprias pegadas. Andamos em círculos!

– O quê?

Ajoelhei-me para olhar a terra batida e reconheci as pegadas femininas tamanho trinta e oito, bem como as patas. Nossas pegadas. *Merda.*

Senti um aperto na garganta. Estávamos ferrados. Se Tyrius não percebera que tínhamos andado em círculos até chegar aqui, como iríamos encontrar o caminho para sair deste inferno?

Levantei-me lentamente com o coração na boca.

– Estamos perdidos.

– E você está invadindo um local privado – disse uma voz vinda das sombras.

Os cabelos da minha nuca se arrepiaram. Os olhos do gato se arregalaram com o choque súbito.

Eu não os senti se aproximarem, mas reconheceria o fedor deles em qualquer lugar: uma mistura de cerveja velha, de frutas podres e de uma pitada de gambá.

Duendes.

CAPÍTULO II

Quatro duendes saíram das sombras e nos encararam, bloqueando nosso caminho.

Ao contrário da crença popular, eles não eram homens barbudos de dez centímetros de altura, usando cartolas e roupas verdes; nem ficavam nas pontas do arco-íris, contando seus potes de ouro. Não. Estes tinham mais de um metro e oitenta de altura e eram cheios de músculos. Eles pareciam aqueles homens que passavam tempo demais na academia. Eles eram grandes. Realmente grandes. Eram mais altos do que eu e duas vezes mais largos.

Os duendes vestiam apenas jeans e botas de motoqueiro pretas. Seus peitorais peludos eram cobertos por uma variedade de tatuagens colorida de caveiras, águias e tribais. Contudo, foi a variedade de armas que me impressionou muito mais – facas, punhais de caça, espadas curtas, foices, machados e até martelos estavam amarrados em seus corpos.

O problema dos duendes é que eles realmente não respeitavam as regras dos híbridos, nem tinham um tribunal ou qualquer senso de lealdade com o Conselho das Sombras. Isso provavelmente se dava porque, como eram um produto da relação entre vampiros e fadas, eles eram evitados pelos outros híbridos.

Não havia uma lei escrita que proibisse os híbridos de se misturarem ou de terem relações com outros híbridos, mas isso ainda era um tabu e desaprovado pela maioria das raças.

Outra coisa peculiar com os duendes é que eles eram todos homens – e estéreis, assim como as mulas. Eles eram uma raça híbrida rara muito má e raivosa. Totalmente compreensível.

Por serem tanto vampiros quanto fadas, os duendes tinham a força física dos sugadores de sangue e alguma magia das fadas, contudo, não eram abençoados com boa aparência ou graça. Não. Eles pareciam mais como trolls. A melhor forma de descrevê-los era os comparando com membros de gangues paranormais. Eles eram a máfia híbrida, a quadrilha dos híbridos fortões.

– Bem, bem, bem – zombou Tyrius. – Se não são os *do-endes* – acrescentou, rindo amargamente de sua própria piada. – Saiam do nosso caminho, leprosos. Não temos tempo para nenhuma de suas baboseiras. Temos trabalho a fazer.

Eu nunca tinha entendido o profundo ódio do gato por eles e Tyrius nunca quisera falar a respeito.

Um único duende ruivo se aproximou. Ele usava o cabelo mais comprido na parte de trás e curto em cima. Acreditei ser o líder.

– Este é o *nosso* túnel, demônio-bruxo – disse ele, com sua voz seca e profunda. O duende tinha um sotaque carregado que eu não conseguia identificar. Ele tinha cabelos e barba branca, linhas de expressão no rosto e era mais velho. Seus olhos verdes e selvagens ardiavam de animação.

– Sério mesmo? – Tyrius se sentou com a cabeça erguida, parecendo majestoso naquela caverna suja. – Na última vez que verifiquei, Elysium não pertencia a ninguém; especialmente a vocês, *do-endes*.

O ruivo rosnou. Fiquei chocada com o quanto o som se parecia com o rosnado de um lobisomem. Seus dedos sujos se contraíram ao se aproximarem da espada em sua cintura.

Merda. Empurrei Tyrius para trás com minha perna e embainhei minha lâmina.

– Nós não queremos nenhum problema – eu disse, embora inclinasse meu quadril para mostrar a eles que eu estava disposta a causar um pouco de problema se fosse o caso. – Isso é assunto de Caçador – falei, feliz que minha voz estava equilibrada. – Não há razão para as coisas se complicarem. Apenas deixe-nos passar.

O duende sorriu, revelando uma boca cheia de dentes podres.

– Não posso fazer isso, querida. Tá vendo isso aqui? – ele disse quando estendeu a mão para trás e puxou um machado. Não pude deixar de notar que a lâmina estava manchada de preto. – Este é o *nosso* túnel. *Nosso* túnel. *Nossas* regras. Você tem que pagar o pedágio. – Ele passou seus olhos verdes em minha bolsa e eles brilharam com ganância.

Agarrei a alça protetoramente e dei uma risada azeda.

– Não vou lhe dar merda nenhuma. Esquece.

– Então, você pode se virar e voltar, querida – disse o ruivo, zombando da cara feia que fiz. – Isso se conseguir encontrar o caminho de volta. – Ele riu e os outros três trocaram sorrisos confiantes.

– Vamos acabar com eles, Rowyn – disse Tyrius em voz alta enquanto se levantava em um salto. Ele cravou as garras na terra. – A pessoa que ainda usa mullet merece morrer. Você pega esses três, deixa o cabeça de cenoura comigo.

Mexi-me nervosamente. Eu não mataria um duende a sangue frio a menos que fosse em legítima defesa e não era uma dama indefesa. Inferno, eu provavelmente poderia acabar com todos os quatro. Porém, o túnel, o cheiro e a falta de ar me fizeram parar. Quanto mais tempo eu passava ali, mais minha energia era drenada. Algo simplesmente não parecia certo neste lugar. E eu não estava disposta a arriscar minha vida ou a de Tyrius.

– Estou cumprindo um contrato para encontrar um híbrido – falei, feliz por ter toda a atenção do líder. – Eu sou uma Caçadora. É meu trabalho rastrear desgraçados do mal. Se você tentar me impedir, vou considerar isso como um ataque à minha pessoa. Não terei escolha a não ser me defender. Eu poderia até matar você.

O sorriso do duende se tornou malévolo.

– Caçadora ou não, todo mundo paga. Sem exceções.

– Vamos matá-los, Ramis – disse o maior dos duendes, com cabelo preto curto e uma pele que parecia casca de árvore. – Depois, nós dividimos o que está na bolsa – ele acrescentou e apontou uma faca para minha bolsa. – Podemos conseguir um bom preço pelo demônio-bruxo.

Tyrius assobiou e esgarçou.

– Vem me pegar, duendinho.

Agora eu estava irritada.

– Vem tentar pegar minha bolsa, garotão. Eu o desafio – eu disse, sorrindo. Minha mão alcançou o cabo da minha lâmina da alma.

– Como quiser – disse Ramis com uma expressão dura.

Suando, assisti o ruivo afastar a tensão visível de seu rosto até assumir a postura de chefe de gangue casual e confiante. A pressão do ar mudou e, de repente, os duendes se agacharam, prontos para atacar.

– Atacar! – uivou Tyrius e eu juro que vi um sorriso em seu rosto.

Os duendes saltaram para a frente.

Meu pulso disparou e eu me abaixei. Minha lâmina da alma estava apontada para seus rostos antes que um deles conseguisse tirar o machado de seu cinto.

Girei a lâmina e cortei o ar enquanto eles avançavam, rosnando e uivando como bestas. Cara, eles eram feios.

Parecia um mar de pele bronzeada, áspera e jeans vindo em nossa direção como ondas. O cheiro de fruta podre queimava meus olhos. O idiota grandão se lançou em minha direção. Seus olhos estavam na minha bolsa.

– Espere! – guinchou Ramis.

O duende parou à minha frente, minha lâmina estava apontada para seu pescoço. Ele recuou com um espanto estampado em seu rosto ao perceber o quão rápido eu teria acabado com sua vida.

Voltei minha atenção para Ramis. Seus olhos estavam vidrados na lâmina da morte no meu quadril. *Ele a encarou por um bom tempo.* Os outros duendes congelaram.

– Eu ouvi falar de você – disse o ruivo com seus dentes amarelos à mostra. – Você é a Caçadora, a nascida-anjo com sangue de demônio. – Ele tomou meu silêncio como confirmação. – Você é mais esquisita do que nós. – O duende riu e os outros se juntaram a ele. Contudo, foi o líder quem riu mais.

– Ah, eu tenho que discordar – disse Tyrius sarcasticamente. – Acho que não há nada mais bizarro do que um bando de *do-endes*, todos do sexo masculino, seminus e com mullet.

Um ódio profundo brilhou no rosto de Ramis, mas ele se virou para mim e disse:

– Tenho uma fraqueza por aberrações. Quem você está procurando?

Impedi meu rosto de exibir minha surpresa e apertei meus lábios, ponderando o quanto eu deveria dizer ao cara.

– Uma fada que atende pelo nome de Ugul. A rainha das fadas da Corte das Trevas me enviou – admiti, observando os dedos gordos do duende se flexionarem em torno de seu machado. – É por isso que estamos aqui... em seus túneis.

Se esses duendes diziam que os túneis lhe pertenciam, significava que eles conheciam Elysium. Nosso azarado encontro poderia acabar sendo muito benéfico. Isso seria útil.

Ramis coçou a barba ruiva.

– O quanto essa fada significa para você?

Não gostei do sorriso no rosto dele. A subsistência da minha avó dependia de eu encontrar Ugul, mas eu não estava disposta a compartilhar isso com o duende.

– A fada não significa nada para mim, mas eu tenho uma reputação a manter. Eu disse que faria o trabalho e farei tudo o que estiver ao meu alcance para manter minha palavra.

Ramis cruzou os braços sobre seu machado.

– Eu conheço essa fada.

Meu coração saltou.

– Você conhece?

– Onde ele está? – ordenou Tyrius. – Diga-nos.

O sorriso de Ramis não vacilou quando disse:

– Posso dizer onde encontrá-lo, mas você ainda precisa pagar o pedágio. Vai lhe custar o dobro.

– O dobro! Seus bastardos traidores – vociferou Tyrius. – Vamos acabar com esses imbecis e encontrá-lo sem a ajuda deles.

Encontrei o olhar de Ramis. Sua sobrancelha se ergueu com a hesitação em minhas feições.

– Quanto?

Tyrius se virou para mim.

– Rowyn, não! Esses pilantras são como as fadas, só que mais feios. Você não pode confiar neles. Não pode acreditar em nada que sai da boca de um duende.

– Não é como se tivéssemos escolha, Tyrius – eu disse. – Não quero ficar neste lugar fedorento por mais tempo do que o necessário. Eles disseram que sabem onde ele está. Então, vamos descobrir.

Esperei que os duendes parassem de sussurrar entre si.

– Quanto? – repeti quando Ramis olhou para mim.

O ruivo ainda estava sorrindo quando disse:

– Quinhentos.

Cerrei os dentes, sentindo minha pressão subir e minha cabeça girar.

– O quê? – gritou Tyrius. – Você enlouqueceu. Não temos como pagar tudo isso. Diga a eles, Rowyn.

Ramis continuou falando como se o gato não estivesse lá.

– Duzentos e cinquenta para o pedágio e outros duzentos e cinquenta para levá-los até a fada. Sem a gente, nunca irá encontrá-lo. Você sabe que

estou certo, posso ver isso em seus olhos. Você ficará perdida em Elysium para sempre.

Porcaria. Ele estava certo. Ele sabia disso e eu também.

– Tudo bem. – Peguei minha carteira na bolsa, sentindo o olhar raivoso de Tyrius em mim. Vasculhei minha carteira. – Eu não carrego tanto dinheiro comigo – falei, tirando todas as notas enquanto caminhava em sua direção. – Eu só tenho cento e vinte.

Ramis arrancou o dinheiro das minhas mãos. Ele contou, aparentemente satisfeito por eu não estar mentindo, então, enfiou o dinheiro no bolso da frente da sua calça jeans.

– Isso serve.

Franzi a testa, irritada, pois sabia que ele teria aceitado muito menos.

– Por aqui – disse o líder da gangue com um sorriso largo.

– Espere! – exclamei. – E o caminho de volta? Quando pegarmos a fada, como saberemos qual é o caminho certo?

– Isso mesmo – concordou Tyrius, parecendo furioso por eu os ter dado todo o nosso dinheiro.

Ramis enfiou a mão no bolso e me jogou uma moeda.

– Ouro de duende – ele disse quando peguei e virei o objeto na minha mão.

Era do tamanho de uma moeda e parecia mais cobre do que ouro. Eu já tinha ouvido falar de ouro de duende antes, mas sempre acreditei que fosse um mito. Assim como as bruxas usavam amuletos e talismãs como condutores para a magia, eles diziam que os duendes usavam moedas. Cada uma tinha sua própria habilidade mágica. E essa era o nosso ingresso para sair deste lugar. Rolando meus dedos sobre ela, pude sentir entalhes, mas estava escuro demais para distingui-los. Também pude sentir um buraco bem no centro.

– A moeda ficará mais quente quanto mais perto você estiver da saída. Mais frio, mais longe.

– Certo. – Embolsei o objeto, esperando que ele não estivesse mentindo e não tivesse me enganado com uma moeda qualquer.

Com Ramis liderando o caminho, voltamos e o seguimos pelo túnel. Os outros três duendes seguiram atrás de nós, o grande de cabelo preto ainda olhando minha bolsa sempre que eu me virava para olhar atrás de mim. Tyrius reclamava e xingava a cada passo, mas estava seguindo. Não tínhamos muita escolha.

Então, para minha surpresa, Ramis começou a assobiar e os outros duendes se juntaram a ele. Minha pele se arrepiou. O som era lindo e hipnotizante, fazia-me lembrar de prados esvoaçando com flores silvestres. A melodia era muito diferente e parecia estranha nos túneis escuros. Eu não tinha ideia de que os duendes eram tão talentosos musicalmente.

– O que diabos é isso? – murmurou Tyrius. – A Branca de Neve e seus quatro *do-endes*?

Ramis e os outros não pararam de assobiar suas músicas enquanto nos levavam de volta pelo caminho de onde tínhamos vindo. Quando chegamos ao local onde os túneis se dividiam em três, ele nos levou pelo túnel da direita, aquele no qual Tyrius disse ter percebido uma energia muito ruim.

Chegamos à beira de uma vasta câmara que se erguia quinze metros acima de nossas cabeças. O chão diante de nós não tinha aquela mesma terra batida e poeira dos outros. Possuía água fria e imóvel como uma pedra. No centro da água, havia uma pequena ilha com uma montanha de rocha com um buraco. Era uma caverna dentro de uma caverna, notei. Uma luz dourada e suave vinha dela e eu podia sentir o cheiro da fumaça fraca.

A água era um problema.

Assim como gatos reais, os demônios baal a odiavam. Era mais um medo do que um ódio, na verdade. Eu nunca tinha perguntado a Tyrius o porquê. Apenas presumi que ele não gostava de banhos. Quando olhei para o gato, senti um aperto no peito. Tyrius estava parado com os olhos fixos nas águas negras. O medo brilhava em seus olhos azuis.

– Tem certeza de que este é o lugar? – Olhei para Ramis, esperando que ele estivesse errado.

– Ele está lá – respondeu o duende, apontando para a ilha de pedra. – Ugul mora aqui há oitenta anos. É a única fada que vive aqui. Nunca me preocupei em perguntar o porquê. Ele é reservado.

Exalei lentamente.

– Como eu vou saber se você não está mentindo?

Ramis arqueou sua sobrancelha espessa e vermelha.

– Você não vai. – Ele me observou por um momento. – A fada está lá.

Olhei para a água. Ela estava estranhamente parada. Era como um espelho preto.

– Qual é a profundidade?

Ramis deu de ombros.

– Não sei. Ugul usa um barco para chegar à costa.

Claro. Quando olhei novamente, vi um pequeno barco a remo amarrado a um pequeno píer. Minha frustração dobrou quando percebi o que isso significava – a água era muito profunda para andar sobre ela.

Droga. Eu teria que nadar.

– Parece que você vai precisar nadar. – Riu o duende de cabelos grisalhos e cavanhaque, lendo minha mente. – Espero que ele valha a pena.

– É *bom* ele valer a pena – resmungou Tyrius, mas ele ainda não tinha se mexido.

Olhando através da água misteriosa, perguntei-me quantas fadas tinham tentado atravessar e haviam falhado. Talvez elas nunca tivessem chegado tão longe. Talvez tenham pegado o túnel errado e sido engolidas por um Rift. Ah, bem.

– Não fique muito tempo na água – alertou Ramis.

Virei-me, lutando com meu medo crescente.

– Por que não?

O duende a observava com apreensão nos olhos.

– Eu me apressaria se fosse você – disse ele, mostrando seus dentes podres. – Boa sorte, querida. Você vai precisar.

Antes que eu pudesse perguntar mais, Ramis e seus companheiros duendes se viraram e desapareceram no túnel, deixando apenas um baixo assobio como uma lembrança de que eles realmente tinham estado aqui. Não consegui mais ouvi-los.

Soltei um longo suspiro e me ajoelhei ao lado de Tyrius.

– Você quer me esperar aqui? Eu entendo se não quiser vir.

– De jeito nenhum! – Tyrius girou e me encarou. – Você tá louca? De jeito nenhum vou deixar você até a ilha sozinha. Eu só... vou precisar de uma carona, obrigado.

Ele pulou em meus ombros e se enrolou na minha nuca como um cachecol peludo. O calor do seu pelo aqueceu meu corpo. Era um conforto bem-vindo na caverna fria e mofada.

– Espere aí – eu disse, levantando e caminhando até a beira da água. Fiz uma careta. – A água fede. Fede a carniça e a morte.

– E você está prestes a tomar um banho nela – comentou o gato. – Legal.

– Continue assim, gatinho, e posso escorregar e cair – falei – com você. Tyrius fechou a boca e cutucou meu pescoço com seu nariz frio.

– Eu acho que ela vai até à cintura – disse ele. Sua respiração fazia cócegas na minha bochecha. – Tente entrar o mais silenciosamente que puder. Não queremos perturbar o que está lá dentro.

– Não – exalei. – Não queremos.

Nunca gostei de nadar onde não pudesse ver o fundo. Sempre imaginei haver um grande tubarão-branco esperando para me cortar em pedacinhos. *Nota mental: parar de assistir Tubarão.*

Fui até a beira da água e olhei para baixo. Ela parecia estranha, sinistra e viscosa como óleo, viscosa demais para ser considerada normal.

Afastei meus medos. Eu tinha que fazer isso. Não havia outra maneira. Tinha que fazer isso pela minha avó. E nem mesmo a água que parecia ter vindo do inferno iria me impedir.

Agarrei minha lâmina da alma com a mão direita, puxei minha lâmina da morte com a esquerda e me aproximei lentamente da água preta e gelada.

CAPÍTULO 12

— **C**aramba, está fria! – sibilei enquanto me abaixava mais na água fria e fedorenta.

Pior era a sensação dela se infiltrando nas minhas roupas, na minha pele, como uma sopa fria. Eca. Eu ia feder a esgoto depois disso.

Tyrius riu.

– Isso não é um spa, querida.

– Continue assim, bola de pelos, e você será o próximo.

Fiz uma careta ao pensar em todos os bichos nojentos que gostavam de água salobra e fechei a boca. De jeito nenhum aquela água ia entrar na minha boca. Ela estava fria, mas não insuportável. Levantei minha bolsa nos ombros para não molhar. Apesar dos meus movimentos lentos, ondas prateadas se formavam diante de mim. Minha bota ficou presa em uma pedra e eu tropecei, respingando um pouco de água.

Prendi a respiração por alguns segundos, mas nada aconteceu, então, continuei. Eu me movia lentamente com os braços bem acima da água. Tyrius estava certo. Ela não passava da minha cintura. Eu não tinha ideia de como ele sabia disso. Devia ser uma coisa de baal. Ou talvez fosse uma coisa de gato?

O progresso foi lento, mas senti a tensão diminuir quando a água começou a abaixar até chegar à altura do joelho. Quando minhas botas alcançaram a margem, eu sorri.

Levantei-me e alonguei meus músculos tensos.

– Bem, isso não foi tão difícil. – Olhei para o que parecia ser algas marinhas grudadas no meu jeans, embora soubesse que não era. – Vou precisar de um banho, mas não foi tão ruim quanto eu pensava.

– Isso porque a água não era o problema. Eles são.

Atrás de mim, senti uma presença repentina de algo repugnante. Demônios. E um monte deles.

– Eu sabia que era bom demais para ser verdade.

Girei os ombros quando Tyrius saltou para o chão. Ele estava limpo e cheirava ao perfume da minha avó. Ao contrário dele, eu cheirava a bosta. Literalmente.

Testando o movimento das minhas lâminas, eu as girei, trazendo-as de volta com a velocidade da luz. Por um instante, vi um monte de presas, olhos vermelhos e pele molhada e escorregadia com escamas. Eles pareciam peixes. Credo. Seus corpos eram longos e finos. Lembravam um cruzamento entre um cachorro e um peixe, disformes como se ainda não tivessem terminado de se formar. Demônios menores que escaparam do Submundo. Seus olhos vermelhos brilharam com fome pela minha alma. Nem pensar.

– Cães veth – disse Tyrius. Seus olhos brilhavam com sua magia demoníaca. – Nunca vi tantos no mesmo lugar assim. – Uma luz reluzia dentro do demônio baal e expandia até ficar mais fraca nas extremidades do corpo. Eu sabia que ele estava prestes a se transformar em seu alter ego: uma pantera negra espetacular. – Esses feiosos foram criados apenas para dois propósitos: proteger e matar.

– Ma-ra-vi-lha.

Quando lancei um olhar ao redor da câmara, as paredes pareciam estar se movendo. Então, percebi com horror que não eram elas que estavam se movendo; eram os cães veth. Havia centenas deles. Agora, eu sabia por que as fadas nunca tinham recuperado sua presa. Elas nunca tinham conseguido passar por eles. Excelente.

Uma horda deles surgiu entre nós e a caverna. Se não estivesse enganada, eu diria que estavam nos impedindo de entrar ou guardando a fada dentro da caverna.

– E parece que eles não comem há algum tempo – disse Tyrius.

– Precisamos passar por eles e entrar naquela caverna – eu disse, agachando-me. Meus olhos estavam fixos na luz dourada brilhante que reluzia na pequena entrada.

– Sim, e depois? – perguntou Tyrius enquanto sua luz interna crescia cada vez mais. – Se chegarmos à caverna, eles ainda estarão aqui quando voltarmos.

– Certo.

Merda. Isso era verdade. Droga. Por que as coisas eram sempre tão complicadas? Parecia que eu nunca tinha sorte.

Ouvi o som de garras batendo nas pedras. Eu girei e tive um vislumbre de um olhar malicioso antes da minha lâmina fazer contato com algo sólido. O que quer que eu tivesse atingido se desintegrou em uma nuvem de cinzas.

Tyrius acenou com a cabeça, olhando para a pilha de cinzas.

– E é isso que acontece quando os demônios são eliminados da ilha.

O resto das palavras do demônio baal foram abafadas quando uma explosão de luz, impossível de olhar, tomou conta dele. Em poucos segundos, não havia mais um gato siamês, mas, sim, uma pantera negra de 130 quilos. Droga. Queria poder fazer isso.

Menos de um segundo depois, uma onda de cães veth atacou com força e crueldade.

Uivos cortaram o silêncio da caverna.

Um flash de escamas tomou conta da minha visão. Eles eram incrivelmente rápidos. Com uma velocidade sobrenatural, um cão acertou meu peito. Perdi o ar quando fui arremessada para trás. Minhas costas bateram no chão duro e rochoso e eu bati a parte de trás da minha cabeça. Pontos pretos flutuaram na minha visão, mas eu estava de pé antes que eles sumissem. Impulsionada pelo instinto, virei minhas lâminas enquanto rodava, cortando o cão no peito. Senti seu hálito quente e pútrido quando o demônio explodiu em cinzas.

A parte de trás da minha cabeça latejava e uma náusea me inundou. Contudo, eu não podia parar. Parar significava a morte e eu precisava muito pegar essa fada. Precisava receber o dinheiro.

Um movimento chamou minha atenção. Virei-me, desembainhando minha espada enquanto mais cães se espalhavam pela ilha rochosa. O ar fedia a peixe podre, fazendo-me engasgar, mas, ainda assim, eles continuaram vindo para cima de mim. Os cães se aproximavam, batendo os dentes e pulando as pedras em um ataque violento.

O sangue jorrava quando eu acabei com a primeira leva e recuei, subindo na rocha enquanto mais cães vinham. Eu chutei com força, derrubando um demônio, em seguida, outro saltou sobre a rocha e voou em minha direção.

Abaixei-me. Girando, levantei as lâminas e o acertei enquanto ele subia, tentando pegar a minha garganta.

Depois, veio mais.

Brandi minhas lâminas e golpeei os cães veth enquanto eles avançavam, rosnando e uivando. Era como um mar de escamas e presas vindo em minha direção em ondas.

Este era um alvo impossível. A rainha me enviara em uma missão suicida. Maldita. Malditas sejam todas as fadas.

Sucumbi à minha raiva, lutando com fúria enquanto avançava em suas fileiras. Eu não poderia falhar com minha avó, não agora.

Eu só conseguia enxergar dentes amarelos, todos vindo para cima de mim. O sangue daqueles que eu matei estava por toda parte. O lugar ficou coberto com sangue preto.

Freneticamente, eu os golpeava e apunhalava, tentando recuar ao mesmo tempo. E ainda vinha mais. Para cada um que eu derrubava, outros dez o substituíam.

Um rugido alto e arrepiante sacudiu a caverna. Subi outra pedra, vislumbrando Tyrius, a pantera negra. Seus olhos amarelos brilhavam com ódio profundo quando ele atacou um cão veth. O corpo magro do demônio menor não era páreo para os trezentos quilos de músculo predatório. Sua mandíbula enorme envolveu o pescoço do cão. Houve um estalo terrível e a cabeça do cão caiu aos pés de Tyrius.

Alguns veth pararam, seus olhos vermelhos observavam a pantera negra com confusão e medo, mas Tyrius não parou. Ele atingiu outra onda de cães com a força de um trem batendo contra uma parede. Membros eram arrancados e sangue voava. Os cães veth uivaram de fúria e pânico enquanto tentavam fugir do grande felino.

Mais uivos soaram em meus ouvidos quando outra horda respondeu ao chamado de seus parentes e correu para encontrar a pantera negra. Eles saíam pelas frestas como formigas gigantes.

Todos atacaram a pantera negra ao mesmo tempo com um golpe tão forte que a cabeça de Tyrius bateu na pedra. Quando o grande felino se levantou, uma leva de cães saltou em suas costas, debatendo-se descontroladamente com suas garras e presas. Tyrius rugiu de dor.

Os demônios menores atacavam de forma impiedosa e mortal. Senti um aperto no peito ao ver a recusa de Tyrius em parar, apesar de mancar, dos cortes e do sangue.

Os cães veth cambaleavam para trás, mas logo se lançavam novamente com as mandíbulas estalando. Tyrius se debateu loucamente, tentando se

libertar das entidades que o perseguia. Infelizmente, ele não conseguiu escapar das presas agarradas em suas costas e em seu pescoço.

Tyrius se debateu várias vezes no chão, mas, ainda assim, não conseguiu se libertar.

Tufos de pelo preto e pele voaram no ar, a pele da pantera. Enquanto eles enterravam seus dentes em sua pele como carrapatos gigantes, meu coração parou. O gemido de Tyrius era de dor agonizante e dilacerante, do tipo que eu nunca tinha ouvido.

Eles eram simplesmente muitos.

– Tyrius! – eu gritei. Uma fúria enorme tomou conta de mim.

Maldita Isobel. Eu nunca deveria ter aceitado o trabalho.

Deixando minha raiva me ancorar, marchei com o intuito de matar qualquer coisa que não fosse deste mundo. Lutei contra os demônios menores, matando qualquer um que chegasse perto o suficiente e deixando um rastro de cães mortos. Era um esforço inútil, eu sabia. Havia muito mais do que Tyrius e eu conseguiríamos matar. Se quiséssemos sobreviver, tínhamos que chegar àquela pequena caverna.

Eu gritei e chutei. Minhas pernas latejavam de dor. Eu tinha que salvá-lo.

Sabia que era idiotice. Não havia como eu derrotar todos eles, mas eu não iria deixá-los matar meu amigo. Nunca.

Algo me atingiu na lateral da cabeça, então, senti uma dor excruciante nas minhas costas. A dor atingiu minhas costas com tanta força que caí no chão e minhas lâminas voaram das minhas mãos. Ela subiu pelos tendões do meu pescoço quando senti uma respiração quente e dentes afiados afundarem na minha carne, ao redor do pescoço, pernas e braços.

Tentei falar, mas não tinha fôlego. Não consegui me mexer. Lágrimas embaçaram minha visão. Eu não conseguia ver Tyrius.

De repente, uma luz brilhou. Ela não veio de mim ou da pantera, mas, sim, da caverna. A luz era tão brilhante que iluminou toda a caverna como se fosse a luz do dia. Os demônios veth uivaram e silvaram. Através da minha visão embaçada, eu os vi recuar para as frestas e buracos, fugindo da luz.

O que diabos aconteceu?

Uma pequena bola de pelo marrom-amarelado e preto estava no chão, a seis metros de mim. Era Tyrius, ele havia voltado para sua forma siamesa. E não se movia.

– Tyrius!

Meu sangue congelou quando o medo tomou conta de mim. Gemendo, apoiei-me nos cotovelos e pisquei para a fonte da luz.

De pé no meio da ilha, com as mãos levantadas sobre a cabeça, estava um homem pequeno. Sua forma era uma silhueta nítida contra a luz. Ele baixou as mãos e a luz diminuiu até que tudo o que restou foi o mesmo brilho amarelo e sinistro da caverna.

Eu podia vê-lo claramente agora. O rosto que olhava para mim não era de um homem, mas, sim, de um goblin.

CAPÍTULO 13

Encarei a criatura, o goblin. Eu só tinha ouvido falar deles, nunca tinha visto um com meus próprios olhos, mas eu sabia que era um goblin. Eu tinha certeza disso.

Ele não tinha mais de um metro e meio de altura. Sua pele era marrom e rachada como couro envelhecido. Mechas de cabelo branco se sobressaiam em sua cabeça quase careca e uma barba branca caía abaixo de um nariz muito grande e bulboso. A barra de uma das pernas de sua calça estava rasgada enquanto a outra estava enfiada em uma bota alta e gasta pelo tempo. Ele usava uma camisa de linho bege que eu tinha certeza de que já fora branca. Pelo desgaste de suas roupas, o sujeito não fazia compras desde a virada do século XX.

Por que ele nos salvou? Naquele momento, eu não me importei. Estava irritada, não tinha tempo para fazer amizade com goblins.

Esqueci minha dor quando a raiva brotou em mim. Não havia nenhuma fada aqui. Os duendes tinham nos enganado. *Desgraçados*. Tudo tinha sido em vão.

Ignorando o híbrido, lutei para ficar de pé e peguei minhas lâminas do chão, prendendo-as ao meu cinturão. Eu não tinha ideia se o goblin era um amigo ou um inimigo, mas não confiava nele. Mesmo que tivesse nos salvado, eu não sabia se ele tinha algum motivo oculto. Talvez o cara tivesse nos salvado apenas para servir nossa carne em uma bandeja mais tarde.

Eu não arriscaria, não com Tyrius deitado ali. Ele ainda não havia se movido. Cambaleando como uma bêbada, eu desabei ao lado dele.

– Tyrius? – Coloquei minhas mãos trêmulas cuidadosamente sobre seu corpo e soltei um grito de alívio quando minhas palmas sentiram calor emanar dele. Seu peito subia e descia. – Tyrius? – eu disse novamente, mas o gato não abriu os olhos. Quando tirei minhas mãos, elas estavam cobertas de sangue preto. Seu sangue. – Ah, não. Sinto muito, Tyrius. – Meus lábios tremeram. Minhas palavras saíram como um soluço e eu pisquei para afastar as lágrimas dos meus olhos. – Não deveríamos ter vindo aqui. Isso é tudo culpa minha.

A culpa era como uma adaga quente entrando em meu estômago. Eu achara que tinha feito a coisa certa ao vir aqui para salvar a casa da minha avó. Olhando para Tyrius agora, já não tinha mais tanta certeza.

Sou uma idiota. Vou perder meu único amigo verdadeiro.

– Sim, você está certa. Você não deveria ter vindo – latiu uma voz atrás de mim, sem dúvida do goblin. Sua voz grossa parecia ecoar nas paredes de pedra. Ouvi um suspiro alto. – Por que você veio aqui? O que quer? – A última parte foi mais uma intimação.

Explodi de raiva e não me contive. As botas derrubaram as pedras duras atrás de mim.

– Você me ouviu? Ou os nascidos-anjo são deficientes auditivos? Estou falando com você!

Eu quase rosnei quando virei minha cabeça, não me importando que as lágrimas escorressem pelo meu rosto. Quando falei, senti o gosto do sal na boca.

– Afaste-se dele ou, então, Deus que me ajude. Vou cortar suas bolas e fazê-lo as engolir.

O goblin abriu a boca em choque e, depois, fechou-a. Seus grandes olhos castanhos me estudaram por um momento. Eu não tinha ideia do que ele estava pensando e isso só me deixou mais irritada.

– Seu amigo precisa de ajuda – disse o sujeito, surpreendendo-me com o uso da palavra amigo e não demônio. – Leve-o para dentro – ele ordenou novamente, gesticulando para a pequena caverna com a mão. – Eu posso ajudar.

Inclinei-me sobre Tyrius protetoramente e o goblin ergueu uma sobranceira.

– Você quer que ele sobreviva?

Puxei minha lâmina da alma.

– Você quer viver?

Um aborrecimento cruzou os olhos do híbrido quando ele pressionou as mãos nos quadris.

– Mesmo que você saísse de Elysium, ele não sobreviveria à jornada. Se quer que ele viva, deve levá-lo para dentro. Caso contrário, ele morrerá. Não seja uma tola. Venha.

Tola? Sim, talvez ele estivesse certo. Observei o goblin enquanto ele caminhava em direção à pequena entrada da caverna, imaginando como o cara havia feito aquela luz brilhante. Ele não estava carregando nada que eu pudesse ver. Então, decidida, guardei minha lâmina e peguei Tyrius, tentando não chorar e desmoronar.

Eu não sabia o que faria se o gato morresse. O pensamento dele morrendo fez meu coração se partir em pedaços.

Meu corpo doeu quando me levantei, mas não era nada comparado aos golpes que Tyrius havia sofrido. Envolvendo-o suavemente em meu peito, segui o goblin para dentro da caverna.

Minha primeira impressão foi que cheirava a repolho cozido. Ela era apertada, menor que meu apartamento, mas aconchegante e surpreendentemente quente. A fonte do calor vinha de uma pequena fogueira no meio da câmara com uma grelha e uma panela em cima. A fumaça do fogo subia e desaparecia em uma pequena abertura no teto da caverna, que eu suspeitava que o goblin havia criado. Havia uma cama pequena em um canto, uma cadeira de frente para o fogo e uma mesa de madeira com duas cadeiras.

– Coloque-o na mesa e deite-o do lado esquerdo, com o lado da ferida para cima. – O goblin colocou uma bolsa de couro preta que parecia de médico na mesa ao lado de uma toalha. Então, ele arregaçou as mangas.

Obedientemente, baixei Tyrius sobre a mesinha, mas fiquei perto o suficiente dele, caso o sujeito tentasse fazer algo idiota. Certifiquei-me de que ele visse minha mão no cabo da minha lâmina. O goblin bufou de irritação com o meu gesto, mas eu não me importei. Um movimento errado, e sua cabeça rolaria.

– Se isso for um truque – eu disse, torcendo minha mão no cabo da lâmina –, se você estiver pensando em comê-lo, eu vou...

– Sim, sim, eu ouvi da primeira vez. – O goblin acenou com a mão para mim. – Você vai cortar meu saco, não é mesmo? – Ele soltou uma risada. – Bem, eu sou vegetariano. Tá bom? Agora, cale a boca para que eu possa salvar seu amigo.

Ergui a sobrancelha. Nunca tinha ouvido falar de goblins vegetarianos, mas, eu não sabia muito sobre eles. Talvez ele estivesse mentindo? Talvez não.

O híbrido pegou outra toalha e a jogou em mim.

– Você está sangrando na nuca – disse ele, com os olhos em Tyrius.

Pressionei a toalha contra o meu pescoço, mantendo um olhar atento enquanto ele passava a outra toalha em Tyrius. A toalha saiu manchada de sangue. Da bolsa, o goblin puxou uma agulha e uma linha.

– O que você vai fazer com isso? – eu perguntei, de repente assustada.

– Vou dar pontos nele – disse o goblin enquanto colocava a linha na agulha. – Os baals são muito parecidos com felinos normais quando estão deste lado do mundo. Quando assumem esta forma, eles são como um gato comum com órgãos internos e coisas assim. Por isso, preciso parar o sangramento. Se eu puder fazer isso, ele terá chance de sobreviver.

Meus olhos ardiam. Como não confiava em mim mesma para falar, simplesmente assenti.

O goblin cortou um pedaço de pelo molhado, que percebi ser sangue, até que o ferimento ficou livre de pelo e só tinha pele ao redor. Eu quase vomitei com o que vi. A pele de Tyrius estava mutilada. Eu podia ver marcas de dentes onde eles haviam puxado para rasgá-la.

O goblin não pareceu notar meu pânico quando estendeu sua mão firme, beliscou a pele do gato e começou a dar pontos. Para alguém com dedos tão grossos e curtos, ele era surpreendentemente gentil e hábil.

Incapaz de fazer qualquer outra coisa, eu me levantei e observei enquanto as mãos experientes do sujeito costuravam meu amigo peludo. Uma mão invisível parecia envolver minha garganta e apertar cada vez que o goblin puxava um ponto.

Aguenta firme, Tyrius. Por favor, aguenta firme.

Após vinte minutos intensos, o goblin amarrou e cortou o último ponto.

– Isso deve servir. Coloque-o ao lado do fogo. O calor vai ajudá-lo a se curar mais rápido.

– Então, ele vai ficar bem? – perguntei, piscando rápido.

Senti uma pontada de esperança em meu peito enquanto olhava para a longa fileira de pontos no meu gato, em seu lindo pelo. Eu sabia que, quando Tyrius acordasse, ele iria *odiá-la*.

O goblin assentiu.

– Ele ainda não está fora de perigo, mas acho que chegamos a tempo de impedir que perdesse muito sangue.

Deslizei minhas mãos sob Tyrius e o levantei. O gato ainda não tinha aberto os olhos, mas o sangramento havia parado. Isso deveria ter me confortado, porém, só me senti mal.

– Você é algum tipo de curandeiro? – perguntei enquanto caminhava em direção ao fogo e gentilmente o colocava, inconsciente, no chão.

Meus pensamentos se voltaram para Pam, tinha certeza de que a mulher teria um ataque ao ver Tyrius. Tive a sensação de que não era a única que o amava muito. Tyrius tinha esse efeito nas pessoas, especialmente nas mulheres.

O goblin lavou as mãos em uma bacia de água e, depois, secou-as em suas calças.

– Não, mas eu sou um alfaiate muito bom.

Suspirei. Eu não estava com disposição para o sarcasmo dele. Acomodei-me ao lado de Tyrius, de costas para a parede, para ter uma visão clara do goblin.

– Por que nos salvou? Você nem sabe quem somos. Poderia ter deixado os cães veth nos matarem.

O goblin arqueou placidamente as sobrancelhas.

– Parecia a coisa certa a fazer.

– Ninguém mais faz a coisa certa – eu disse, mudando para uma posição mais confortável. – E ninguém faz nada de graça também. Você quer receber por isso?

O goblin jogou a toalha ensanguentada na bacia de água, seu rosto franzido de raiva.

– Pagamento? Pareço um duende para você? Se eu não tivesse saído, você estaria morta. Vocês dois.

Isso era verdade. Ainda assim, eu não estava comprando o ato de bom samaritano.

– Por que você mora aqui nesta caverna com aqueles cães lá fora? Não tem medo de que, um dia, eles possam matá-lo?

– Não. – O híbrido se sentou na cadeira ao lado do fogo. Seus ossos estalaram com o esforço. – Eles estavam aqui quando me mudei. Não consegui fazê-los sair, então, escolhi viver entre eles.

Surpresa, eu olhei para ele, cerrando os olhos à luz do fogo.

– Por quê? Você é suicida?

Suas rugas se aprofundaram.

– Os cães não me incomodam. Não com minha luz. Eles têm medo dela. Veja bem, eu não os incomodo e, em troca, eles não me incomodam.

Observei o pequeno goblin.

– Aquela não era uma luz comum e você sabe disso. – Inclinei-me para trás e cruzei os braços sobre o peito. – Se tivesse que adivinhar, diria ser alguma luz de bruxaria ou algo mágico parecido. Estou certa?

A luz laranja do fogo cintilou nos grandes olhos do goblin. Ele ficou em silêncio, absorto em seus pensamentos. Com uma profunda preocupação em seu olhar, o híbrido olhou para Tyrius, mas ainda não disse nada.

Eu podia ver a solidão em seus olhos ou, possivelmente, algo que o estava incomodando.

– Há quanto tempo você mora aqui?

Pela primeira vez, o sujeito pareceu tenso.

– Muito tempo.

Meu rosto se contorceu.

– Por que não vai embora? Tenho certeza de que você pode encontrar um lar melhor do que este lugar assustador. Sem ofensa.

O goblin continuou a olhar para o fogo, mas não respondeu. Deslizei meus dedos nos pelos de Tyrius, observando suas pálpebras piscarem. O híbrido dissera que ele ficaria bem, então, por que o gato ainda não acordara? Quanto tempo os baals precisavam para se recuperar? Eu tinha visto Tyrius ferido antes, mas nunca a esse ponto. Nunca assim tão grave. Será que ele acordaria?

O medo fez meu sangue latejar tanto em meus ouvidos que pensei que meus tímpanos iriam estourar, mas a raiva afastou o medo. Era tudo culpa minha. Se Tyrius morresse, seria por minha causa. Eu poderia muito bem tê-lo matado com minhas próprias mãos.

Malditos duendes. Eles tinham nos mandado aqui para morrer. Eu nunca deveria ter confiado neles. Devido à minha estupidez, tinha, possivelmente, matado meu melhor amigo e minha avó perderia sua casa.

Minha mente estava um turbilhão, deixando-me com a sensação de que eu estava caindo em um buraco negro sem fim de autopiedade. Primeiro foi Jax e, agora, Tyrius...

Senti o suor escorrendo pelas minhas costas. Eu não podia ter uma crise agora, droga. Não quando minha vida parecia finalmente organizada e eu estava bem resolvida.

Não havia outra escolha. Eu tinha que encontrar Ugul.

Onde estava aquela fada idiota? Como eu poderia encontrá-lo agora que Tyrius estava desmaiado?

Voltei meus olhos para o goblin, que ainda estava olhando para o fogo. Que criatura pequena lamentável. Um pensamento me ocorreu. Se ele estava vivendo neste inferno há tanto tempo, provavelmente sabia alguma coisa sobre a fada que eu estava caçando.

Observei-o cuidadosamente.

– Já cruzou com uma fada chamada Ugul? – perguntei, rezando para que as almas me dessem um desconto.

O goblin se virou e me encarou com suas narinas grandes e dilatadas.

– Por quê?

Minha raiva voltou.

– Porque eu quero discutir taxas de hipoteca com ele. – Olhei para o híbrido, sentindo-me no limite da minha paciência. – Você sabe onde posso encontrá-lo ou não? É uma pergunta simples. – Estava ficando sem paciência e ver Tyrius deitado ao meu lado, parecendo sem vida, estava me enlouquecendo.

– Eu sei onde pode encontrá-lo – disse o goblin, depois de um momento.

– Você sabe? – Sentei-me ereta e preendi a respiração. – Onde? Onde ele está?

O goblin bufou.

– Bem aqui. Você o encontrou. Eu sou ele.

Minha língua parecia pesada em minha boca enquanto estreitava meus olhos, pensando que isso era outro truque.

– *Você é Ugul?* – Inclinei-me para trás, sacudindo a cabeça. – Não, você não é ele. Não pode ser.

– *Você é surda, nascida-anjo?* Acabei de dizer que *eu sou ele*. A menos que você esteja procurando por outra fada chamada Ugul, tipo meu bisavô. Só que ele morreu há trezentos anos. O único Ugul no mundo mortal sou eu.

Senti o início de uma dor de cabeça.

– Mas Ugul é uma fada. Você é um goblin.

Os olhos castanhos dele me encararam com seriedade antes de dizer:

– Goblins são fadas. Fadas da Corte da Luz.

CAPÍTULO 14

Eu não sabia o que fazer, então, comecei a rir.

– Você está me sacaneando, não é, goblin?

O híbrido resmungou para mim.

– O que você esperava? Um homem-fada alto e bonito com peito musculoso, nariz pequeno e olhos sonhadores?

Comprimi meus lábios.

– Algo parecido.

– Não. – Ele sacudiu a mão para mim. – Você assiste a muita televisão.

– Não consegui ouvi o resto do que dizia pois ele virou a cabeça e murmurou para si mesmo enquanto olhava para o fogo.

– Mas...

Eu nunca tinha visto nenhum livro ou registro que dizia que os goblins eram fadas. Se tivesse, acho que me lembraria. Isso era loucura.

Exalei lentamente. Minha mente girava. Não havia como saber se aquele goblin estava falando a verdade. Todavia, eu nunca tivera o prazer de conhecer uma fada da Corte da Luz. Só havia cruzado com aquelas fadas sujas da Corte das Trevas. Talvez... essa fada-goblin estivesse dizendo a verdade. Talvez ele *fosse* Ugul.

Isso explicaria porque estava morando aqui, porque ele tinha um exército de cães de caça cercando sua casa e porque as fadas da Corte das Trevas nunca poderiam alcançá-lo.

Meus olhos observaram sua cabeça um pouco grande demais, seu rosto deformado, as orelhas que caíam quase até os ombros, o couro cabeludo escamoso e a pele morena com rugas profundas enquanto ele pensava sobre algo. O híbrido assustaria qualquer criança humana.

Emoções conflitantes me atingiram como uma injeção de adrenalina. Se ele realmente era Ugul, então, meu trabalho estava feito. Com uma simples entrega para a fada rainha das trevas, eu pagaria a dívida da minha avó e consertaria as coisas novamente.

O pensamento me fez sorrir. Ainda assim, o sujeito tinha nos salvado. Merda. Eu estava tão ferrada.

– Isso não faz sentido – eu soltei em voz alta antes de perceber o que tinha feito.

– O que não faz sentido?

Estremeci com a voz familiar. Tyrius estava sentado. Seus olhos azuis estavam arregalados e pareciam saudáveis. Seus pontos haviam desaparecido e tufo de pelos brancos cobriam sua barriga enquanto seu pelo começava a crescer.

– O que eu perdi? – disse o gato.

Meus olhos ardiam enquanto eu lutava para manter minhas lágrimas sob controle. Estendi a mão e segurei seu rosto, sabendo que ele odiava isso, mas não me importando.

– Graças a Deus. Como você está se sentindo?

Tyrius puxou a cabeça das minhas mãos e olhou para seu corpo.

– Como se eu tivesse passado por um moedor de carne. O que aconteceu? Não me lembro. Devo ter apagado. Você me curou?

– Não – eu disse, sentindo os olhos do goblin em mim quando me virei e disse – Ele o curou.

Tyrius olhou para o híbrido.

– Obrigado, gentil senhor – disse o gato. – Estou em dívida com você. Eu sou Tyrius.

– Ugul – disse o goblin.

Observei Tyrius em busca de um sinal de que o goblin estava mentindo. Senti um nó na garganta quando ele não reagiu do jeito que reagia com mentiras. O gato teria me dado *um olhar*. O demônio baal voltou seu olhar para mim e arqueou uma sobrancelha, dizendo-me com os olhos que o goblin era, de fato, a fada que fomos enviados para encontrar. Ele cheirou o ar.

– Você tem alguma comida nesta espelunca? Eu mataria por uma pizza ou um cheeseburger.

O goblin nos olhava estranhamente. Ele tinha percebido nossa troca de olhares silenciosa. Cerrando os dentes, seus dedos agarraram os braços de

sua cadeira quando disse:

– Não. Não tem carne. Apenas vegetais e algumas frutas secas.

Tyrius bufou.

– Vocês, fadas da luz, não sabem o que estão perdendo.

Fadas. Então, era verdade. Meu pulso acelerou e eu respirei rápido.

– Aqui – eu disse enquanto pegava uma tira de carne seca da minha bolsa e dava para Tyrius. – Você sabia que os goblins eram fadas?

– Hã, sim. – O gato mastigou com fome. – Os goblins são fadas da Corte da Luz. Eu pensei que você soubesse disso – ele adicionou entre as mastigadas.

Voltei meu olhar para o goblin.

– Eu não sabia. – Meu coração estava acelerado.

– Contudo, as fadas da luz e das trevas nunca se deram bem. Não é? – perguntou Tyrius enquanto se aproximava de Ugul, ainda mastigando sua carne. – Devido a algum tipo de conflito entre os tribunais, certo?

Ugul estreitou os olhos para o gato, mas não disse nada.

A tensão aumentou no silêncio repentino. Eu pude ver que o homem-fada estava se arrependendo de sua decisão de nos salvar. Mudei de posição no caso de ter que me mover rápido. Senti algo gelado passando pelo meu jeans enquanto a moeda do duende pulsava e me lembrei que ainda havia uma saída.

Eu realmente vou fazer isso?

Um ar frio e úmido soprou. Olhei através da entrada escura da caverna para a escuridão que se estendia. Eu estava em conflito. Isso nunca tinha acontecido comigo antes em uma caçada. Livrar-me da escória demoníaca era minha especialidade. Inferno, eu era ótima nisso. Era a única coisa na vida que me trazia um senso de propósito. Contudo, este goblin-fada me fazia hesitar. Ele não era o lixo demoníaco com a qual estava tão acostumada a lidar. O que quer que ele tivesse feito não tinha nada a ver comigo. Não era problema meu. Ugul era realmente mau? Ele nos salvara, mas também matara o filho da rainha das fadas.

– Por que você está aqui? – Os olhos de Ugul se arregalaram. – Quem a mandou?

– Quem disse que alguém nos enviou? – perguntou o gato enquanto olhava para mim com encorajamento. Seus olhos diziam “*faça*”.

Droga. Meu coração batia tão alto que eu tinha certeza que Ugul podia ouvir.

– Ela mandou você, não foi? – pressionou o goblin enquanto empurrava a cadeira para trás e se levantava. Sua voz forte me fez vibrar, embora ele estivesse a três metros de distância. – Esperta, ela sabia que eu não iria feri-la por causa do que você é. Eu deveria ter deixado os cães veth a matarem. – Ele deu um passo para trás.

Ouvi Tyrius sorrir.

– Awwww, ele é tão doce que eu poderia até peidar bolas de pelo.

Cerrei meus dentes e minhas mãos se fecharam.

– Eu não sei do que você está falando.

A sensação de antecipação apertava meu estômago. Isso não era bom. Quanto mais eu esperasse, mais difícil seria. Além disso, eu tinha visto um pouco da magia dele. Não tinha ideia o que mais o homem-fada poderia tirar de sua bunda ou o quão poderoso ele era.

– Sim, você sabe – o goblin disse suavemente. Seus olhos escuros e expressivos olhavam para mim e para Tyrius. – Você veio aqui procurando por mim, mas nunca deveria ter vindo. Eu odeio matar os nascidos-anjo, contudo, você não está me dando escolha. Devo me proteger. Devo proteger a todos nós.

Tyrius riu.

– O que ele andou fumando?

– Saiba que isso não me agrada, nem um pouco. Porém, devo matá-la – disse Ugul e um arrepio percorreu-me quando me agachei. – Ela vai acabar com tudo e eu não posso permitir isso.

Uma expressão dura marcou o rosto dele, fazendo-me lembrar de quem ele era e do que era capaz. Afinal, o sujeito havia matado o filho da rainha. Um sorriso cruel curvou os cantos de sua boca. O goblin ergueu a mão e seus lábios proferiram um feitiço silencioso enquanto uma bola de luz branca se formava em suas mãos, a mesma luz branca que eu o vira usar nos cães veth.

Com um movimento rápido e ofuscante, ele a atirou em mim.

Contudo, o goblin não tinha ideia de com quem estava lidando.

Esquivei-me para o lado, mas não rápido o suficiente. Gritei quando a bola atingiu meu braço direito. Eu caí no chão quando a esfera explodiu, soltando centelhas brancas. A dor tomou conta do meu corpo e a tensão contraiu meus músculos um a um enquanto um formigamento quente começou a subir dos meus dedos dos pés até o meu pescoço. Um mau

cheiro de metal fez cócegas em meu nariz, então, senti um cheiro de cabelo queimado.

– Rowyn! – gritou Tyrius sobre o zumbido em meus ouvidos.

Tremendo, empurrei com os joelhos involuntariamente e me forcei para ficar de pé. Quando a onda de náusea parou, olhei para o rosto atordoado de Ugul.

O goblin olhou para mim, franzindo a testa com uma frustração estampada em seu rosto.

– Maldição. Isso doeu – eu gritei, olhando para o resto de sua magia de luz que parecia pequenas correntes elétricas enroladas no meu corpo.

Doeu pra caramba, mas eu não estava morta. Pelo olhar de choque no rosto de Ugul, eu sabia que ele planejava me matar com aquela bola de luz.

Ainda assim, não funcionara.

De alguma forma, sua magia de fada não tivera o que ele pretendia. Minha metade anjo e metade demônio salvaram minha pele.

Um sorriso curvou meus lábios e eu apontei para o goblin de repente inseguro.

– Você não deveria ter feito isso, querido Ugul.

O rosto do híbrido estava mortalmente furioso. Claramente afetado, o goblin caminhou até Tyrius e começou a falar em uma língua estranha.

– Quiso ru setodies ipsos antgu? – ele disse irado. Centelhas de energia branca entrelaçaram seus dedos e eu quase enlouqueci.

Gritando de raiva, voei em direção à fada.

Ele virou a cabeça quando me aproximei. Seus braços estavam erguidos para me acertar de novo com aquela porcaria de luz. Usando meu embalo e com a mão aberta, bati em sua têmpora esquerda o mais forte que pude. Ugul abriu a boca para dizer algo, mas, então, parou. Seus olhos rolaram e ele caiu no chão, inconsciente.

Tyrius saltou ao meu lado.

– Rowyn, você conseguiu! Não que eu tivesse qualquer dúvida. Sabe o que isto significa? Que podemos salvar a casa da vovó!

Olhei para o goblin-fada inconsciente aos meus pés com meu estômago embrulhado.

– Então, por que me sinto uma imbecil?

CAPÍTULO 15

— **E**le é muito mais pesado do que parece.

Eu ofegava, enquanto arrastava os pés o goblin-fada pelos túneis. Usamos seu pequeno barco a remo para voltar pela água e, para minha surpresa e alívio, os cães não apareceram. Ele fedia a repolho e a lenha. Depois que caíra inconsciente, amarrei seu pulso com algemas de ferro – o ferro era um repelente mágico natural – para impedi-lo de conjurar qualquer uma de suas magias de fadas e preendi seus pés com grandes algemas. Para não arriscar, amordacei o goblin com um cachecol velho que encontrei em sua caverna. Eu tinha certeza que, dada a oportunidade, ele tentaria conjurar sua magia.

A moeda do duende estava pressionada contra a minha mão direita, enviando ondas de calor que pulsavam nela. Estávamos bem adiantados, usando a moeda como guia.

– Tem certeza que este é o caminho certo? – questionou Tyrius enquanto caminhava à minha frente. O pelo do baal já havia crescido e eu não conseguia nem dizer onde ele havia levado pontos. – Podemos estar perdidos, você sabe, né? Essa moeda ainda pode ser um truque.

– Por que seria? – perguntei, ouvindo minha voz rouca. Meu coração batia forte e suor escorria por todo o meu corpo. – Os duendes nos disseram onde encontrar Ugul e eles estavam certos. Por que mentiriam sobre esta moeda se nos contaram a verdade sobre a fada?

– Porque eles querem nos confundir? Eu não gosto disso – resmungou o gato.

– Eu sei. Você já me disse uma centena de vezes. Pense assim, talvez esta moeda nos traga sorte. Deus sabe que merecemos um pouco.

Tyrius murmurou alguma coisa, mas eu não consegui entender. Minhas roupas estavam secas e o que quer que estivesse na água tinha grudado em meu jeans como tiras finas verde escuro. Meu humor piorou com o esforço de arrastar a fada, mas eu suspeitava que a culpa do que eu estava prestes a fazer seria mais pesada do que ele.

Meus ombros ardiam de dor. Exalei ruidosamente e puxei a fada sobre uma grande pedra.

– Jesus, espero que estejamos chegando ao fim do túnel em breve. – A moeda pulsava com o calor, dizendo-me que ainda estávamos no caminho certo. – Estou cansada de carregar o traseiro dele.

– Estamos quase lá – respondeu o gato. – Eu posso sentir o cheiro da sujeira do rio Hudson. Não deve estar muito longe.

Levantei minhas sobrancelhas, sentindo um fio de suor escorrer entre meus seios.

– Impressionante.

Tyrius se virou e olhou para mim.

– Você já pensou em como vamos levá-lo ao Bairro Místico sem os humanos ligarem para a polícia nos acusando de sequestro?

– Você quer dizer sequestro de fadas? – eu disse, arrastando o goblin pelos pés. – Vou chamar um táxi assim que chegarmos ao parque. Ele é meu pai e está bêbado, vamos levá-lo para casa. Simples assim.

– Tsc tsc tsc. Um táxi para o Bairro Místico? Tem certeza que isso é sábio? – perguntou Tyrius.

Irritada, eu olhei para o gato.

– Ou mais perto que o taxista estiver disposto a nos levar. Eu mesma o arrastarei para a maldita torre se for preciso.

Tyrius se encolheu com meu humor azedo, mas não disse nada enquanto continuava andando, um pouco mais rápido agora.

Quando finalmente chegamos à grande fenda na parede, a entrada de Elysium, quase desmaiei de alívio. Sorri ao ver a pegada de Tyrius na parede e arrastei a fada inconsciente pela abertura. Nós conseguimos.

Agradei silenciosamente à moeda do duende quando finalmente chegamos à boca do túnel. Achei que Tyrius não iria gostar se eu beijasse o objeto. Embolsando minha moeda da sorte, coloquei Ugul gentilmente no chão e saí. Fechando os olhos, inalei o ar fresco da manhã. Em seguida, colidi com algo duro e, ao mesmo tempo, macio.

Era um corpo. Reconheci seu cheiro almiscarado que fez meu coração disparar.

Meus olhos se abriram.

– Jax? – eu gritei, quase tropeçando em Ugul. – O que diabos você está fazendo aqui?

Jax olhou para mim e, quando nossos olhos se encontraram, senti meu peito contrair. Droga. Por que ele tinha esse efeito sob mim? Eu deveria estar puta da vida, não com borboletas na barriga como uma colegial apaixonada.

Então, seus olhos se voltaram para Tyrius e, finalmente, pararam em Ugul. Ele fez uma cara feia.

– O Padre Thomas me disse onde encontrá-la. Procurei em todas as entradas sem saber quando você apareceria. Quem é esse?

– Não é da sua conta – rebati, lembrando que eu tinha contado ao padre sobre meu trabalho com a rainha das fadas antes de sair, caso eu nunca mais voltasse.

De repente, percebi o quão perto ele estava e quão horrível eu devia estar fedendo. Um calor percorreu o meu rosto. Exalei nervosamente e evitei olhar para Jax quando senti seus olhos deslizarem sobre mim. Eu não ficaria hipnotizada por sua beleza física, não importa o quão gostoso eu achasse que o nascido-anjo era. Droga, ele era gostoso. Gostoso. Gostoso. Gostoso.

Não seja idiota, Rowyn. O cara tem uma noiva, eu lembrei a mim mesma.

– Por que você está aqui, Jax? – repeti.

Quando eu olhei para ele, foi sua vez de evitar meus olhos.

O homem coçou a nuca.

– Eu queria me desculpar pelo comportamento da minha mãe.

– E pelo seu também, imagino – repreendeu Tyrius, olhando para Jax como se estivesse pronto para mordê-lo. – Rowyn e eu não temos segredos. Somos melhores amigos. Eu sei tudo sobre a história da noiva. Isso não foi legal, Jax.

Outra onda de calor percorreu minhas bochechas.

– Agora não, Tyrius – avisei.

Eu não queria falar sobre isso agora. Além disso, de forma alguma queria que o nascido-anjo soubesse como eu realmente me sentia. Isso

passaria, assim como todas as mágoas passavam. Tinha sido apenas um beijo. *Tinha* sido apenas um beijo, né?

Jax abriu a boca, mas, depois, a fechou. Ele claramente não estava pronto ou disposto a compartilhar o que estava em sua mente. O homem tinha marcas roxas em seu rosto, o que só me confundia ainda mais.

– O Padre Thomas deveria ter ficado de boca fechada – eu disse, pegando meu celular e percorrendo meus contatos. Onde estava aquele número idiota do táxi? – Ele não tinha nada que dizer meu paradeiro, principalmente quando estou no trabalho. Como você pode ver, estamos ocupados aqui. Não tenho tempo pra conversa fiada.

– Vim porque estava preocupado. – Jax correu os olhos sobre mim.

Mesmo na escuridão, eu podia ver aqueles cílios grossos delineando seus olhos verdes. Meus olhos se moveram para encontrar seus lábios. Senti uma sensação de calor no estômago.

Eu bufei.

– Por favor.

– O que deu em você para entrar naqueles túneis sozinha? – O tom dele era duro, claramente irritado. Suas feições estavam tensas e marcadas. – Você entrou em Elysium? Todos os nascidos-anjo sabem que essas passagens subterrâneas são traiçoeiras e mortais. É por isso que *nunca* entramos lá. Por que não me ligou?

Irritada por ele achar que eu precisava de sua ajuda, eu disse:

– Você não retorna as ligações. Além disso, eu não estava sozinha. Estava com Tyrius.

– É isso aí, gostosão – disse o gato.

Jax exalou lentamente.

– Eu queria ligar para você – disse ele e eu quase revirei os olhos. – As coisas estão difíceis ultimamente.

– Por quê? Andou conjurando algum demônio inferior ultimamente? – Eu estava mostrando muita emoção de novo. – Você não me deve nada – expressei com meus sentimentos abalados. – Nós trabalhamos juntos. Isso não nos torna casados.

Jax suspirou e eu quase sorri com o quão irritado ele parecia.

– Minha mãe precisava que eu ficasse com ela em casa enquanto meu pai estava no exterior a negócios do conselho – disse ele. – Ela pode ser bem agressiva quando está de mau humor.

– Não me diga – fala de forma agradável e Tyrius riu.

Não me importava que ela fosse a mãe dele. Já tinha perdido todo o respeito pela mulher.

– Eu sei o que você deve pensar dela – Jax continuou. – Minha mãe disse algumas coisas bem desagradáveis.

– Ela é uma mulher horrível.

Um músculo se contraiu na mandíbula do nascido-anjo.

– Ela nem sempre foi assim – ele hesitou. – As coisas em casa têm sido muito diferentes desde a morte de Gillian. Minha mãe não consegue superar isso.

– Eu nunca disse que ela deveria – falei. Conhecia aquela dor profunda e excruciante devido a morte de meus próprios pais. – Não consigo imaginar a dor de perder um filho, mas a mulher não precisava me tratar como uma merda qualquer. Eu não deveria ter ido à sua casa. Foi um erro que não vou repetir.

Um belo sorriso tomou conta das feições bem barbeadas dele.

– Você estava preocupada comigo. – Ele me deu um sorriso bobo, do tipo que os homens davam quando achavam que a garota estava apaixonada por eles. O nascido-anjo se aproximou e sussurrou – Eu sabia que você gostava de mim.

Maldito Jax. Droga.

– Você deveria ir embora. – Rolei a tela do meu celular novamente, os nomes pareciam borrões devido à velocidade. A última coisa que eu precisava era estar perto do cara. – Como você pode ver, estamos bem.

Ugul soltou um gemido e eu preendi minha respiração. Porcaria.

Tyrius saltou ao lado da fada.

– Devemos nos apressar com o táxi. Ele está acordando. A menos que você queira bater nele de novo?

– Não.

Eu não iria bater nele novamente. Não era meu estilo. Não iria nocauteá-lo sempre que o goblin acordasse. Não era sádica.

– Quem é ele? – Jax se ajoelhou ao lado de Ugul. – Um goblin, pela aparência. Ele é um filho da mãe feio, né? – O nascido-anjo riu. – O cara é perigoso? Foi por isso que o amarrou? Por que ele cheira a repolho?

– Não é da sua conta quem ele é.

Vá embora, Jax.

O homem me deu um sorriso irônico.

– Eu amo uma mulher brava. Isso apenas mostra como ela gosta de estar no controle.

Meu coração bateu contra o meu peito e fiz uma careta para ele. O que havia de errado comigo?

– Estou levando-o para a rainha das fadas da Corte das Trevas. Depois disso, ele não é mais problema meu.

– Eu levo você – ofereceu Jax, enquanto se levantava em um salto. – Meu carro está ali na rua.

– Não.

De jeito nenhum eu entraria no carro dele. Eu queria que ele fosse embora para que eu pudesse ouvir meus pensamentos.

– Obrigado. Vamos aceitar a carona – disse Tyrius e meu queixo caiu.

Olhei para o gato.

– Não, obrigada. Estou chamando um táxi.

– Não seja idiota, Rowyn – miou o felino. – Aceite a oferta de Jax. Um táxi só vai atrair atenção no Bairro Místico, sem mencionar que o motorista pode nem querer nos levar com seu *pai* bêbado.

Tyrius tinha razão, mas eu era teimosa. E, neste momento, eu não me importava com o quão ofendido Jax parecia. Ele tinha uma maldita noiva.

– Vou me arriscar com o táxi – falei com uma voz seca. – Aqui, achei o número. Estou ligando.

– Rowyn, deixe-me levá-la – começou Jax. – Você vai precisar de ajuda para arrastá-lo até a rainha. Ele parece pesado.

– Eu me viro – rebati.

Tyrius olhava para mim como se eu estivesse sendo uma idiota. Tá, então talvez eu estivesse. Eu até poderia aceitar isso. O que eu não podia aceitar era estar perto de Jax. Eu não gostava do jeito que ele me fazia sentir, como se eu estivesse perdendo o controle. Não era uma sensação boa.

Naquele momento, minha moeda mágica emitiu uma energia fria, fazendo a pele sob o bolso do meu jeans formigar. Talvez ela estivesse me avisando para ficar longe do nascido-anjo. *Moeda esperta.*

Ouvi uma voz do outro lado da linha.

– Oi – eu disse e observei enquanto Jax se virava, parecendo chateado. – Eu gostaria de solicitar um táxi na esquina da Riverside Drive com a...

Senti um espasmo na mão e deixei cair o celular. Ele atingiu o pavimento fazendo um estalo. Ouvi o barulho do plástico quebrando.

– Rowyn? O que há de errado? – perguntou Tyrius com os olhos arregalados de terror.

Minha boca estava seca e senti que não tinha ar suficiente em meus pulmões.

– Não sei. Sinto-me estranha. – Senti um aperto no estômago e não consegui falar. Eu pisquei. Estava ficando tonta. Talvez a magia de Ugul finalmente estivesse fazendo efeito.

Uma mão firme me agarrou. Jax.

– Você provavelmente está desidratada. Tenho água no carro. Quando foi a última vez que comi alguma coisa?

– Não é desidratação – disse o gato. – Alguma coisa não está certa. Posso sentir isso também. Há trevas no ar, sinto o cheiro de morte e de corrupção.

Meus olhos caíram sobre Tyrius. Pisquei novamente, tentando me concentrar.

– Acho que parou agora...

Uma dor quente me atingiu do nada e gritei, cambaleando. Meu coração pulou e eu me engasguei. O fogo queimava minha pele. Meu grito seco rasgou o ar. Caí de joelhos, tremendo. Meus órgãos estavam em chamas. Eu estava queimando de dentro para fora. Não conseguia respirar. Doía muito.

Ouvi vozes gritarem. Era Jax e Tyrius. Contudo, eu não podia compreender o que diziam sobre meus batimentos disparando loucamente. Cada batida empurrava o fogo pelos meus poros. Consegui respirar com dificuldade, então, eu a vi.

Uma velha com longas mechas de cabelo branco e grisalho estava na minha frente. Seus pequenos olhos estavam perdidos entre as rugas profundas, mas eu podia distinguir um olho branco leitoso me encarando. Eu teria reconhecido aquele rosto em qualquer lugar. Era a bruxa das trevas de quem eu roubara o grimório.

Evanora Crow sorriu como o diabo, então, uma escuridão pesada finalmente me engoliu.

CAPÍTULO 16

Havia um leve cheiro de cinza e vela misturado com o fedor de mofo. Ouvi o murmúrio distante de um encantamento. Mais perto, os sons de vozes falando em latim ativaram minha memória, serpenteando gradualmente pelo meu cérebro até encontrarem um pensamento consciente.

Levantei-me com os olhos arregalados e a adrenalina pulsando através do meu corpo enquanto o medo me tirava do efeito dopado.

Eu estava em um porão. Painéis de pinho falso decoravam as paredes. O teto era baixo e um piso de compensado sujo percorria toda a extensão da sala. Na outra extremidade, sob as janelas altas do porão, uma plataforma ocupava todo o espaço.

Eu estava no meio do cômodo, sentada no centro de um pentagrama dentro de um grande círculo. Velas estavam posicionadas nos cantos, abaixo de símbolos demoníacos que eu não reconhecia. Um horror tomou conta de mim quando percebi que alguém usara sangue para desenhar o círculo, não sal.

Droga. Isso era magia negra pura.

Senti olhos em mim e olhei para cima. Através das mechas úmidas da minha franja, distingi um grupo de figuras vestidas de preto do lado de fora do círculo. O cheiro de terra e de vinagre era quase um tapa. Bruxas das trevas.

Eu sabia que me daria mal por roubar o grimório da mulher. Aparentemente, a hora chegara.

A mesma sensação fria no meu bolso fez minha pele formigar. A moeda mágica não tinha me avisado sobre Jax. Ela tentara me avisar sobre as

bruxas das trevas.

– Rowyn?

Em pânico, me virei para o som da voz de Jax. Ele estava sentado de costas contra a parede. As mãos e os pés estavam amarrados com cordas. Seu rosto perfeito estava tenso e revoltado, mas também havia um pouco de medo – medo por mim. O sangue escorria por seus lábios e eu vi um hematoma feio em sua testa. Ao lado dele, havia um amontoado marrom, que eu sabia ser Ugul, com olhos fechados, aparentemente ainda apagado. Merda.

Já tive minha cota de infortúnios, mas sempre estivera sozinha. Agora, eu tinha envolvido Jax na minha bagunça. Ele deveria ter ficado em casa com a Mamãe Querida. Eu não queria ser responsável por sua morte.

A culpa bateu forte. Eu tinha matado todos nós.

O medo tomou conta do meu corpo.

– Onde está Tyrius?

Talvez o gato esperto tivesse escapado e ido buscar ajuda. Contudo, minha gota de esperança evaporou quando segui os olhos de Jax para uma gaiola ao lado dele. Eu pude ver o pelo castanho amarelado e preto. Tyrius. Ele estava em uma maldita gaiola!

– Tyrius! Tyrius! – Uma raiva explodiu dentro de mim enquanto eu lutava para ficar de pé, ainda tonta pela magia negra.

Os olhos do gato encontraram os meus e a tristeza neles partiu meu coração.

– Ela colocou uma coleira em mim, Rowyn. Uma maldita coleira.

– Sim, bem, nós não queremos que você use sua magia, não é? – Evanora Crow se afastou do grupo de bruxas.

Seu vestido de linho verde-floresta sem forma se arrastava atrás dela enquanto ela se aproximava com as costas arqueadas devido a idade. Seus dedos eram retorcidos pela artrite severa. A mulher era ainda mais feia de perto. Seu único olho branco leitoso pareceu rolar em sua órbita até focar em mim.

Eu ia matar aquela bruxa vadia. Ninguém coloca *meu* Tyrius em uma gaiola.

Firmando-me, endireitei-me e, então, avancei. Quando cheguei à beira do pentagrama, bati minha cabeça no que parecia ser uma parede invisível – uma parede que queimava e doía pra caramba.

Eu caí de bunda. O escudo invisível sibilou e queimou. Eu coloquei minha cabeça entre minhas mãos enquanto a dor só aumentava minha sensação de fúria e de desespero.

– Deixe-me sair! – gritei.

Ao virar-me, procurei meu cinto de lâminas. Minhas lâminas tinham desaparecido. Eu estava presa dentro do círculo sem nada para me defender. O sorriso no rosto da bruxa só confirmou isso.

Ela havia me prendido em seu círculo sangrento.

– Deixe-me sair agora mesmo! Ou, então, eu vou acabar com você! Eu vou matá-la! – eu disse novamente, batendo no escudo com as mãos.

O rosto do demônio Superior Degamon cruzou minha mente. Eu podia entender totalmente agora por que ele estava tão irritado por estar preso em um círculo ligado ao invocador. Isso explicava porque os demônios queriam matar aqueles que os invocavam. Era uma violação.

Porém, eu não tinha sido invocada. Fui enfeitiçada. Estava presa, presa ao círculo como se ele me prendesse com correntes invisíveis. Eu era uma prisioneira da bruxa das trevas. Meus olhos dispararam para o curativo manchado de sangue enrolado na mão esquerda de Evanora. Ela usara seu próprio sangue para fazer o círculo. Que ótimo.

Meus olhos encontraram os de Tyrius. Ele estava em pânico.

– Não se preocupe, Tyrius. Eu vou tirar você daí. Eu prometo.

– Evanora Crow agradece por seu novo familiar – disse a velha bruxa. – Ela não teve o prazer de ter um tão poderoso – disse Evanora enquanto enfiava um dedo na gaiola. Tyrius sibilou e a atacou. Ela se inclinou para trás com um sorriso cruel brincando em seus lábios finos. – Sim. Ele vai se sair bem. Evanora está feliz com este presente.

Cerrando os dentes, olhei para a bruxa.

– Você percebe como é assustador se referir a si mesma na terceira pessoa? Sua doente.

Eu estava impotente. Apesar de todas as minhas habilidades de nascido-anjo e de demônio, eu estava completamente impotente.

Olhei para o grupo de bruxas. Havia dois homens que pareciam estar na casa dos quarenta e tantos anos e uma jovem loira que parecia uma beleza. O rosto de outro estava escondido nas sombras de seu capuz. Eu sabia que ele era do sexo masculino pelo simples formato dos seus ombros. Também havia uma pequena bruxa com aparência de rato. Ela tinha olhos grandes e uma boca pequena.

– O que você quer? – Estreitei meus olhos para a velha bruxa. – Vai me amaldiçoar ou algo assim? Vá em frente. Faça o seu melhor.

Eu sabia que algumas maldições não funcionariam, graças ao meu super sangue de demônio. Contudo, ela me prendera aqui. Talvez eu estivesse sem magia demoníaca.

Evanora deu um passo para frente e parou na borda do círculo de sangue.

– O que você esperava? Que poderia roubar de Evanora Crow e não sofrer as consequências? Que não haveria repercussões pelo que fez?

– Talvez. – Levantei meu queixo. – Você tinha tantos outros livros... Achei que não sentiria falta.

– Onde ele está? – Evanora inclinou a cabeça de uma forma que fez seu olho branco ser o dominante.

– Eu perdi. Desculpe. – Dei a ela meu sorriso mais inocente.

A mulher se inclinou para frente. Ela estava tão perto que o cheiro de vinagre fez meus olhos lacrimejarem. Havia também o fedor inconfundível de um corpo que não via água há muito tempo. Nojento.

– Você está mentindo. Você o pegou e, agora, Evanora o quer de volta. Ele não pertence a você. Onde. Ele. Está?

– Como eu disse, o livro se foi. – Dei de ombros e acrescentei – Mesmo se eu soubesse onde ele está, não diria a você. – Eu sorri. – Além disso, você não disse a palavrinha mágica. – Eu sabia que no momento em que dissesse a ela onde ele estava, estávamos todos fritos.

O rosto da bruxa ficou furioso. Seus lábios se moviam rápido enquanto ela proferia algum feitiço que eu sabia que estava por vir. Eu era muito resistente à dor e à doença, sem falar que me curava incrivelmente rápido, mas não era imortal.

O feitiço de Evanora me atingiu forte no estômago, logo abaixo do meu coração, como se alguém tivesse enfiado uma lâmina em mim. Caí com força no piso e uma dor lancinante atravessou meu quadril direito. A dor estava piorando à medida que os calafrios penetravam. Comecei a tremer. Eu precisava de tempo para pensar em um plano de fuga. Minha mente disparou e eu lutei para montar um plano, mas era difícil pensar em qualquer coisa enquanto meu cérebro parecia estar derretendo e vazando pelos meus ouvidos.

– Diga a Evanora onde está o grimório – disse a bruxa – e ela pode fazer a dor parar.

Sim, claro. Como se eu fosse acreditar nisso. Sem chance, eu não diria nada.

Quando o pior do feitiço passou, eu me levantei. Minha mente permaneceu confusa com os efeitos do feitiço, mas pude pensar com clareza novamente. Eu lera aquele maldito grimório mais vezes do que conseguia me lembrar. Havia um capítulo sobre como quebrar um círculo mágico? Tinha que haver uma saída. Eu sabia que, às vezes, os demônios escapavam do círculo dos invocadores apenas para matar o invocador. Então, havia um jeito. Eu só tinha que mantê-la falando até descobrir.

A dor estava forte ao redor da minha garganta e isso dificultou a minha fala.

– Você fede – eu disse, minha voz soando velha e cansada. – Talvez devesse dar um mergulho no seu caldeirão.

Evanora franziu a testa e as outras bruxas sibilaram em indignação. Contudo, a jovem loira riu. Não era uma risada inocente de uma líder de torcida, era a risada de uma mulher doida. Credo.

O olho bom de Evanora era de um cinza muito pálido e, agora, estava bem aberto e calculista. Eu queria tirá-la do sério para que ela cometesse um erro ou que ficasse com raiva o suficiente para passar por cima do círculo e quebrar a conexão. Então, a cadela seria minha.

Levantei uma sobancelha diante de sua hesitação.

– Não? Você não gosta de sabonete, né? Gosta de cheirar seu próprio fedor? – A velha bruxa estava me observando, mas eu ainda não a tinha irritado. Arrastei-me até o meio do pentagrama. – O que aconteceu com seu olho? Como o perdeu?

– Rowyn, o que você está fazendo? – Ouvi a voz de Jax.

O rosto de Evanora se contorceu em uma fúria repentina, seu monte de rugas estava quase engolindo seus olhos.

– Você não tem magia o suficiente, então, teve que pedir emprestado, não é? – Eu sorri diante da sua raiva visível. – Entregou seu olho a um demônio em troca de um empréstimo de poder? Evanora Crow se interessou um pouco demais pela magia negra e acabou não conseguindo lidar com isso?

O rosto da bruxa ficou lentamente vermelho escarlate. O rubor subiu pela sua pele branca, da garganta até o queixo e das bochechas e até o couro cabeludo.

– Ah... – zombei com os olhos arregalados. – O demônio o tirou de você. Você não queria, mas foi o preço que teve que pagar por seus poderes. Estou certa, não estou? Suas bruxas das trevas idiotas. Nunca sabem quando desistir. Nunca sabem quando parar. Você não tem poder, por isso, tem que pegar emprestado dos demônios.

Evanora rosnou e, com um golpe de sua mão, algo agarrou minha garganta e me sufocou. Fiquei sem respiração.

– Vocês. São. Fracas – consegui dizer.

Seu rosto escureceu quando ela deu um passo mais perto para acabar comigo. Contorci-me sob seu feitiço, lutando para respirar enquanto as estrelas dançavam na frente dos meus olhos.

Quando minha visão clareou por alguns segundos, pude ver as pontas de seus sapatos contornando o círculo. *Só mais um passo. Vamos, sua bruxa velha, só mais um passo.*

Evanora observou meu rosto, então, olhou para seus pés. Sua expressão dura mudou e vi que ela compreendeu o que eu estava tentando fazer. Merda.

Foi a vez da mulher sorrir para mim.

– Boa tentativa. – Evanora recuou. O ar entrou em meus pulmões quando eu caí no pentagrama.

– Rowyn, apenas diga a ela onde está o maldito livro – gritou Jax. – Ele não vale a sua vida.

Evanora desviou seu olho branco leitoso para Jax. Soltei um pequeno gemido, mas eu sabia que era tarde demais.

– Se você machucar algum dos meus amigos – eu gritei, debatendo-me loucamente –, o Conselho das Sombras vai caçar cada um dos membros do seu clã idiota. Eles vão queimá-la viva. Está me escutando!? E eu vou dançar ao redor do fogo. Nua. – Eu me jogava no escudo invisível sem parar, mas não adiantava. Não conseguia quebrá-lo.

Olhei para o nascido-anjo. Seu rosto estava pálido e seus olhos estavam arregalados. Ele estava se preparando para a dor que estava por vir. *Jax não. Por favor, ele não.*

A bruxa disse uma palavra ou duas e, então, levantou a palma da mão aberta. Centelhas de faíscas de energia negra saíram de seus dedos.

Uma esfera negra foi arremessada e atingiu o ombro esquerdo de Jax, explodindo em fragmentos negros. Ele soltou um grunhido curto e áspero

de dor e afundou no chão, tremendo enquanto os efeitos da magia negra o percorriam.

A bruxa loira bateu palmas e pulou no ar. Seus olhos estavam arregalados de diversão.

– Faz de novo, Evanora! Corte sua bela carne. Ah, tão bonito, bonito, bonito. Onde estão seus anjos poderosos agora, hein nascido-anjo? – provocou a bruxa, parecendo uma louca com seus olhos grandes e cabelo emaranhado. Era como se ela nunca tivesse o escovado uma vez na vida. A mulher caminhou lentamente ao redor de Jax e parou à sua direita. Um prazer dançava em seus olhos ao ver sua dor.

Estremeci ao ver Jax com tanta dor. Eu sabia como ele se sentia. Gritei enquanto meus olhos se encheram de lágrimas. Vi sangue escorrer de suas orelhas.

Soltei um grunhido gutural, profundo e feroz. Não sabia de onde vinha aquele som – talvez fosse minha besta interior. Talvez fosse da minha herança demoníaca ou talvez fosse meu sangue de anjo, mas o fato é que eu estava puta. Eu queria matar essa bruxa. Sem dúvida, a mulher sabia que, assim que eu estivesse livre, eu acabaria com ela.

– Se eu lhe disser onde ele está – falei, engolindo em seco –, você promete deixar eu e meus amigos irmos? – Foi um tiro no escuro. A bruxa me tinha na palma das mãos, mas valia a pena tentar. Quem sabe, ela pudesse manter sua palavra. – Eles não têm nada a ver com isso. Eu roubei seu maldito livro, não eles.

Ouvi seus ossos estalando quando Evanora voltou sua atenção para mim.

– Diga a Evanora onde está o livro ou ele morre.

A bruxa loira riu e eu a encarei. Você é a próxima, eu disse a ela com meu olhar, mas mulher apenas sorriu para mim.

O problema era que eu tinha escondido o grimório na casa da minha avó por segurança, pois Degamon o tinha visto. Eu não podia arriscar deixá-lo no meu apartamento. Porém, de jeito nenhum eu daria o endereço da minha avó para essas bruxas das trevas. Elas a matariam. Iriam torturá-la e, depois, matá-la. Eu nunca deixaria isso acontecer.

– Está na igreja de São José – eu menti, esperando que o Padre Thomas pudesse lidar com algumas bruxas. – Escondido nos arquivos no porão. É solo sagrado, você não pode entrar – menti novamente, sabendo muito bem

que, como eram metade humanas, as bruxas das trevas podiam facilmente acessar a igreja. Pelo sorriso de Evanora, ela também sabia.

A velha bruxa era, ao mesmo tempo, aterrorizante e revoltante.

– Evanora vai pegar seu livro de volta.

– Tá – eu disse, tremendo por dentro. – Trato é trato. Você sabe onde está seu maldito livro, agora, deixe-nos ir embora. – Eu duvidava que ela fosse deixar Tyrius ir sem lutar. Eu com certeza arrancaria aquele olho branco da cabeça dela para trazê-lo comigo. Levantei meus punhos. – Deixe-me sair.

Evanora mancou para o fundo da sala, em direção à longa mesa. Quando se virou, ela tinha uma taça de ouro na mão esquerda e uma adaga na direita.

– Evanora vai drenar seu sangue – disse a bruxa enquanto mancava na minha direção –, drenar seu sangue até a última gota.

De repente, o grupo de bruxas foi para a mesa e, quando se afastaram, todos tinham copos semelhantes nas mãos.

Uma pontada de medo percorreu minha espinha.

– Eu lhe dei o livro – eu disse com uma voz trêmula. Não pude evitar. – Nós tínhamos um acordo. – Olhei para Jax e ele lentamente empurrou seu corpo contra a parede. Traços de dor marcavam seu rosto.

A velha bruxa atravessou a sala até ficar ao lado do círculo.

– Evanora não cumprirá mais essas condições. Você é a exceção a todas as regras, a todas as leis. – Seus lábios se estreitaram devido a uma mágoa passada. Ela apontou a adaga para mim. – Evanora queria seu livro de volta, mas ela também queria você. Seu sangue. Ele é um presente para o clã. Ele detém mais poder do que você imagina. Isso tornará Evanora mais poderosa do que qualquer bruxa das trevas ou da luz. Sombra e luz correm em suas veias e Evanora quer isso. Tudo isso.

A bile subiu do fundo da minha garganta.

– Você é doente. É uma vadia seriamente doente.

A velha bruxa pensava que, se bebesse meu sangue, isso lhe daria poder. Era mesmo possível? A fonte do meu poder estava no meu sangue? Evanora parecia pensar assim. Talvez ela estivesse certa.

Meu coração acelerou com a ganância e desejo de poder em seus olhos pequenos. O sorriso triunfante e cheio de dentes de Evanora fez meu sangue congelar.

Seja lá o que eu fosse, as outras bruxas me encaravam com olhos famintos e febris. Era como se eu fosse um bife suculento.

Contudo, elas não iam me comer. Iam me beber até a morte.

CAPÍTULO 17

— **M**eu sangue é venenoso – eu disse, odiando a fome em seu sorriso. – É tóxico. O arcanjo me contou pouco antes de eu matá-lo. – Merda, eu não deveria ter dito isso. – Apenas uma gota é o suficiente para matá-la. Você terá uma morte muito dolorosa e lenta.

Evanora riu. Com seus lábios se movendo, ela levantou a mão com a adaga e eu fui jogada de costas, com meus braços e pernas abertos, quando senti um peso me segurar. Eu estava paralisada. O medo tomou conta de mim, mas não consegui me mexer.

Sempre odiei bruxas das trevas. E, agora, acho que as odiava ainda mais do que fadas.

– Rowyn!

Desta vez, a voz assustada de Tyrius partiu meu coração. Eu havia falhado com ele. Nunca deveria ter roubado aquele livro estúpido. Olha o que isso me trouxe. Ele seria o escravo dela agora. A mulher o usaria e o drenaria. Talvez até o mataria.

Eu nem consegui vê-lo. Quando tentei mover minha cabeça, senti como se estivesse cimentada no chão.

Ouvi o som de metal chacoalhando, misturado com um grunhido de pesar. Eu sabia que Tyrius estava batendo em sua jaula. Ele estava tentando sair. Estava tentando me salvar.

Lágrimas quentes rolaram dos cantos dos meus olhos para os meus cabelos. Meus lábios tremeram e eu não consegui impedir enquanto uma dor latejou em meu peito até minha garganta. Não era assim que eu imaginava minha morte. Sempre pensei que morreria em batalha, de pé e

com dignidade. Como uma fodona. Não deitada e indefesa como uma galinha pronta para ser abatida.

– Evanora Crow será a bruxa mais poderosa que já existiu – disse a velha enquanto se ajoelhava ao lado do meu pulso direito. – Com um poder eterno. – Seu olho branco leitoso girava. – Imortal.

– Vai se ferrar – rosnei, incapaz de cuspir em seu rosto, porque eu teria cuspidado se pudesse mover minha cabeça. – Eu vou voltar como um fantasma e assombrar sua bunda gorda, bruxa.

Evanora riu, então cortou, meu pulso com a lâmina.

Assobiei com a dor inicial, mas isso não foi nada comparado ao nojo que senti quando ela pegou meu sangue com seu copo, lambendo os lábios e tomando cuidado para não danificar o círculo.

A bile subiu no fundo da minha garganta novamente. Foi preciso um esforço para empurrá-la para baixo. Se eu vomitasse agora, poderia engasgar. Seria uma maneira escrota de morrer.

Os pelos dos meus braços se arrepiaram ao som de uma entoação alta e repentina. A entoação assumiu um tom de satisfação feroz e malévolos e continuou a aumentar até soar quase como um grito.

Para meu horror, o bruxo encapuzado tirou o capuz e se ajoelhou à minha esquerda. Eu só podia ver metade do seu rosto devido à minha paralisia. A luz das velas refletia em sua careca escura. Sua pele era quase tão escura quanto suas vestes negras.

Então, algo duro cortou meu pulso esquerdo e eu senti o metal frio de outra xícara sendo pressionado contra minha pele.

– Malditos! – eu gritei o mais alto que pude sobre o cântico estrondoso, piscando com minha visão turva. – Você vai pagar por isso! Eu juro pelas almas. Eu vou matar você! Vou matar todos vocês! – A última parte saiu mais como um soluço quando minha garganta se fechou.

Isso está realmente acontecendo. Eu realmente vou morrer desta vez.

Houve um estrondo alto, seguido pelo som de passos descendo para o porão.

– Você! – ouvi Evanora gritar, parecendo surpresa e indignada. Fazendo uma careta e segurando o copo com um pouco do meu sangue protetoramente contra seu peito, ela se endireitou. – Como ousa interromper Evanora! – Seu choque se transformou em raiva em um piscar de olhos e cuspe voou de sua boca.

Do canto do meu olho, eu vi o bruxo negro avançar. Esferas de energia negra saíam de suas mãos enquanto ele gritava as palavras de algum encantamento.

O que diabos estava acontecendo? Vultos escuros corriam ao redor da minha linha de visão, mas eu não conseguia distinguir nada. Meus olhos idiotas estavam virados para o teto. Gritos e encantamentos soaram ao meu redor, seguidos pelo som horrível de carne sendo rasgada e o barulho rápido de socos batendo em carne macia, sem parar.

As bruxas estavam lutando, mas contra quem?

Minha pele formigava. Senti uma liberação, como se a corda apertada que prendia meu corpo no chão tivesse sido cortada.

Eu estava livre. Conseguia me mover novamente.

Rolei para o meu lado e meus olhos o encontraram. Sem camisa e descalço, o vampiro gótico-rockstar-melancólico-gostosão-lindo-de-morrer quebrou o pescoço do bruxo negro e o jogou facilmente no chão.

Danto.

Que deleite para os olhos ele era. Mesmo sendo um vampiro, eu poderia facilmente beijá-lo. E o cara trouxera mais dois com ele: uma vampira com tranças pretas com pontas roxas, usando óculos escuros, e um vampiro magro e esguio com cabelo e pele claros. Eu quase sorri.

Um vulto escuro correu em direção a Danto com uma adaga na mão. Da sombra da parede, a bruxa saltou sobre o vampiro. Com uma velocidade incrível, Danto se arqueou para o lado e afundou os dentes no pescoço da bruxa. Os olhos dela se arregalaram. Eu vi o horror neles.

– A vingança é um prato que se come frio – eu rosnei, vendo Danto morder com tanta força que o osso fez um estalo, então, a bruxa desabou no chão.

Ajoelhei-me e inspecionei meus pulsos. Droga. Eles estavam em um péssimo estado. Os cortes eram profundos e meu sangue escorria pelo meu braço. As feridas iriam cicatrizar, mas eu precisava parar o sangramento rápido. Rasgando a borda da minha camisa, fiz duas bandagens improvisadas e as enrolei firmemente em volta dos meus pulsos. Então, reunindo a energia que me restava, levantei-me. Com a cabeça girando, ignorei a náusea repentina e me endireitei. Jax estava sentado no chão, serrando suas amarras com algo afiado. Ele olhou para cima e nossos olhos se encontraram. Seu queixo caiu ao ver algo atrás de mim e seus olhos se arregalaram com um medo repentino.

– Rowyn! Atrás de você!

Eu girei e encarei a bruxa loira. Ela tinha uma adaga preta em sua mão. Uma névoa negra envolvia seu pulso. Minha lâmina da morte.

– Isso é meu – eu disse. – Seus pais não lhe ensinaram que não é legal pegar os brinquedos dos outros?

A bruxa riu e limpou o nariz sangrento.

– Não importa. Eu vou matá-la com ela. E vou beber seu sangue.

A mulher avançou e eu recuei. Minhas costas bateram em algo sólido. Eu guinchei quando o escudo invisível do círculo queimou minha pele. Droga. Eu ainda estava presa no estúpido círculo das bruxas.

– Por que Evanora deveria ser mais poderosa que as outras? – disse a bruxa. – Ela é velha, o tempo dela acabou. Eu que deveria ser. *Eu* deveria ter o poder. – A loira tinha o olhar desvairado que todas as pessoas têm antes de fazerem alguma loucura. Ela passou por cima do contorno de sangue e entrou no meu círculo. – É a minha vez. Me dê! – gritou e saltou.

Uma grande xícara acertou a parte de trás de sua cabeça. Com um pequeno grito, a bruxa caiu no chão, em cima do pentagrama. O sangue escorria de um grande corte em sua cabeça. Foi fatal.

Ugul estava de pé onde a bruxa loira estava, suas mãos amarradas ainda segurando a xícara com a qual ele acertara a cabeça dela. Havia sangue nele. Eu não entendi a expressão em seu rosto quando ele deixou o objeto cair. O goblin mancou para frente e passou o pé na borda do círculo de sangue, deixando um espaço de cinco centímetros. O círculo foi quebrado.

Ele tinha salvado minha vida duas vezes e, em ambas, não parecera feliz com isso.

E eu era a idiota que o trouxera aqui.

Não tinha tempo para remoer minha culpa. Livre, entrei em ação, peguei minha lâmina da morte e me lancei em direção à jaula de Tyrius. Usando o cabo da minha espada, esmaguei a fechadura. Ela caiu no chão, fazendo um barulho alto. Abri a porta da gaiola.

Estendi a mão e puxei meu gato, meu amigo, meu Tyrius.

Um delicado colar de prata estava enrolado em seu pescoço.

– Eu sabia que você me salvaria – disse ele com as pálpebras pesadas. Sua voz era baixa e fraca, como se aquela maldita coleira estivesse drenando sua energia.

Eu tinha apenas uma coisa a fazer. Deslizando minhas mãos ao redor do seu pescoço, agarrei aquela maldita coleira e coloquei toda a minha raiva

nela, quebrando-a no meio.

Tyrius deu um pulo e se espreguiçou, bocejando.

– Obrigado, Rowyn.

Eu sorri e joguei a coleira longe.

– De nada.

O pelo dele estava opaco. O felino cambaleava como se estivesse bêbado. Não querendo correr mais riscos com ele, eu o peguei e o coloquei em volta dos meus ombros, seu lugar favorito. Sabendo que ele estava seguro e protegido, eu me virei com a adaga na mão. Ia matar aquela velha bruxa pelo que ela tinha feito com Tyrius e pelo que tinha planejado fazer com ele.

Eu corri de volta para a luta, passando meus olhos ao redor do porão, procurando por Evanora. Só então percebi que os sons de luta haviam parado. Havia apenas o som do meu sangue martelando descontroladamente em meus ouvidos. A luta acabara.

Cinco bruxas estavam mortas no porão, algumas com o pescoço rasgado e ensanguentado. Contudo, não havia sinal da velha bruxa.

Danto atravessou a sala em minha direção com uma graça predatória que só ele poderia ter descalço. Ele limpou o sangue do canto da boca.

– Você está bem, Rowyn? Tyrius?

– Estamos bem. – Embainhei minha lâmina da morte e notei que meus pulsos pararam de sangrar. Senti minha pele formigar e repuxar enquanto já estava começando a cicatrizar. Onde estava minha lâmina da alma? – Não sei como nos encontrou, mas devemos muito a você. – Suspirei alto, eu nem sabia para onde Evanora havia nos trazido.

Na última vez que vira o vampiro, ele estava muito chateado. O cara era a última pessoa ou híbrido que eu esperaria ver em uma missão de resgate, mas aqui estava ele. Interessante.

Eu sorri para o vampiro.

– Obrigada. – Uma sensação de náusea surgiu ao pensar nas bruxas bebendo meu sangue.

A expressão de Danto era ilegível, mas seus olhos estavam duros.

– Você ao menos sabe onde está?

– Não – eu disse, olhando ao redor. – Eu deveria? Não reconheço este lugar.

Soltei um suspiro frustrado e meu olhar caiu sobre Jax. Ele estava nas sombras do porão, esfregando os pulsos. Havia uma expressão estranha em

seu rosto enquanto mantinha distância dos vampiros. Desviei o olhar antes que ele me pegasse olhando.

Ugul estava sentado ao lado do círculo de sangue, com as mãos e os pés ainda amarrados. Ele me deu um olhar duro. Eu lidaria com o goblin-fada mais tarde.

– Você está no Bairro Místico – disse Danto. Eu vi seus dois amigos vampiros trocando algumas palavras. – Meus amigos viram as bruxas arrastarem três corpos para esta loja. Quando ouvi que eles poderiam ser nascidos-anjo, tive a sensação de que poderia ser você. Você tem talento para atrair problemas.

– Obrigada. – Meu rosto corou. – Esta é uma loja de bruxas?

Acredito que é onde elas se reúnem e fazem sua porcaria de magia negra.

– O Caldeirão Enferrujado – disse Danto. – Acho que a dona é a jovem bruxa com o crânio rachado.

Meu olhar percorreu o local. O cheiro metálico de sangue se misturava com o cheiro de velas e de incenso. Tudo não passara de legítima defesa, mas, ainda assim, eu não sabia como iríamos explicar a morte de cinco bruxas. As marcas de mordida definitivamente alarmariam as Cortes das Bruxas. Elas considerariam isso como um ataque de vampiro. Como eu poderia explicar que as bruxas estavam prestes a me sacrificar por conta do meu sangue e que os vampiros tinham vindo me resgatar? Pelo que eu tinha ouvido Isobel dizer sobre Danto, ele não era bem visto nos tribunais. Eu não queria lhe causar mais problemas por salvar minha pele.

Eu também tinha que pensar em Ugul. O Conselho das Sombras o levaria sob custódia e o entregaria para Isobel. Eu perderia meu dinheiro.

– Vejo que você encontrou sua fada – disse Danto, seguindo meu olhar. Suas sobrancelhas se franziram em uma carranca. – O nome dele soa familiar. Pensei nisso a primeira vez que ouvi Isobel mencioná-lo. Vou ter que pesquisar mais um pouco, mas – ele disse, voltando seus olhos cinzas para mim –, você tem certeza de que quer levá-lo para a rainha das fadas? Há algo que ela não está nos contando sobre ele.

Eu sabia que Danto e a rainha compartilhavam uma história, mas não ia desistir da minha chance de salvar a casa da minha avó só porque o vampiro odiava a rainha das fadas. Inferno, eu a odiava também, mas eu precisava fazer isso. Não tinha escolha.

– Como vamos nos livrar dos corpos? – perguntei, querendo mudar de assunto.

Um sorriso malicioso se curvou em seus lábios enquanto seus olhos se fixavam em mim.

– Cuidaremos deles.

– Cara legal, hã, vampiro – murmurou Tyrius, com sua voz pesada de sono. Eu o senti ronronando contra meu pescoço.

Eu não podia acreditar na nossa sorte, porém, algo me dizia que eu não tinha terminado com a velha bruxa. Uma sensação de desconforto pressionou meu peito com força.

Evanora Crow desaparecera. E ela tinha uma xícara com meu sangue.

CAPÍTULO 18

Sentei-me no chão sujo, com minhas costas contra a parede enquanto observava os vampiros carregarem os corpos pelas escadas do porão. Fiquei maravilhada com a força deles. Mesmo a vampira, cujo nome era Vicky, era forte como um boi, e ela era mais baixa e delicada do que eu. Mas isso era apenas uma fachada, ela provavelmente poderia acabar comigo.

Gostei especialmente de ver como os músculos do peito de Danto se contraíam enquanto ele arrastava a bruxa das trevas morta. Ele parecia ter encontrado um propósito, isso tornava suas feições ainda mais agradáveis de admirar. O que eu poderia dizer? Não havia nenhuma lei que dissesse que eu não podia olhar. Eu era solteira, e a regra era que garotas solteiras *podiam* olhar. Além disso, eu quase morri, então poderia muito bem apreciar a vista.

Não perguntei e não me importei com o que eles fizeram com os corpos. Eu só não queria ver ou pensar sobre elas, ou como elas queriam drenar meu sangue até eu secar e depois bebê-lo. Aquelas bruxas quase me mataram.

Tyrius havia saído cerca de quarenta minutos atrás para explorar as ruas do Bairro Místico em busca de mais bruxas das trevas ou qualquer outra coisa que parecesse suspeita e fora de lugar, o que realmente, poderia ser qualquer coisa neste bairro. Mas ele estava tão inflexível em ir, que eu deixei, sabendo que ele se sentia culpado pelo que quase aconteceu comigo, conosco. Contudo, isso não foi, de forma alguma, culpa dele. A culpa foi minha. Toda minha.

Danto achou melhor acampar aqui pelo resto do dia e descansar um pouco antes de mostrarmos nossas caras no Bairro Místico. As fadas dormiam durante o dia, e a rainha das fadas das trevas não abria a torre até o pôr do sol. Quando o sol se pôr, traríamos Ugul para a rainha das fadas.

Ficar mais um pouco no porão parecia uma ideia inteligente. Eu também esperava pegar Evanora Crow. Tinha a sensação de que a velha bruxa voltaria. Mas depois de uma hora de espera, percebi que ela provavelmente não voltaria. Nunca mais.

Ugul estava sentado ao lado da escada do porão à minha frente, parecendo sujo e zangado por ainda estar amarrado e amordaçado. Tentei não olhar muito para ele. Caso contrário, minha culpa me impulsionaria a fazer algo estúpido.

Olhei para cima ao ouvir o som de passos de botas com solado duro no chão de madeira e vi Jax se abaixando ao meu lado.

– Aqui – disse ele e me entregou uma adaga, que eu reconheci ser minha lâmina da alma, e minha bolsa de couro. – Encontrei com o resto de nossas coisas.

– Obrigada – eu disse, sentindo-me quente com sua proximidade.

Sua coxa roçou a minha quando ele se acomodou ao meu lado, e senti o leve cheiro de sabonete e almíscar ao meu redor. O cheiro era agradável, muito agradável. *Por que ele tem que sentar tão perto?*

– Eu queria falar com você – disse Jax enquanto cruzava as mãos no colo.

Merda, lá vem. Meu coração disparou e depois voltou ao seu ritmo normal. Eu não estava pronta para uma *conversa*. Senti um arrepio pelo corpo, e pisquei quando seus olhos se fixaram em mim por baixo de sua sobancelha abaixada. Que maravilha.

Suspirei focando minha atenção em Keith, o vampiro pálido, enquanto ele examinava os dedos da jovem bruxa loira. Então, com um movimento rápido de sua mão, ele arrancou uma das unhas da bruxa morta e a guardou no bolso. Bizarro.

– Por favor, não – eu inalei. – Eu sei o que você está prestes a dizer e, francamente, eu não me importo – minha voz saiu dura, e eu estava de boa com isso. Ele não tinha nada que me beijar quando tinha uma pobre mulher esperando por ele em algum lugar. Eu nunca tomaria o homem de outra mulher. Nunca.

Jax descansou a cabeça contra os painéis de madeira falsa, nossos ombros se tocavam, mas eu não me afastei. Em vez disso, me senti relaxada perto dele. Mudei de posição. *Que diabos estou fazendo?*

– Quando eu a conheci – ele começou, com uma voz agradável –, fiquei impressionado com seus talentos, suas habilidades, com a forma como você se movia como uma sombra mortal. Achei você a coisa mais sexy de duas pernas.

Eu fiz uma careta para o sorriso em seu rosto.

– Não venha com essa – eu rosnei. – Estou cansada demais para essa conversa mole.

– Ouvi muitas coisas sobre Rowyn Sinclair, a Caçadora – continuou Jax, ignorando minha explosão, com o mesmo sorriso malicioso no rosto. – Imagine minha surpresa quando todas elas se confirmaram. Você é destemida e bonita e assustadora, às vezes.

– Sou mesmo – murmurei, satisfeita. *Ele acabou de me chamar de bonita?*

– Você é durona e tem mais bolas do que a maioria dos caras que eu conheço. – Ele riu, mostrando seus dentes brancos perolados. – E você pode aguentar uma boa surra.

– Onde você quer chegar, Jax? – encontrei seus olhos verdes, meu coração batendo loucamente no meu peito.

Ele baixou os olhos.

– Eu a beijei, e não deveria ter feito isso.

Isso era um pedido de desculpas? Não parecia.

Danto se virou, e meu rosto corou quando ele encontrou meus olhos, uma expressão curiosa brincava em suas feições. Maldita audição de vampiro. Eu não podia nem ter uma conversa particular. Sem dúvida, Vicky e Keith também estavam ouvindo. Que ótimo.

– Foi só um beijo. Eu vou sobreviver – eu disse, certificando-me de que minha voz não me trairia. Se tivéssemos dormido juntos, eu teria chutado sua linda bunda. Tá, *talvez eu tivesse dado umas palmadas de brincadeira algumas vezes, e então eu a teria chutado!*

– Foi apenas uma coisa do momento. Não precisamos mais falar sobre isso. Tá? Estamos bem?

Jax não disse nada por um tempo, e o silêncio desconfortável estava acelerando meu coração.

– A questão é que – disse ele – não foi. Não para mim.

Droga. Meu pulso batia forte, e eu odiava como ele fazia eu me sentir. Como o simples fato dele estar sentado aqui do meu lado me transformava em uma idiota completa. Pesquei meus sentimentos antes deles me entregarem.

– Eu me importo com Ellie – disse ele em um tom muito profissional, como se estivesse comentando sobre o tempo. – Ela é gentil, engraçada, inteligente. Você iria gostar dela. Ela é uma boa pessoa. Ela não é tão durona quanto você, mas pode se defender em uma luta.

Bufei.

– Eu não me importo.

Mentirosa. Mentirosa. Mentirosa.

– Namoramos por um tempo – disse Jax. – E quando trouxe Ellie para conhecer meus pais – ele respirou com dificuldade –, vi uma mudança em minha mãe, uma felicidade que não via desde que Gillian estava viva. – Ele pausou por um instante. – Na época, achei que estava fazendo a coisa certa. Eu sabia que se me casasse com Ellie, minha mãe ficaria feliz.

Perdi a respiração e ergui minhas sobrancelhas.

– Você se casaria com alguém apenas por causa de sua *mãe*? – Eu não me importei com o quão áspera minha voz soou. Eu odiava a mulher. Ela era cruel, uma bêbada e excessivamente medicada. – Esta não é a Europa do século XVII. Você tem escolhas – Não que eu me importasse...

O rosto de Jax tinha traços de uma profunda tristeza, algo que eu reconhecia em mim.

– Desde a morte da minha irmã, minha mãe nunca mais foi a mesma – disse ele, com uma voz melancólica. – Ela está em uma depressão perpétua, em seu próprio inferno. Eu mal vejo meu próprio pai por causa disso. Ele não a suporta quando ela está assim.

– Sei como é – murmurei.

Aquela mulher poderia tirar qualquer um do sério.

– É por isso que tenho sido tão persistente em tentar encontrar o assassino da minha irmã – disse Jax, sua voz estava baixa e controlada. – Pensei que se eu o encontrasse, ela mudaria de alguma forma. Sabendo que eu o matei e sabendo que ele nunca machucaria outra criança.

Minha cabeça chacoalhou.

– Você encontrou o demônio?

A voz de Jax estava tensa.

– Não, mas estou perto. Eu o acompanhei nos últimos seis meses. Há um padrão na maneira como ele escolhe suas vítimas. Eu finalmente percebi isso, e é assim que eu vou matá-lo.

– Jax, um demônio rakshasa é mortal. Você não deveria estar caçando-o sozinho. É muito perigoso – me encolhi quando percebi que quase me ofereci para caçar com ele. A última coisa que eu precisava era ficar grudada com Jax sozinha, horas a fio, em motéis nojentos procurando por um demônio. Seria muito fácil ter problemas com ele, com a forma que ele me olhava, do jeito que seus olhos verdes se iluminavam quando ele olhava para mim...

– Certo. – Ele deu um sorriso sem graça. – E o que você tem feito é diferente? Seja sincera. Nós dois somos cabeças-duras e faremos o que for preciso para matar demônios.

– Talvez. – Girei minha lâmina da alma com meus dedos. Eu tinha que admitir que ele estava certo sobre isso.

Jax soltou um longo suspiro.

– Eu amo minha mãe. Me mata ver o quanto ela está sofrendo. É tão errado um filho querer que sua mãe seja feliz novamente?

Não, acho que não.

E no silêncio que se seguiu, eu podia facilmente visualizar Jax e uma misteriosa loira maravilhosa no altar com sua mãe enxugando lágrimas falsas ao lado do eco de seu pai.

– Tudo estava indo bem – disse Jax – até que conheci você. – O calor repentino em sua voz me pegou desprevenida. – Agora, as coisas estão... complicadas.

– Complicadas? – levantei minha sobrancelha para ele, não gostei da forma como ele disse a palavra, como se eu tivesse de alguma forma estragado sua vidinha perfeita. Que de alguma forma isso, essa coisa, o que quer que fosse, era *minha* culpa. Inferno, eu nunca pedi isso.

Ele pressionou sua mão contra a minha, e sua pele quente enviou uma chama pelo meu corpo.

– Você vai em frente com isso? – perguntei, minha voz estava baixa, fiquei surpresa pela pergunta. O suor escorria pelas minhas costas, e meu pulso acelerava como se eu tivesse acabado de correr uma maratona.

Jax cerrou os dentes.

– Eu preciso. Você não entende.

Minha respiração vacilou enquanto eu exalava. Puxei minha mão.

– Que seja, a vida é sua. Apenas me deixe fora disso – Percebi um lampejo de movimento e então vi Tyrius descendo os degraus.

– Rowyn, me desculpe. Eu não queria machucar...

– O quê? Meus sentimentos? – eu ri, mas meu rosto queimou. – Por favor, eu mal o conheço. E não presuma que você me conhece também porque você não me conhece. Você não sabe nada sobre mim – Agora eu estava irritada.

Jax passou os dedos pelo cabelo.

– Eu ainda quero que sejamos amigos.

– Claro – eu disse, com um entusiasmo falso. Senti náuseas, eu ia vomitar. Meu estômago doeu, e eu levantei em um pulo. Me virei para encará-lo, mantendo meu rosto vazio de emoção.

– Deixe-me dar uma dica, Jax, só para você saber. Homens com noivas não saem por aí beijando outras mulheres. A culpa é sua. Você deveria se lembrar disso – eu me virei antes que ele pudesse ver meus olhos lacrimejando.

Dane-se ele. Por que ele tinha que me contar tudo isso? Ele achava que ajudaria, ou seu plano era apenas me confundir ainda mais?

Ele estava sendo nobre, um cavaleiro, esperando curar a dor de sua mãe, e eu estava sendo uma idiota egoísta.

Eu deveria ter mantido minhas emoções sob controle. Jax e eu, nunca ficaríamos juntos. Era fato.

Eu precisava ficar longe de Jax e ele precisava ficar bem longe de mim.

CAPÍTULO 19

Quando saímos do porão do Caldeirão Enferrujado, eu estava tão mal-humorada a ponto de realmente sentir a raiva saindo dos meus poros, como um suor fedorento. Eu estava *muito* irritada.

As ruas do Bairro Místico estavam incrivelmente vazias para esta hora da noite, a escuridão se aproximava rapidamente para preencher os espaços deixados pelos postes quebrados como uma névoa negra. Eu vi alguns vampiros nos observando de suas varandas e janelas, mas as duas fadas que estavam sentadas silenciosamente no parque do bairro correram na direção oposta assim que ouviram nossa chegada.

Uma tensão e adrenalina percorreram meu corpo. Algo não estava certo. E pelas conversas interrompidas dos outros, eu sabia que eles sentiam isso também. Juntando tudo, tive a sensação de uma tempestade se formando, e nós éramos ela.

Eu estava cansada e com fome. Minhas emoções estavam fora de controle, e estava com raiva de mim mesma por deixá-las chegar tão longe. Eu precisava me concentrar. Precisava parar de pensar em mim e focar no problema real. Minha avó estava prestes a perder tudo. Ela era a única família que me restava. Ajudá-la era mais importante do que meu desejo egoísta de ter um relacionamento, de beijar Jax de novo, e talvez algo mais.

Eu não era fraca, e não precisava desesperadamente de afeto. Não precisava de um homem para me sentir completa, para dar valor à minha vida ou para sobreviver. E eu não era uma daquelas mulheres que esperariam na esperança de que seu homem eventualmente aparecesse, de jeito nenhum. A vida era muito curta para esperar por algo que poderia nunca acontecer.

As almas gêmeas existiam? Eu não fazia ideia. Ainda assim, nunca fui de acreditar no “felizes para sempre”. As coisas simplesmente não eram assim. Você tinha que se dedicar nos relacionamentos. Você tinha que fazer o seu próprio, felizes para sempre, seu próprio destino. Era nisso que eu acreditava.

Se eu conhecesse um cara legal, bem, seria maravilhoso. Caso contrário, se isso nunca acontecesse comigo, não sentiria pena de mim mesmo. Eu seguiria minha vida.

Fui abençoada, ou amaldiçoada, por ser especial. Com o melhor dos dois mundos – de sombra e de luz. E eu iria usar isso.

Eu poderia não ter sorte quando se tratava de relacionamentos, mas a situação de Jax era pior. Esse era um pesadelo do qual eu não tinha vontade de fazer parte. Conhecendo a mim mesmo, a melhor maneira de lidar com essa situação era colocar a maior distância que pudesse entre nós. Eu acabaria esquecendo seu traseiro sexy.

Contudo, o idiota decidiu vir. Eu não queria fazer uma cena, então mantive minha boca fechada. Não queria que Jax soubesse o quanto sua conversa tinha me deixado pior. Muito pior.

Mas iria passar, sempre passava.

– Hã, Rowyn, você está bem? – Tyrius caminhava ao meu lado. A preocupação em sua voz atraiu meus olhos para ele.

– Eu estou bem – menti. – Vamos acabar com isso. E com isso, quero dizer ele – eu disse e puxei Ugul com força para perto de mim. Danto e Vicky estavam à nossa frente enquanto Keith vigiava a parte de trás com Jax.

– Você sabe por que ele está vindo, não é?

Mantive meus olhos na rua.

– Para ser um pé no saco? – eu disse finalmente.

Tyrius bufou.

– O babaca gosta de você.

– Ele está noivo.

– Noivados são quebrados o tempo todo – disse o gato, com uma voz leve e fresca.

– Sim, bem, eu não acho que este vai. A mãe dele acha que eu sou um demônio – eu disse.

Talvez eu seja.

– Nada de errado com isso – miou o gato. – Sério, demônios são incríveis. Mentimos, trapaceamos, roubamos e bebemos como as pessoas comuns. Os anjos têm um taco celestial enfiado em suas bundas. Eles são chatos.

– Não temos futuro – dei uma rápida olhada para trás. Jax voltou para buscar seu carro, o que explicava a espingarda de cano duplo de aparência perigosa pendurada em seu ombro. Ele tinha uma arrogância em seu passo como se estivesse ansioso para matar alguma coisa.

Minhas pernas ficavam mais pesadas a cada passo. Senti-me esgotada, como se precisasse dormir por uma semana.

Tyrius inclinou a cabeça enquanto caminhava, tentando dar uma olhada em Ugul.

– Sua fada parece um pouco estranha.

– Ele é um goblin velho – rebati. – Claro que ele parece estranho.

– Não, quero dizer, ele parece doente. – A voz de Tyrius ficou séria. – Rowyn, acho que ele está passando mal ou algo assim.

Lembrando como o goblin tentou me matar com sua magia, uma raiva brotou dentro do meu peito, e eu o arrastei com mais força.

– Ele está apenas tentando nos enganar para que pensemos isso. Estou surpresa que você tenha caído na dele.

– Rowyn, pare! – gritou Tyrius, e eu me virei. – Olhe para ele. Ele não consegue respirar. Tira isso!

Franzindo a testa, olhei para o goblin e me encolhi. Seu rosto estava roxo, quase preto, e ele estava suando tanto que parecia ter acabado de sair do banho. Isso não parecia uma encenação. Se fosse, ele merecia um Oscar.

Esta não era eu. Eu não era tão cruel. Sabia que se continuasse tratando-o assim, ele acabaria morrendo antes mesmo de chegarmos à torre.

Com um aperto no peito, passei meu braço sob o goblin e o abaixei para que ele pudesse sentar na calçada. Ugul soltou um suspiro pelo nariz, as pálpebras estremecendo como se ele estivesse prestes a desmaiar por falta de ar.

Decidida, removi a mordaça improvisada de sua boca. Ele respirou fundo, várias vezes, soando ofegante. Cara. Eu *estava* sendo cruel. O que há de errado comigo?

Tirei uma garrafa de água da minha bolsa e coloquei em seus lábios. O goblin bebeu longa e intensamente, terminando a garrafa inteira em quatro goles grandes. Ele fechou os olhos, parecendo aproveitar o momento.

Quando me deixei cair ao lado do goblin, um pequeno movimento à esquerda chamou minha atenção. Avistei híbridos saindo das sombras. Seus rostos estavam cobertos pela escuridão, mas eu ainda podia ler as expressões curiosas. Duas bruxas ao lado de um poste de luz nos observaram como fantasmas silenciosos, e um grupo de fadas saiu de uma loja vizinha. O grito repentino de Tyrius chamou a atenção, e agora todos saíram. Sem dúvida, em poucos minutos, todo o bairro saberia que estávamos aqui. A rainha Isobel também saberia.

Jax, Danto e os outros dois vampiros se reuniram ao nosso redor, aparentemente para fazer um círculo protetor.

Tyrius pulou no meu colo.

– Você fez bem, Rowyn. Eu não achei que ele fosse passar do próximo quarteirão.

A vergonha me atingiu com força quando olhei para o goblin sentado ali, curvado, com sua respiração tensa e parecendo doente. Eu queria que as coisas fossem diferentes. Como Caçadora, eu matava demônios. Mas não sabia como me sentir em trazer um pobre goblin velho para uma rainha que eu odiava. Eu não deveria sentir culpa, deveria receber o pagamento e seguir em frente. Mas isso era péssimo.

Ugul, com os olhos ainda fechados, disse:

– Obrigado.

Voltei meus olhos para seus pulsos. As algemas com as quais o amarrei estavam manchadas de sangue.

– Por que você salvou minha vida lá no porão? Poderia ter deixado a bruxa me matar. Então, estaria livre.

Os olhos de Ugul se abriram e ele olhou para mim.

– Você ainda vai me levar para a rainha das fadas da Corte das Trevas?

Engoli em seco.

– Eu preciso...

– Então, não importa agora, não é? – Ugul deixou a cabeça cair no peito, e eu ainda podia sentir o cheiro do repolho saindo dele.

Tyrius olhou para mim com olhos tristes, o que só me fez sentir ainda pior. Excelente. Agora Tyrius pensava que eu era cruel.

– É verdade o que ela disse que você fez? – perguntei, olhando para a calçada e ouvindo a culpa na minha voz. – Você matou o filho dela?

Com a voz fria, Ugul enunciou claramente:

– Se eu lhe dissesse que ele tentou me matar primeiro, e que eu estava apenas tentando me proteger, você acreditaria em mim? Você me deixaria ir?

– Não sei. – Meu tom era hostil porque estava com medo e confusa. Minha garganta fechou, e eu suspirei. Odiava me sentir assim, não estava acostumada com isso. Um momento de clareza seria bem-vindo diante de toda essa confusão, e constrangimento, e tormento. *Almas me ajudem, o que eu faço?*

– Seu baal sabe que falo a verdade.

Um breve olhar de dor cruzou as feições de Tyrius.

– É verdade. Não há mentiras em suas palavras.

Meus olhos se arregalaram.

– Então por que ela iria tão longe a ponto de me contratar para encontrá-lo se você é inocente? Não faz sentido.

– Ela quer algo de mim – disse Ugul, sua estava voz tensa. – Eu tenho algo que ela quer, mas que ela não pode ter. Ela *nunca* pode tê-lo.

– Como o quê? – Passei os olhos sobre as roupas do goblin. – Nós vasculhamos todos os seus bolsos. Não há nada em você.

– Talvez esteja na caverna dele? – disse Tyrius, olhando para o goblin. – Está na caverna?

O lento aceno de cabeça de Ugul fez meu coração afundar.

– Você não pode me levar para ela – disse ele, com seu rosto se contorcendo de medo. – Por favor. Ela trará apenas escuridão a este mundo, uma escuridão poderosa que consumirá e corromperá tudo. Por favor acredite em mim. Você não deve me levar até ela. Você deve me deixar ir.

Estávamos quase lá. Eu podia ver a silhueta da Torre Sylph em toda a sua feiura através de uma clareira de prédios.

Olhei para seus grandes olhos castanhos, lendo um triste entendimento lá.

– Rowyn? – ouvi a voz de Tyrius, seus olhos estavam preocupados e desafiadores. – O que você quer fazer?

Eu podia dizer que ele queria que eu deixasse o goblin ir. Tyrius acreditava nele e eu também. Talvez sempre acreditei.

Decidida, puxei uma chave da minha bolsa e destranquei as algemas de ferro do pulso de Ugul. Antes que as algemas caíssem em seus pés, eu havia cortado as cordas dos seus tornozelos com minha lâmina da alma.

Ugul olhou para mim. A surpresa brilhava em seus grandes olhos redondos.

– Eu não posso fazer isso – eu disse, minha garganta estava seca e se fechando. – Está errado. Eu não vou fazer isso. – Respirei fundo por causa da ira que eu sabia que viria da minha decisão. – Você está livre para ir, Ugul.

Tyrius saltou para o chão enquanto eu me levantava e puxava Ugul comigo. Agarrei seus cotovelos e o estabilizei até que ele parou de cambalear.

Os olhos de Ugul se encheram de lágrimas e eu o soltei. Virei a cabeça e desviei o olhar, piscando rápido. Quem diria que um goblin velho quase me fez chorar como um bebê.

– Você tem uma alma bondosa, Rowyn – disse ele. – Não deixe ninguém lhe dizer o contrário.

– Sim, bem, eu não sou perfeita.

Virei-me para ver o goblin esfregando os pulsos. A pele ao redor deles estava em carne viva e sangrava.

– A perfeição é tediosa – disse o goblin, fazendo-me rir.

Uma movimentação na rua fez eu tirar os olhos do goblin e olhar para cima. Vi de relance as fadas correndo para longe e deixando a rua deserta. Jax olhava para mim como se eu tivesse enlouquecido, mas Danto estava sorrindo, um sorriso lindo e deslumbrante, ele estava claramente satisfeito que no final, eu não ia trazer o goblin.

– Você sabe o que isso significa, não sabe? – disse Tyrius, com um brilho nos olhos. – Cheesecake e cerveja.

Dei uma longa gargalhada, quebrando o silêncio sombrio do Bairro Místico.

– Você é um gato louco. Sabia disso?

Tyrius sentou-se e enrolou o rabo nas patas.

– Não se esqueça de charmoso. Você nunca viu um felino mais charmoso do que este, meu bem.

Parei de sorrir quando olhei de volta para o rosto do goblin. O cansaço e a preocupação pesavam em seus ombros, e ele parecia mais velho como se esses eventos o tivessem envelhecido cinquenta anos.

– Para onde você irá? – perguntei suavemente. – De volta a Elysium?

– Não – disse Ugul. – Está na hora de arrumar uma nova casa – Seus lábios finos se curvaram em um sorriso. – Talvez, algum lugar quente.

– Ouvi dizer que o México é ótimo nesta época do ano – disse Tyrius. – Tem muitas cavernas perto da costa do Pacífico.

A imagem de uma bela praia com areia dourada e água cristalina surgiu em minha mente. Umas férias pareciam uma ótima ideia. Porém, sem dinheiro...

Eu sabia que soltar Ugul seria um golpe devastador para minha avó. Fiquei gelada em pensar no olhar em seu rosto quando eu disser a ela. Quando eu disser a ela, que eu falhei.

Algo áspero roçou minha pele, e eu olhei para cima, assustada que Ugul estava segurando minha mão na dele. Sua pele era áspera e calejada como uma pedra arranhando minha pele.

Ugul olhou para mim, com um rosto iluminado.

– Você sabe *o que* você é, né?

Mexi meus pés, constrangida com sua proximidade e por ele ainda estar segurando minha mão.

– Que eu sou tanto demônio quanto anjo? Sim, recebi o memorando cerca de seis meses atrás.

– Eu não tinha certeza no começo – disse o goblin, com um sorriso fraco em seu rosto enrugado. Seus olhos estavam cansados e fadigados. – Sim – disse ele, enquanto colocava mais pressão na minha mão. – Eu posso sentir isso. Não há engano.

– O quê? Há algo mais que eu deveria saber? – Inclinei-me para frente, sem ter ideia do que ele estava falando. Na minha linha de visão, vi Tyrius se aproximando até que ele cutucou minha perna.

Ugul piscou e depois sorriu.

– Sombra e luz são duas coisas opostas e isoladas. E ainda assim você pode manter os dois dentro de você. É notável, realmente. É isso que a torna tão especial.

Meus olhos dispararam para Tyrius, que olhou para mim e deu de ombros. Afastei meus olhos do gato e observei o sorriso desaparecer no rosto do goblin.

– Por que tenho a sensação de que você está prestes a me dizer algo ruim?

A expressão de Ugul ficou séria.

– Eles já procuraram você?

Eu fiz uma careta.

– Você quer dizer a Legião? Sim – eu disse, pensando que ele se referia ao arcanjo Vedriel, embora eu não soubesse como ele sabia disso, já que estava preso em uma caverna e escondido do resto do mundo paranormal. – Sim, eles me procuraram e tentaram me matar.

O goblin estreitou os olhos.

– Não. A Legião não – disse ele. A preocupação em seus olhos castanhos me acertou em cheio.

Senti uma pontada de medo.

– Quem então?

O goblin soltou minha mão.

– Rowyn, há algo que você deveria saber.

Ugul foi jogado para frente e bateu contra mim. Suas pernas fraquejaram enquanto ele lutava para se levantar. Agarrando seus ombros, eu o puxei para cima enquanto ele engasgava, sangue saia de sua boca.

E então eu vi a ponta ensanguentada de uma flecha saindo de seu peito.

Tyrius praguejou quando senti a escuridão misturada com o cheiro de doces e ovos podres. Fadas.

A raiva me invadiu quando me virei, lentamente, ainda segurando Ugul enquanto ele cuspiu mais sangue. Droga, a flecha atingiu um pulmão.

Do outro lado da rua, vi olhos escuros determinados e cheios de ódio. Era um bando de Flechas Negras.

CAPÍTULO 20

Os guerreiros das fadas usavam os mesmos casacos longos pretos, camisas e calças combinando junto com uma variedade de adagas curvas embainhadas ao longo de seus cintos. Símbolos de fadas foram tatuados na maior parte do seu corpo, fazendo com que eles parecessem ter uma aparência mais sombria e mais perigosa.

Tyrius rosnou baixo e feroz.

– Onde está um sabre de luz quando você precisa de um?

Deslocando-me para o lado, abaixei Ugul o mais suavemente que pude no chão atrás de uma BMW sedã cinza estacionada, sem desviar o olhar dos Flechas Negras.

– Tente não se mover – eu disse ao goblin. – Isso só vai piorar. Apenas fique parado até eu voltar.

Me endireitei e me afastei do carro, vendo Jax se aproximar e ficar ao meu lado. Seu rosto ficou sombrio quando ele apontou sua espingarda para os Flechas Negras, parecendo um guerreiro. Danto, Vicky e Keith avançaram, formando uma linha protetora.

– O que você quer fazer? – Jax virou a cabeça e olhou para mim, a tensão estava estampada em suas feições, mas algo em seu rosto me disse que ele estava procurando uma briga.

– Eu não vou entregar Ugul para a rainha – eu disse, minha voz tremendo de raiva.

– Então lutaremos? – perguntou Jax, com um brilho nos olhos.

– Nós lutaremos.

Examinei os rostos dos Flechas Negras enquanto eles olhavam de soslaio. Eles eram selvagens, arrogantes e estavam à procura de sangue.

Nosso sangue. E todos eles tinham flechas apontadas para nossos rostos.

Daegal se afastou dos guerreiros fadas, seu arco estava em seu quadril, e seus olhos escuros fixos em mim.

– Meus olhos estão me enganando – disse o comandante dos Flechas Negras – ou você estava prestes a libertar a fada que você foi paga para trazer? Deixar a fada ir não fazia parte do contrato. Esse não foi o acordo. Minha rainha ficará muito decepcionada com você, Rowyn Sinclair.

Eu sorri para ele.

– Decepcionar uma fada é como ter um orgasmo. É uma sensação *tão* boa.

Jax soltou uma risada alta e deu um tapa na coxa para adicionar um efeito dramático. Funcionou.

– Você acha que isso é uma piada? – Daegal rosnou, as palavras soaram quase guturais. Seu rosto pontiagudo estava torcido em uma careta, dando-lhe mais a aparência de um animal. Ele era o único que não apontava uma flecha para nós, mas isso não significava que ele era menos perigoso.

– Nos dê a fada – ele rosnou –, e talvez nós deixemos você viver.

Mostrei meus dentes em um sorriso Colgate.

– Que tal eu lhe dar o dedo do meio – eu disse e fiz o gesto com meus dedos – e, então, talvez eu deixe você viver.

– Boa, Rowyn. – Riu Tyrius.

Sorrindo para o baal, eu puxei ambas as lâminas e então me virei para as fadas.

Os olhos escuros de Daegal encararam os meus por um breve momento.

– Eu não vou falar de novo. Este é o último aviso, Caçadora. Entregue ele para nós, ou a última coisa que você verá é minha flecha cravada em seu peito.

Irritada, troquei o peso da perna e me abaixei.

– Pensei que tinha mandado você ir se ferrar.

– Como quiser. – Com um movimento incrivelmente rápido, Daegal estendeu a mão para trás, puxou seu arco e encaixou uma flecha. – Ouvi dizer que o Submundo está cheio de demônios morrendo por um pedaço de sua alma. Eles vão me agradecer por ter mandado você mais cedo.

Eu fiz uma careta. *Ele acha que quando eu morrer eu vou para o Submundo?*

Meus pensamentos se dissiparam quando ouvi o som de cordas se esticando e flechas sendo encaixadas.

– Protejam-se! – eu gritei.

Com o coração na boca, eu entrei em ação.

Flechas, negras e rápidas dispararam em minha direção, e eu me abaixei e me afastei. Mas elas continuaram chegando. As flechas assobiavam passando por mim, raspando meu rosto como um vento gelado, e eu me joguei para o lado para evitar uma flechada no rosto. Elas atravessaram meu cabelo como as garras brutais de uma fera. Merda. Eu viraria um kebab de Rowyn se não encontrasse cobertura logo.

A adrenalina percorreu meu corpo quando me joguei para frente e rolei no chão ao lado de um sedã Infiniti preto e reluzente. As flechas atingindo o teto e a lateral do carro soaram como uma metralhadora. Ele era um carro muito bonito.

As flechas dispararam pelo ar como granizo negro, granizo negro e mortal. Eu nunca vi nada parecido. A única maneira de parar a saraivada de flechas era matar os Flechas Negras. Eu tinha que chegar até eles, de alguma forma.

Ofegante, me inclinei para frente. Sentindo a adrenalina, me abaixei atrás do porta-malas do carro. Arrisquei uma olhada e vi alguém correndo. Jax.

Assisti com horror quando ele se lançou para frente, bombeando e atirando no bando de Flechas Negras como uma prática de tiro ao alvo.

A espingarda de Jax disparava, mais alto que um trovão. As balas lançadas estouravam formando uma explosão de sangue e ossos no ar. O homem-fada deu um passo para trás, sendo jogado de costas pela força das balas que o atingiu. Ele não teve tempo de sacudir-se, muito menos gritar. Ele simplesmente caiu como uma pedra. Havia uma mistura de sangue e carne onde o tiro havia rasgado o peito da fada.

O cheiro súbito de pólvora queimada me disse que desta vez Jax tinha colocado balas de verdade e não as de sal.

Nossos olhos se encontraram e ele sorriu. Então seu sorriso desapareceu com a chuva repentina de flechas que voaram em sua direção. Jax xingou e saltou para atrás de um poste de luz.

– Seu idiota! Você está tentando se matar! – eu gritei.

Ele contornou o poste para me dar um sinal de positivo e então abaixou a espingarda e começou a atirar novamente. Eu balancei minha cabeça. Filho da mãe xarope.

Mais rápido que o vento e mais rápido que a morte, Danto disparou para frente, acertando o punho no rosto de um homem-fada, e levando a cabeça dele para trás. Houve um barulho horrível e o híbrido desabou. Ele voou para outro homem-fada, derrubando o arco de sua mão, e com uma rápida sucessão, ele abriu um buraco no pescoço do homem-fada do tamanho de seu punho. O sangue da ferida jorrou no rosto de Danto. Flechas voaram na direção do vampiro, mas usando o corpo da fada morta como um escudo, ele girou e caminhou através da chuva de flechas.

Vicky era um borrão, ela se movia rápido demais. Ela agarrou o pulso de um homem-fada e houve um estalo, o estalo de osso era claro no ar da noite. O grito do homem-fada ficou preso em sua garganta quando ela cortou sua jugular com um golpe de suas garras. Keith seguiu com um chute selvagem em um dos joelhos do homem-fada. Os olhos da fada se arregalaram, mas ele não teve tempo para mais nada. Antes que a fada desmoronasse, Keith havia quebrado seu pescoço e se esgueirado para perseguir o Flecha Negra mais próximo.

Impressionante. Era preciso um domínio sério do combate corpo a corpo para saber onde acertar, e eles faziam parecer tão fácil quanto respirar. Quero dizer, fale o que quiser sobre os vampiros, mas eles matavam com um sério estilo.

Eu sempre invejei a velocidade sobrenatural dos vampiros. Eles se moviam como o The Flash. Eles eram fodas, e eu estava feliz que desta vez eles estavam do *meu* lado.

Ouvi um grito estridente, e me virei para ver um gato arrancando os olhos de um dos Flechas Negras. O rosto do homem-fada estava coberto de sangue enquanto ele se debatia, tentando afastar o gato, mas Tyrius não o soltou. Eu sabia que Tyrius ainda estava se recuperando, então ele não podia se transformar no Hulk. Mas sua forma minúscula era uma estratégia. Ele era perfeitamente capaz de arrancar os olhos de seu oponente com suas garras afiadas. Ele também tinha uma mordida cruel, seus dentes minúsculos eram como agulhas abocanhando a carne macia e cortando as artérias. Ele era incrível.

– Isso aí, Tyrius – murmurei, meu peito inchando de orgulho. Desviei meus olhos e vi Daegal. *Bingo*.

Sorrindo, saltei ao redor do carro e fui na direção do homem-fada magro. Sua atenção estava focada em Jax, ele estava tentando acertá-lo com

suas flechas enquanto circulava ao redor do poste de luz. Senti o gosto da raiva na minha garganta. Ele não tinha me visto.

Ele era meu. Eu ia pegá-lo.

Segurando minha lâmina da alma pela ponta afiada, eu a lancei. A prata da lâmina brilhou à luz da lua enquanto voava, girando em linha reta enquanto ganhava velocidade. E justamente quando a lâmina ia atingir seu alvo, Daegal desviou seu arco no último segundo e encontrou minha lâmina com uma flecha. Houve um tinido de metal, e minha lâmina atingiu o chão junto com a flecha.

Meu queixo caiu. E meu sorriso desapareceu. Droga, como ele fez isso?

O maldito zombou de mim, mas antes que ele pudesse armar outra flecha, eu corri novamente, com a lâmina da morte na mão, eu ia acabar com o maldito de uma vez por todas.

Algo fino e preto veio na minha direção, e era rápido demais. Mergulhei na calçada, mas não rápido o suficiente. Bati com força no chão, e a dor irrompeu na minha coxa esquerda.

Merda. fui atingida.

Me debatendo, eu cerrei os dentes quando uma onda de dor me atingiu. Uma flecha atravessou minha coxa e saiu do outro lado. Que ótimo. A flecha atravessou minha pele, e minha perna era como um espetinho de carne. Não tinha como eu lutar com aquela coisa em mim, muito menos tentar fugir. Ela havia atravessado o músculo, mas não minha artéria femoral, pelo que pude ver. Xingando, me abaixei para puxar a flecha

Gritei quando outra flecha atravessou minha mão, prendendo-a na minha coxa bem ao lado da outra flecha.

Eu estava muito, muito irritada.

Uma sombra se moveu na minha linha de visão. Não precisei olhar para cima para saber que era Daegal. Claro, ele viria para se regozijar e saborear a minha dor.

– Tsc, tsc, tsc, Caçadora. Você deveria ter desistido da fada quando teve a chance. Agora, vou acabar com você com minhas flechadas. Então estriparei você como um porco angelical que você é.

Senti uma dor pequena, aguda e latejante na coxa e na mão. Olhei para baixo e vi um líquido amarelado saindo das feridas. Uma lenta sensação de queimação começou a se espalhar pelas feridas da minha coxa e da minha mão. Senti calor e frio ao mesmo tempo, e um calafrio desceu pela minha

espinha. Então, a sensação de queimação aumentou a cada batida do meu coração.

As pontas das flechas foram envenenadas.

A boca da fada se abriu em um sorriso largo e presunçoso.

– Faebane. Nosso veneno mais mortal.

O medo apertou minha garganta quando pensei em Jax. Se ele fosse atingido por uma daquelas flechas, ele não sobreviveria. Eu conhecia o Faebane. Era a versão das fadas do veneno de uma lâmina da morte. Ele era especialmente mortal para não fadas, outros híbridos e nós nascidos-anjo.

Contudo, eu era diferente.

O suor escorria pelos meus olhos, queimando-os. Minha lâmina da morte era um peso bem-vindo na minha mão, isso significava que eu não estava indefesa.

Piscando, eu rosnei para ele.

– Vem me pegar, seu maldito de orelhas pontudas.

Daegal ergueu as sobrancelhas e disse com uma voz sensual:

– Em outra vida, talvez.

Eca.

– Não tenho interesse em fadas – eu disse, ouvindo a repulsa na minha voz. – O pó das fadas sempre acaba entrando em lugares onde não deveria.

O Flecha Negra riu enquanto encaixava outra flecha.

– Você deveria ter aceitado o acordo, Caçadora. Agora sua avó vai perder a casa dela.

– O quê? – exclamei, sentindo meus músculos rasgando enquanto eu puxava as flechas. – Como você sabe disso? Responde!

Daegal me deu um sorriso malicioso.

– A vida da fada realmente valeu o fim da sua avó? Você é uma nascida-anjo pirralha e muito egoísta. Agora, sua avó será reduzida à pobreza por sua causa. O que ela vai pensar de sua única neta quando descobrir que você poderia ter salvado sua casa, mas decidiu que ela não valia a pena?

Senti meu corpo enrijecer.

– Você sabia – eu disse, meu rosto ficando frio. – Agora, faz sentido. Foi por isso que ela o mandou naquela noite. O dinheiro que você ofereceu era a quantia *exata* que eu precisava. Inteligente, vou admitir. Eu nunca imaginei isso, ela sabia que eu não podia dizer não. Ela me enganou direitinho.

Droga. Danto estava certo. A rainha armou uma armadilha e me pegou. Eu era uma maldita idiota.

Havia uma movimentação dos Flechas Negras em meio a gritos e lamentos. Meu sangue pulsava em meus ouvidos.

– Ela vai matá-lo, não é? – Mexi-me e uivei enquanto as flechas cortavam minha pele. Eu precisava tirá-las.

Daegal riu, brincando com a ponta de sua flecha.

– Claro que ela vai. Ele matou seu único filho. Nenhuma mãe deveria passar pela dor de perder seu único filho.

– Em legítima defesa – eu disse. – Isso não foi uma caçada, foi uma desculpa para matá-lo. Ela mentiu para mim, me enganou. Isso não é justiça, é um assassinato. – Tremi de raiva. Fui enganada, traída e cegada pela minha própria necessidade desesperada de arrumar dinheiro.

– Sim, correto. – Daegal deu um sorriso artiloso. – E você era o peão perfeito. Você caiu direitinho no jogo dela. A rainha viveu por mais de setecentos anos. Você não é páreo para ela.

– Talvez não – apertei meus lábios. – Porém, ela ainda é uma cadela.

Os olhos do homem-fada escureceram. Daegal puxou a corda do arco para trás e atirou no mesmo instante em que libertei minha mão, que estava presa na flecha da minha coxa e me esquivei.

Ai, essa doeu.

Girando, me mantive perto de Daegal, sabendo que quanto mais perto eu estivesse dele, mais difícil seria para ele sacar seu arco e atirar. Apreciei os grunhidos de raiva que ele deu. Matar-me nunca seria tão fácil.

Daegal abriu a boca em um sorriso largo e louco.

– O veneno vai a matar, mesmo que a flecha não mate.

Eu já podia sentir os efeitos do veneno diminuindo.

– Eu acho que não.

Chutando, eu o acertei logo abaixo do joelho. Seu osso quebrou sob meu pé. Ele gritou, e eu peguei um vislumbre de seu rosno. Rodopiei para longe do seu alcance, minha coxa esquerda estava rígida, tornando meus movimentos irregulares e falhos. Meu progresso era lento com a flecha ainda saindo da minha coxa. Tentei me mover sem tocá-la, mas era impossível.

Toda vez que eu roçava as flechas com meus movimentos, a dor aumentava como se minha perna estivesse sendo cortada por dentro. Eu não estava em condições de continuar lutando assim.

Havia apenas uma coisa a fazer.

Assim que Daegal virou seu arco para mim e errou, eu me abaixei e fugi. Apertando minha mandíbula, envolvi minha mão ferida ao redor da primeira flecha e a quebrei. Fiz o mesmo com a outra. Não havia tempo para tentar retirá-las sem machucar ainda mais minha coxa. As flechas enterradas teriam que ficar, por enquanto.

Soltei uma risada ao ver o olhar surpreso no rosto de Daegal. Não pude evitar.

– Acho que seu precioso faebane não funciona em mim, hein?

Girei minha lâmina rapidamente quando a fada disparou em minha direção. Ele veio se movendo de um lado para o outro, com uma adaga curvada na mão direita. Rodopiando, deixei minha raiva aumentar e me guiar. A ponta da minha lâmina fez um corte em sua barriga rosada. Daegal cambaleou para trás, atordoado. Eu assisti, sem saber os efeitos que o veneno de uma lâmina da morte teria em um híbrido. Talvez nenhum.

– Vou matá-la por isso, sua vadia angelical – ele praguejou.

Eu sorri.

– Pode vim, Sininho.

Ele disparou na minha direção. Driblei para a esquerda, mas quando fui para a direita, ele se moveu tão rápido que, apesar das minhas habilidades e anos de treinamento, bati em um carro estacionado. O barulho do meu corpo colidindo com o metal ecoou pela rua silenciosa quando caí de cara no capô do carro, meu queixo deslizou.

– Como eu disse – Daegal zombou enquanto eu me virava e deslizava para baixo do carro. – Eu vou matá-la, sua vadia angelical.

Meus lábios já estavam doendo e inchados, e senti o gosto de sangue na minha boca.

– Vou quebrar todos esses dentinhos pontudos nessa sua boca podre.

Mais rápido do que eu pude perceber, e mais rápido do que meu corpo fraco poderia reagir, ele se aproximou de mim, e seu punho acertou meu rosto. Esquivei-me o suficiente para evitar que meu nariz se quebrasse, mas levei o golpe na mandíbula. Girando, eu caí no chão e senti gosto de sangue, mais uma vez. Desgraçado.

Ele recuou para atacar novamente. Com rapidez, eu segurei seu segundo golpe antes que ele fraturasse minha mandíbula e rosnei bem perto de seu rosto.

Minha respiração ficou irregular enquanto eu rosnava baixo e feroz:

– Isso é tudo que você tem?

Seus olhos carregados de ódio me fitaram enquanto o homem-fada veio na minha direção novamente, só dava para ver punhos e flechas. Me virei, levantando um punho para bater em seu rosto, mas acertei apenas o ar. Então seu pé enganchou atrás do meu em uma manobra que me fez perder o equilíbrio.

Tentei desviar, mas não fui rápida o suficiente. Daegal bateu seu arco na minha cabeça e vi estrelas. Antes que eu pudesse me recuperar, ele chutou meu estômago e eu caí no asfalto, perdendo a respiração. Bati no asfalto com força, mas rolei e fiquei de pé. Me virei, com minha adaga na mão, pronta para me jogar sobre ele, mas Daegal se fora.

Olhei ao redor da rua, e senti um alívio no meu peito ao ver Tyrius agachado em cima do corpo de um Flecha Negra, parecendo presunçoso e contente.

Danto e Vicky andavam em círculo ao redor dos corpos dos Flechas Negras, esperando que algum deles se mexesse para que pudessem acabar com eles. Avistei Keith agachado ao lado do corpo de um homem-fada morto, pegando seus pertences valiosos e colocando-os nos bolsos.

Aquele vampiro era estranho.

Com a espingarda em seu ombro, Jax caminhou em minha direção, ele franziu o rosto quando viu o sangue na minha coxa.

– Jesus, Rowyn, essas flechas estão atravessadas na sua coxa?

– Pedacos de flechas. Não é nada demais. – Puxei minha camisa para baixo, mas isso não fez nada para esconder o líquido amarelo e rosa que saía das duas feridas. – Vou pedir para Pam removê-las assim que colocarmos Ugul em segurança.

– Hã, Rowyn, onde está Ugul? – disse Jax.

O medo tomou conta de mim com a preocupação em sua voz. Virei-me, disparando o olhar para o local onde deixei o goblin.

Ugul se foi.

CAPÍTULO 21

Corri rua abaixo, minha coxa ferida queimava enquanto eu a forçava cada vez mais. Os pedaços das flechas ainda estavam atravessados na minha perna e rasgavam a carne como as presas de uma grande fera. Minha perna esquerda estava encharcada, encharcada com meu próprio sangue.

E ainda assim, eu corri.

Não parei, não consegui parar. A rainha mataria Ugul se eu não chegasse a tempo. Um inocente ia morrer por minha causa. Eu não podia deixar isso acontecer. Não se eu puder evitar.

– Rowyn! Vai devagar! – ouvi a voz de Jax. – Você não pode simplesmente invadir.

– É exatamente isso que pretendo fazer.

Mantive meus olhos na Torre Sylph, usei meu ódio para me impulsionar até que senti que meus pés mal tocavam o chão enquanto eu disparava pela rua. Eu estava voando como a maldita Mulher Maravilha.

– Você é louca! – ouvi a voz de Tyrius atrás de mim.

– Sim. – Eu não ia deixar Ugul morrer nas mãos da rainha. Eu precisava saber o que ele ia me dizer.

– Rowyn – gritou Tyrius –, você tem duas flechas atravessadas na perna! Pense nisso. Está ferida. Além disso, não conseguirei me transformar no Hulk. Não conseguirei protegê-la. Vamos sentar um minuto e pensar sobre isso.

– Ugul não tem um minuto. – Eu ofegava, minhas coxas queimando enquanto eu forçava ainda mais. Ele já havia sofrido uma flechada no peito. Quanto tempo ele poderia sobreviver sem ajuda médica?

– Você sabe quantas fadas têm lá? – gritou o gato. – Imagine centenas, talvez milhares. Sinto muito, Rowyn, mas você fez o seu melhor. Você o libertou, isso já é alguma coisa. Agora pare com essa loucura!

– Eu o libertei? – Eu ri. – Eu não o libertei. Eu o matei, não vou deixá-lo morrer. Não vou. – Com o coração acelerado, eu podia ver o contorno da porta. Estava quase lá.

Ouvi Tyrius gritar alguma coisa quando me joguei contra a porta. Ela nem se mexeu.

– Droga! – Usando meu peso, arremessei meu ombro direito contra a porta, várias vezes. E, ainda assim, a porta não abriu nem um centímetro.

Algo agarrou meu ombro e eu vacilei. Danto me virou colocando-me de frente para ele.

– Rowyn, o baal está certo. Acho que todo o clã de fadas da Corte das Trevas está lá. Não podemos lutar contra tantos.

Meu coração palpitou na garganta.

– Preciso tentar. Eu preciso.

– Se arrombarmos esta porta – disse o vampiro, com uma voz surpreendentemente fria –, eles vão ver isso como um ataque.

– Eles nos atacaram primeiro – eu rosnei.

O cabelo do vampiro balançou quando ele sacudiu a cabeça.

– Não importa. – Um brilho de angústia franziu os cantos de seus olhos. – Entramos lá exigindo que a rainha devolva a fada, e ela vai arrancar a nossa pele – Seus olhos cinzentos traçaram meu rosto enquanto ele acrescentava suavemente – Nós nunca o teremos de volta. Você precisa entender isso, acabou. Sinto muito, Rowyn, mas esta é uma luta que não podemos vencer.

– É claro que podemos – eu me desvencilhei de suas mãos e bati minha lâmina contra a porta.

– Vou arrombá-la se for preciso, mas vou passar por essa maldita porta. – Meu pulso estava acelerado, e o medo e a aflição tensionavam meus músculos. – Quanto mais esperarmos, mais difícil será salvá-lo.

– Rowyn, apenas ouça por um segundo – Tyrius estava ao lado da porta.

– Ele é inocente – eu gritei. – Inocente. Ele matou o filho da rainha em legítima defesa e ela quer vingança. Sempre se tratou de sua vingança. E eu sou a idiota que o trouxe para ela. Isto tudo é *minha* culpa. Não conseguirei viver comigo sabendo que tive um papel na morte dele. Você não entende?

– Parei de bater na porta e olhei para Tyrius. – Se ele morrer... – engoli em seco, sentindo as lágrimas, mas não consegui dizer o resto das palavras.

– Tá, então como vamos fazer isso? – perguntou o gato. – Você tem um plano pelo menos?

– Sim – eu menti. – Entramos e pegamos Ugul. Possivelmente matamos algumas fadas no caminho. – Os planos mais simples eram os melhores. Mas esta era uma missão suicida. Eu sabia disso. Tyrius sabia disso. Todos eles sabiam.

– Tudo bem, Sherlock – disse Tyrius, claramente irritado por eu não deixar isso passar. – Como você planeja entrar? A porta da torre não se abrirá para não fadas, a menos que tenhamos um convite. – Ele fez uma careta. – Você tem um convite? Oh não, você não tem.

– Eu tenho um convite. Rowyn, sai da frente – ordenou Jax de repente. – Esse aqui.

Virando, vi Jax de pé, com as pernas abertas e com a espingarda apontada para mim, bem, para a porta.

– Certo. – Assentindo, me abaixei e agarrei Tyrius antes que ele pudesse argumentar e saí do caminho.

Uma expressão diabólica se formou no rosto de Jax, o deixando muito sexy. Ele bombeou a espingarda e atirou.

Uma, duas vezes, e o último tiro abriu um buraco na porta grande o suficiente para caber uma pessoa.

– Entrar sorratamente para quê? – miou Tyrius. – Acabamos de soar o alarme.

Sem esperar que os outros tentassem me convencer da loucura que isso era, larguei Tyrius e abri caminho pela abertura.

Tyrius estava certo. O barulho que Jax fez para abrir um buraco na porta chamaria a atenção das fadas.

Ignorando o latejar na minha coxa esquerda ferida, eu corri pelo corredor em forma de caverna o mais rápido que minhas pernas podiam. Os mesmos castiçais com fogo verde jade demoníaco iluminavam os espaços apertados com tons de verde. O som da minha respiração era alto em meus ouvidos, e minhas botas batiam na terra batida parecendo um galope. Os Flechas Negras deveriam estar nos atacando a essa altura, e uma sensação inquietante apertou meu peito pelo fato deles não estarem. Isso não era bom, mas era tarde demais para recuar.

Eu podia ouvir o murmúrio distante de vozes e o som inconfundível de risos.

Uma fúria tomou conta da minha mente como uma febre. Alcancei as duas portas enormes de pedras antigas em segundos e, usando meu ímpeto, joguei meu ombro contra elas.

As portas se abriram com um estrondo. Esperei pelos protestos e gritos, esperei para ver uma horda de fadas nos atacar, mas as fadas apenas me encararam, com seus rostos especialmente atentos.

As vozes pararam. Pisquei com a luz repentina mais forte e diminuí o ritmo ao entrar na vasta câmara circular e passar pelos pilares em forma de trepadeiras, as macieiras e as flores silvestres, onde aceitei o trabalho para começar este pesadelo.

Ao contrário da primeira vez que estive na torre, não havia batidas de tambores, música, conversas alegres, apenas os sons de nossa respiração pesada e nossos passos.

Parei e praguejei assim que passei pelas árvores. Não havia centenas de fadas reunidas no salão. Eu acho que estava olhando para cerca de mil. Droga. Claro que todos se viraram ao som de nossa entrada explosiva, havia um mar de roupas elegantes sobre corpos esqueléticos. Seus rostos finos expressavam divertimento e exibiam dentes pontudos, seus olhos negros estavam cheios de expectativa.

As fadas me observaram por mais um minuto, e então todas voltaram sua atenção para a plataforma. Com o coração acelerado, segui seus olhares e meus joelhos fraquejaram.

Ugul estava de joelhos, a flecha em seu peito ainda era claramente visível. Sua cabeça estava puxada para trás, e atrás dele Daegal tinha uma faca em sua garganta. O goblin não olhou para cima.

Cerca de cinquenta Flechas Negras estavam em formação diante da plataforma, os arcos já estavam com as flechas prontas.

A rainha das fadas da corte das trevas estava na plataforma elevada. Sua única mecha de cabelo negro se derramava sobre um vestido branco esvoaçante que se acumulava no chão e em torno de seus pés. O vestido branco combinava com sua pele branca como a neve, fazendo parecer que o vestido não tinha começo nem fim. Ela era ainda mais aterrorizante do que eu me lembrava – a noiva do diabo perfeita.

Os olhos negros e sem fundo de Isobel se fixaram em mim, e seu rosto se contorceu em um sorriso, expondo suas feições bem definidas e dando-

lhe a beleza fria e antinatural das fadas.

A rainha inclinou a cabeça como se quisesse mostrar sua coroa de dentes humanos e transmitir o quão má ela realmente era.

– Que prazer vê-la novamente, Caçadora – sussurrou a rainha das fadas da Corte das Trevas. – Você chegou a tempo de testemunhar o início do meu reinado.

Agora, por que isso parecia muito, muito ruim?

CAPÍTULO 22

As fadas riram. Havia algo aterrorizante nisso, como se já tivessem vencido uma batalha secreta e tivéssemos chegado atrasados para a festa.

Tyrius bateu na minha perna.

– Rowyn, não faça nada estúpido – ele sussurrou.

Mantive meus olhos na rainha.

– Quem disse que eu vou?

Tá, *então meu plano de invasão parecia um pouco estúpido agora.*

– Eu disse. – Tyrius suspirou alto. – Isso não parece nada bom, nada bom. Vamos nos virar e ir embora.

Cerrei os dentes.

– Não vou embora sem Ugul.

Jax, Vicky e Keith se juntaram a mim. Olhei para Danto quando ouvi seu rosnado. Ele tinha se transformado em vampiro. Um sangue preto escorria entre seus dedos descendo pelos seus punhos trêmulos, e seus olhos negros estavam fixos em algo à nossa frente. Eu segui seu olhar. Na parte de baixo da plataforma elevada havia um grupo de doze homens e mulheres, isolados da multidão principal. Notando seus rostos frios e bonitos, e o ar de superioridade, eu sabia que eles eram vampiros.

Uma sensação de preocupação arruinou minha adrenalina com uma velocidade inquietante. Um deles deu um passo à frente. Ele era enorme. Seus ombros pareciam tão largos quanto eu, e ele exibia seu físico em um elegante terno de três peças. Seus olhos eram perspicazes, e revelavam uma inteligência astuta, e ele se movia com a elegância sexy que todos os

vampiros compartilhavam. E o pior é que todos eles tinham aquela arrogância e autoconfiança dos vampiros.

Ficou claro que eles foram convidados para assistir à execução de Ugul. Porém, por quê? As fadas raramente se misturavam com vampiros. O que os vampiros ganhariam assistindo a morte de uma fada?

Fixei meus olhos em Danto, e a menos que aquele grande vampiro não explodisse com o olhar de Danto, isso só poderia significar que eu estava olhando para Stefan. O escolhido da rainha das fadas para comandar a Corte dos Vampiros de Nova York.

Como se ouvisse meus pensamentos, os olhos de Stefan encontraram os meus, seu rosto era impassível, se não um pouco entediado. Então, seus olhos se voltaram para Danto, e ele sorriu para mostrar os dentes.

O pelo de Tyrius roçou meu pescoço quando ele saltou em meus ombros.

– Eu gostaria de saber porque os vampiros estão aqui – disse ele, enquanto se acomodava.

– Estava pensando a mesma coisa – eu disse. – Por que eles querem fazer parte disso? Não faz sentido.

Tyrius virou-se para me encarar.

– Aposto o pelo do meu rabo que eles querem ganhar algo com isso, certeza.

Uma brisa soprou ao meu lado, e senti a respiração de Jax do outro lado da minha bochecha.

– Você sabe que eu amo uma briga, especialmente com esses desgraçados magricelas, mas estou ficando sem munição. Alguma ideia brilhante sobre como vamos recuperá-lo?

– Pedindo gentilmente?

Tyrius bufou enquanto eu exalava longa e lentamente. Afastei meus olhos dos vampiros e encontrei o olhar desafiador da rainha. Percebi com um calafrio que ela não desviou o olhar de mim.

Meu sangue pulsava em minhas veias, mas mantive meu queixo erguido enquanto dizia:

– Deixe-o ir – estremeci, ouvindo o leve tremor na minha voz.

A rainha lambeu os lábios, e um deleite brilhou em seus olhos.

– Ou o quê? – ela provocou.

Endireitei meus ombros.

– Ou eu vou matar você.

Tá, isso soou muito patético.

Antes mesmo que eu terminasse minha frase, todos os cinquenta Flechas Negras se viraram e avançaram como uma parede de soldados. As outras fadas abriram caminho, dando aos Flechas Negras uma linha de visão limpa. Que ótimo. Os guerreiros pararam a seis metros de nós e puxaram as cordas de seus arcos.

Merda. Não havia como fugir disso.

Não sei porque, mas desviei meu olhar para o grupo de vampiros, e minha pressão subiu com a risada deles. Stefan me pegou olhando e me mandou um beijo. Desgraçado.

– Parem! – Isobel ordenou, e todos os Flechas Negras abaixaram seus arcos ao mesmo tempo. – Ainda não. Eu quero que eles assistam. – Ela acenou a mão com desdém. – Vocês podem matá-los depois. Eu honestamente não me importo – Seus olhos encontraram Danto e sua alegria se intensificou. – Danto. Estou muito feliz em vê-lo aqui.

– Eu não estou – rosnou o vampiro, e o sorriso de Isobel se alargou quando ela viu que ele encarava Stefan.

– Ah, não fique tão arrasado, Danto – disse a rainha, dando a ele um breve sorriso horripilante. – Confie em mim. Você vai gostar disso.

Ela levantou a voz e falou para a multidão.

– Esta noite eu lhe darei um presente digno da minha corte – ela continuou. – Desta noite em diante, tudo mudará. Meus filhos, a mudança chegou, para todos os híbridos, como prometido, nossa hora chegou.

– Sou o único perdido aqui? – disse Tyrius, com uma voz baixa. – Por favor, levante a mão se você está entendendo alguma coisa.

Isobel exibiu uma expressão reveladora. Daegal sorriu maliciosamente e deu um puxão forte no cabelo de Ugul, fazendo sua cabeça virar para trás.

– Não. Por favor – o goblin gemeu, com seus olhos fechados, e eu comecei a tremer.

Cerrei os dentes e respirei ofegante.

– Se você matá-lo – eu disse, minha voz ecoando pelo salão –, o Conselho das Sombras vai cair em cima de você. Eu prometo. Ele é inocente. Ele matou seu filho em legítima defesa. Se você matá-lo agora, será assassinato. Você estará arruinada. Perderá sua coroa de dentes e não será mais nada.

A rainha não parava de sorrir como se eu estivesse lhe elogiando.

– Ah, não. Acho que não.

– Você não quer ouvir o que ele tem a dizer? Você não quer saber a verdade?

Claro que ela não queria, e eu sabia que estava abusando da sorte. Contudo, esperava que ela se importasse se eu colocasse dúvidas na cabeça das outras fadas.

E quando passei os olhos pelas fadas, não pude evitar a inquietação que senti na boca do estômago. Elas nem estavam prestando atenção em mim. Seus olhos estavam fixos em Ugul. Mas não se tratava apenas da forma que elas olhavam para ele, era a *forma* como estavam vidradas nele, parecia uma fome desesperada e febril. Todas as fadas no salão queriam que ele morresse, elas estavam ansiosas para que ele morresse. Mas por quê? Não poderia ser apenas por causa da morte do filho da rainha. Algo mais estava acontecendo aqui.

Senti minha coxa latejar, e desloquei meu peso para a outra perna.

– Isso está errado – continuei, sentindo um fio de suor escorrendo entre meus seios. – Matá-lo não trará seu filho de volta.

– Você quebrou nosso contrato. – A rainha sacudiu a cabeça. Ela parecia mais alta do que eu me lembrava, agora que estava de pé na plataforma, mais alta e muito mais magra do que eu. – E *isso vai lhe* custar.

– O quê? – eu disse desafiadoramente. – Você vai me matar também?

– O pensamento passou pela minha cabeça. – A rainha suspirou enquanto rodeava a plataforma, movendo-se de forma rápida e precisa.

– Eu gostaria de ver você tentar. Que tal uma boa e velha briga mano a mano? – eu instiguei. – Só você. O vencedor leva Ugul. O que você me diz?

A rainha jogou a cabeça para trás e uivou, o som aterrorizante parecia o grito de uma alma penada. Houve um silêncio no salão. Isso foi assustador.

Isobel fechou os olhos e respirou fundo como se estivesse tentando inalar minha energia e medo como uma droga.

– Eu gosto de você, Rowyn. Eu realmente gosto. É uma pena quando alguém com tanto talento morra tão jovem. Eu poderia ter usado alguém como você na minha corte. – A rainha mostrou os dentes. – Porém, você não é páreo para mim, querida. É apenas uma criança – ela riu como se eu fosse uma tola. – Não é nem uma mulher ainda. Eu acabaria com sua vida em um estalar de dedos – ela adicionou com um aceno de sua mão.

– Talvez – eu disse e me mexi de raiva. – Ou talvez eu faça você engolir essa sua coroa horrorosa, fazendo você cagar dentes pelo resto da sua vida.

– Rowyn – avisou Tyrius –, eu gosto de onde você quer chegar com isso, mas, ênfase no mas, isso é inútil. Ela nunca vai desistir dele, olha para ela. Ela está enlouquecendo.

Eu sacudi a cabeça.

– Eu não duvido disso – eu sussurrei. – É por isso que não podemos abandonar Ugul.

O rosto da rainha se contraiu.

– Ele matou meu único filho. Você sabe o que é passar por isso? – Seus olhos negros rolaram sobre mim enquanto ela se movia em direção à beira da plataforma, e eu senti minha pele formigar, era como se ela estivesse tentando ver além da minha pele, minha alma. Suas sobrancelhas se ergueram. – Não. Você nunca foi mãe. Eu posso ver isso. Você não entende o que é perder um filho, você ainda é apenas uma criança.

– Sinto muito por você ter perdido seu filho – *Não, eu não sinto* –, mas Ugul não teve outra escolha a não ser usar sua força para se defender do seu filho. Por quê? Por que seu filho estava lá? Por que ele estava tentando matá-lo? – Senti um nó na garganta com a dor que vi no rosto do goblin. Toda a frente da sua camiseta estava encharcada de sangue.

– Você enviou seu filho atrás de Ugul, não foi? – acrescentei, lembrando que o goblin havia me dito que a rainha queria algo dele. – Porque ele tem algo que você quer, não é?

A rainha me olhou fixamente e disse:

– Sim, eu mandei meu filho atrás dele, mas nunca ordenei que ele o matasse. Isso foi um erro.

– Claro que foi.

O rosto de Isobel se contorceu em um sorriso selvagem.

– Meu filho morreu tentando conseguir algo que eu queria. Mas devo lhe agradecer, Rowyn. Ele falhou, mas você conseguiu. – Ela colocou as mãos nos quadris. – Sabe, estou de olho em você há um bom tempo.

Dei-lhe um sorriso amargo.

– Você não faz meu tipo.

As sobrancelhas da rainha se ergueram divertidamente, e ela sorriu.

– Quando soube do infortúnio de sua avó, sabia que você seria persuadida a fazer qualquer coisa para ajudá-la. E, assim como a boa neta que é, você fez. Você me trouxe a fada. Você tornou tudo isso possível, Rowyn Sinclair. A morte dele é seu presente para mim.

Meu rosto queimou, ameacei dar um passo, mas Jax me impediu.

– Não – ele sussurrou. Seus dedos agarraram meu cotovelo com tanta força que doeu. – Ela só está tentando irritar você.

– Está funcionando. – Eu fervilhava. Soltei meu cotovelo, mas fiquei onde estava.

– Não seja estúpida, Rowyn – disse Jax e eu senti minha raiva aumentar.

Uma culpa me invadiu, fazendo meu coração bater mais forte e minha cabeça latejar. Ela estava certa sobre uma coisa. Isso foi tudo culpa minha.

– Eu nunca o entreguei a você. Você o pegou – eu contestei. – Ele estava livre para ir. Eu não ia entregá-lo. Eu *nunca* iria entregá-lo a você.

Olhei para Ugul e perdi a respiração ao ver a cor pálida de sua pele. Droga. Se eu não o tirasse agora, ele não sobreviveria.

Isobel me encarou, mas quando voltou seu olhar para Ugul, ela deu um sorriso largo e doce.

– Gostaria de dizer algo antes de morrer? – A rainha se aproximou para ficar diante do goblin.

– Se você fizer isto! – gritei, ciente de que os Flechas Negras haviam encaixado suas flechas e estavam todas apontadas para minha cabeça. – Se fizer isso – eu repeti, com meu pulso acelerado –, você pagará caro. Você me ouviu, rainha! Eu vou matar você!

Os olhos negros da rainha encontraram os meus por um momento, e ela sorriu.

– Não, você não vai.

– Ugul! – meu grito ecoou pelo teto alto. – Ugul!

Os olhos do goblin ainda estavam fechados, mas seu rosto estava contorcido de dor.

Sinto muito.

Contorci-me enquanto a agonia tomava conta do meu corpo. Cada terminação nervosa pulsava e queimava. Soltei um som gutural de dor e determinação. O medo caiu sobre mim como uma onda gigante de frio. Se eu me mexesse, morreria. Meus amigos morreriam. Não podia fazer nada. Tudo o que eu podia fazer era assistir enquanto uma fada inocente era assassinada, por minha causa.

Isobel se inclinou e aproximou seu rosto a centímetros do rosto de Ugul, observando-o com uma sensação distorcida de prazer. Sob sua impassibilidade havia uma excitação crescente.

Daegal empurrou Ugul endireitando-o, e o sangue escorria da faca sob sua garganta.

– Não! – eu gritei, esperando ver o comandante dos Flechas Negras cortar a garganta de Ugul.

Porém, Daegal não se moveu.

Em um piscar de olhos, a rainha encravou suas unhas no peito do goblin, estripando-o como se ela tivesse usado uma espada. Senti náusea quando o gemido de dor dele foi o único som no salão.

– Que diabos? – gritou Tyrius, claramente chocado e horrorizado.

A bile subiu do fundo da minha garganta quando a rainha mergulhou a mão dentro do peito do goblin até que sua mão estivesse completamente submersa nas entranhas do goblin. Depois de um momento, a rainha puxou algo, parecendo triunfante e um pouco fora de si.

E, em sua mão, estava uma pedra branca brilhante.

CAPÍTULO 23

Uma nova energia inundou o salão, ela era fria e rápida, além de zumbir e estalar como uma tempestade elétrica. Meu corpo formigava, do topo da cabeça até a ponta dos dedos. Eu nunca tinha sentido nada parecido antes. Isso me assustou pra caramba.

O rosto da rainha brilhou como uma luz branca reluzente, sua pele cintilava e suas feições se amplificaram até ela parecer uma rainha do gelo.

Fiquei sem ar. Eu já tinha visto aquela luz antes. Era a mesma luz que Ugul usara nos cães veth e em mim. Droga.

Tyrius praguejou.

– Rowyn. Precisamos ir embora, tipo agora.

Fiquei paralisada quando o sorriso vitorioso de Isobel iluminou seu rosto. Ela se virou para a multidão reunida e ergueu o punho.

Daegal descartou o corpo de Ugul como se estivesse jogando fora algo nojento que havia sujado seus dedos. O goblin atingiu a plataforma com um baque ecoando no salão, seus olhos sem vida olhando diretamente para mim, acusando-me por seu destino. *É tudo culpa minha.*

Eu assisti, incapaz de me mover quando Daegal bateu palmas uma vez. Uma porta se abriu à esquerda da plataforma, e dois homens fadas surgiram, arrastando uma mulher humana entre eles. Mechas do seu cabelo castanho estavam grudadas em seu rosto molhado, e seus olhos estavam vermelhos e arregalados. Ela parecia mais ou menos da minha idade, vinte e poucos anos, porém mais baixa. E o terror em seu rosto fez meu coração parar.

O medo me atingiu como uma onda fria enquanto meus joelhos tremiam. Minha boca abriu e fechou.

– O que está acontecendo? – Minhas palavras eram quase inaudíveis devido ao ranger dos meus dentes.

– Coisa boa não é. – Ouvi Tyrius dizer quando ele saltou dos meus ombros e pousou ao meu lado no chão.

Os homens fadas empurraram a mulher de joelhos na plataforma de frente para a rainha.

Olhei para a multidão de fada.

– Eles não podem simplesmente matá-la. Eles conhecem as regras. Se tocarem em um fio de cabelo dela, eles pagarão caro por isso.

– Parece que eles não dão a mínima – disse Jax, tirei os olhos dele e olhei para a plataforma.

– Isso não está certo. Não podemos deixá-los matar outra pessoa inocente. Temos que fazer alguma coisa.

Dei um passo para frente, mas Jax pegou meu braço e me puxou de volta com força contra seu peito.

– Não faça isso. – Seu hálito quente no meu pescoço e na lateral do meu rosto enviou um calor pelo meu corpo. – É o que ela quer. A rainha quer que você estrague tudo para que ela possa destruí-la. Eu não deixarei isso acontecer.

Deixei que ele me puxasse para mais perto e senti o calor do seu peito penetrar minhas roupas.

– Ela vai matá-la – eu fervilhava, mas não me mexi.

A sensação reconfortante de outro corpo contra o meu me deixou imóvel – *ou o desgraçado tinha me enfeitado*. Esse era um lembrete do quão solitária eu era. Respirei o cheiro de sabonete, loção pós-barba e seu almíscar natural. Meu Deus, ele é cheiroso.

– Talvez não – disse Jax, com seus lábios macios e quentes roçando meu rosto – Talvez ela só queira assustá-la. Não sei, apenas espere. – Senti sua outra mão deslizar em volta da minha cintura, enviando pequenos arrepios de prazer pelo meu corpo, de forma selvagem e ardente.

Meu mundo inteiro se reduziu ao toque de suas mãos. Meu pulso acelerou, e eu mal conseguia respirar.

Deus me ajude.

– E se ela a matar? – perguntei, ciente de que estava ofegante. Meu rosto ardeu quando minha bochecha roçou contra a dele.

– Então, somos testemunhas do assassinato – disse Jax. Sua voz intensa me fez estremecer. – dela e de Ugul. Isso é o suficiente para alertar o

Conselho das Sombras. Ela vai pagar por isso. Confie em mim.

Eu gostaria de acreditar nele, mas havia algo absolutamente perturbador na quietude da sala e na expressão de loucura no rosto da rainha.

– Sua nova vida espera por você – Isobel falou lentamente, gesticulando para a mulher ajoelhada. – Claro, se você me perguntar, eu diria que é um tremendo progresso. Apesar do histórico dos humanos de assassinar a nossa espécie, acredito que estou lhe oferecendo um presente. Você deveria se considerar... muito sortuda.

– Por favor, não me mate – gritou a mulher. – Eu não quero morrer. Por favor. Por favor, não me mate – ela soluçou.

Enrijeci e Jax apertou seu braço ao meu redor. E eu o deixei me abraçar assim, tão perto, tão forte.

Isobel deu um sorriso artiloso.

– Matar você? – ela riu, e os dois homens fada riram ainda mais. A rainha estalou a língua. – Eu não vou matá-la, humana boba.

Inclinei minha cabeça e compartilhei um olhar com Jax.

– Estou lhe oferecendo um presente – continuou a rainha. – Um presente tão especial, tão precioso, que nenhum outro humano jamais teve. – Ela olhou para a mulher. – Você, pequena humana, será a primeira. A primeira de muitos.

A mulher tremeu.

– Eu-eu não quero o seu presente – ela gaguejou. – Eu só quero ir para casa. Por favor, deixe-me ir para casa.

A rainha continuou a sorrir.

– Esta é a sua nova casa agora. Acostume-se. – Ela ergueu a mão, e a pedra branca brilhou como mil lanternas em uma. A multidão de fadas e os vampiros esperaram, e eu ouvi a respiração coletiva quando a rainha estendeu sua mão livre para a mulher.

– Não – implorou a mulher. – *Por favor*, não!

Alguém na multidão chorou. Contudo, não era uma lamentação triste que se ouviria antes de uma execução. Este era um choro de contentamento, um choro doentio e feliz. Eles choraram de alegria.

A rainha sorria com uma alegria selvagem e triunfante enquanto tocava suavemente a bochecha da mulher.

No começo, nada aconteceu, e eu quase suspirei de alívio. Porém, quando a rainha retirou a mão, a mulher gritou e caiu no chão. Seus gritos

ecoaram pelo salão enquanto ela se debatia violentamente no chão, os olhos das fadas estavam fixos nela.

Isso era doentio. Eu ia vomitar.

A rainha respirou fundo, seu rosto estava enrugado pelo aparente esforço e sua tez manchada, mas ela se recuperou rapidamente e endireitou-se enquanto observava a mulher se contorcendo com uma expressão de contentamento e vitoriosa.

Tinha sido rápido, mas eu tinha visto.

A mulher parou de se debater e ficou imóvel. Por um horrível segundo eu pensei que ela tinha morrido. Meu pulso acelerou enquanto eu observava a mulher puxar os joelhos em direção ao peito. Então ela se levantou lentamente, ficando de pé com as pernas trêmulas. Agora ela estava de pé e era tão alta quanto a rainha.

Meus lábios se entreabriram.

– Que diabos?

A mulher parecia ter me ouvido. Ela se virou e encontrou meu olhar e eu praguejei. Os olhos que me observavam não eram nada como os olhos arregalados e aterrorizados da mulher de um minuto atrás, eles eram escuros e ávidos. Suas feições estavam mais pronunciadas, mais acentuadas, seu queixo fino estava erguido e seus olhos brilhavam. Sua postura era dominadora e predatória. Ela colocou uma mecha de cabelo atrás de suas orelhas pontudas com seus dedos longos e finos.

A mulher não era mais humana. Ela era uma fada.

– Mas que merda é essa?

Senti uma dor de barriga com o olhar de confusão no rosto da nova fada enquanto ela olhava para seu novo corpo. Mas ela não estava mais assustada. Caraca, ela parecia feliz.

Jax praguejou baixinho

– Que tipo de magia negra é essa?

Daegal se moveu para ficar ao lado de sua rainha, com seu rosto se contorcendo, e com prazer ele gritou:

– Salve Isobel, a rainha da Corte das Trevas. Pois ela nos deu este presente. A escuridão não é mais escuridão, pois a noite é clara como o dia. Ajoelhe-se diante de sua rainha! – ele gritou.

O barulho repentino de mil corpos se curvando soou como uma explosão após o silêncio assustador. Todas as fadas do salão se ajoelharam

ao mesmo tempo, para minha surpresa, até mesmo os vampiros e os Flechas Negras, sua atenção estava fixa na rainha com admiração.

Meu coração batia como se estivesse tentando encontrar uma maneira de sair do meu peito, mas meus músculos estavam relaxados. Eu estava tendo um ataque de pânico.

– Que raio foi aquilo? – peguei-me dizendo, nem mesmo percebendo que eu havia falado as palavras em voz alta enquanto me contorcía para sair do abraço de Jax.

– O sinal que estávamos esperando para dar o fora daqui – comentou Tyrius.

– Eu sei o que é isso.

Virei-me para o som de preocupação na voz de Danto. Vicky e Keith exibiam a mesma expressão aterrorizada, seus rostos estavam pálidos.

O vampiro olhou para mim.

– Chama-se Dádiva Branca.

– Já ouvi falar da Dádiva Branca – disse Tyrius, entre mim e Danto. – É uma pedra mágica e muito poderosa.

Mantive meus olhos no vampiro enquanto Jax se aproximou de mim.

– É por isso que o nome Ugul soou tão familiar – o vampiro disse rapidamente, inclinando seu corpo em direção à saída, preparando-se para correr. – Eu ouvi Isobel mencionar o nome dele uma vez quando ela não sabia que eu estava ouvindo. Agora, eu sei porquê. Ela deve ter descoberto que ele era seu protetor.

Senti-me entorpecida.

– Nunca ouvi falar disso – eu disse, com meus olhos na pedra branca cuidadosamente envolvida pela mão da rainha. Como poderia estar no peito de Ugul? Ele tinha a engolido?

– Ela sumiu há milhares de anos – apressou-se Danto. – Ela é poderosa. Você acabou de ver o que ela pode fazer.

Olhei novamente para a rainha.

– Mas por que a rainha quer transformar humanos em fadas?

– Não nasce uma criança híbrida de qualquer tipo há mais de um milênio. Procriar é quase impossível. Nossos números diminuíram muito ao longo dos anos. Mas com ela, com a Dádiva Branca...

– Puta merda – eu disse enquanto tudo se encaixava. Eu nunca tinha visto uma criança híbrida, e fiquei chocada por nunca ter pensado muito nisso. – Não é à toa que ele estava escondido naquela caverna. Ele estava

protegendo-a... e eu entreguei a ela. – A última parte saiu como um sussurro desesperado. Eu fui uma tola.

Olhei nos olhos de Danto esperando ver o olhar de eu-te-disse, mas havia apenas sofrimento e medo. Não havia culpa na expressão do vampiro.

– E agora a Fada dos Dentes maluca está com ela – disse Tyrius. – Você sabe o que isso significa?

O rosto de Danto se contraiu.

– Isobel pode criar seu próprio exército, milhares de novas fadas apenas com essa pedra. E ela vai usar humanos.

Voltei meu olhar para a plataforma. A rainha das fadas ainda segurava a pedra em sua mão. Com suas feições banhadas pela luz da Dádiva Branca, por um momento ela quase pareceu linda. Mas seu olhar era firme e duro enquanto ela o lançava sobre as fadas e vampiros curvados.

– Se houvesse um momento melhor para dar o fora daqui – insistiu Tyrius, – esse momento é agora, enquanto o show de horror das fadas ainda está acontecendo.

Minha mão tremia enquanto eu segurava minha lâmina da morte.

– Isso não acabou.

Eu ia pegar aquela pedra de volta.

– Tudo bem – disse Jax. – Contudo, agora precisamos ir! – Ele agarrou meu braço com força novamente como se quisesse me tirar do meu sofrimento. – Ele se foi, vamos. Vamos dar o fora daqui antes que acabemos como ele!

Jax me puxou com ele enquanto corria. Danto, Vicky e Keith passaram por nós com sua velocidade de vampiro e se lançaram em direção à saída. Minhas pernas estavam dormentes e rígidas enquanto eu corria pelo salão, passando pelas portas duplas e descendo pelo corredor, Tyrius galopava como um guepardo em miniatura ao meu lado. Minha visão estava embaçada com as lágrimas, os vampiros eram apenas um borrão em movimento à nossa frente.

Juntos, deslizamos pelo buraco na porta e corremos para a noite.

CAPÍTULO 24

Tyrius estava sentado na beirada da cama. Seus olhos azuis brilhavam.

– Isso vai deixar uma cicatriz.

Estremeci e tentei não xingar enquanto Pam habilmente cortava a ponta da segunda flecha da minha coxa e cuidadosamente a jogava em uma jarra de vidro.

– As cicatrizes são apenas lembretes do que eu faço. Sou uma Caçadora. Gosto de cicatrizes. Isso só me deixa mais durona.

– Ou você é uma péssima Caçadora. – Tyrius piscou e riu de sua própria piada.

Ele parecia muito melhor com Pam por perto, com suas mãos experientes me examinando cuidadosamente e acariciando ele ao mesmo tempo. Ela tinha parado de brincar com ele momentos atrás para olhar minha perna.

Não que eu me importasse, mas Pam ficou muito preocupada quando contamos a ela sobre o ataque que Tyrius sofreu na caverna. Ela ficou particularmente preocupada quando ele mencionou que não tinha conseguido usar sua magia demoníaca – especificamente que ele não tinha conseguido se transformar no Hulk desde o ataque, o que também me preocupou. Mas quando ela colocou uma fatia fresca de pizza fumegante em um prato para Tyrius, ele estava no céu e mal disse uma palavra por quinze minutos. Isso era um recorde para um baal.

Pam teve que cortar meu jeans, no alto da minha coxa para chegar às flechas. Jax não parecia desconfortável ao olhar minha carne exposta enquanto eu me sentava na beirada da cama. Depois de nossa fuga rápida da Torre Sylph, ele nos levou até Parks Hollow, para a clínica REPARO DE

ALMAS de Pam, uma clínica para nascidos-anjo que precisavam de cuidados médicos. Eu no caso, e estava grata por isso. Então eu mantive minha boca fechada.

Combinamos de nos encontrar com Danto mais tarde, por volta das dez horas da noite, na igreja do Padre Thomas. E sim, vampiros, metade humanos, podiam entrar em uma igreja sem explodir em chamas, embora ainda não fosse um lugar que eles gostassem de frequentar.

Eu precisava falar com o padre sobre o que eu descobri e entender como iríamos abordar os assuntos sobre a Fada dos Dentes e a Dádiva Branca com o Conselho das Sombras.

Danto falaria com seu clã de vampiros, e eu esperava que ele nos trouxesse boas notícias, talvez uma maneira de matar a rainha antes que ela tivesse a chance de fazer algo estúpido.

Apenas os líderes dos tribunais ou chefes de casas podiam se dirigir ao Conselho das Sombras, então ter Danto como parte disso era crucial. A reputação do Padre Thomas também era apreciada no Conselho das Sombras. Isso era bom o suficiente para mim.

Jax se mexeu parecendo nervoso com os braços cruzados sobre o peito ao lado de Pam. Tentei não pensar em como ele era bonito quando estava nervoso. Era quase como se ele se importasse comigo. Não sei porque... Ele deveria estar pensando em sua noiva.

Pam arrastou sua cadeira de rodinhas até uma mesa lateral de metal e pegou o que parecia ser um alicate antes de se posicionar ao meu lado. Embora estivesse frio dentro da clínica, gotas de suor se formaram em sua testa.

Acordamos Pam às 5 da manhã com Jax batendo na porta. O olhar surpreso em seu rosto ao ver Jax se transformou em uma cara feia e ameaçadora, isso foi impagável. Ela estava dando um gelo em Jax desde que entramos, e era incrível.

– Por que você está sorrindo? – perguntou Tyrius, com suas sobrancelhas franzidas enquanto ele olhava para mim. – Perdi alguma coisa? Arrancar flechas da perna não dói? Pam... você deu a ela algum sedativo? Ela tomou algum antidepressivo?

– Não – respondi por Pam, abrandando minha expressão. – Não tomei sedativo. Não gosto do jeito que eles me deixam, toda esquisita.

– Você pode mudar de ideia depois disso – Os grandes olhos azuis de Pam encontraram os meus e seu rosto ficou sério. – Desculpe, Rowyn. Isto

vai doer, muito – ela disse enquanto inclinava o instrumento parecido com um alicate em direção à minha coxa.

Enrijeci, não gostava da ideia de ter Jax testemunhando isso.

– Vá em frente – Pam se inclinou para frente e pinçou a ponta quebrada da flecha. Estremeci com a pressão repentina na minha ferida.

– Espere – interrompeu Jax, seus olhos se estreitaram enquanto olhava para Pam. – Você tem certeza que sabe o que está fazendo?

As sobrancelhas levantadas de Pam foram a única indicação de que ela ouviu o que ele disse. Então, com um poderoso puxão, ela arrancou a primeira flecha da minha coxa.

Putá meda. Por tudo que é sagrado. Essa doeu.

Mordi a língua para não gritar e senti gosto de sangue.

– Merda – eu respirei fundo, sentindo os espasmos de adrenalina me atingirem. Fiquei horrorizada que Jax estava testemunhando tudo isso. – Isso foi pior do que eu pensei. Minha coxa ainda está inteira?

Um pus amarelo e sangue escorriam de um buraco na minha coxa. Era nojento. E o cheiro era horrível. Porém, agora eu sabia que sem as flechas meu corpo poderia se curar. Só falta mais uma...

Tyrius inclinou-se para a frente, cheirou e depois recuou.

– Bem, isso definitivamente não cheira mel e rosas, fede a carne de hambúrguer estragada e leite azedo. Você tem cheiro de cadáver, Rowyn.

– Caramba, obrigado, Tyrius – rebati, minha pulsação latejada na minha coxa. – Quer saber... eu ainda tenho a coleira de Evanora no meu bolso. Prata é a sua cor favorita, certo?

Os olhos de Tyrius se arregalaram com minha falsa ameaça.

– Vou fingir que é a febre falando – Ele se virou e torceu o nariz. – Que tipo de veneno é esse que estou sentindo? Nightshade?

Sacudi minha cabeça quando a dor diminuiu um pouco e consegui respirar.

– Não. A fada a chamou de faebane.

– Faebane? – Tyrius olhou para cima, mexendo seus bigodes. – Nunca ouvi falar. Deve ser novo no Mercado Negro. Mas é letal, o veneno pretendia matar aqueles que fossem infectados.

– Ele pode... – Jax descruzou os braços, parecendo pálido e perturbado. A preocupação tomou conta dos seus olhos enquanto ele olhava para mim para Tyrius e para Pam. – Será que...

– Ele vai me matar? – respondi por ele e vi um medo real em seus olhos, medo por mim. – Acho que não – acrescentei, virando-me antes que minhas emoções me traíssem. – Eu estaria morta agora se o veneno tivesse algum efeito em mim. Eu sei que Daegal esperava que sim. Acho que sou imune a isso também.

– Assim como aquela mordida de vampiro – disse Pam, assentindo com a cabeça como se ela tivesse respondido sua própria pergunta. – Você provavelmente é imune a muitos outros venenos e vírus demoníacos.

Com minhas mãos estendidas de cada lado, eu agarrei a roupa de cama.

– Certo.

Pam largou a haste da flecha em uma mesa de aço semelhante à de um médico e secou a ferida com um pano limpo.

– Aqui. Segure isso. Falta mais uma. Depois disso, são apenas alguns pontos e você ficará nova em folha.

Minha mão tremia, mas fiz o que ela ordenou e apertei o pano, pressionando-o sobre o meu ferimento.

– Então – disse Pam enquanto se aproximava da flecha presa na minha coxa e levantava os óculos no nariz com uma luva de látex branca –, conte-me mais sobre esta pedra, a Dádiva Branca – ela acrescentou, e não pude deixar de pensar que ela estava tentando me distrair enquanto arrancava a última flecha da minha coxa. – Como uma pedra pode transformar uma pessoa em uma fada?

– Ela está enfeitiçada. – Tyrius estava deitado ao lado do meu quadril esquerdo confortavelmente, o calor de seu corpo era muito reconfortante como uma bolsa térmica. – O poder da pedra pode remover a essência de um humano para substituí-la pela essência demoníaca, transformando-os em híbridos.

Pam se endireitou, seu rosto tinha uma expressão confusa.

– Qualquer um? Jovem ou velho? Doente ou saudável?

Tyrius assentiu.

– Qualquer um.

Os olhos de Pam se arregalaram.

– Mas e se você não quiser ser transformado? Ela ainda pode transformá-lo em uma fada?

– Sim – disse o gato solenemente, e estremei quando me lembrei da luta e dos gritos daquela pobre jovem. Mesmo com meus olhos fechados, eu ainda podia vê-la e ouvi-la.

– A pessoa que possui a pedra tem o poder de transformar qualquer humano em híbrido – disse Tyrius, sua voz estava carregada com um ódio mortal que ele provavelmente guardou para si mesmo desde que Isobel transformou o humano em uma fada.

– Que as almas nos ajudem. – Pam respirou fundo, seu rosto corado empalideceu. E então ela olhou para mim, com uma expressão séria e assustada. – Você precisa pegar essa pedra de volta.

– Nem me fale – eu disse, a vergonha me atingiu com força.

Eu não queria me enfiar em um buraco e morrer. Eu queria me vingar. Queria vingança, queria pegar a pedra de volta e dar uma bofetada naquela rainha das fadas.

E então um pensamento aterrorizante me ocorreu.

– Ela provavelmente vai roubar um bebê humano primeiro – eu disse, lembrando da expressão de dor em seus olhos negros odiosos quando ela falou sobre perder um filho. – Ela vai pegar um novo filho.

– Ou uma dúzia de bebês – disse Tyrius, sua voz estava carregada de ódio e rancor. – Por que parar em um? Se vai fazer, faz direito, não é? Tenho pena daqueles pais humanos quando descobrirem seus berços vazios. Isso não está certo.

Senti uma onda forte de náusea e me esforcei para afastá-la.

– Ela pode transformar um híbrido em outro tipo de híbrido? – perguntou Jax, mudando de um pé para outro enquanto passava a mão pelo queixo.

Minha boca se abriu ligeiramente com sua pergunta.

– Essa ideia me assusta muito. – Olhei para Tyrius, um medo percorreu minha espinha, e ele não tinha nada a ver com os dedos trêmulos de Pam e sua óbvia ânsia de puxar a última flecha. – Ela pode? – perguntei ao gato.

A ideia de que a rainha das fadas da Corte das Trevas pudesse transformar vampiros em fadas ou vice-versa me fez passar mal. Não só ela agora tinha o poder de transformar milhares ou mesmo milhões de humanos em híbridos, como ela talvez pudesse transformar um exército de lobisomens ou vampiros em fadas.

As fadas dominariam todos os outros híbridos. Um arrepio de medo percorreu meu corpo, me deixando paralisada.

Tyrius deu de ombros.

– Sinceramente eu não sei. Nunca vi isso acontecer antes, e tudo que sei são rumores que foram passados de bruxas e demônios, que não são as

fontes mais confiáveis. Quem sabe o que é fato ou ficção.

De repente eu fiquei muito mais nervosa. Suspirei pelo nariz, olhando para o alicate que estava a três centímetros de distância da última flecha.

– É por isso que quero falar com o Padre Thomas. Quero saber se a igreja já ouviu falar dessa pedra. O padre tem uma incrível coleção particular de livros sobre demonologia. Há coisas em sua biblioteca que fariam o conselho salivar. Talvez possamos encontrar algo lá.

– E todo esse tempo ela estava escondida na barriga de um goblin. – As sobancelhas de Pam estavam levantadas e ela tinha um olhar delirante, como se tivesse adorado abrir o goblin só para ver como ele poderia carregar uma pedra mágica em sua barriga.

– Era um bom lugar para escondê-la – eu disse, com uma voz baixa, e não pude evitar a mágoa que saiu com minhas palavras.

– Até que a rainha o abriu no meio como se ele fosse um saco de arroz e a arrancou – salientou Tyrius.

Uma onda de vergonha me atingiu novamente, e meu estômago se contraiu. Eu estava com raiva de mim mesma por deixar Ugul na mão, por deixá-lo morrer assim, como um número em um show. Eu odiava aquela rainha das fadas. Eu queria vê-la morta.

– Ele deve ter sofrido para engolir aquela coisa. – Tyrius mudou de posição. – Ela deve ter sido enfeitiçada para ficar lá, e não, você sabe... sair pela bunda dele.

Jax riu. Isso só deu mais corda a Tyrius, e ele pareceu presunçoso.

Irritada que esses dois estavam achando isso engraçado, elevei minha voz quando disse:

– O que eu gostaria de saber é quem criou esta pedra e por quê? Por que criar algo tão perigoso e depois escondê-lo?

Tyrius recuou um pouco com meu tom.

– Não sei.

– Algo deve ter acontecido – argumentei. – Ugul se voluntariou, ou ele foi forçado a escondê-la... Jesus Cristo! Isso dói!

– Desculpe. – Pam se afastou com a última flecha firmemente presa no alicate em sua mão. – Pronto.

Eu fiz uma careta.

– Por que eu tenho a sensação de que você gostou disso?

Pam não respondeu, mas juro que vi um sorriso em seu rosto antes que ela se virasse. Não demorou muito para que ela voltasse com uma agulha e

linha. Pam olhou para cima e disse:

– A pior parte já passou. Isso não vai demorar muito, eu prometo.

Eu cerrei os dentes quando a agulha perfurou minha pele. Pam puxou a linha e fez a primeira sutura minúscula.

Senti uma mão roçar a minha e me virei para encontrar Jax inclinado ao meu lado com sua mão em volta da minha. Como isso aconteceu? Ele estava tão perto que sua respiração soprou meu cabelo. Seu toque era reconfortante e enviou uma pontada de desejo direto para o meu estômago. Antes que eu soubesse o que estava fazendo, entrelacei meus dedos ao redor dos dele, encontrando conforto em seu toque.

Com o coração batendo forte, eu olhei para cima e nossos olhos se encontraram. O rosto de Jax estava franzido, suas feições elegantes estavam marcadas pela tristeza. Seus sentimentos estavam vulneráveis e expostos. O carinho que ele sentia por mim, deixava seu rosto, de alguma forma, mais bonito. Mas seu rosto bonito e carinhoso não me pertencia. Pertencia a outra...

Confusa, eu puxei minha mão rapidamente, irritada por ele pensar que eu precisava de alguém para segurar minha mão enquanto eu levava ponto.

Jax respirou fundo para dizer algo, mas então parou, ele mudou de posição enquanto mudava de ideia.

Seguiu-se um silêncio constrangedor. Pude ver que o rosto de Pam ficou vermelho, e Tyrius continuou se mexendo ao meu lado como se não conseguisse encontrar uma posição confortável. Tá, eu puxei minha mão um pouco forte demais e com muita emoção. Me processem. Eu não queria que Jax tocasse qualquer parte de mim, não quando seu toque enviava aquele maldito formigamento por toda a minha pele e fazia meu coração disparar no peito.

Além disso, eu não precisava de ajuda. Umas flechas atravessadas na minha perna não eram nada comparadas ao que aconteceu com Ugul.

– Ele deve ter sido muito solitário – murmurei, pensando em todos os seus anos naquela caverna escura sem ninguém para compartilhar sua vida, além dos cães veth. – Sabendo os desastres que se seguiriam se ele perdesse a Dádiva Branca, não me admira que ele vivesse naquele inferno de caverna. Pobre Ugul. Ele não merecia o que aconteceu com ele.

– Não, ele não merecia – disse Tyrius. – E pare de se culpar pelo que aconteceu. Eu sei que você está fazendo isso. Eu posso sentir isso em sua aura. Você não o forçou a guardar aquela pedra. Não é culpa sua, Rowyn.

– A culpa é minha – eu disse categoricamente. – Eu arrastei o traseiro dele para a porta dela. Bem, quase.

– Você não sabia da Dádiva Branca – disse Jax, mas eu me recusei a olhar em seus olhos. – Você o deixou ir, lembra? Você não pode se culpar. Se você quer culpar alguém, culpe aquela rainha das fadas.

Cerrei os dentes.

– Eu a culpo. Como ela descobriu onde a pedra estava, afinal? Se o trabalho de Ugul era escondê-la, alguém o traiu e o matou.

– Meu palpite seria outro goblin – disse Tyrius. – Se as fadas da Corte da Luz estavam escondendo isso, então uma delas o traiu. Talvez um que esteja indo para a cama com nossa querida rainha.

Fiz uma careta para ele.

– Por quê?

– Pelos simples motivos pelos quais as pessoas se voltam umas contra as outras – respondeu o gato enquanto se mexia ao meu lado. – Poder. Ambição. Estupidez.

Frustrada, esfreguei minhas têmporas.

– Isso é loucura. Eu não posso acreditar que isso está acontecendo – eu disse. – Especialmente que há uma pedra mágica por aí que possa transformar humanos em híbridos ou híbridos em diferentes híbridos – engoli em seco. – Uma rainha precisa de um exército, certo? É isso que ela vai fazer. E ela não vai pedir com jeitinho. Eu não acho que muitos humanos ficarão felizes em serem transformados em fadas, as criaturas que eles achavam ter apenas nos contos de fadas. Ela vai reuni-los como gado e transformá-los.

E eu não ia impedir isso sentada aqui reclamando. Eu tinha que agir. Eu tinha que agir rápido.

Tremendo por dentro, eu me endireitei.

– Tyrius, você estava certo.

O gato sorriu.

– Como se eu errasse.

Mostrei-lhe meus dentes.

– Meu cheiro é pior que um cadáver. Preciso de um banho, roupas limpas e comida. Muita e muita comida.

– É isso aí! – Tyrius saltou para o chão e olhou para cima.

– Podemos pedir frango tandoori e pão indiano? Meus Deus, eu amo pão indiano.

– Claro. – Virei-me para Pam enquanto ela dava o último ponto. – Obrigada, Pam. Eu devo muito a você por isso. Se houver algo que eu possa fazer para retribuir, é só me avisar, tá? Qualquer coisa.

Pam se levantou da cadeira, e deu um meio sorriso.

– De nada, Rowyn. Eu não quero nada. Fiquei feliz em ajudar. – Seus olhos ficaram preocupados e marejados. – Tenha cuidado, tá?

Senti um aperto no peito com a preocupação em seu tom.

– Prometo. – Desviei o olhar rapidamente e escorreguei da beirada da cama. Pam tinha feito um trabalho incrível com as suturas e eu sabia que a cicatriz seria mínima.

– Toma aqui – O rosto de Pam ficou vermelho quando ela me entregou uma calça de yoga rosa coberta de brilhos. – Ela provavelmente é dez tamanhos maiores, mas está limpa e é confortável. Você pode se trocar no banheiro no final do corredor.

– Obrigada. – Sorri para ela. Eu não tinha nada cor de rosa desde os cinco anos. – Eu vou trazê-la de volta.

– Não há necessidade. – Os olhos de Pam se voltaram para Tyrius. – E você? Tem certeza que está bem?

Tyrius sorriu como só um gato conseguia.

– Estou melhor do que bom. Estou ótimo.

– Hmmm – Pam não parecia convencida. – Eu tenho um suéter pequeno que pertence ao meu sobrinho, acho que poderia servir em você. Eu posso fazer uns buracos extras para suas patas.

– Baals não usam roupa! – gritou Tyrius, claramente ofendido. – Quem você acha que eu sou? O Gato de Botas?

Pam apenas sorriu para o gato.

– Foi apenas uma sugestão.

Tyrius levantou as orelhas e a cauda, e disse:

– Prefiro ir pelado, muito obrigado.

Revirei os olhos e tentei não rir. Se não fosse por Tyrius, minha vida seria seriamente deprimente.

– Eu vou levá-la para casa – ofereceu Jax, e eu enrijeci.

Com minhas emoções em alta de vergonha e medo, eu temia que deixar Jax me levar pudesse acabar com ele na minha cama.

Essa era uma péssima ideia.

Eu não olhei em seus olhos.

– Obrigada, mas Tyrius e eu vamos ficar bem pegando o ônibus. – *Por que ele tem que ser tão legal? Por que ele não pode ser um idiota como a maioria dos homens da sua idade?* – Não é tão longe de qualquer forma. Além disso – eu disse, exalando alto e pegando minha bolsa. – eu preciso ver minha avó primeiro.

– E dar a ela as más notícias – insinuou Tyrius.

E dar-lhe as más notícias. Encolhendo-me por dentro, acrescentei:

– E você disse que queria falar com Pam. Agora é sua chance – Ele não tinha dito isso, mas não iria se safar por não ter ligado para ela. A mulher quase teve um ataque, ela não merecia isso.

Quando finalmente encontrei os olhos de Jax, eu sorri quando vi o desconforto e a culpa em suas feições tão bonitas.

Troquei um olhar com Pam e vi a diversão em seus olhos quando passei por ela e saí pela porta, pouco antes de vê-la pegar o alicate.

– Jax vai conseguir pegar, né? – sussurrou Tyrius enquanto seguíamos pelo corredor.

Um sorriso curvou o canto dos meus lábios.

– Sim – eu disse, radiante. – Ele vai sim.

CAPÍTULO 25

Depois de um banho quente, muita comida indiana e uma soneca de duas horas, Tyrius e eu fomos até a casa da minha avó e eu finalmente a convenci a ir ao banco comigo para discutir o caso dela. É claro que Tyrius não pôde perder o passeio e se escondeu na grande bolsa vintage dos anos 60 da minha avó, deixando a cabeça para fora. Não foi nenhuma surpresa quando todos os funcionários do banco ficaram maravilhados com o lindo e exótico gato siamês e como a bolsa de couro bege realçava seus olhos. *Por favor.*

Obviamente, Tyrius teve que dar um show musical para seus paparazzi. Afinal, ele tinha uma reputação a zelar.

Embora eu desprezasse os bancos por minhas próprias razões (principalmente por causa das taxas de serviço caríssimas e pelo fato de eles não me emprestarem dinheiro para comprar um carro devido ao fato de eu ser freelancer), eu me comportei muito bem e dei meu melhor sorriso falso pela minha avó. Faria qualquer coisa por ela.

Quando chegamos e nos encontramos com o gerente de crédito, ele não pareceu muito otimista com nossa oferta de pagar dez mil agora e nos dar algum tempo para conseguir o resto. Ele abriu a ficha da minha avó em sua tela e seu rosto se contraiu como se ele estivesse prestes a nos dar a má notícia. Porém, de repente, as luzes piscaram e a tela do seu monitor apagou. Um leve cheiro de enxofre pairou no ar na sala apertada. Suspeitei que o computador do homem tivesse sofrido um pouco de baal hocus-pocus.

O gerente de crédito franziu a testa e apertou as teclas. Então, ele nos informou, com o mesmo olhar perplexo, que o banco aceitaria nossa oferta

de pagar dez mil e nos daria mais seis meses para pagar a dívida restante. Bem, o que posso dizer?

Antes de sairmos, minha avó chorou. Eu pisquei para o funcionário do banco, fazendo-o corar, e Tyrius vomitou uma bola de pelos do tamanho de uma maçã bem na mesa limpa do homem.

Se ao menos o resto da minha vida pudesse entrar nos eixos com um pequeno truque demoníaco. *Tá bom.*

Eram quase dez da noite quando chegamos à igreja de São José, a igreja paroquial do Padre Thomas. Ela era o espaço católico mais antigo de Thornville, datado do século XVII, e era uma coisa linda.

As pedras argamassadas de cantos afiados se erguiam tão alto quanto, talvez, um prédio de oito andares, parecendo maciças e permanentes em comparação com as lojas baixas que a cercavam. A igreja ficava próxima à calçada e pegava os dois lados, sombreando a rua. Havia carvalhos altos no terreno e a luz dourada se derramava de grandes vitrais que se alinhavam na frente e nas laterais do prédio. Pisquei através da luz do poste, absorvendo tudo. Empoleiradas no alto das torres, havia estátuas de pedra ornamentais, monstros míticos estóicos e bestas híbridas de pedra espiando a paisagem de Thornville. Gárgulas.

Algumas tinham feições horríveis esculpidas em um tédio perpétuo, enquanto outras pareciam cuspir ou fazer caretas. O que elas diriam se pudessem falar?

Meus olhos se voltaram para o estacionamento e avistei um reluzente Audi A5 preto. Meu coração saltou. Jax já estava lá dentro. Lá se foi o meu plano de manter distância dele. Parecia que estaríamos presos um ao outro novamente, pelo menos por mais algum tempo.

Com minhas botas batendo na calçada pavimentada, dei um passo para a direita e fui para a entrada lateral, sob uma porta de carvalho em arco emoldurada por lilases. Então, parei.

Suspirei e enfiei a mão dentro da minha jaqueta para tirar o amuleto que fizera para Tyrius seis meses atrás. Deparara-me com o feitiço enquanto lia o grimório da bruxa das trevas, que agora estava comigo dentro da minha bolsa. O livro me trouxera muita dor e quase me custara a vida, mas também tivera seus usos.

– Tá, Tyrius, você já conhece o procedimento – eu disse e balancei um pequeno cristal amarrado a uma fita rosa. – Solo sagrado e tudo mais.

Invoquei o feitiço das trevas no cristal, era um feitiço de ocultação que disfarçava a energia demoníaca de Tyrius na igreja, fazendo-o parecer um gato normal. Era como um encanto de certa forma. Escondia sua verdadeira forma.

O gato baixou as orelhas.

– Eu odeio essa parte – resmungou ele. – É um pé no saco.

– Eu sei que você odeia – eu disse enquanto deslizava o amuleto sobre sua cabeça. – É chato e tudo mais, mas você não pode entrar na igreja sem isso. – Eu me endireitei. – Não me olhe assim, não é uma coleira. É um pingente mágico. – Coloquei as mãos em meus quadris. – Não quer? Então, pode ficar aqui com as gárgulas.

Tyrius se sentou e enrolou o rabo em volta dos pés.

– Eu acho que não. – O gato siamês fez uma careta. – Por que, pelo amor dos demônios, você teve que fazer cor de rosa? Eu não sou uma garota baal. Eu sou um garoto. Garotos gostam de azul, de carros e de cerveja.

Eu levantei uma sobrancelha.

– Nem todos os meninos gostam dessas coisas. Sinto muito, Tyrius. Tive que improvisar, era tudo que eu tinha na hora. Não seja infantil. Rosa fica bem em você.

– *Não seja infantil* – zombou Tele, com suas orelhas ainda abaixadas. O felino abaixou o queixo até o chão como se o amuleto fosse uma corrente de metal pesada.

– Você sabe que eu o amo, Tyrius, mas às vezes você pode ser um pé no saco gigante.

Esperei que sua birra passasse e, então, segui em direção à entrada lateral, levantando minha mão.

– Alguma ideia de a quem o goblin se referia quando disse “*eles* já a procuraram?” – perguntou Tyrius.

Merda. Eu parei, minha pulsação martelou em meus ouvidos.

– Não sei. Não tenho certeza se entendi completamente o que ele quis dizer. Quero dizer, ninguém mais tentou me matar além do arcanjo Vedriel. Quem mais poderia ser?

– Mas ele disse que não era a Legião. Isso é outra coisa – disse o gato. Seus olhos azuis brilhavam com a luz suave que se derramava dentro das janelas da igreja.

De repente, senti-me um pouco mal, como se o frango tandoori quisesse voltar pelo meu nariz.

– O que você quer dizer?

Tyrius olhou para a porta.

– Eu não quero assustá-la, Rowyn.

– Tarde demais. O quê é?

O baal suspirou.

– Eu acho... Posso estar errado isso, é apenas uma teoria em que estou trabalhando.

– Fala logo, Tyrius! – Gritei e baixei a voz quando percebi que estava gritando. – Conta logo, tá? Você está me enlouquecendo.

– A chave está nas palavras que ele usou – disse o gato. – Ele disse: “Eles já a *procuraram*”. Não se tentaram matá-la, mas se procuraram você. Como se houvesse algo que quisessem discutir com ou talvez até tirar de você. Não tenho certeza.

Esfreguei minhas têmporas.

– Devo estar muito cansada porque você não está fazendo nenhum sentido agora.

Duas horas de sono não foram suficientes. Eu podia dizer que meu corpo e minha mente estavam começando a sentir os efeitos.

– Ugul disse: “há algo que você deveria saber” pouco antes de morrer. Tive a sensação de que ele estava falando sobre suas essências. Seu sangue. A única razão pela qual a Legião está atrás de você é porque é diferente. Faz sentido supor que haverá outros.

– Outros? – eu disse, sentindo-me entorpecida.

– Sim, outros – disse Tyrius. Ele esperou que a informação fosse absorvida. – A Legião tentou manter em sigilo o que fizeram com você e com os outros Não Marcados.

Dei de ombros e disse:

– Sim, tentando me matar.

– Exatamente – disse o gato. – Porém, você está viva. E o segredo deles foi exposto. Você.

– Fantástico.

– Outros vão se interessar pelo que você é por causa do que está dentro de você. – Tyrius olhou para minha expressão vazia e acrescentou – E eu não acho que seja uma coisa boa.

Um calafrio percorreu minha espinha, fazendo-me tremer. Eu não gostei disso.

– O quê? – eu perguntei. – Que sou metade anjo e metade demônio?

– Não, que há outros interessados em você. Não sabemos que tipos de interesses eles podem ter.

– Não é como se eu pudesse me esconder agora – eu disse com meu estômago revirando. – Todo mundo sabe o que eu sou.

– Como eu disse, é apenas uma teoria em que estou trabalhando. – Tyrius franziu a testa por um momento. – Acho que estou certo, mas não se preocupe, nós vamos descobrir isso.

Deslizei uma mão pelo meu rosto.

– Evanora sabia. É por isso que ela queria me matar e beber meu sangue. – A lembrança de estar presa naquele círculo de sangue ainda me fazia estremecer.

– Ela provavelmente ouviu sobre você ter sangue de demônio e de anjo – respondeu o baal. – Isso, em si, é incomum. E poderoso para uma bruxa que se interessa pela magia de sangue como ela.

– Que ótimo. – Levantei meus pulsos e olhei para as finas cicatrizes brancas que cruzavam os dois. Agora, elas eram apenas uma lembrança do que havia acontecido. – E ela tem uma xícara com meu sangue.

– Graças a Deus não é um litro – comentou o gato. – Não se preocupe. Isso não é nada. Já vi minha cota de magia com sangue. A velha precisava de muito mais sangue para fazer qualquer feitiço maligno que estava planejando.

Eu puxei a alça da minha bolsa no meu ombro. O peso do grimório da bruxa das trevas parecia ter dobrado naqueles poucos minutos ali.

Eu sabia que as bruxas das trevas se interessavam por magia negra e magia de sangue. Tive a sensação de que Evanora Crow sabia exatamente o que estava fazendo comigo. Com meu sangue.

Essa era a palavra-chave aqui. Se meu sangue, minhas duas essências misturadas, era um produto valioso, então, eu queria saber mais sobre ele. E tinha a sensação de que o grimório me contaria. Se houvesse um livro por aí que fosse malévolos o suficiente, cheio de feitiços e de maldições malignas que falasse da magia de sangue, o grimório da bruxa das trevas era ele.

Talvez, meu sangue fosse a resposta. E, talvez, fosse exatamente o que eu precisava para chutar a bunda da rainha das fadas.

Com um elevado senso de determinação, eu levantei meu punho e bati.

CAPÍTULO 26

O uvi os sons abafados de vozes, seguidos pelo som de uma fechadura sendo aberta antes da porta abrir. O Padre Thomas abriu a porta e eu pisquei com a luz repentina. Ele usava sua melhor roupa preta. O quadrado branco de seu colarinho clerical se destacava em volta do seu pescoço como uma gargantilha.

– Rowyn. – O Padre Thomas me deu um sorriso tenso.

Pelo olhar preocupado em seus olhos, eu soube que Jax já tinha lhe contado todos os detalhes.

– Oi, padre – eu disse. – Você parece exatamente como eu me sinto.

– Entre – disse o clérigo enquanto segurava a porta aberta para nós. – Jax e Danto já estão no meu escritório. Eles tiveram muito a dizer nos últimos dez minutos. Algumas coisas muito perturbadoras.

Passei pelo padre e entrei em um pequeno saguão com painéis de madeira e tapetes antigos.

– Aposto que sim.

O Padre Thomas olhou para Tyrius.

– Eu vejo que você está usando sua coleira.

O gato franziu o rosto.

– E eu vejo que você está usando a sua.

Ah, droga. Lá vamos nós.

– Vamos lá, Tyrius – eu disse, conduzindo-o para dentro. – Esta vai ser uma longa noite.

Seguimos o Padre Thomas por um longo corredor. O ar cheirava a madeira, a tapetes mofados e a pecados. Murmúrios distantes de vozes se espalhavam. O aumento repentino do tom de vozes me dissera que era uma

discussão acalorada, mas eu não conseguia entender o que elas diziam. O padre nos levou mais para o fundo da igreja e subiu um lance de escadas até um quarto, seu escritório particular. Uma longa escrivaninha de madeira esculpida estava embaixo de uma janela emoldurada com pesadas cortinas cor de vinho. Uma variedade de espadas e de adagas estava pendurada na parede acima de um pequeno bar. Eu sorri. Sempre admirei suas espadas. Não eram lâminas de alma – as lâminas que nos foram dadas pelos arcanjos –, mas elas eram todas feitas de prata e bem afiadas, perfeitas para estripar qualquer velho demônio.

Um laptop descansava em cima da mesa, parecendo moderno e deslocado em meio aos móveis com estilo do século XVIII. Um par de abajures de mesa iluminava a sala, dando-lhe um tom de ouro suave. As estantes de livros, encostadas em cada parede, estavam cheias e bem alinhadas. As lombadas mostravam uma variedade estonteante de idiomas.

Jax e Danto estavam sentados nas poltronas de couro, de frente para a mesa. Os dois pareciam irritados quando nos ouviram entrar, como se tivéssemos acabado de interromper uma discussão. O rosto de Jax estava corado e os olhos cinzas de Danto estavam mais escuros que o normal. Curioso. O que será que eles estavam conversando?

Havia uma cadeira extra ao lado do nascido-anjo. Tive a sensação de que ele a havia colocado lá.

– Posso lhe oferecer uma bebida? Café? – O Padre Thomas foi até o pequeno bar e se serviu de uma bebida.

– Não, obrigada. Estamos bem – respondi, olhando para Tyrius antes que ele abrisse a boca. Agora não era hora de ter um baal sobre o efeito de café.

Sentei-me na cadeira vazia, ciente dos olhos de Jax em mim. Um calor subiu pelo meu pescoço até meu rosto. Eu queria me socar por não ter melhor controle sobre minhas emoções. Uma vez que Tyrius havia se acomodado em meu colo, eu acalmei minha expressão e encontrei o olhar de Jax.

– O que eu perdi? – Eu esperava saber o motivo do argumento. Olhei para Danto, mas o vampiro estava ocupado mexendo o líquido dourado de sua bebida.

– Não muito. – Jax se recostou em sua cadeira. Ele segurava um copo vazio em suas mãos. – Chegamos aqui há poucos minutos. Estávamos contando ao padre tudo sobre a Dádiva Branca e a rainha das fadas.

O Padre Thomas pegou sua bebida e se sentou em sua cadeira, de frente para nós quatro. Um grande livro de couro estava aberto sobre a mesa. Eu não tinha notado ele antes. O cheiro de mofo indicava o quão velho a obra era, provavelmente da coleção reservada da igreja. As páginas eram feitas de papel grosso e amarelado pelo tempo. As bordas estavam gastas e rasgadas. Interessante.

O clérigo envolveu seus dedos em volta do copo.

– Se o que eles me disseram é verdade, então, Deus nos ajude.

– Amém – miou o gato –, porque é a pura verdade, padre.

Inclinei-me para frente em minha cadeira para dar uma olhada melhor no livro.

– Você já ouviu falar dela? Da Dádiva Branca?

O Padre Thomas franziu a testa profundamente.

– Não até eu ler aqui. – Ele estendeu a mão e virou o livro para que eu pudesse lê-lo.

Uma tatuagem preta espreitava da manga direita de sua camisa, o símbolo de uma espada dentro de um círculo. Muito interessante. Eu fiz uma nota mental para perguntar a ele sobre isso mais tarde.

– Este é o diário do Padre Albertus Magnus – disse o clérigo. – Ele foi um grande pensador e estudioso na Idade Média, além de um Cavaleiro Celestial até morrer em 1280. Neste registro, ele menciona um livro que veio para a posse da igreja; um livro escrito pelo demônio Superior Astaroth. – Eu estava realmente curiosa agora. – Com seus estudos das línguas demoníacas – continuou ele –, o Padre Albertus foi capaz de decifrar partes dele. Ele diz que o livro fala de exércitos de demônios e de suas guerras. Contudo, perto do final da página, ele escreve sobre uma pedra branca com imenso poder. Uma pedra que foi criada pela raça dos primeiros demônios. Ele os chamou de Os Sem Rosto. Isso é tudo que se sabe. Não consigo encontrar nenhum registro da pedra ter o poder de transformar humanos em híbridos.

– Você não precisa achar – eu disse e puxei o livro para mais perto de mim. – Vimos com nossos próprios olhos.

O padre respirou fundo e, então, assentiu.

– Foi o que eles me disseram. Você acha que é a mesma pedra?

– Parece que sim.

– Bem – disse Tyrius enquanto cruzava as patas dianteiras. – Considerando que eu vim daquele lado, posso dizer que você não tem essa

informação em seu precioso livro porque os demônios não *queriam* que a descobrisse. Eles manteriam algo tão poderoso em segredo e escondido. Isso é certo.

Meus olhos percorreram rapidamente os textos em latim.

– Então, não temos nada. – Afastei o livro. Não quis esconder minha decepção. Achei que encontraríamos algo sobre a Dádiva Branca na coleção particular do Padre Thomas. – E quanto a Hallow Hall? – Olhei para Jax. – Talvez possamos verificar os arquivos. Deve haver algo sobre a Dádiva Branca lá.

– Eu já verifiquei – disse Jax. – Mandei Daniel fazer uma busca minuciosa em todos os textos antigos e até no Deus Septem, os livros que nos foram dados pelos arcanjos. Não há nenhuma menção de uma pedra branca com super poder. Nada. – Olhando para as estantes, ele bateu os dedos contra o copo. – Estava esperando encontrar algo que nos ajudasse a destruí-la.

O Padre Thomas abriu a boca para falar, mas Danto o interrompeu.

– Mas deveríamos? Deveríamos destruir algo que podemos usar? Que pode nos ajudar?

Incrédula, eu encarei o vampiro.

– Você tá brincando né?

– Isso não lhe parece monumentalmente idiota? – comentou Tyrius. – Eu pensei que os vampiros fossem abençoados com alta inteligência, não amaldiçoados com estupidez.

– Há uma razão pela qual Ugul a escondeu em sua maldita barriga – eu disse ao vampiro. – Ele sabia o quão perigosa a pedra era e como ela poderia ser usada para fazer o mal. Ele estava protegendo o objeto, mas também estava protegendo todos nós dele. Você não entende?

– Contudo, ela também tem o poder de fazer o bem – pressionou Danto. Seus olhos brilhavam com uma intensidade febril. – Pense nisso.

– Eu não preciso pensar – eu disse. – Essa pedra é maligna, simples assim. Eu não me importo se ela é branca e se tem um nome muito fofo. Sem chance.

Jax cerrou os dentes.

– Essa coisa precisa ser destruída. Ela é sobrenatural. Se não fosse a rainha das fadas da Corte das Trevas que tivesse a encontrado, teria sido outra pessoa. Talvez alguém pior.

– Que as almas nos ajudem. – Eu respirei, tendo dificuldade em pensar em uma bruxa pior do que Isobel.

– Como eu falei antes – disse Jax, com uma raiva estampada em seu rosto. – Se os híbridos não podem ter mais filhos, é a vida. Você precisa aceitar. Talvez seja assim que sua espécie vai entrar em extinção. Porém, você não pode sair por aí criando mais de você com essa coisa.

Eu levantei minhas sobrelanceiras. Então, a briga era por causa disso.

Os olhos de Danto ficaram pretos. Merda. Ele estava se transformando em vampiro.

– Minha espécie não é a única que está entrando em extinção, nascido-anjo. Da última vez que verifiquei, vocês tinham apenas alguns milhares restantes em todo o mundo. Os arcanjos não farão mais de você e, com o passar do tempo, suas fêmeas vão ficar cada vez mais estéreis. Você pode cruzar com humanos, mas sua essência de anjo diminuirá até que não haja mais nada de anjo em você. Vocês se tornarão humanos. – Danto ergueu o queixo. – E se ela puder criar mais nascidos-anjo? Um exército de nascidos-anjo que pode derrotar mais demônios?

Os nós dos dedos de Jax estavam brancos, mas eu podia dizer que ele estava pensando sobre isso. Droga, até eu estava.

– Se alguma espécie vai entrar em extinção – disse Jax, depois de um momento –, a sua será a primeira.

– Chega com essa competição idiota, rapazes – eu disse. Minha paciência estava chegando no limite com a estupidez deles. – Isso não está ajudando. Estamos todos em perigo, todos nós. Nascidos-anjo, híbridos e humanos. Precisamos trabalhar juntos.

– Tyrius – disse o Padre Thomas de repente. Ele estava assistindo à discussão silenciosamente. – Você está aqui há muito mais tempo do que a maioria de nós. – Ele desviou seu olhar para Danto. – No tempo em que passou com as bruxas, você deve ter encontrado outras pedras mágicas. O que acha desta? O que você pode nos dizer sobre elas?

Tyrius se endireitou com orgulho. Sua cauda balançava atrás dele.

– Posso dizer que a maioria das pedras mágicas tem uma fraqueza. Nada tem poder infinito, nenhuma mágica, nada. O poder da pedra acabará eventualmente, mas pode levar anos, talvez até séculos, antes de vermos a diferença.

– A menos que a rainha a use de uma vez. – Lembrei-me do esgotamento nas feições da mulher. A pedra a havia drenado um pouco

dela. Bom. Isso foi um começo.

– É uma possibilidade – respondeu o gato siamês. – Porém, eu já vi algumas bruxas enlouquecerem com pedras mágicas. Uma vez que elas experimentam esse poder, é quase impossível deixá-lo ir, parar de usá-lo. Também conheci uma que morreu, mas não antes de se transformar em uma aparição. Ela esqueceu de comer e de dormir. Eventualmente, seu corpo mortal veio a óbito. Pedras mágicas são perigosas. Eu não sei como Ugul resistiu àquela pedra dentro de seu peito, mas ele deve ter sido um filho da mãe bem forte.

Senti um aperto no estômago de culpa enquanto tentava tirar da minha mente os olhos sem vida de Ugul virados para mim.

– Você a conhece melhor do que qualquer um de nós, Danto – eu disse. – Acha que ela vai criar um exército gigante imediatamente?

Danto ficou em silêncio por um tempo, sua bebida ainda estava intocada.

– Ela criará um exército grande o suficiente para pressionar os outros clãs híbridos. Um que não alertará a polícia humana imediatamente. Ela usará os pobres, os sem-teto, as prostitutas, aqueles que não farão falta. – O vampiro hesitou. – Então, quando estiver pronta, ela destruirá todos os outros híbridos que não jurarem fidelidade a ela. A mulher quer governar a todos. Isabel sempre quis ser a única rainha dos híbridos, fadas ou não.

– Tenho que admitir – eu disse –, ela é assustadoramente ambiciosa. Louca, mas ferozmente determinada.

Danto se inclinou para frente. Seus olhos negros me encararam e eu estremeci. Ele tinha uma boca absolutamente perfeita e sua pele era impecável.

– O que vai acontecer é que os outros líderes dos clãs híbridos se juntarão a ela – continuou o vampiro. – Ou por medo ou porque eles querem estar do lado vitorioso.

– Lado vitorioso? – Fiz uma careta. – Você fala como se ela já tivesse vencido.

– Ela vai se não a impedirmos.

Eu resisti em desviar o olhar de seus olhos penetrantes.

– E como nós fazemos isso? Se, como você diz, ela já criou o quê? Mil novas fadas? Como paramos um exército desse tamanho?

Franzindo a testa, o vampiro me estudou por um longo momento enquanto eu ouvia meu coração bater no meu peito. Senti o suor brotar na

minha testa.

– A única maneira será unir forças – respondeu o vampiro, com uma voz tensa. – Não podemos vencer a rainha das fadas sozinhos. Vamos precisar de ajuda, muita ajuda. Precisamos levar isso ao Conselho das Sombras, aos híbridos e aos nascidos-anjo, pelo menos os híbridos que não se juntaram a ela até então.

Mexi-me na cadeira, minha frustração mudando para medo. Rezei às almas para que já não estivéssemos muito atrasados.

Danto olhou para mim por um segundo e, então, disse:

– E depois que ela convencer ou destruir todos os híbridos, vai atacar os humanos.

Encolhi-me.

– Ah, claro que ela vai. Há ainda mais para governar.

Danto balançou a cabeça, sem expressão.

– Para ela, os humanos são fracos, eles estão na base da cadeia alimentar. Ela não quer governar os humanos...

– Ela quer comê-los – disse Tyrius. Eu o encarei com os olhos arregalados. – Tchau, filé de Tyrius. Olá, Homo sapiens mignon.

Caramba. Eu tinha visto a coroa de dentes humanos em sua cabeça. Não tinha dúvidas de que ela afundaria seus dentes em carne humana.

Danto olhou para o padre.

– Eu não acredito que ela queira transformar o mundo inteiro em híbridos. Acredito que quer transformar apenas o suficiente para tirar o poder do mundo dos humanos. O ódio dela pelos humanos é de muito antes de eu existir. Ela foi torturada por humanos, estuprada e profanada. A mulher sofreu atrocidades, tudo em nome de um deus ou de outro. Isso a mudou.

Eu praguejei.

– Ela é louca.

– Você acha? – disse Tyrius.

– A pedra pode dar a ela tanto poder? – O pensamento me aterrorizou e não pude deixar de me sentir responsável. – Se eu não tivesse aceitado aquele maldito emprego, nada disso estaria acontecendo.

– Eu duvido seriamente disso. – Tyrius se virou e me encarou. – Se não fosse você, teria sido outra pessoa. Eventualmente, a rainha vadia teria colocado as mãos naquela pedra. Não é sua culpa que ela seja psicótica. Ela simplesmente é.

– Porém, devo adverti-los. – A calma fria de Danto vacilou quando ele respirou. Foi sutil, mas estava lá. – Haverá aqueles que vão querer se juntar a ela – disse o vampiro – e aqueles que vão querer a pedra para si mesmos.

Jax praguejou.

– Isso não vai acabar bem. – Ele se levantou e foi se servir de outra bebida.

Empurrei a cadeira e assobiei quando Tyrius cravou as unhas na minha pele em seu esforço para se segurar.

– Você quer dizer outros híbridos?

– E possivelmente aqueles que fazem parte do Conselho das Sombras. – O rosto de Danto estava sombrio. – Assim que falarmos com o Conselho das Sombras – continuou o vampiro –, eu prometo a você que alguns membros do conselho e até mesmo outros híbridos vão querer a pedra. Porque aquele que segura a pedra detém o poder. A Dádiva Branca será o objeto mais cobiçado em nosso mundo. Todos os híbridos ao redor do mundo vão querê-la.

– Incluindo os nascidos-anjo – me peguei dizendo.

Eu tinha certeza de que os chefes das Casas ou mesmo o conselho dos Sensitivos iria querer colocar as mãos naquele poder. Que ótimo.

– Isso não é bom, Rowyn – disse Tyrius.

Encontrei seus olhos azuis e soube que ele pensava o mesmo que eu.

Precisávamos destruir a pedra.

Recostei-me na cadeira, minha pressão estava subindo.

– Então, você não acha que devemos ir ao Conselho das Sombras?

– Como Chefe dos Vampiros de Nova York – disse o vampiro –, eu sou obrigado a relatar a eles sobre os assuntos que podem afetar nossa sobrevivência. Eu tenho que dizer a eles, mas sei que não virá sem consequências.

– Então, basicamente, estamos ferrados. Que fantástico. – Entorpecida, olhei para as garrafas de gin, rum e uísque ao lado de Jax no bar. Talvez eu devesse beber alguma coisa, algo bem forte.

Danto se inclinou e colocou sua bebida intocada na mesa do padre.

– Vou tomar providências para falar com o Conselho das Sombras – disse ele. – Depois que eles ouvirem o que eu tenho a dizer, vão querer ouvir de todos nós em breve, então, não faça nenhum plano até que eu entre em contato com vocês.

– Sou exilada – eu disse, dando de ombros. – De jeito nenhum eles vão querer falar comigo.

– Talvez não – disse o Padre Thomas. Seus olhos escuros pareciam preocupados. – Contudo, vocês dois podem ser chamados como testemunhas.

Uma onda de gratidão me invadiu quando o Padre Thomas incluiu Tyrius como um de nós. O gato, claramente satisfeito, ronronou, e eu estendi a mão e acariciei seu queixo.

– Eles vão acreditar em mim – disse o clérigo. – Porém, primeiro, preciso falar com o bispo. A Igreja vai querer saber sobre isso. Se houver uma chance de milhares de novos híbridos serem criados da noite para o dia, precisaremos da ajuda dela.

Meus ouvidos estalaram quando reprimi o bocejo que ameaçava expor o quão cansada eu estava. Eu precisava dormir. Não queria que nenhum deles pensassem ou vissem o quão exausta eu realmente estava. E eu ainda estava com fome.

– Tudo bem, então – eu disse enquanto me levantava, pensando na minha cama. Tyrius pousou elegantemente no chão ao meu lado. – Acho que vou para casa e espero sua ligação. – Eu duvidava que conseguiria dormir com a minha pressão alta, mas talvez pudesse relaxar por uma ou duas horas.

Dei ao padre um sorriso tenso.

– Obrigada, Padre Thomas. Vejo você mais tarde – acrescentei rapidamente, não querendo que Jax nos oferecesse outra carona para casa.

Meu pulso acelerou quando vi Jax vindo em minha direção, aqueles malditos olhos verdes estavam tentando me hipnotizar novamente. Desviei meus olhos para sua boca carnuda e beijável, corando.

– Eu sei o que você vai dizer – disse Jax, levantando as mãos em sinal de rendição –, mas eu ainda quero levá-la para casa. Está tarde e estamos todos cansados.

– Não precisa, estou a dez minutos caminhando daqui. Eu quero andar e esfriar a cabeça.

O som de um alarme de carro ecoou pelas paredes da igreja.

Jax franziu o cenho enquanto virava a cabeça para a porta.

– Esse é o alarme do meu carro. – Ele colocou sua bebida na mesa e saiu pela porta antes que eu terminasse o resto do meu protesto.

Quando me virei, Danto estava debruçado sobre o velho diário, folheando as páginas com uma expressão levemente interessada no rosto.

O Padre Thomas se levantou e deu a volta para ficar ao meu lado.

– Fiquei muito feliz em saber que sua avó pode ficar com a casa – disse ele, sorrindo. – Você tem um grande coração, Rowyn. Foi muito gentil da sua parte.

Envergonhada, olhei para minhas botas.

– Sim, bem, não foi nada. Estou feliz que ela esteja feliz – respondi e, em seguida, senti um estalo em minha mente.

Um fio de apreensão se estendeu quando respirei fundo e senti a vibração das trevas, as energias demoníacas. Ah, porcaria.

As rugas nos cantos dos olhos do padre se aprofundaram.

– O que foi, Rowyn? Parece que você quer dizer alguma coisa.

– Demônios – grunhiu Tyrius. – Lá fora. E pelo fedor de podridão que está atacando meu nariz delicado, eu diria que são muitos.

Meus olhos se arregalaram.

– Jax.

O padre disparou para o fundo da sala e pegou uma de suas espadas da parede, brandindo-a habilmente, como um guerreiro experiente.

– Jax! – gritei.

Meu cabelo bateu em meu rosto quando um borrão de roupas pretas passou por mim. Danto havia saído pela porta antes mesmo que eu piscasse. Eu disparei para a porta atrás dele e saltei pelo corredor.

Merda. Merda. Merda.

– Jax! Espere! – eu gritei assim que cheguei na entrada lateral. Minhas pernas latejavam com a adrenalina, minha mão estava envolvida na minha lâmina da alma enquanto eu corria pela porta e saía para o ar da noite. Minhas botas atingiram o pavimento assim que as duas luzes do poste do estacionamento explodiram e se apagaram.

Eu parei, quase colidindo com Danto.

O vampiro estava parado, com seu corpo ligeiramente agachado com suas garras estendidas. Seus olhos negros estavam fixos em algo diante dele.

Segui seu olhar até o estacionamento.

Minha respiração ficou presa na garganta.

Um demônio humanoide magro com mais de dois metros e meio de altura, uma pele vermelha como sangue em decomposição que parecia

derreter e pelos irregulares ao longo de suas costas, braços e pernas, estava no estacionamento da igreja.

E, preso em seus braços pelo pescoço, estava Jax.

CAPÍTULO 27

Os olhos negros do demônio Superior Degamon focaram em mim e ele sorriu, revelando uma boca excessivamente grande com um número excessivo de dentes afiados e amarelos.

O estacionamento era lentamente tomado por uma névoa preta que avançava, mergulhando-o na escuridão, enquanto espectros – criaturas cobertas de escamas, peles e músculos – saíam das sombras. Suas caudas de rato se agitavam atrás deles e seus olhos negros brilhavam em seus crânios achatados. Suas narinas se dilataram, absorvendo nosso cheiro, e uma baba pingava de suas bocas alongadas.

Demônios igura. Eram demônios menores. Estúpidos, mas mortais. Contei cerca de vinte, mas apenas metade deles carregava lâminas da morte. Bom.

– Olá, pirralha angelical – zombou o Demônio Superior. Sua voz baixa me fez estremecer. – Estou aqui para cobrar minha parte do nosso acordo. O pequeno Jaxie Spencie.

Os olhos de Jax encontraram os meus, e o branco de seus olhos brilhou na luz da lua. Seu rosto estava ficando com um tom roxo perturbador. O demônio vermelho o agarrou pelo pescoço, seus pés balançavam quatro centímetros acima do chão.

– Não fique tão surpresa – gargalhou o demônio. – Trato é trato. Eu dei o que você queria e, agora, estou aqui para cobrar o que me é devido. Ele.

Seis meses atrás, eu assisti Jax dar seu nome ao demônio Superior em troca do nome do demônio responsável pela morte de sua irmã. Eu sabia o que aquilo significava. Pelo que li e aprendi ao longo dos anos, a Lei dos Nomes, como é descrita em muitos livros de demonologia, permite que

alguém em posse do nome verdadeiro de uma pessoa ou ser tenha poder sobre ela. Neste caso, com magia demoníaca.

Com o verdadeiro nome de Jax, que ele havia dado livremente ao demônio, Jax estava preso a ele. Para sempre, talvez. Essa parte eu não tinha certeza. Mas eu sabia que isso dava ao demônio poder sobre Jax. O demônio poderia controlar sua mente e corpo, talvez até possuí-lo. Degamon poderia usá-lo contra nós, e Jax não teria escolha a não ser fazer o que lhe fosse ordenado.

Em nossa pressa para encontrar o assassino dos Não Marcados, não especificamos os detalhes. Não fomos a fundo nas entrelinhas do contrato. As brechas estão nas letras miúdas de qualquer contrato. Grande erro. O poder de Degamon sobre Jax terminaria, muito provavelmente, quando Jax estivesse morto.

Tremi de raiva da minha própria estupidez. Eu deveria ter feito alguma coisa. Encontrado um amuleto ou feitiço para combater o poder do demônio sobre Jax, se é que existe tal coisa. Eu não fazia ideia.

Minha cabeça latejava. Eu senti como se meus olhos estivessem prestes a sair das órbitas.

Maldito Vedriel.

Então, no momento em que os olhos de Jax encontraram os meus, não vi medo neles, mas, sim, fúria. Uma fúria do tipo quando um plano não sai do jeito que você queria. E foi quando entendi o que Jax vinha fazendo nos últimos seis meses, o porquê de ele parecer mais magro e cansado. Ele estava procurando uma maneira de quebrar seu acordo.

Claro, Jax estava procurando pelo assassino de sua irmã, mas também estava procurando uma maneira de quebrar seu acordo com Degamon.

– Degamon, sabia que era você. – A voz de Tyrius ecoou alto no ar da noite quando ele parou aos meus pés. – Eu reconheceria esse fedor demoníaco de quinta categoria em qualquer lugar. – O cheiro de loção pós-barba me disse que o Padre Thomas estava atrás de mim, à minha direita.

Danto olhou para mim, com os dentes cerrados.

– O que você quer fazer? – Seus olhos negros estavam tensos, e ele assim como eu sabia que qualquer movimento brusco, faria Degamon quebrar o pescoço de Jax.

O medo golpeou meu estômago como uma pedra caindo em um riacho.

– Troco a vida dele pela minha – eu disse apressadamente. – Sou mais valiosa do que um nascido-anjo comum. Você sabe disso, e eu sei disso –

Dei um passo à frente e desviei meus olhos dos iguras para Degamon. – Vamos negociar.

Degamon levantou a cabeça, aparentemente interessado.

– Rowyn, não – disse Jax com dificuldade. – Não... seja... estúpida. – Suas últimas palavras falharam enquanto ele tremia, e eu estava seriamente me perguntando quanto tempo mais ele poderia aguentar sem ar em seus pulmões.

– É, Rowyn, o que *diabos* você está fazendo? – sibilou Tyrius. Então ele acrescentou rapidamente ao ver a sobancelha erguida do clérigo – Sem ofensa, Padre.

Os olhos do Padre Thomas brilharam com um profundo ódio por Degamon.

– Sem problemas, baal. – O padre parecia durão com sua longa espada brilhando ao luar. Compartilhávamos os mesmos gostos por espadas, aparentemente, devido ao nosso ódio por demônios.

Voltei meus olhos para Degamon e baixei minha voz para o gato.

– Estou tentando salvar a vida dele. – Minhas coxas estavam rígidas e latejavam por me abster de atacar Degamon.

Seus olhos brilharam com diversão. Ele estava gostando de ver que estávamos nos segurando, com medo de nos mexer. *Eu vou matar aquele filho da mãe.*

Tyrius mexeu suas patas nervosamente.

– Sacrificando a sua? Jax não iria querer isso.

– Talvez – eu disse, sentindo a palma da minha mão molhada com meu próprio sangue enquanto o cabo da minha lâmina cortava minha pele por segurar com muita força. – Mas você quer deixá-lo morrer nas mãos daquele demônio?

– Eu também não quero isso – disse o gato. – Porém, o que você está fazendo é suicídio. Não seja idiota. Pense!

Jax ia morrer se eu não fizesse alguma coisa.

– Estou sem opções. Idiotice é a única coisa que me resta.

Um turbilhão de fúria gigante e inflexível tomou conta de mim. Um grunhido gutural saiu da minha garganta ao ver as lágrimas de Jax rolando em seu rosto. A raiva que fervilhava em mim era tão grande que eu precisava de um grande esforço para não atacar Degamon com minha lâmina da alma. Mas mesmo antes que eu pudesse alcançá-los, o demônio mataria Jax.

– Rowyn, Rowyn, Rowyn – zombou o demônio. – Sim. Eu sei quem você é. Mas não se preocupe, eu não vim aqui pegar você. Este pequeno fracote é meu – disse Degamon. Uma névoa preta e vermelha envolvia seu corpo. – Ele é meu a partir do segundo em que abriu a boca e selou o acordo – o demônio rosnou, e aproximou Jax do seu rosto. – As coisas que vamos fazer juntos me dá um friozinho na barriga.

O rosto de Jax se contorceu, e então ele cuspiu no rosto do demônio.

Degamon afastou Jax e estreitou seus olhos negros.

– Um ano no Submundo vai lhe ensinar boas maneiras.

– Não! – Uma onda fria e quente subiu pelo meu corpo. Eu ia vomitar. – Não – minha voz saiu como um sussurro. – Não, você não pode fazer isso. – A raiva fervilhava dentro de mim. *Isso não pode estar acontecendo. Não agora.*

Degamon riu e o som enviou ondas de medo pelo meu corpo.

– Claro que posso. Este jovem – Degamon sacudiu Jax – me deu seu nome. Ele é meu até eu decidir o contrário... ou quando ele estiver morto.

– Seu desgraçado! – eu gritei quando ouvi Jax fazer um som de asfixia. – Você não pode fazer isso! Se você o machucar eu vou matá-lo. Eu vou matar você!

– Estou honrado – disse Degamon, com uma tensão em sua voz. – Jaxie Spencie é meu. Você não pode tocá-lo. – O demônio riu. – Como se você tivesse uma palavra a dizer sobre o assunto.

Eu tenho. Inclinei meu corpo para frente. Eu ia arrancar sua cabeça. O ar soprou ao meu lado, e pelos cantos dos meus olhos vi Danto e o Padre Thomas fazerem o mesmo.

Uma sombra de dor e horror brilhou nos olhos de Jax. Eu não conseguia tirar os olhos dele, e meu pulso disparou. Ele era um pé no saco, ele tinha uma maldita noiva, mas eu ainda me importava com o idiota. Importava-me muito, aparentemente.

– Vamos, Degamon – sibilei. – Eu sou muito melhor. Eu vou fazer valer a pena. Você é um homem de negócios, demônio de negócios, tanto faz. Você sabe o que eu quero dizer. Eu valho dez vezes mais que ele.

Por um momento, Degamon me observou. Sua expressão era ilegível, mas a pressão no pescoço de Jax pareceu diminuir.

– Você sacrificaria sua vida por ele? – Degamon perguntou, movendo seus dedos com garras ao redor da garganta de Jax. – Por quê? Por que faria isso?

– Porque ele é meu amigo. E é isso que os amigos fazem.

– Só um amigo? – perguntou o demônio, passando seus olhos sobre Jax e, depois, voltando para mim. Ele jogou a cabeça para trás e riu. – Ah... eu acho que não. Ele é bonito demais para ser algo platônico. Olha esses lábios. Os humanos pagam muito dinheiro para ter lábios como esses.

Meu rosto ardeu e eu transferi o peso da minha perna.

– Então, temos um acordo? Eu vou no lugar dele? – Meu pulso acelerou com seu súbito interesse. Talvez isso fosse o suficiente para pagar completamente a dívida de Jax. – Interessado? – eu provoquei. – Limpe a dívida dele com você e, em troca, você pode me levar. Combinado?

– Rowyn, não seja idiota! – retrucou Tyrius. – Ele vai matá-la. Encontraremos uma solução. Tem que haver outra maneira.

– Concordo com Tyrius – disse o Padre Thomas de repente. – Talvez a Legião possa ajudar. Eles poderiam encontrar uma maneira de recuperá-lo.

– Dane-se a Legião – eu rosnei, pensando em Vedriel e no que eles fizeram comigo. – Eles são piores que demônios.

Ouvi a inspiração do padre para o meu desdém com Legião. Tá, então eu fui um pouco longe demais com essa última observação. Mas eu estava chateada, com medo, fora de mim e preocupada com Jax. Eu não podia deixar isso acontecer com ele, eu não podia. E não deixaria.

Eu sacudi minha cabeça, apertando minha mandíbula.

– Não há outro caminho. Tenho que fazer isso – eu disse, com uma voz baixa. – Se não o pararmos agora, ele levará Jax para o Submundo. Você sabe como é lá. Você acha que Jax vai sobreviver?

Tyrius praguejou.

– Mesmo que o ar tóxico não o mate imediatamente, nunca mais o veremos.

– Tenho sangue de demônio – eu sussurrei, com meu estômago se contraindo. – Se alguém pode sobreviver no Submundo, esse alguém sou eu. Posso encontrar o caminho de volta – *Espero...*

– Não é tão simples assim. – Baixei os olhos ao ouvir a tensão na voz de Tyrius. – O Submundo não é como este mundo. Você não pode simplesmente pegar um avião e ir para outro país. Os Rifts que permitem que você passe são raros e perigosos, e você será uma prisioneira. Não é como se você pudesse vagar livremente – disse ele. – Não se esqueça que o Submundo é uma prisão para todos os demônios. Eles vão odiá-la pelo que você é. Eles vão torturá-la e fazer outras coisas para seus próprios prazeres

doentios. Você poderá nunca encontrar uma saída. Você pode morrer sozinha lá, Rowyn.

– Eu não me importo – menti, sentindo como se isso não fosse uma boa ideia. Minha bravura se foi com o rosnado de prazer vindo do demônio Superior.

Contudo, era tarde demais. Eu já tinha dado minha palavra.

– Então? – minha voz ecoou no ar e nos meus ouvidos. Meu coração bateu forte. – O que vai ser?

Degamon estava nos observando com um leve interesse.

– Estou tentado. Você me traria uma soma muito grande. No entanto, não vou quebrar meu acordo com Jaxie Spencie – disse Degamon. – Já tenho alguns compradores interessados nele, que estão dispostos a pagar uma grande quantia para brincar com ele – O demônio estendeu a outra mão e agarrou a virilha de Jax sugestivamente. Seus olhos negros focaram em mim. – Mas eu voltarei para você mais tarde.

– Desgraçado!

Me atirei para frente e corri enquanto uma onda de adrenalina crescia em mim. Senti um vento e ele se misturou com uma névoa negra, e então um monte de demônios igura correram na minha direção.

Droga.

Danto já estava correndo em direção aos iguras próximos que saltaram ao mesmo tempo.

Puxando minha lâmina da morte com a outra mão, eu girei e golpeei, cortando a garganta do demônio igura mais próximo. Virei e empurrei o demônio morto para cima do demônio mais próximo enquanto mergulhava minha outra lâmina profundamente no intestino de um terceiro.

Na minha linha de visão, eu peguei um vislumbre do padre puxando sua espada da barriga de um demônio que gemia e girando para cortar a cabeça de outro. Impressionante.

Eu não conseguia ver Tyrius, mas sabia que ele não estava muito atrás de mim.

Me acalmando, eu me movi por instinto, e deixei meu treinamento e habilidades sobrenaturais fluir por mim e me guiar. O ar circulava com o cheiro de podridão. Um demônio igura cortou o ar com sua própria lâmina da morte, mirando direto no meu peito. Amaldiçoando, eu parei o golpe com uma adaga, e a cravei em seu peito exposto. Um sangue preto, quente e fedorento espirrou na minha mão enquanto eu enfiava minha lâmina da

morte em seu olho. Uma nuvem de sujeira me atingiu no rosto quando o igura explodiu em pó.

Buscando o ar para respirar, eu me virei, e me distanciando, eu bati com a parte achatada do cabo na cabeça de outro igura.

Ouvi uma risada. Degamon. Meu ódio pelo demônio acendeu uma chama que percorreu meu corpo, como um veneno quente em minhas veias.

Eu ia estripar aquele filho da mãe.

Minha respiração era ofegante, e eu parei quando um igura pulou em Danto, com as garras estendidas e emitindo um som horrível.

Por um segundo, eu assisti, chocada, enquanto os dois lutavam, ambos se movendo incrivelmente rápido. Danto era como um borrão, fazendo parecer que o igura estava tentando pegar uma sombra em movimento.

– Cuidado! – gritei quando outro igura o agarrou pelas costas, mas o vampiro se contorceu com uma velocidade desumana para cravar os dentes no pescoço do demônio. O demônio gritou e perdeu a força, e antes que caísse, Danto girou e quebrou o pescoço de outro demônio. Nossos olhos se encontraram, suas presas brilhavam com o sangue negro.

Eu estava em movimento novamente. Disparei em direção ao demônio vermelho, em direção a Jax. Se eu pudesse matá-lo, tudo isso estaria acabado.

Um desespero me atingiu enquanto eu forçava meu corpo cada vez mais, girando, rolando, me abaixando. Atravessei a multidão de iguras, não tirei os olhos das feições de sofrimento de Jax.

Estou chegando.

Não foi a coragem que me deu forças, foi a fúria e o medo.

– Rowyn! – gritou Tyrius. – Atrás de você!

Pulei e girei no ar, vendo dois iguras vindo em minha direção com uma velocidade assustadora. A fome estampava seus rostos. Eles queriam me matar, mas eu queria matá-los mais ainda.

Com os olhos arregalados, eu encolhi meu corpo quando caí fazendo contato com o chão. Joguei-me na direção deles, rolando e me mantendo abaixada até que estava bem debaixo dos dois iguras que ainda tentavam me pegar. Eles gritaram quando estripei os dois com dois golpes.

Eu levantei. Danto estava esmagando a cabeça de outro demônio com as mãos, dada sua força sobrenatural. Ele rosou, seus dentes ainda pingavam sangue de demônio. Estremeci quando o vampiro estendeu a mão e cravou suas garras afiadas nos olhos do demônio. Gritando, o demônio se jogou

para trás, mas o vampiro estava atrás dele. Com dois golpes rápidos, a cabeça do demônio foi decepada do seu pescoço e caiu no chão com uma explosão de cinzas.

Tyrius pulou na cara de um igura. Ele era um borrão de garras e dentes enquanto atacava sem piedade, ele cortava a carne macia do demônio com uma vontade selvagem. Um sangue preto voou por toda parte, molhando o pelo claro do gato.

Ouvi um rosnado perto de mim, e virei, meu coração acelerou quando vi um igura atacar o Padre Thomas, que tinha sua espada enfiada profundamente nas entranhas de outro.

– Padre! Abaixese! – gritei antes de lançar minha lâmina da alma no rosto da criatura que se aproximava.

O clérigo mal tinha se mexido para evitar o golpe. O sangue do demônio espirrou em sua camisa.

Quando o Padre Thomas puxou sua espada do igura morto, olhei para cima e vi uma abertura.

Um caminho limpo direto para Degamon.

Metade do seu exército de igura estava morto, e o resto estava ocupado lutando com um padre, um gato e um vampiro.

– Peguei você – sussurrei e pulei.

Eu estava quase lá, podia estender a mão e tocar Jax. Seus olhos estavam fechados, ele estava inconsciente.

Com um uivo selvagem, eu me joguei contra o demônio vermelho, minha lâmina da morte estava a centímetros do seu rosto repulsivo e cheio de bolhas.

Mas meus ouvidos estalaram com a mudança repentina de pressão, e então caí de cara no chão.

Levantei-me do chão e me virei.

Degamon e Jax se foram.

CAPÍTULO 28

— **R**owyn, isso não vai funcionar – argumentou Tyrius enquanto se sentava ao meu lado no chão do meu apartamento. – Tiro o chapéu para a sua criatividade, mas acho que você perdeu sua cabeça angelical de vez!

– *Tem que funcionar.*

Que Deus me ajude, tem que funcionar. Estendi a mão e virei a próxima página do grimório da bruxa das trevas, tomando cuidado para não rasgar as páginas do livro grosso. O cheiro de poeira e couro fez cócegas no meu nariz enquanto eu lia as próximas instruções.

Limpei o suor da minha testa com o braço, e pisquei para enxergar a página. Fiz alguns rituais de invocação antes, mas não estava confiante o suficiente em minhas habilidades de conjurar, não queria tentar e fazer correndo. Além disso, esse ritual de invocação era particularmente difícil e um pouco diferente das outras vezes que eu fiz.

Tyrius respirou fundo e murmurou:

– É realmente surpreendente que, por um lado você seja tão inteligente e por outro... tão idiota!

– Tyrius.

O rosto de Tyrius estava incrédulo.

– Você não se lembra do que aconteceu na última vez que invocamos um demônio? Deu merda. Literalmente.

Suspirei fundo, tentando controlar minha paciência. Eu sabia que Tyrius estava apenas tentando me proteger – de mim mesma e da minha própria estupidez, mas eu estava confiante que isso ia dar certo. Tinha que funcionar. Eu estava ficando sem ideias brilhantes, ou neste caso, estúpidas.

– Não vamos invocar um demônio desta vez – eu disse. – Vamos invocar Jax.

Tyrius praguejou.

– E se você o machucar? Você já pensou nisso? E se você não puder invocá-lo? Ele é um maldito humano!

– Ele não é – rebati. – Ele é um nascido-anjo. E Degamon deve ter alterado a essência de Jax com alguma coisa para ele sobreviver no Submundo. Caso contrário, ele não teria conseguido levá-lo com ele. Ou vendê-lo, no caso. Ele precisa que Jax consiga ficar de pé e agir normal no Submundo.

Eu sabia que isso era verdade. Se Degamon tinha compradores para Jax, isso significava que ele o havia transformado de alguma forma, alterado sua essência, ou talvez até acrescentado algo a ela, espero que não seja a última opção.

Degamon tinha feito algo com Jax, e era minha responsabilidade trazê-lo de volta.

Exalei um longo suspiro e então inspirei calmante. Era crucial que eu lesse o feitiço direito. Se eu cometesse um erro, poderia realmente machucar Jax, mas também poderia matá-lo.

– Você acha que é sábio brincar com a vida do homem? – Tyrius simplesmente não estava deixando isso passar. – Ele é um idiota com muito bom gosto para carros, mas ele não merece morrer!

Eu me virei.

– Você acha que é sábio deixá-lo no Submundo? – Quando o gato não disse nada, acrescentei – Ele não vai sobreviver. Ele não é um demônio, Tyrius. Demônios vivem no Submundo, não nascidos-anjo. O que você acha que vai acontecer com ele se ele ficar lá? Vai se transformar em uma borboleta?

Tyrius fez uma careta.

– Se ele não morrer, ou eles não o matarem, então a única coisa que resta é... ele se tornará um demônio.

– Certo – eu disse. Tinha escutado histórias sobre coisa assim que aconteciam com anjos que ficaram presos no Submundo. – Não posso deixar isso acontecer. Não com Jax. Ele não merecia isso. Ele só queria encontrar o assassino de sua irmã. Não era justo o que estava acontecendo... Não com ele.

Eu me virei e puxei minha lâmina da alma antes que Tyrius visse meus olhos marejados. Meu colar escorregou para minha camiseta, a moeda pendurada no cordão de couro preto saltou antes de parar no meu peito.

– Ela continua fazendo isso – eu disse quando estendi a mão e peguei a moeda dos duendes, sentindo sua superfície áspera na minha pele. Ela estava quente, e eu tomei isso como um bom sinal quando o coloquei de volta na frente da minha camiseta. – Ela parece que não quer ficar parada.

– Não sei porque você quer ficar com ela – disse Tyrius. – Ela foi enfeitiçada apenas para nos mostrar a saída de Elysium. Agora, não serve para mais nada, a menos que você queira voltar para lá.

– Não, obrigada.

De jeito nenhum eu ia voltar para Elysium, mas não queria me livrar da moeda. Ela era um lembrete da sujeira que eu tinha feito e que eu ainda tinha que limpar.

– Você ao menos sabe qual feitiço de invocação fazer? – Tyrius avançou, seus olhos se moviam ao longo das escrituras em latim nas páginas. – Existe um para convocar humanos? Eu nunca vi uma bruxa invocar um humano antes. Quero dizer, qual é a vantagem, né? Elas invocam demônios pelo seu poder. Invocar humanos provavelmente lhes custaria mais. Perdi as contas de quantas vezes vi bruxas amaldiçoarem humanos, principalmente outras mulheres por causa de um homem, mas nunca as vi invocar um humano em seus círculos.

Meu estômago se contraiu.

– Bem – eu respirei, tentando controlar meu estômago agitado para que Tyrius não visse o quão nervosa eu estava. – Eu também não encontrei nenhum. Não exatamente.

Tyrius olhou para mim, alarmado.

– Então, o que você está fazendo?

Fiz uma careta.

– Improvisando?

Tyrius ficou de pé com um salto, seus olhos estavam arregalados.

– Você perdeu a cabeça, mulher! Eu gostaria que você nunca tivesse roubado esse maldito livro!

– Esse maldito livro pode ser a única coisa que pode salvar Jax.

– Como? – Tyrius estava praticamente gritando. – Você acabou de dizer que está *improvisando*? Como isso vai salvá-lo se ele aparecer no seu círculo deformado com as bolas na cabeça!

– Vai funcionar – repeti como se estivesse tentando me convencer.

Tem que funcionar.

Com a lâmina da alma na mão direita, levantei a palma da mão esquerda. Usando a pequena linha branca do meu corte de invocação anterior como guia, fiz um corte na carne macia.

O sangue escorria do corte profundo, e eu pressionei minha palma contra o chão enquanto deslizava minha mão fazendo um círculo, usando meu sangue como se fosse tinta. Então, ainda usando meu sangue, desenhei um triângulo fechado dentro do círculo – O Selo de Salomão.

E, desta vez, em vez de desenhar três símbolos demoníacos, eu me inclinei e desenhei o selo do Arcanjo Miguel três vezes – a marca do arcanjo de Jax – um dentro de cada ponta do triângulo.

Usando o mesmo espelho oval do meu banheiro que usei para invocar Degamon, coloquei-o no meio do triângulo. Por fim, fiz uma pequena poça de sangue no meio e escrevi o nome Jaxon Spencer.

Tyrius fez um barulho com a garganta.

– Isso é magia de sangue. Você desenhou o círculo com seu sangue, assim como a bruxa das trevas. Se eu não a conhecesse, iria pensar que está tentando amaldiçoá-lo, não salvá-lo.

Inclinei-me para trás.

– O feitiço requer sangue como pagamento. Tive que usar sangue porque Jax está vivo e o Selo de Salomão porque ele está no Submundo e provavelmente está sob alguma maldição demoníaca.

Tyrius olhou para mim.

– Isso é improvisar para você?

Eu sabia que mergulhar na magia de sangue era perigoso. Inferno, invocar demônios era perigoso. Eu ouvi histórias que as almas das bruxas eram lentamente devoradas para pagar a magia do sangue com a qual elas brincaram. Na maioria das vezes, a magia de sangue e a necromancia se misturavam. Eu conhecia os perigos. Mas eu não estava usando isso para ganhar poder ou ter poder sobre alguém, ou algo.

Eu estava tentando *salvar* uma vida.

Agora, olhando para o meu círculo, limpei minha mão ensanguentada no meu jeans e estendi a mão para pegar as três velas. Eu as coloquei em cima dos três selos do arcanjo antes de acendê-las.

– Talvez o Padre Thomas estivesse certo – disse Tyrius, o tom em sua voz era alto de tensão. – Talvez a Legião possa ajudar. Não faria mal

perguntar.

– Eles poderiam – eu disse. – Porém, eles não vão. Você sabe que não posso confiar neles. Eles me modificaram, lembra? Me transformaram em... sei lá o quê. Eu tenho que fazer isso sozinha. – Suspirei. – Eu tenho que tentar. Apenas deixe-me tentar, tá? Só desta vez, e se não funcionar, vamos descobrir outra coisa. Mas não posso ficar parada sem fazer nada.

– Eu sei. – Tyrius cutucou meu quadril. – É uma merda, só isso.

– É um pé no saco – acrescentei e dei-lhe um sorriso. Tyrius riu, e o som encheu meu coração de alegria. Apenas por um momento.

– Terminou? – perguntou o gato enquanto olhava para o círculo.

– Quase – eu disse quando enfiei a mão no bolso do meu jeans. – Só preciso acrescentar uma coisa.

E rezar para as almas para que funcione.

Peguei um molho de chaves, balançando-as enquanto as colocava no espelho.

– Onde você encontrou isso?

– São as chaves do carro de Jax. Eu as peguei depois que o Padre Thomas e Danto foram embora. Foi a única coisa que consegui encontrar em seu maldito carro, ele é tão limpinho. Tentei encontrar um fio de cabelo ou qualquer outra coisa, mas isso foi tudo o que consegui.

– E as chaves simbolizam Jax? não estou entendendo.

Respirando profundamente, eu exalei ruidosamente.

– Para que o feitiço funcione, eu preciso de um testemunho, que é basicamente um pedaço dessa pessoa, ou algo com o qual ela tenha um vínculo emocional ou físico, que possa ser usado como um alvo para o feitiço. O grimório diz que os testemunhos geralmente são o sangue, o cabelo, os dentes, a pele ou as unhas da pessoa, mas isso é tudo que eu tenho.

– O DNA de Jax – Tyrius exclamou suavemente.

– De certa forma, sim. – Minha respiração estava lenta e controlada. – Só espero que haja algo nessas chaves.

Estendi a mão e puxei o grimório para mais perto. Meu coração batia contra meu peito e dentro da minha cabeça. Senti tonturas e náuseas. Por favor. Faça isso funcionar.

Tyrius se mexeu nervosamente ao meu lado, seus lábios se mexiam em uma oração ou maldição silenciosa.

Acalmando minha respiração, deixei as palavras fluírem dos meus lábios.

– Jaxon Spencer invocabo. Qui nos venimus ad te veniat nosque hic habitare. Et sanguis sanguinem meum et vocavi te. Et sanguis sanguinem: revertere ad me. Jaxon Spencer antrorsum intra te voco. – E novamente com cuidado em inglês – Invoco Jaxon Spencer. Venha até nós, que o invocamos. Venha até nós e manifeste-se. O meu sangue eu oferto. O meu sangue eu ofereço. Jaxon Spencer, eu o invoco urgente.

Prendi a respiração e olhei para as chaves sem piscar. Eu podia sentir meu sangue pulsando e ouvir meu coração acelerado. Depois de um minuto, meu rosto ficou frio.

Infelizmente, nada aconteceu.

– Droga! – Bati meu punho no chão de madeira, ouvindo algo estalar. Merda, eu tinha quebrado meu próprio dedo.

Afastei minha mão, tentando lutar contra um sentimento de tristeza. Meus olhos se arregalaram.

– São as chaves. As chaves não funcionaram – eu disse, soltando um suspiro frustrado.

Tyrius se aconchegou ao meu lado e colocou a cabeça no meu braço, piscando seus grandes olhos azuis para mim.

– Desculpe, Rowyn. Você fez o que podia. Anime-se. Encontraremos outro caminho, eu prometo.

Lágrimas de frustração escorreram pelos meus olhos quando balancei a cabeça.

– Isso ainda não acabou. Preciso de algo melhor. Preciso de...

De repente, a energia no apartamento mudou, seguida por um estalo alto.

– Você ouviu isso? – disse Tyrius.

Meu coração batia forte quando o suor brotou em meus braços. Eu me virei em direção ao barulho. De pé na minha cozinha não estava Jax, mas, sim, um anjo.

CAPÍTULO 29

Lá estava ela, brilhando, como os anjos sempre brilhavam. Sua pele cor de café era um contraste gritante com seu terninho branco moderno, e eu me perguntei se ela tinha se vestido toda de branco apenas para um efeito angelical extra. Provavelmente. Ela tinha cabelos negros curto e parecia estar na casa dos trinta e tantos anos.

Eu podia ser péssima em invocar demônios, mas tinha certeza que não tinha invocado um anjo. Não dessa vez.

Seus olhos se moviam com uma precisão fria de se familiarizar com tudo a sua volta, como uma predadora.

Seus olhos encontraram os meus, seus olhos escuros ardiavam com um desprezo mal contido. E ela sorriu, não era um sorriso amável de “prazer em lhe conhecer”, mas o sorriso que um predador dá antes de matar sua presa. Seu braço direito se moveu e uma longa lâmina de prata escorregou para sua mão direita.

– Rowyn, ela está com uma lâmina na mão – sussurrou Tyrius, seus olhos azuis brilhavam. – Por que ela tem uma lâmina na mão?

Os olhos do anjo se fixaram em Tyrius e seu sorriso se alargou de uma forma absolutamente assustadora, revelando seus dentes brancos e brilhantes.

Eu me levantei e os pelos do meu pescoço se arrepiaram. O que diabos um anjo estava fazendo no meu apartamento? Quando os anjos apareciam, era porque eles queriam alguma coisa. E ainda assim eu não conseguia me livrar do profundo sentimento de pavor que contraiu meu estômago. Não havia nada de sagrado nos olhares que ela me lançava, ou naquela longa adaga em sua mão.

– O que você quer? – perguntei com uma voz dura. De forma alguma eu ia deixar o anjo perceber meu medo.

Ainda sorrindo, o anjo atravessou meu apartamento e se aproximou de mim, falando em voz alta:

– Rowyn Sinclair. A Caçadora. – Ela desviou seus olhos para o círculo de sangue no chão. – Invocando demônios, pelo que vejo. Que irresponsável de sua parte. Invocar demônios é considerado blasfêmia. A magia demoníaca viola as leis angelicais.

Cerrei os dentes.

– Eu não dou a mínima para suas leis. – Levantei minhas sobrancelhas e sorri. – Eu não sou um anjo.

O anjo inclinou a cabeça enquanto me observava, ela passou os olhos sobre a lâmina da morte no meu quadril.

– Não. Você não é nenhum anjo, mas já foi uma nascida-anjo. De qualquer forma, isso não importa agora.

Fiz uma careta.

– O que você quer dizer com isso?

O que diabos está acontecendo?

– Ou você nos diz porque sua bunda angelical veio até aqui – rosou Tyrius, com sua cauda levantada. – Ou dê o fora. Esta é uma casa particular. Você não pode simplesmente se transportar sem ser convidada. Existem regras.

– Não preciso de convite – respondeu o anjo.

Meu corpo gelou.

– Que diabos você está falando? – perguntei, minha boca estava seca.

O anjo riu alto e profundamente.

– Você é acusada do assassinato do arcanjo Vedriel. – Ela ergueu a adaga e rolou um dedo sobre a ponta afiada. – Uma acusação punível com pena de morte.

Fiquei de boquiaberta enquanto Tyrius praguejava.

– O quê? – Merda. Merda. Merda. – Espere um minuto, isto é um erro. Eu não matei ninguém.

Sim, eu matei o arcanjo com a ajuda de meus amigos, mas era ele ou nós. E escolhemos ele. Senti um tremor nas pernas com a mistura nauseante de pavor e nervosismo, e preendi a respiração para tentar me acalmar.

– Nenhuma violação das leis angelicais será tolerada. – O anjo baixou sua lâmina. Seus olhos escuros dançavam de excitação, o que me deu

arrepios. Ela *queria* me matar. – A sentença por cometer assassinato, ainda por cima de um arcanjo, é a morte pela lâmina, a ser executada imediatamente.

Tyrius baixou as orelhas.

– O desgraçado sabia o que estava por vir. Você ao menos sabe o que ele fez? O que ele fez com Rowyn e os outros? Não, você não sabe, e é punível com a morte? Rowyn apenas tentou se salvar do Dr. Frankenstein.

O anjo lhe deu um olhar arrepiante.

Cutuquei o gato com meu pé.

– Tyrius. Para, não está ajudando.

Levantei meu queixo para o anjo com determinação e levei minha mão para a cintura.

– Isso é um erro – protestei. – O arcanjo estava tentando me matar. Ele matou outros como eu. Eu não queria que isso acontecesse – *Aham, tá bom* –, mas ele não me deu escolha. Era ele ou eu. Foi legítima defesa. Ele ia me matar. Não tenho direito a um julgamento ou algo assim?

O anjo riu.

– Há provas suficientes para apoiar a alegação de assassinato. Seu saco de carne aspirante a anjo miserável. Você assassinou um arcanjo. De forma alguma você tem direito a um julgamento. É simples assim, você vai morrer. Está decidido.

Lambi meus lábios.

– Que provas? – perguntei com uma voz baixa para ela não tremer.

O sorriso do anjo não vacilou.

– Houve testemunhas. Isso é o suficiente para colocar uma recompensa pela sua cabeça.

Uma recompensa pela minha cabeça?

Enrijeci quando uma saraivada de palavras saiu da minha boca.

– Vá para o inferno, você e sua Legião. – Agora eu estava irritada, muito, muito irritada. – Deixa eu adivinhar... você vai receber algo em troca da minha vida. Não vai? Não é dinheiro, deve ser outra coisa. O que vocês anjos querem?

– Uma promoção – ela respondeu, seus olhos brilhavam. – Mérito. Status. Poder. Posso ter tudo, uma vez que eu levar sua alma.

– Malditos anjos – murmurou Tyrius. – Matar mortais para subir na maldita hierarquia angelical. Brilhante.

Uma raiva me invadiu, alimentada pela memória de Vedriel tentando me matar, pelas mortes dos meus pais, pelas mortes dos Não Marcados.

O anjo continuou a me encarar. O prazer e a excitação em seus olhos eram perturbadores.

Encontrei seus olhos e puxei minha lâmina da morte.

– Sai daqui. Ou então que Deus e todos os deuses que me ajude, vou acabar com você.

O anjo sorriu.

– Você deve morrer, Rowyn Sinclair. Você deve pagar por tirar a vida de um arcanjo.

Ela disparou para frente parecendo um borrão preto e branco. Sua lâmina estava apontada para frente e balançava, um grito de guerra soou de seus lábios enquanto ela se lançava contra mim de forma rápida e mortal.

Contudo, eu estava pronta para ela.

Empurrei Tyrius para fora do caminho com o pé e corri para trás, desviando de cada golpe daquela lâmina afiada e letal. *Malditos anjos. Porque eles não me dão um tempo.*

Eu pulei para trás quando ela me rodeou.

– Você pode ir agora, e eu esquecerei tudo isso. Combinado?

O anjo se lançou para frente e desferiu um golpe com sua longa adaga. Eu me afastei, mas logo em seguida senti o gume de sua adaga ao longo do meu pescoço. Abaixei-me e girei, mas a lâmina roçou minha pele. O sangue aqueceu meu pescoço e ombros.

Cadela. Ela vai pagar por isso.

O anjo sorriu ao ver o sangue no meu pescoço. Ela era rápida pra caramba. E uma lutadora boa para cacete. Mas eu também. E isso era uma luta, lute ou morra tentando.

E eu não ia morrer hoje.

– Acho que você realmente quer essa promoção, hein? – provoquei, sorrindo quando o sorriso dela desapareceu. – Me fala, o que acontece se eu não morrer? E se eu ganhar? O que acontece com sua promoção?

– Você não vai – o anjo rosnou enquanto ela fintava para a esquerda e golpeava para a direita.

Ela veio para cima de mim, girando com uma elegância impiedosa e atacando com sua lâmina reluzente. Eu me abaixei e rolei para o lado, batendo no balcão da cozinha, quebrando pratos e louças. O balcão de azulejos estremeceu quando a lâmina do anjo penetrou fundo no azulejo.

O anjo puxou sua espada, xingando.

– Você errou – eu sorri ao ver sua frustração. Eu também poderia jogar este jogo.

O anjo sibilou e me atacou, mas eu me abaixei e girei, enfiando minha adaga em seu quadril.

Merda. Eu tinha acabado de esfaquear um anjo com minha lâmina da morte. Mas ela me *obrigou* fazer isso.

O anjo gritou quando puxei minha adaga e pulei para trás, a ponta estava coberta por um líquido branco, a essência do anjo.

Ela se virou, seu rosto estava sombrio e lívido.

– É preciso muito mais do que sua lâmina da morte para me matar. Só preciso de uma visita a Horizon para voltar novinha em folha.

– Você ainda tem a chance de ir embora – eu disse, olhando por cima do ombro dela, e vendo Tyrius agachado nas costas do meu sofá, pronto para atacar se eu precisasse de ajuda. – Ninguém precisa morrer.

– Eu só vou embora quando você estiver morta.

A lâmina do anjo brilhou à luz das velas quando ela a ergueu sobre a cabeça. Com uma força selvagem, ela se jogou em minha direção. Eu abaixei, e a lâmina enterrou na porta do armário. O anjo a puxou de volta enquanto saltava em minha direção.

Girei e gritei quando seu joelho atingiu meu estômago. Perdi o ar, tossindo, eu mantive a mão na minha adaga.

Sem ar, não consegui gritar quando ela me chutou novamente no estômago. Eu caí no chão com o golpe poderoso, o espelho do meu círculo caiu do meu lado. Lá se vai sete anos de azar.

Ouvi um estalo quando a parte de trás da minha cabeça atingiu o chão de madeira dura, um medo me invadiu.

– Rowyn! – gritou Tyrius.

– Fique aí! – eu gritei. Eu não queria que ele se machucasse. Ele ainda não estava totalmente recuperado e eu não sabia do que o anjo era capaz.

Falando do diabo, ela pairou sobre mim. Seu sorriso era mais aterrorizante visto de baixo.

– Vou arrancar sua alma, pequena mortal. Não é pessoal, é que eu realmente quero essa promoção.

– Você é uma cadela doente. Sabia disso? – rosnei, cuspidando sangue da minha boca e lutando contra uma onda de náusea enquanto tentava parar a

sala de girar. Senti como se a parte de trás da minha cabeça tivesse explodido como um melão.

– Já fui chamada de coisa muito pior – comentou o anjo, seu rosto sombrio estava contorcido em um sorriso de escárnio.

Meus lábios se curvaram.

– Aposto que sim.

Com um grito de fúria, o anjo levantou sua lâmina, a ponta assobiava quando vinha na direção do meu rosto. Rolei e com um pulo me levantei. Grunhindo com esforço e raiva, eu me abaixei e desviei do seu ataque.

Ela era magra e forte, mas não era nada comparada à força e velocidade aterrorizantes do arcanjo Vedriel.

Ela tinha habilidades, mas não era uma Caçadora treinada como eu. Ela era muito arrogante, muito impetuosa. Logo ela cometeria um erro, e eu estaria esperando por isso.

– Você se move como uma maldita contadora – zombei, acenando com minha lâmina. – É isso que você faz em Horizon? Eles colocaram você atrás de uma mesa para fazer contas? É por isso que você está toda animada assim, não é? Enquanto seus amigos estão no mundo salvando almas mortais, você está sentada em uma mesa fazendo contas. Se eu sou um ingresso para sua promoção, você realmente deve ser um péssimo anjo da guarda.

Eu sabia que tinha atingido um ponto fraco quando seus olhos se estreitaram. Seu sorriso diminuiu quando ela olhou para Tyrius.

– Acho que vou matar seu gato como bônus adicional – ela sorriu, voltando sua atenção para mim, mas no fundo dos seus olhos pude ver pela primeira vez seu desespero, sua angústia por uma maldita promoção.

Minha raiva aumentou junto com a dor na parte de trás da minha cabeça.

– Porque você teve que falar isso.

Ela ergueu as sobrancelhas quase imperceptíveis.

– Odeio gatos. Os gatos nunca deveriam ser considerados animais de estimação. Eles sempre têm aquele olhar superior, como se fossem os donos e nós fôssemos seus animais de estimação.

– Nada de errado com isso – miou Tyrius.

– Além disso – ela acrescentou –, sou alérgica. – Após dizer isso, ela se lançou para frente tão rápido que mal pude acompanhar. A mulher parecia

uma névoa branca enquanto mergulhava sua longa lâmina. O anjo foi muito rápido. Rápido demais para eu conseguir bloqueá-la.

Abaixei-me e rolei, mas o anjo já estava lá. E ela desferiu seu golpe mortal direto em meu coração.

Naquele momento, tudo o que vi foi seu rosto ansioso e retorcido.

Mas em vez de sentir o corte suave na carne, ouvi um tintilar fraco e senti uma ardência reverberando no meu peito quando sua adaga atingiu algo duro e inflexível.

Minha moeda de duende.

Sua mão tremeu com a força do golpe. O anjo gritou e cambaleou para trás, com os olhos arregalados. Ela ficou boquiaberta, mas não disse nada. Seus olhos, cheios de choque e ódio, estavam fixos no meu peito.

Mas eu já estava de saco cheio dessa porcaria.

Joguei-me para frente tão rápido quanto a flecha de uma fada. Os olhos do anjo se arregalaram quando enterrei a ponta da minha lâmina da morte em seu queixo e a empurrei até seu cérebro.

Pulei para longe quando ela tombou para trás, seus suspiros chocantes e terríveis foram abafados pela dificuldade em respirar. O anjo largou sua espada, seus olhos ainda estavam arregalados e sua boca aberta em um grito silencioso. Uma luz branca se derramou sobre seus olhos, nariz, boca e ouvidos, até que todo o seu corpo foi envolvido por um brilho de luz.

E então ela explodiu em um milhão de partículas brilhantes.

O barulho da minha lâmina da morte foi alto quando atingiu o chão. O anjo desapareceu como uma névoa antes do sol nascer, não restou mais nada dela, exceto o latejado na parte de trás da minha cabeça.

– E lá se vai mais um – disse Tyrius enquanto se aproximava de mim. – Droga, Rowyn. Quando pensei que as coisas não poderiam piorar, matamos outro anjo.

Minhas pernas e braços tremeram com os últimos efeitos da adrenalina.

– Você quer dizer, *eu* matei. Foi eu que fiz, não você.

Ah, inferno. Malditos anjos. Eu não precisava dessa porcaria agora com todo o resto acontecendo.

Tyrius suspirou alto.

– Você sabe o que isso significa, não sabe?

Eu bufei.

– Que minha vida é uma merda?

– Que você foi oficialmente acusada de assassinato. – A voz de Tyrius estava distante enquanto ele olhava para o chão e o que restou do meu círculo de sangue. – A Legião virá atrás de você por ter matado o arcanjo.

– Foi legítima defesa – rebati. Uma onda de raiva cresceu em mim, mas eu rapidamente a reprimi, não querendo direcionar minha raiva para Tyrius.

– Não conforme as testemunhas deles.

– Danem-se suas testemunhas. *Nós fomos as testemunhas.*

Lembrava daquela noite como se fosse ontem. Além de Degamon e seus minions, não havia mais ninguém na Boca do Diabo, uma das atrações abandonadas no parque de diversões de Fox Island, onde matamos o arcanjo Vedriel.

– Eles estão mentindo – eu disse, sacudindo a cabeça. Isso não estava cheirando bem, fedia podridão. Eu tinha que encontrar uma maneira de provar a eles que eu era inocente, ou estava praticamente morta. – Passei minha vida adulta inteira com o conselho tentando me acusar de coisas que eu não fiz, e agora vem a Legião de anjos tentando armar pra cima de mim e me prender quando eu estava apenas tentando me defender.

– É uma merda, eu sei – disse Tyrius. – Contudo, não podemos parar agora. Precisamos seguir em frente.

– Isso é tudo que tenho feito – eu disse. – Siga em frente. *Continue, Rowyn. Você consegue.* Infelizmente, parece que tem forças que continuam me empurrando para trás. Como se eu estivesse fadada ao fracasso.

– Você não está fadada ao fracasso.

– Parece que sim.

Vi-me cerrando os punhos, estava ficando extremamente mal-humorada.

– Eu sei disso – disse o gato calmamente. – Encontraremos uma maneira de remover essas acusações infundadas, mas até que possamos provar sua inocência, você não pode mais ficar aqui. Não é seguro.

Um arrepio subiu pelo meu corpo. Afundei no chão, zangada e deprimida.

– Que ótimo – eu disse, olhando para o nada. Eu sabia que Tyrius estava certo. A qualquer minuto poderia haver outro anjo seguido de outro anjo, faminto por uma maldita promoção.

Meu peito se contraiu enquanto eu lutava contra as lágrimas. Jax ainda era prisioneiro de Degamon. Eu tinha que trazê-lo de volta. Assim como Tyrius disse, o ar do Submundo era tóxico para não-demônios, então Jax não tinha muito tempo.

– Você sabe que haverá mais. – O medo estava estampado em seus olhos, o canto dos seus olhos brilhava enquanto ele se aconchegava ao meu lado. – E eles não vão parar até que você esteja morta.

– Eu sei.

A Legião dos anjos pensava que eu era uma assassina e queria me matar. O que poderia ser pior?

Meus olhos dispararam para o círculo, para o molho de chaves em cima do espelho quebrado. A invocação não funcionou. Mas eu não tinha falhado com Jax, pelo menos não ainda. A esperança que me invadiu, era quase dolorosa.

Ainda havia uma chance de salvá-lo e eu sabia exatamente o que fazer.

CAPÍTULO 30

— **R**owyn, você sabe que eu a amo, mas isso é muita idiotice! — exclamou Tyrius. O estresse em sua voz só intensificou as batidas do meu coração. — Você esqueceu o que aconteceu da última vez?

— Claro que não. Eu estava lá — Meu coração batia forte no peito como se eu tivesse acabado de terminar uma corrida de cem metros, e não era de empolgação.

— Merda, estou suando como um maldito porco — sibilei. — E agora eu provavelmente estou fedendo.

— É verdade — concordou o gato. — Suor de estresse.

— Suor de estresse.

— Então tente relaxar antes de ter um ataque cardíaco — disse o demônio baal.

— Não consigo relaxar, Tyrius. Você estava lá. Você viu o que aconteceu com Jax. Tenho de fazer alguma coisa. O plano A não funcionou.

— Então, vamos para o Plano B.

— Sim.

— Ainda podemos dar a volta e descobrir outra maneira de salvar Jax. — O hálito quente de Tyrius fez cócegas na minha bochecha. — Nós nem consultamos o padre ou o vampiro. Tenho certeza de que, se juntarmos nossas cabeças, poderíamos pensar em algo muito menos suicida.

O corpo de Tyrius balançava em meus ombros enquanto eu caminhava pela rua em ritmo acelerado.

— Eu já passei por muita coisa — eu disse, admirando a capacidade do gato de se segurar sem me perfurar com suas garras afiadas. — Essa é a

única maneira. Neste momento, uma dúzia ou mais de demônios estão torturando-o. Fazendo coisas que eu não consigo nem dizer em voz alta.

Tyrius se encolheu.

– Eu sei.

– Olhe nos meus olhos – eu disse a ele – e me diga que você acha que devemos deixá-lo sofrer quando temos os meios para salvá-lo.

Os bigodes de Tyrius roçaram meu pescoço enquanto ele sacudia a cabeça.

– Degamon nunca aceitaria a troca, você sabe disso – disse ele calmamente. – Provavelmente porque ele quer voltar e pegar você também.

– Eu gostaria de vê-lo tentar – eu disse. – E se isso acontecer, eu estarei pronta.

– Rowyn – disse Tyrius gentilmente –, estamos correndo um risco terrível.

– Eu sei – respirei fundo, sentindo um nó no estômago –, mas Jax vale o risco.

Tyrius mudou de posição em meus ombros.

– Só quero ter certeza de que você sabe o que está fazendo – murmurou ele baixinho.

– Eu *sempre* sei o que estou fazendo. Acontece que as coisas nem sempre saem do jeito que eu quero.

Tyrius estava certo. O que eu havia planejado era suicida, mas não havia outro jeito. Eu tinha que agir rápido. Cada minuto desperdiçado era mais um minuto que Jax tinha que suportar as torturas do Submundo.

As lágrimas não derramadas deixaram minha visão embaçada, mas eu não ia chorar, droga. Agora não. Não com o que eu estava prestes a fazer.

Com o ritmo acelerado, minhas botas batiam na calçada enquanto eu caminhava sob os fracos raios de sol que atravessava as folhas coloridas ainda agarradas aos galhos das árvores. A névoa fresca da manhã estava úmida e agradável, e eu inalei o cheiro de folhas caídas, terra e grama recém-cortada.

– Essa moeda dos *do-endes* é curiosa, não é? – disse Tyrius, com uma voz cuidadosa e um pouco incerta.

Virei a cabeça para olhá-lo.

– O que você quer dizer?

Tyrius ficou em silêncio por um momento.

– Estranho como as coisas aconteceram, né? Repassei os acontecimentos repetidamente na minha cabeça, tentando montar o quebra-cabeça.

– Fala logo, Tyrius. Não consigo ler mentes.

– Bem, eu sei que você se odeia por aceitar o trabalho da Fada dos Dentes – ele disse, e eu o senti se aproximando um pouco mais – e como você vai se culpar pelo que aconteceu, para sempre.

– Sim, e...

– Contudo, se você não tivesse aceitado o trabalho – ele acrescentou, com uma voz pensativa –, nunca teria entrado em Elysium.

– Onde você quer chegar? – resmunguei, diminuindo um pouco meu ritmo.

– E se você não tivesse entrado em Elysium, não teríamos nos perdido e não teríamos encontrado os *do-endes*, que ainda são uns pilantras para mim. Enfim, se não tivéssemos conhecido eles, você nunca teria conseguido essa moeda. Ele respirou fundo e disse – Sem essa moeda mágica...

– Eu estaria morta. – Um calafrio cortante como um vento de inverno percorreu meu corpo.

– Exatamente – disse Tyrius alegremente. – Agora, tente pensar sobre isso.

Droga. Não tinha pensado nisso. Quero dizer, tinha passado pela minha cabeça algumas vezes. Quanto mais eu pensava a respeito, mais assustada eu ficava.

Ficamos em silêncio enquanto eu continuava caminhando pela rua. O ar frio entrava e saía facilmente dos meus pulmões enquanto eu andava, mantendo um ritmo constante. Meu coração disparou dentro do meu peito e senti como se estivesse à beira de um penhasco.

Estávamos quase lá.

– Eu não posso acreditar que a Legião ofereceu uma recompensa pela sua cabeça – comentou o gato após um momento de silêncio. – Isso é loucura. Significa que, a qualquer minuto, dia ou noite, dormindo ou não, um anjo pode aparecer em qualquer lugar e pegá-la.

– Ou me matar. – Estremeci com o pensamento.

– Porém, isso não faz sentido – disse o gato. – Não deveria haver um julgamento ou algo assim? Como é possível que todos em Horizon a queiram morta?

– Você ouviu o que aquele anjo disse – argumentei. – Talvez aqueles outros arcanjos dos quais Vedriel nos falou tenham mentido para a Legião. Pelo que sabemos, eles disseram que eu era uma cria de demônio e queria matar todos os arcanjos. Ele queria que eu morresse e os outros também. Eles vão inventar qualquer desculpa para me matar.

– Não é justo – sibilou o gato. – Quando é que vamos ter descanso? Estamos tentando fazer o bem aqui, pessoal. Dá um tempo.

Eu ri.

– Você é tão fofo quando está com raiva.

Tyrius estufou o peito.

– Querida, eu nasci bonito.

Meu sorriso desapareceu quando minhas botas atingiram a passarela de cascalho. Minha pressão subiu perigosamente. Droga. Meu rosto provavelmente estava vermelho tomate, mas não havia mais nada que eu pudesse fazer.

Com o pulso latejando em meus ouvidos, eu me aproximei da porta e toquei a campainha. Senti um roçar de pelos em minha bochecha quando Tyrius saltou dos meus ombros.

– O que você está fazendo?

– Preciso de espaço para me mexer se houver uma briga – disse o gato enquanto se agachava.

Minha resposta ficou presa na minha garganta quando as portas da frente se abriram.

Uma linda mulher com cabelos cor de mel apareceu na soleira. Ela usava um vestido preto justo e tinha uma expressão de surpresa no rosto. Seus grandes olhos verdes me fitaram por um momento. Eles eram frios e continham uma profunda repulsa. Então, ela inclinou sua taça de vinho tinto com cuidado e se encostou na porta.

– Ora, mas que surpresa – disse a Sra. Spencer enquanto cruzava as pernas. – Você é a última pessoa que eu esperaria ver na minha porta, especialmente depois do seu péssimo comportamento, *demônio*. – A mulher disse a última parte com um sorriso, como se isso lhe desse um imenso prazer.

Engoli em seco, ignorando o insulto.

– Não tão surpresa quanto eu, acredite. – Eu me segurei, esperando não ter cometido um erro ao vir aqui. – Posso entrar? Preciso falar com você sobre Jax.

Por um momento, ela apenas me observou. Um leve vinco se formou em seu rosto perfeito quando a mulher percebeu a preocupação em minha voz. Então, em um tom de compreensão, ela perguntou:

– Aconteceu algo com ele?

Apesar da minha transpiração, senti um frio na barriga.

– Sim. Algo ruim. Algo muito ruim.

A mãe de Jax se afastou da porta.

– Então, é melhor você entrar – disse ela. Seus olhos desceram para Tyrius e seus lábios se abriram.

– Não se preocupe – disse o gato. – Eu já sei, vou esperar aqui fora com os vasos de flores.

A Sra. Spencer ergueu sua sobrancelha bem cuidada, mas não disse mais nada enquanto girava nos calcanhares.

Segurando minha respiração, eu a segui até seu covil.

MAIS LIVROS DE KIM RICHARDSON

SOMBRA E LUZ

[Caçada Sombria](#)

Vínculo Sombrio

ARQUIVOS SOMBRIOS

[Feitiços e Cinzas](#)

[Encantos E Demônios](#)

[Magia e Chamas](#)

[Maldições e Sangue](#)

GUARDIÕES DE ALMA

Marcada

Elemental

Horizonte

Submundo

Seirs

Mortal

Cefeiros

Selos

REINOS DIVIDIDOS

Donzela de Aço

Rainha das Bruxas

Magia de Sangue

SOBRE A AUTORA

KIM RICHARDSON é uma autora best-seller do USA Today de fantasia urbana, fantasia e livros para jovens adultos. Ela mora no leste do Canadá com o marido, dois cachorros e um gato velho. Os livros de Kim estão disponíveis em edições impressas e as traduções estão disponíveis em mais de sete idiomas.

Para saber mais sobre a autora, acesse:

www.kimrichardsonbooks.com